

Além do nevoeiro das Highlands

Karen Marie Moning
Highlanders 1



BELTANE

(Primavera)

Descobriste serpentes com língua dupla

Os ouriços espinhosos não foram vistos;

Tritões e vermes cegos, não façam mal:

Não se acerquem a nossa rainha das fadas.

Shakespeare, Sonho de uma Noite de Verão

PRÓLOGO

Escócia

1º de fevereiro de 1513

O perfume de jasmim e sândalo flutuou através das árvores de sorveira¹. Entre os ramos recentemente molhados de orvalho, uma solitária gaivota fantasmagórica, desde um banco de névoa, voou para beijar a alvorada sobre as areias brancas de Morar. A maré turquesa brilhou debilmente nas sombras das caudas das sereias contra a orla de alabastro.

A elegante corte real do *Tuatha De Danaan* se reuniu no esplendor de verdor luxuriante. Os *chaises* sustentados com travesseiros de brilhante escarlata e limão enfeitavam a colina verdejante, espalhados numa meia-lua sobre o tablado ao ar livre.

-Dizem que ele é ainda mais formoso do que você- comentou a Rainha ao homem que se postava indolentemente ao pé de seu pedestal.

-Impossível-. Seu riso zombador tilintou como os repiques de um cristal rompido no vento das fadas.

-Dizem que sua masculinidade a meio palmo daria inveja a um ganhão-. A Rainha derramou um olhar sob as pálpebras entrecerradas a seus cortesãos extasiados.

-Mais provavelmente a um rato- sorriu com desprezo o homem a seus pés. Os dedos elegantes mostraram um espaço pequeno de ar, e os risos dissimulados reverberaram no nevoeiro.

-Dizem que completamente alçado, rouba a mente de uma mulher de seu corpo. Demanda sua alma-. A Rainha deixou cair as pestanas adornadas para esconder os olhos acendidos com o fogo iridescente de seu propósito travesso. *Quão facilmente meus homens podem ser provocados!*

O homem girou os olhos e o desdém se gravou em seu perfil arrogante. Cruzou suas pernas à altura dos tornozelos e olhou fixamente a extensão do mar.

Mas a Rainha não foi enganada. O homem a seus pés era vaidoso, e não tão indiferente a sua provocação como fingia.

-Deixe de provocá-lo, minha Rainha- admoestou o Rei Finnbheara-. Sabe como o tonto fica quando seu ego está ferido-. Deu golpezinhos em seu braço ternamente-. Incomodou-o bastante.

Os olhos da Rainha se estreitaram pensativamente. Considerou brevemente abandonar essa via de vingança. Um olhar interessado a seus homens derrubou esse pensamento, quando recordou o que ouvira-os discutindo, por acaso, a tarde passada com detalhe insuportável.

As coisas que disseram eram imperdoáveis. A Rainha não era uma mulher a ser comparada com outra mulher e perder. Seus lábios se apertaram imperceptivelmente. Sua mão, extraordinariamente delicada, se fechou. Escolheu as seguintes palavras cuidadosamente.

-Mas eu verifiquei que ele é como todos dizem- ronronou.

No silêncio que se seguiu, a declaração se demorou, irreconhecível; para a corte, algo demasiado cruel de entender, que um mortal pudesse ter tais talentos. O Rei a seu lado e o homem a seus pés se moveram inquietos. Ela estava começando a pensar que não acertara dolorosamente o alvo quando, em uníssono, eles morderam a isca.

-Quem é esse homem?

A Rainha Aoibheal das Fadas mascarou um sorriso satisfeito com um bocejo delicado, e bebeu profundamente dos ciúmes de seus homens.

-O chamam Hawk.

CAPÍTULO 1

Escócia

1º de abril de 1513

Sidheach James Lyon Douglas, terceiro Conde de Dalkeith, deslizou silenciosamente sobre o solo. As gotas d'água fluíam de seu cabelo úmido para seu peito largo, unindo-se num só riacho entre as ondulações duplas de músculos em seu

¹ Sorveira: árvore da Europa, da família das rosáceas, cujo fruto é a serba. É uma árvore de propriedades mágicas para os celtas. (Nota da tradutora).

abdômen. O luar brilhou debilmente através da janela aberta e lançou uma luminosidade prateada sobre sua pele de bronze, criando a ilusão de que tinha sido esculpido em aço fundido.

A tina por trás dele ficou fria e esquecida. A mulher na cama também estava fria e esquecida. Ela sabia disso.

E não lhe agradou nem um pouco.

Muito formoso para mim, pensou Esmeralda. Mas por todos os Santos, o homem era um gole de veneno, e outro sorvo fresco e longo de seu corpo a única cura para a toxina. Pensou nas coisas que fizera para ganhá-lo, compartilhar sua cama, e - Deus a perdoasse- as coisas que faria para ficar ali.

Quase o odiava por isso. Sabia que ela mesma se odiava por isso. *Ele deve ser meu*, pensou. Olhou-o andar pelo quarto espaçoso até a janela, que abriu entre as colunas de granito caneladas que se encontravam num arco a uma altura de vinte pés sobre sua cabeça. Esmeralda sorriu com desprezo às costas dele. Tonto -abrir essas janelas sem defesa nem cuidado- ou arrogante. Para que, se podia ficar na maciça cama com colchão de plumas, queria olhar fixamente através do arco rosado um céu aveludado e esburacado de reluzentes estrelas?

Ela o surpreendera olhando dessa mesma maneira essa noite, quando entrou de um só golpe nela e excitara essa fome sem fim em seu sangue, com sua virilidade dura como uma pedra, que só ele possuía. Ela tinha choramingado sob ele no mais grandioso êxtase que alguma vez experimentou e ele agora estava olhando para fora da janela, como se ninguém mais estivesse ali com ele.

Estava contando as estrelas?

Canções obscenas silenciosamente recitadas para impedir-se de cair rendido e dormir?

Ela o tinha perdido.

Não, Esmeralda jurou, nunca o perderia.

-Hawk?

-Hummm?

Ela alisou o lençol de seda lavanda através de seus dedos trêmulos.

-Vem de novo à cama, Hawk.

-Estou inquieto esta noite, doçura-. Ele brincou com o talo de uma grande flor azul pálida. Uma meia hora antes ele tinha corrido as pétalas cobertas de orvalho ao longo de sua pele de seda.

Esmeralda retrocedeu ante sua admissão de que ainda tinha energia para esbanjar. Sonolentemente saciada, ela poderia ver que seu corpo ainda era atravessado da cabeça aos dedos dos pés com seu vigor inquieto. Que tipo de mulher deveria tomar -ou a quantas- para deixar a esse homem adormecido em fascinada satisfação?

Mais mulher do que ela, e deuses, quanto isso a ofendia.

Sua irmã o tinha deixado mais saciado? Sua irmã, que tinha esquentado sua cama até que ela, Zeldie, encontrou uma maneira de tomar seu lugar?

-Sou melhor do que minha irmã?-. As palavras escaparam-lhe antes que pudesse detê-las. Mordeu os lábios e esperou sua resposta ansiosamente.

Suas palavras distraíram o olhar fumegante do homem da noite estrelada, através da larga extensão do dormitório, para descansar na acalorada cigana de cabelos como asa de um corvo.

-Esmeralda- ele repreendeu suavemente.

- Sou?-. Seu tom de contralto se elevou a um diapasão mal humorado.

Ele suspirou.

-Tivemos esta discussão antes.

-E nunca me responde.

-Deixe de comparar-se, doce. Sabe que é tolice...

-Como poderia não fazê-lo quando pode comparar-me a cem, não, mil mulheres, inclusive minha própria irmã?- as sobrancelhas bem formadas se enrugaram num cenho sobre os olhos brilhantes.

Seu riso rolou.

-E a quantos compara comigo, encantadora Esmeralda?

-Minha irmã não poderia ser tão boa como eu. Ela era quase *virgem*-. Cuspiu a palavra com irritação. A vida era muito imprevisível para que a virgindade fosse uma posse apreciada entre sua gente. A luxúria, em todas suas facetas, era um aspecto saudável da cultura *Rom*.

Ele levantou uma mão, advertindo-a.

-Pare. Agora.

Mas ela não pôde. O veneno das palavras de acusação davam cambalhotas rápida e furiosamente em direção ao único homem que fizera alguma vez cantar seu sangue pagão, e esse poder sobre ela foi esculpido entre suas coxas em granito, com sua cara perfeita, essa mesma véspera. Em verdade, durante muitos entardeceres agora.

Ele sofreu sua raiva em silêncio, e quando por fim a língua da mulher descansou, voltou a sua janela. O uivo de um lobo solitário rompeu a noite e ela sentiu um lamento parecido respondendo dentro de si. Soube que o silêncio de Hawk era seu adeus. Ferida pela rejeição e a humilhação, pôs-se de pé tremendo de sua cama, a cama à que sabia nunca lhe pediriam que entrasse de novo.

Ela mataria por ele.

Foi o que precisamente quis fazer momentos depois, quando correu para ele com o *dirk* cor de prata que tinha levantado da mesa junto à cama. Esmeralda poderia ter saído sem um juramento de vingança, se ele tivesse parecido surpreso. Momentaneamente alarmado. Aflito, inclusive.

Mas ele não exibiu nenhuma destas emoções. Sua cara perfeita se acendeu com riso quando a deteve facilmente, pegou seu braço e desviou o *dirk*, lançando-o através da janela aberta.

Ele riu.

E ela o amaldiçoou. E a todos seus filhos e qualquer descendente futuro.

Quando ele a acalmou com beijos, ela seguiu amaldiçoando através dos dentes rangentes, bem como seu corpo traidor se fundiu com seu tato. Nenhum homem devia ser tão formoso. Nenhum homem devia ser tão intocável. E tão detestavelmente corajoso.

Nenhum homem devia poder abandonar a Esmeralda. Ele a teria, mas ela não o teria. Ela *nunca* o teria.

-Não foi sua culpa, Hawk- manifestou Grimm. Estavam sentados na sacada de pedra revestida com seixos de Dalkeith, bebendo lentamente o porto e fumando fumo importado com uma satisfação completamente masculina.

Sidheach James Lyon Douglas esfregou sua mandíbula perfeita com uma mão perfeita, irritada pela sombra de uma barba perfeita que sempre aparecia umas horas depois de barbear-se.

-Não consigo entender, Grimm. Eu pensei que ela encontraria prazer comigo. Por que procuraria matar-me?

Grimm arqueou uma sobrancelha.

-O que faz com as garotas na cama, Hawk?

-Lhes dou o que elas querem. Fantasia. Minha carne e meu sangue para servir cada um de seus desejos.

-E como sabes quais são as fantasias de uma mulher?- perguntou Grimm em voz alta.

O *Earl* de Dalkeith riu suavemente; um temerário, seguro retumbar, ao recordar os ronroneios que conhecia das selvagens manadas de mulheres.

-Ah, Grimm, simplesmente tem que escutar com o seu corpo inteiro. Com os olhos ela lhe diz, se sabe ou não. Com seus lamentos suaves o guia. Nas contorções sutis de seu corpo, sabe se ela o quer diante ou por trás de suas curvas luxuriosas. Com suavidade ou com poder; se ela deseja um amante terno ou procura uma besta. Se lhe agradam que seus lábios sejam beijados, ou selvagemmente devorados. Se lhe agradam que seus seios...

-Estou fazendo uma idéia- interrompeu Grimm e engoliu seco. Mudou de posição em sua cadeira e descruzou as pernas. Voltou a cruzá-las e endireitou seu kilt. As descruzou de novo e suspirou-. E Esmeralda? Entendeu as suas fantasias?

-Muito bem. Uma delas incluía ser a Senhora de Hawk.

-Ela deveria saber que era impossível, Hawk. Todos sabemos que você está quase casado desde que o Rei James decretou o seu noivado.

-Quase casado? Quase morto. E não quero falar sobre isso.

-O tempo está terminando, Hawk. Não só vai ter que falar sobre isso, vai ter que fazer algo sobre isso... como ir buscar a sua noiva. O tempo está correndo. Ou não se preocupa? - Hawk dirigiu um olhar selvagem para Grimm-. Só me assegurava, isso é tudo. Tem escassamente uma quinzena, lembra?

Hawk olhou fixamente a noite cristalina, iluminada com estrelas resplandecentes.

-Como poderia esquecer?

-Pensa realmente que James levaria a cabo suas ameaças se não se casar com a garota de Comyn?

-Com certeza- disse Hawk, categórico.

-Não entendo por que ele odeia tanto você.

Um sorriso sarcástico relampejou na cara de Hawk. Sabia por que James o odiava. Fazia trinta anos os pais de Hawk tinham humilhado a James no ponto mais fraco de sua alma vã. Já que o pai de Hawk morreu antes que James pudesse vingar-se, o rei tinha depositado em Hawk o ódio contra seu pai.

Durante quinze longos anos, James controlara todos os minutos da vida de Hawk. Dias antes de que expirasse seu contrato de serviço, James imaginou um plano para afetar cada momento futuro dele. Por decreto do rei, Hawk estava obrigado a casar-se com uma garota que não conhecia e não queria. Uma solteirona enclausurada que murmuravam era bastante horrorosa e indiscutivelmente louca. Era a idéia retorcida do Rei James de uma prisão perpétua.

-Quem examina as mentes dos reis, meu amigo?- esquivou-se Hawk, acabando significativamente com o tema.

Os dois homens passaram um tempo em silêncio, ambos mergulhados em seus pensamentos por razões diferentes enquanto olhavam fixamente o céu aveludado. Uma coruja gritou suavemente nos jardins. Os grilos esfregaram suas pernas num concerto doce e ofereceram tributo ao crepúsculo de Dalkeith. As estrelas pulsaram e brilharam debilmente contra o manto azul-negro da noite.

-Olhe. Uma estrela cadente. Ali, Hawk. O que faz com ela?- Grimm apontou uma mancha branca que caía dos céus, deixando uma cauda leitosa brilhando em seu rastro.

-Esmeralda diz que se pedir um desejo a essas estrelas cadentes, este lhe será concedido.

-O que deseja neste instante?

-Conversa à toa- ironizou Hawk-. Uma coisa sem sentido para tolas garotas românticas de olhar sonhador-. Mas ele, com certeza, fizera um pedido. Cada vez que vira uma estrela cadente ultimamente. Sempre o mesmo pedido. Pois acima de tudo, o tempo estava acabando.

-Bem, eu tentarei- resmungou Grimm, sem vacilar pela ironia de Hawk-. Desejo...

-Diga, Grimm. Qual é o seu desejo?- perguntou Hawk curioso.

- Não vou lhe dizer. Você não acredita neles.

-Eu? O eterno romântico que encanta legiões com sua poesia e sedução, um incrédulo de todas essas encantadoras coisas femininas?

Grimm disparou a seu amigo um olhar de advertência.

-Cuidado, Hawk. Zombe disso sozinho. Realmente, um dia irá enfadar a uma garota. E não saberá o que fazer. Por enquanto, elas ainda caem pelos seus sorrisos perfeitos.

-Quer dizer como este?-. Hawk arqueou uma sobrancelha e esboçou um sorriso, completando-o com uns olhos entrecerrados sonolentemente que encheriam volumes a respeito de como a garota que o recebesse seria a única verdadeira beleza de seu coração, um coração que tinha lugar para uma só. E quem quer que fosse, passava a estar nos braços de Hawk nesse mesmo momento.

Grimm agitou sua cabeça em aversão simulada.

-Está ensaiando. Deveria. Vamos admita.

-É lógico que o faço. Funciona. Não o praticaria você?

-Mulherengo.

-Uh-humm-. Hawk estava de acordo.

-E lembra o nome de todas?

-Todos os cinco mil.

Hawk escondeu sua careta por trás de um sorriso torto.

-Sem vergonha. Libertino.

-Descarado. Arrogante. Pecador. Ah, eis um bom: '*voluptuoso*'- proporcionou Hawk humildemente.

-Por que não vêem elas através de você?

Hawk encolheu um ombro.

-Lhes agrada o que recebem de mim. Há muitas garotas famintas ali fora. Eu não posso, de boa fé, recusá-las. Preocupariam minha cabeça.

-Creio que sei qual cabeça exatamente se preocuparia- disse Grimm secamente-. A mesma que vai metê-lo num grande problema algum dia.

-Que desejou, Grimm?-. Hawk ignorou a advertência com a atitude de um demônio sem preocupações que era seu costume, e que tanto atraía às mulheres.

Um sorriso lento deslizou sobre a cara de Grimm.

-Uma garota que não o queira. Uma celestial... não, uma garota terrenalmente formosa, com talento e sabedoria para manobrá-lo. Uma com uma cara perfeita e um corpo perfeito, e um perfeito '*não*' em seus lábios perfeitos para você, meu amigo tão perfeito. E também desejei que me permitissem observar a batalha.

Hawk sorriu desinteressadamente.

-Isso nunca acontecerá.

O vento levou uma voz sem corpo, que boiou numa brisa de jasmim e sândalo, docemente através dos pinheiros. Então falou em palavras risonhas que nenhum humano poderia ouvir.

-Penso que isso pode arranjar-se.

CAPÍTULO 2

A mística ilha de Morar se cobriu de *eventide*, a areia de sílice reluzente como prata, sob as botas do Rei Finnbheara enquanto passeava de um lado a outro, esperando a volta do Piadista da corte com impaciência.

A Rainha e seus cortesãos favoritos estavam celebrando Beltane alegremente num povoado das remotas Highlands. Ver a sua elfina Aoibheal dançar e paquerar com os Highlanders mortais tinha estimulado seu ciúmes numa ira imensa. Tinha fugido dos fogos de Beltane antes de sucumbir ao desejo de aniquilar o povoado inteiro. Estava muito irritado com os mortais para confiar em si mesmo junto a eles nesses momentos. O simples pensamento de sua Rainha com um homem mortal o enchia de fúria.

Como a Rainha das Fadas tinha seus favoritos entre os seus cortesãos, também o Rei das Fadas os tinha; o astuto Piadista da corte era seu colega desde fazia muito tempo de bebidas e espadas. Tinha-o despachado para estudar ao mortal chamado Hawk, para recolher informação com a que pudesse preparar uma vingança digna para o homem que se tinha atrevido a entrar no território das fadas.

-Sua masculinidade a meio pau deixaria invejoso a um garanhão... ele exige a alma de uma mulher-. O Rei Finnbheara zombou das palavras de sua Rainha num falsete áspero, então cuspiu irritado.

-Temo que seja verdade- disse o Piadista categoricamente quando apareceu à sombra de uma sorveira.

-Realmente?- o Rei Finnbheara fez uma careta. Tinha-se convencido de que Aoibheal tinha embelezado um pouco sua história; depois de tudo, esse homem era um mortal.

O Piadista franziu o cenho.

-Passei três dias em Edimburgo. O homem é uma lenda viva. As mulheres clamam por ele. Pronunciam seu nome como se fosse algum encantamento místico garantido para brindar o êxtase eterno.

-Viu-o? Com seus próprios olhos? É bonito?- o Rei perguntou rapidamente.

O Piadista assentiu e sua boca se torceu amargamente.

-Completamente. É mais alto do que eu.

-Você tem mais de seis pés em todo seu esplendor!- objetou o Rei.

-É quase um palmo mais alto. Tem o cabelo da cor do corvo, que usa amarrado num rabo de cavalo liso; os olhos negros ardendo sem chama; a perfeição esculpida de um deus jovem e o corpo de um guerreiro viking. É repugnante. Posso mutilá-lo, meu *liege*? Desfigurar seu semblante perfeito?

O Rei Finnbheara ponderou essa informação. Sentia-se doente, com um buraco no estômago ante o pensamento desse misterioso mortal tocando os brancos membros de sua Rainha, trazendo-lhe prazer incomparável. Exigindo sua alma.

-Eu o matarei para você- ofereceu o Piadista esperançosamente.

O Rei Finnbheara acenou com impaciência.

-Estúpido! E romper o Pacto entre nossas raças? Não. Deve haver uma outra maneira.

O Piadista encolheu os ombros.

-Talvez devamos sentar-nos e não fazer nada. O mortal Hawk está a ponto de ser condenado pela mão de sua própria raça.

-Conte-me- pediu Finnbheara, picado pela curiosidade.

-Descobri que Hawk deve casar-se dentro de alguns dias. Está comprometido pelo decreto de seu rei mortal. A destruição está a ponto de chegar. Verás, meu *liege*, o Rei James pediu que Hawk se case com uma mulher chamada Janet Comyn. O rei declarou que se Hawk não se casar com essa mulher, destruirá aos clãs Douglas e Comyn.

-E então? Onde você quer chegar?- perguntou Finnbheara com impaciência.

-Janet Comyn está morta. Morreu hoje.

Finnbheara se tensionou no instante.

-A machucou, estúpido?

-Não, meu *liege*!- o Piadista lhe deu um olhar ferido-. Ela morreu pela mão de seu pai. Eu não pus a idéia em sua cabeça mais do que pus uma chave à torre dela em sua *sporran*.

- Isso significa que colocou ou não a idéia em sua cabeça?- perguntou o Rei suspeitamente.

-Vamos, meu *liege*- o Piadista ficou sério-; pensa que eu provocaria tal engano e arriscaria a todos nós?

Finnbheara fechou e abriu seus dedos e estudou o Piadista. Imprevisível, hábil e descuidado, o Piadista não tinha sido ainda bastante tonto para arriscar sua raça.

-Continue.

O Piadista ergueu a cabeça e seu sorriso brilhou na meia luz.

-É simples. O casamento não pode realizar-se agora. O Rei James vai destruir aos Douglas. Oh, e aos Comyn também- acrescentou irreverentemente.

-Ah!- Finnbheara se debateu um momento, pensativo. Ele não tinha que levantar um dedo e Hawk morreria logo.

Mas não era o bastante, enfureceu-se. Finnbheara queria sua própria mão na destruição de Hawk. Tinha sofrido um insulto pessoal, e queria uma vingança intimamente pessoal. Nenhum homem mortal zombava do Rei das Fadas sem retribuição divina: e quão divino se sentiria destruir a Hawk.

O vislumbre de uma idéia começou a tomar forma em sua mente. Quando a considerou, o Rei Finnbheara se sentiu mais vital do que tinha se sentido em séculos.

O Piadista não estranhou o sorriso arrogante que curvou os lábios do Rei.

-Está pensando algo mau. Que está planejando, meu *liege*?- perguntou o Piadista.

-Silêncio- ordenou o Rei Finnbheara. Esfregou sua mandíbula pensativamente enquanto se debatia entre suas opções e refinava seu plano cuidadosamente.

Se o tempo passava enquanto Finnbheara traçava seus planos, nenhuma fada o notou; o tempo significava pouco para a raça de seres que podia mover-se a vontade sobre ele. As primeiras chamas da aurora pintaram o céu sobre o mar quando o Rei falou de novo:

- Hawk alguma vez já amou?

-Amado?- o Piadista fez eco inexpressivamente.

-Sabe, essa emoção para a qual os mortais compõem sonetos, fazem guerras, levantam monumentos- disse o Rei secamente.

O Piadista refletiu um momento.

-Eu diria que não, meu Rei. Hawk nunca cortejou a uma mulher que depois não ganhasse, nem parece que alguma vez desejasse a alguma em especial mais do que outra.

-Nunca uma mulher se negou a ele?- perguntou o Rei Finnbheara com um rasto de incredulidade.

-Não que eu pudesse encontrar. Penso que nenhuma mulher que viva e respire no século XVI poderia negar-se a ele. Já lhe disse, o homem é uma lenda. As mulheres desmaiam em cima dele.

O Rei sorriu perversamente.

-Tenho outra missão para você, Piadista.

-Qualquer coisa, meu *liege*. Permita-me matá-lo.

-Não! Não haverá nenhum sangue derramado por nossa mão. Escute-me cuidadosamente. Passa agora através dos séculos. Vá adiante, lá onde as mulheres são mais independentes e auto-suficientes. Encontre-me uma mulher que seja irresistível, exótica, brilhante, forte; uma que conheça sua própria mente. Escolha-a bem: deve ser uma mulher que não

perderá seu talento ao viajar através do tempo, deve ser adaptável aos eventos estranhos. Nada de trazê-la para nós e confundir seu cérebro. Ela deve acreditar um pouco na magia.

O Piadista concordou.

-Tem razão. Recorda essa contadora de impostos que devolvemos ao século XII? Tornou-se uma louca delirante.

-Exatamente. A mulher que você deve achar deve estar habituada um pouco ao estranho, para que possa aceitar viajar no tempo sem enlouquecer. Finnbheara ponderou isso durante um momento-. Já sei! Apareça em Salem, onde ainda acreditam em bruxas, ou talvez em Nova Orleães, onde os antigos sons mágicos ainda soam no ar.

-Lugares perfeitos!- o Piadista se entusiasmou.

-Mas o mais importante, Piadista: deve encontrar-me uma mulher que tenha um ódio especial pelos homens bonitos e mulherengos; uma mulher que garanta converter num inferno vivo essa vida mortal.

O Piadista sorriu diabolicamente.

-Posso embelezar seu plano?

-É uma parte crucial dele- disse o Rei com uma promessa sinistra.

Adrienne de Simone estremeceu, ainda que fosse um maio extraordinariamente quente em Seattle. Colocou um suéter em cima de sua cabeça e empurrou as portas francesas fechadas. Olhou fixamente para fora através do vidro e observou a noite descer sobre os jardins que davam voltas em selvagem desordem além do caminho.

Na penumbra, vistoriou a parede de pedra que protegia sua casa localizada no numero 93 da Coattail Lane; então se voltou para realizar o escrutínio metódico das sombras sob os carvalhos majestosos, procurando qualquer movimento irregular. Suspirou profundamente e pediu a si mesma para relaxar-se. Os cães de guarda que patrulhavam as terras estavam quietos. *As coisas devem estar seguras*, se assegurou firmemente.

Inexplicavelmente tensa, digitou o código no painel do alarme que ativaria os detectores de movimento estrategicamente montados ao longo de um acre de gramado. Qualquer movimento não previsto de mais de cem libras de peso e três pés de altura ativaria os detectores, ainda que a advertência sonora não chamaria à polícia ou a qualquer agente da lei.

Adrienne correria para sua arma antes de correr para um telefone. Convocaria ao mesmo diabo antes de sonhar em chamar à polícia. Ainda que tivessem passado seis meses, Adrienne sentia como se não estivesse vivendo longe o bastante de Nova Orleães, nem quando se distanciara através de um oceano ou dois, algo que no entanto não podia fazer; a percentagem de fugitivos apreendidos enquanto tentavam deixar o país era espantosamente alto.

Ela era isso realmente?, se maravilhou. Nunca deixava de assombrá-la, mesmo depois de todos esses meses. Como podia ela, Adrienne de Simone, ser uma fugitiva? Ela sempre fora uma cidadã honrada, respeitosa da lei. Tudo o que pedia da vida era uma casa e um lugar a que pertencer; alguém para amar e alguém que a amasse; filhos algum dia, crianças que nunca abandonaria num orfanato.

Tinha encontrado tudo isso em Eberhard Darrow Garrett, o ponto alto da elite da sociedade de Nova Orleães, ou havia pensado isso.

Adrienne ofegou quando inspecionou o gramado mais uma vez antes de deixar cair as cortinas das portas. Há alguns anos, o mundo parecia um lugar diferente; um lugar maravilhoso, cheio de promessas, excitação e possibilidades intermináveis.

Só armada com seu espírito irreprimível e trezentos dólares no bolso, Adrienne Doe inventara um sobrenome para si mesma e fugira do orfanato no dia que completara dezoito anos. Assombrara-se ao descobrir empréstimos para estudantes para os quais qualquer um poderia se candidatar, inclusive alguém tão inseguro financeiramente quanto um órfão. Se empregara como garçone, inscrevera-se na universidade e empreendera a meta de fazer alguém de si mesma. Havia algo, não estava segura, mas sempre pressentiu que algo especial estava esperando-a ao virar a próxima esquina.

Tinha vinte anos, uma estudante do segundo ano da universidade, quando essa coisa especial aconteceu. Trabalhando na *Blind Lemon*, um elegante bar e restaurante, Adrienne recebeu o olhar, o coração e o anel de compromisso do misteriosamente belo Eberhard Darrow Garrett, o solteiro mais rico do momento. Fora o conto de fadas perfeito. Andou durante meses sobre nuvens iluminadas de felicidade.

Quando as nuvens começaram a afundar sob seus pés, negara-se a olhar para a realidade, não queria reconhecer que o príncipe do seu conto de fadas podia ser o príncipe de coisas mais escuras.

Adrienne apertou os olhos desejando poder apagar algumas de suas más recordações. Quão ingênua tinha sido! Quantas desculpas tinha dado -para ele, para ela- até que finalmente teve que reconhecer...

Um miado diminuto a chamou ao presente e ela sorriu para a única coisa boa que acontecera entre tantas ruins; seu gatinho, *Moonshadow*, um filhote vira-latas que encontrou num posto de gasolina em seu caminho para o norte. *Moonie* se esfregou contra seus tornozelos e ronronou entusiasmada. Adrienne aconchegou a pequena criatura peluda e a abraçou estreitamente. *Amor incondicional*, coisas como essa eram os presentes que *Moonie* lhe tinha dado. Amar sem reservas ou subterfúgios, o puro afeto sem seus lados mais escuros.

Adrienne murmurou ligeiramente quando esfregou as orelhas de *Moonie*, então se deteve abruptamente quando um som fraco de arranhões atraiu sua atenção às janelas novamente.

Ainda perfeitamente calma, abraçou *Moonie* e esperou, contendo a respiração.

Mas havia só o silêncio.

Deve ter sido um raminho que roçou o telhado, decidiu. Mas, ela não havia podado todas as árvores da casa quando tinha se instalado?

Adrienne suspirou, agitou a cabeça, e ordenou a seus músculos para relaxarem. Quase teve sucesso quando sobre sua cabeça uma tábua do piso rangeu. A tensão regressou no mesmo instante. Deixou *Moonie* cair numa cadeira almofadada e olhou intensamente o teto quando o som de rangido se repetiu. Talvez fosse simplesmente a casa assentando-se. Realmente tinha que superar esse nervosismo. Quanto tempo passaria até que deixasse de se assustar, de dar a volta e ver Eberhard de pé ali, com seu débil sorriso zombador e a arma brilhando? Eberhard estava morto. Estava segura, *sabia* que estava. Então por que se sentia tão horivelmente vulnerável? Durante os últimos dias teve a sensação sufocante de que alguém a estava espionando. Não importava quão duramente tentava tranquilizar-se dizendo-se que ninguém poderia desejar machucá-la ou vê-la morta -ou não sabê-la viva-, porque ainda se consumia por uma inquietude mórbida. Cada instinto que possuía a advertia de que algo estava mal, terrivelmente mau. Tendo crescido na Cidade dos Fantasma -a abafada Nova Orleães, supersticiosa e mágica-, Adrienne tinha aprendido a escutar seus instintos. Quase sempre acertava na mosca.

Seus instintos, inclusive, foram corretos sobre Eberhard. Teve um pressentimento ruim sobre ele desde o início, mas se convenceu de sua própria insegurança. Eberhard era o melhor partido de Nova Orleães; naturalmente, uma mulher poderia sentir-se um pouco intimidada por semelhante homem.

Só bem mais tarde entendeu que estivera sozinha tanto tempo, e queria tão desesperadamente acreditar no conto de fadas, que tentara obrigar a realidade a refletir os seus desejos, e não o contrário. Dissera a si mesma tantas mentiras antes de finalmente enfrentar a verdade, que Eberhard não era o homem que tinha pensado que fosse... Tinha sido tão estúpida.

Adrienne respirou profundamente o ar da primavera que passou suavemente pela janela atrás dela; então retrocedeu e girou abruptamente. Olhou as trêmulas cortinas com cautela. Não tinha fechado essa janela? Estava certa que sim. Tinha fechado todas as janelas antes de fechar as portas francesas. Adrienne se encaminhou cautelosamente para a janela, fechou-a rapidamente, e a trancou com chave.

Eram nervos, nada mais. Nenhuma cara apareceu na janela, nenhum cachorro latiu, nenhum alarme soou. Que sentido tinha tomar tantas precauções se não podia relaxar-se? Não podia ter ninguém ali fora.

Adrienne se obrigou a afastar-se da janela. Quando caminhou pelo quarto, seu pé tropeçou num pequeno objeto que deslizou pelo envelhecido tapete de Oushak, onde chocou contra a parede.

Adrienne deu uma olhada e retrocedeu. Era uma peça do jogo de xadrez de Eberhard, uma que ela tinha tirado de sua casa em Nova Orleães na noite que tinha fugido. Tinha esquecido tudo isso depois que se instalou. Tinha-a jogado numa caixa, uma daquelas amontoadas no canto que nunca se decidia a desempacotar. *Talvez Moonie tenha tirado as peças*, refletiu, pois tinha algumas delas espalhadas pelo tapete.

Recuperou a peça que tinha dado um pontapé e a rodou cautelosamente entre seus dedos. As ondas de emoção a inundaram; um mar de vergonha, cólera e humilhação, misturado com um implacável temor de que ainda não estivesse a salvo.

Uma rajada de ar beijou a parte de atrás de seu pescoço, e ela se tensionou, apertando a peça de xadrez com tanta força que a coroa da rainha negra se fincou cruelmente na palma de sua mão. A lógica insistia que as janelas por trás dela estavam fechadas -ela sabia que estavam-; mesmo assim, o instinto lhe disse outra coisa.

A Adrienne racional sabia que não havia ninguém em sua biblioteca, somente ela e uma gatinha roncando ligeiramente. A Adrienne irracional se balançava na borda do terror.

Rindo nervosamente, xingou-se por ser tão assustadica, então amaldiçoou a Eberhard por deixá-la dessa maneira. Não sucumbiria à paranóia.

Deixando-se cair de joelhos sem dirigir um olhar para trás, Adrienne juntou as peças de xadrez espalhadas num monte. Não lhe agradou realmente tocá-las. Uma mulher não podia passar sua meninice em Nova Orleães -a maior parte dela aos pés de um contista crioulo que vivia atrás do orfanato- sem tornar-se um pouco supersticiosa. O jogo era antigo, um jogo viking original; uma velha lenda contava que era amaldiçoado, e a vida de Adrienne fôra bastante maldita. A única razão pela qual tinha furtado o jogo, era para o caso de precisar de dinheiro vivo. Esculpido em marfim de morsa e ébano, valeria um preço exorbitante para um colecionador. Além do que, ela não o tinha ganhado, depois de tudo o que ele lhe tinha feito passar?

Adrienne murmurou uma ofensa vívida sobre os homens bonitos. Não era moralmente aceitável que alguém tão mau como Eberhard parecesse ser tão bom. Não exigia a justiça poética, por outra parte, que as caras das pessoas não deviam refletir seus corações? Se Eberhard fosse por fora tão feio, como tinha descoberto tardiamente, que era em seu interior, nunca teria terminado no lado errado de uma arma. Claro que, Adrienne tinha aprendido da maneira mais dura que qualquer lado de uma arma era o lado errado.

Eberhard Darrow Garrett era um homem belo, mulherengo, enganoso, e arruinou sua vida. Apertando a rainha negra fortemente, ela fez uma promessa firme: *nunca sairei novamente com um homem charmoso, enquanto viva e respire. Odeio aos homens bonitos. Os odeio!*

Do lado de fora das portas francesas do 93 da Coattail Lane, um homem sem substância, uma criatura que nenhum artefato feito pelo homem poderia detectar ou conter, ouviu suas palavras e sorriu. Sua opção foi feita com certeza veloz: Adrienne de Simone era definitivamente a mulher que ele estava procurando.

CAPÍTULO 3

Adrienne não tinha nem idéia de como terminara no colo do homem. Nenhuma.

Num momento era absolutamente sensata -talvez um pouco neurótica, mas firmemente convencida, não obstante, de sua sensatez- e no momento seguinte a terra desaparecia sob seus pés e ela caía no que parecia um dos buracos do coelho de *Alice No País das Maravilhas*.

Seu primeiro pensamento foi que devia estar sonhando: uma vívida, horrorosa correria subconsciente num pesadelo bárbaro.

Mas isso não fazia nenhum sentido; momentos antes ela estava acariciando a *Moonshadow* ou fizera... algo... que? Simplesmente não podia dormir sem se lembrar!

Talvez tivesse tropeçado e golpeado a cabeça, e essa alucinação fosse o resultado de uma comoção.

Ou talvez não, preocupou-se quando olhou ao redor do quarto fumegante e cavernoso cheio de pessoas estranhamente vestidas que falavam numa versão grosseira da língua inglesa.

Agora você conseguiu, Adrienne, refletiu sobriamente. *Escorregou finalmente por cima da borda, porém ainda dando pontapés*. Adrienne se esforçou em focalizar os olhos, que se sentiam estranhamente pesados. O homem que a abraçou estava levantando-se. Era uma besta que arrotava com braços grossos e uma barriga gorda, e fedia.

Há pouco tempo ela estava em sua biblioteca, não era certo?

Uma mão engordurada apertou seu seio e ela gritou surpreendida. O desconcerto foi vencido pelo ultraje envergonhado quando sua mão roçou o cume de seu mamilo deliberadamente através do seu suéter. Ainda que isso fosse um sonho, não podia permitir que essa classe de atividade passasse sem reparação. Abriu a boca para lançar uma resposta áspera, mas ele a colou a seu peito. Sua boca rosa nessa massa emaranhada de pelo estendida numa extensa... Santos Céus, mas o homem não tinha terminado ainda de mastigar, e não a surpreendia, pois os poucos dentes que lhe restavam estavam cheios de restos e castanhas.

Com repulsa Adrienne limpou os pedaços de frango e saliva de sua cara quando ele rugiu, mas se alarmou genuinamente quando compreendeu suas palavras, através de seu sotaque denso.

Ela era uma graça divina, ele proclamou ao quarto grande. Era um presente dos anjos.

Ela se casaria no dia seguinte.

Adrienne desmaiou. Seu corpo inconsciente sofreu um espasmo, então se fez flácido. A rainha negra escorregou de sua mão, caiu ao solo e quicou sob uma mesa ao ser arrastada por uma bota de couro.

Quando Adrienne acordou, ainda estava deitada, os olhos apertados e firmemente fechados. Sob suas costas sentia gordos volumes amontoados. Poderia ser sua própria cama. Tinha comprado um colchão de molas antigas e o tinha guardado para pô-lo sobre sua cama de estilo Rainha Anne. Ela era apaixonada por antiguidades, não havia dúvida sobre isso.

Cheirou o ar cautelosamente. Nenhum cheiro estranho do banquete que tinha sonhado. Nenhum zumbido desse sotaque denso que tinha imaginado antes.

Mas nenhum barulho do trânsito tampouco.

Alertou seus ouvidos e escutou intensamente. Tinha ouvido alguma vez tal silêncio?

Adrienne conteve um pequeno suspiro e ordenou a seu coração para tranquilizar-se.

Esticou-se sobre o nodoso colchão. Como tinha ocorrido essa loucura? Tinha começado com uma vaga noção de inquietude, um pressentimento terrível de ser observada, e então... uma escalada rápida a plena loucura, só para culminar num pesadelo onde uma besta pestilenta, peluda, anunciava-lhe núpcias iminentes?

Adrienne apertou mais os olhos, ainda firmemente fechados, e rezou por sua volta à sensatez. A silhueta de um jogo de xadrez se desenhou em sua mente; as peças prontas para a batalha e as rainhas amargas se gravavam em alívio severo contra o interior de suas pálpebras, e parecia haver algo urgente que precisava recordar. Que tinha estado ela fazendo?

A cabeça lhe doía. Era um tipo de dor surda, acompanhada pelo sabor amargo de moedas velhas no fundo de sua garganta. Por um momento lutou contra eles, mas as batidas se intensificaram. O jogo de xadrez dançou fugidamente em suas sombras de negro e branco, e se dissolveu depois num detalhe distante. Não podia ser muito importante. Tinha coisas mais urgentes que se preocupar, como onde demônios ela estava?

Manteve os olhos fechados e esperou. Uns momentos mais e ouviria o ronco de um BMW rua abaixo da Coattail Lane ou seu telefone tocaria insistentemente...

Um galo cacarejou.

Outro minuto e ouviria *Mooney* pedindo comida com sua *mer-ooow*, e sentiria sua cauda passeando por sua cara obrigando-a a levantar-se da cama. Não ouviu o chiar das dobradiças desafinadas, a raspadura de uma porta demasiado longa contra um umbral de pedra.

-Milady, sei que está acordada.

Os olhos se abriram repentinamente para encontrar a uma mulher corpulenta com cabelo castanho e grisalho e bochechas rosadas retorcendo as mãos ao pé da cama.

-Quem é você?- perguntou Adrienne cautelosamente, negando-se a olhar nada mais do quarto a exceção dessa última aparição.

-Bah! Quem sou eu pergunta ela? A garota que aparece de parte alguma, voando como se fosse uma bruxa, está desejando saber quem sou eu? Hummph!

Com isso, a mulher pôs uma travessa com um peculiar cheiro de comida numa mesa próxima, e forçou a Adrienne a sentar-se deixando cair os travesseiros por trás de suas costas.

-Sou Talia. Enviaram-me para cuidar de você. Coma. Se não comer não ficará forte pra enfrentar seu casamento-repreendeu ela.

Com essas palavras e um vislumbre das paredes de pedra cheios de tapeçarias vivamente coloridas que retratavam caças e orgias, Adrienne desmaiou de novo, esta vez, com gosto.

Adrienne acordou novamente ante uma fila de serventes trazendo peças de roupas íntimas, meias e um traje de noiva.

As mulheres a banharam em água perfumada em frente a uma lareira de pedra maciça. Enquanto se submergia profundamente na tina de madeira, Adrienne examinou cada centímetro do quarto. Como podia ser um sonho tão vívido, tão rico em cheiros, tatos e sons? A água de banho cheirava a urze fresco e lilás. As serventes conversavam ligeiramente enquanto a banhavam. A lareira de pedra era, facilmente, tão alta como três homens, subindo até beijar o teto e estendendo-se ao longo da metade da largura da parede oriental. Estava adornada com uma série de artísticos trabalhos de prata; cestos delicadamente filigranados, rosas feitas a mão que brilhavam como prata fundida, cada pétala diferente e parecendo aveludada de algum modo. Sobre a grande estante da chaminé trabalhada em áspero carvalho cor de mel, estava pendurada uma cena de caça que retratava uma vitória sangrenta.

Sua observação foi bruscamente cortada pelo barulho da porta. Ofegos assustados, e as vozes calaram-se imediatamente compelindo-a a levantar o olhar sobre um ombro nu, e ela, também, ficar muda. O patife com o tapete emaranhado na cara! Com as bochechas ardendo de confusão, afundou-se mais profundamente na tina.

-Milorde, este não é lugar para você- começou uma servente.

Uma palmada soou através do quarto, impondo silêncio ao protesto da criada e detendo a qualquer um que considerasse começar a falar também. A grande besta gordurenta que mais cedo estivera em seu pesadelo se deteve à altura de seus quadris em frente a tina fumegante, um olhar de soslaio para sua cara. Os cortantes olhos azuis se encontraram com o duro cinza quando Adrienne sustentou seu rude olhar sem piscar.

Os olhos do homem baixaram, pesquisaram a linha d'água e sondaram embaixo dela. Sorriu abertamente à vista de seus mamilos rosados antes que ela cruzasse seus braços e se cobrisse firmemente.

-Penso que não será tão mau- murmurou o homem. Então, afastando os olhos da água até a cara inexpressiva dela, ordenou-lhe-: A partir deste momento seu nome é Janet Comyn.

Adrienne lhe lançou um olhar orgulhoso.

-Meu nome- alfinetou-, é Adrienne de Simone.

Crack!

Ela levou uma mão a sua bochecha sem acreditar. Uma criada exclamou uma dissimulada advertência.

-Tente de novo- aconselhou ele suavemente, e tão suaves como suas palavras eram, os olhos azuis brilhavam gravemente duros.

Adrienne esfregou a bochecha ardente em silêncio.

E a mão do homem se levantou e caiu de novo.

-Milady! Lhe imploramos!-. Uma pequena criada se deixou cair de joelhos ao lado da tina e pôs uma mão no ombro nu de Adrienne.

-Está muito bem, aconselhe-a, Bess. Sabe o que faço com uma garota bastante tonta para negar-se a mim. Diga- repetiu dirigindo-se a Adrienne-. Diga-me que seu nome é Janet Comyn.

Quando a palma de sua mão robusta caiu de novo, o fez sobre a cara de Bess, com fúria. Adrienne gritou quando ele golpeou à criada repetidamente.

-Pare!- gritou ela.

-Diga-o!- ordenou ele quando sua mão subiu e caiu de novo. Bess soluçou ao encolheu-se no chão, mas o homem a perseguiu, sua mão agora em punho.

-Meu nome é Janet Comyn!- gritou Adrienne, meio levantada da tina.

O punho de Comyn se deteve no meio do ar, e o afundou de novo em seus quadris, a luz de vitória brilhando nos olhos. Vitória e essa lenta e repugnante inspeção de sua carne.

Adrienne vacilou sob a pura libertinagem dos olhos pálidos, e se submergiu de novo na água.

-Não, ele não conseguiu uma má pechincha em absoluto. É bem mais bonita do que a minha própria Janet-. Sua boca se torceu num sorriso-. Até me agradaria desfrutar desses gordos travesseiros eu mesmo, mas chegou em cima da hora.

-Cheguei aonde?

-Vinda de onde é minha pergunta- replicou o homem.

Adrienne compreendeu nesse momento que subestimar a esse homem brutal seria um grave erro. Porque por trás dos modos desastrosos e da aparência desalinhada, havia uma têmpera de aço e a estocada de um acentuado talento. O braço frouxo que aplicara os golpes tinha muito músculo. Os olhos pálidos que vagavam inquietos não erravam um golpe. Ele não tinha castigado Bess com raiva. Havia batido nela em um ato frio, calculado, para conseguir o que queria de Adrienne.

Ela agitou a cabeça, os olhos abertos em confusão.

-Realmente, não tenho a mais mínima idéia de como cheguei aqui.

-Não sabe de onde veio?

Bess estava soluçando suavemente, e os olhos de Adrienne se escureceram quando olhou para a criada encolhida numa pelota tentando mover-se pouco a pouco para longe de Comyn. A mão dele se esticou e aprisionou o tornozelo da criada. Bess choramingou desesperadamente.

-Oh não, minha formosa. Posso precisar de você ainda-. Os olhos correram por ela com um olhar possessivo fazendo-a estremecer. Adrienne abriu a boca quando ele rasgou o vestido de Bess fazendo-o em tiras sobre seu corpo. O estômago de Adrienne se contraiu em agonia quando viu as grandes manchas arroxeadas que subiam das pálidas cadeiras e coxas da criada. Manchas cruéis, pulsantes, de um cinto ou um chicote.

As outras criadas fugiram do quarto e a deixaram sozinha com a soluçante Bess e o louco.

-Este é meu mundo, Adrienne de Simone- afirmou ele, e Adrienne teve a premonição de que se gravariam profundamente, durante muito tempo, as palavras que estava a ponto de proferir. Ele acariciou a coxa trêmula de Bess ligeiramente-. Minhas regras. Minha gente. Minha vontade para ordenar a vida ou a morte. Sua ou a dela. É uma coisa simples o que quero de você. Se não cooperar, ela morre. Então outra e depois outra. Encontrarei o centro dessa tonta compaixão que você usa como uma mortalha. É tão fácil de usar. Mas as mulheres são assim. Débeis.

Adrienne se sentava em silêncio, sua respiração elaborada acompanhando os soluços cansados de Bess.

-Quieta, garota!-. Ele esbotefetou a cara da criada, e ela se encolheu mais firmemente e chorou entre suas mãos para sufocar o som.

Um dia o matarei com minhas mãos nuas, jurou Adrienne silenciosamente.

-Não sei como veio para cá ou quem é, e francamente, não me importa. Tenho um problema, e você vai solucioná-lo. Se alguma vez se esquecer do que estou a ponto de lhe dizer, se alguma vez falhar, se alguma vez me trair, a matarei depois que tenha destruído tudo o que é valioso para você.

-Onde estou?- perguntou ela debilmente e expressou de maneira rebelde uma das perguntas que estavam molestando-a. Tinha medo de que uma vez que começasse a fazer perguntas, realmente pudesse descobrir que não era tudo um sonho.

-Não me preocupa se está louca- ele riu entre dentes apreciativamente-. O fato é que prefiro saborear o pensamento de que poderias ter sinos tocando em sua cabeça. Deus o sabe, minha Janet os tinha. E isso é mais ou menos o que ele merece.

-Onde estou?- insistiu ela.

-Janet tinha dificuldade em recordar as coisas também.

-Então, onde eu estou?

Comyn a estudou, então encolheu os ombros.

-Escócia. Comyn Keep. Minha torre.

Seu coração deixou de bater dentro de seu peito. Não era possível. Estava verdadeiramente louca? Adrienne endureceu sua vontade para fazer a pergunta seguinte, a pergunta óbvia, a pergunta horrível que estava evitando desde que tinha acordado pela primeira vez. Tinha aprendido que as vezes era mais seguro não fazer demasiadas perguntas, porque as respostas poderiam ser francamente enervantes. Obtendo a resposta a essa pergunta poderia agarrar-se fragilmente à razão; Adrienne suspeitava que *onde estava* realmente não era o único problema que tinha. Respirando profundamente, perguntou com cuidado:

-Em que ano estamos?

Comyn riu as gargalhadas.

-Realmente é um pouco tonta, não é verdade, garota?

Adrienne lhe deu um olhar furioso em silêncio.

Ele encolheu os ombros novamente.

-Estamos em mil quinhentos e treze.

-Oh- disse Adrienne debilmente. *Oh Deus meu! Oh Deus meu! Oh Deus meu!*, lamentou-se nos confins de sua mente. Fez uma respiração profunda, lenta, e disse a si mesma que começasse desde o princípio esse mistério; talvez pudesse ser desemaranhado-. E quem é você exatamente?

-Para todas as tentativas e propósitos, sou seu pai, garota. Essa é a primeira de muitas coisas que nunca deve se esquecer.

Um soluço quebrado distraiu Adrienne temporariamente de seus problemas. A pobre e abusada Bess... Adrienne não podia ver a uma pessoa dolorida, não, sem que ela fizesse algo ao respeito. Esse homem queria algo dela; talvez ela pudesse negociar a mudança por algo.

-Permita a Bess ir-se- disse.

-Confia em mim neste assunto?-. Ele tinha os olhos fixos de uma serpente, compreendeu Adrienne. Como a píton no zoológico de Seattle.

-Permita-lhe sair desta torre. Dê-lhe sua liberdade- clarificou ela.

-Não, milady!- gritou Bess, e a besta riu entre dentes calorosamente.

Os olhos estavam pensativos quando acariciou a perna de Bess.

-Creio, Janet Comyn, que não entende muito deste mundo. Livra-a de mim e a condenará à morte por inanição, violação ou algo pior. Livra-a das minhas atenções amorosas e o seguinte homem pode não ser tão amável. Seu próprio marido pode não o ser.

Adrienne estremeceu violentamente quando se esforçou em afastar o olhar da gorda mão branca que acariciava ritmicamente. A fonte da dor de Bess era a mesma mão que a alimentava. Protegia-a. A bília subiu à garganta de Adrienne e quase a estrangulou.

-Felizmente, ele já pensa que está louca, por isso pode falar quanto queira depois deste dia. Mas durante este dia, desde o amanhecer até o crepúsculo, jurará que é Janet Comyn, filha única de sangue do poderoso Red Comyn, noiva jurada de Sidheach Douglas. Verá este dia através do quanto eu lhe diga.

-Mas, o que tem a Janet verdadeira?-. Ela não poderia ajudar mas poderia perguntar.

Bofetada! Como tinha conseguido o homem bater-lhe antes de que ela pudesse pouco mais do que piscar? Quando esteve de pé, tremendo de raiva sobre ela, ele disse:

-Os seguintes golpes não serão em sua cara, cadela, porque o vestido não a cobrirá ali. Mas há maneiras de bater que ferem ainda mais e não deixam nenhuma marca. Não me obrigue.

Adrienne se manteve calada e obediente através de todas as coisas que ele lhe disse então. Sua mensagem era simples. Se permanecesse calada e obediente, viveria. Sonho ou não sonho, os golpes lhe doíam, e tinha um pressentimento de que morrer poderia ser também possível.

Ele disse o que queria então. Centenas de detalhes que esperou ela guardasse em sua memória. Ela o fez com determinação; impediu-lhe temporariamente contemplar a magnitude de sua clara loucura. Repetiu cada detalhe, cada nome, cada recordação que não era sua. Da observação cuidadosa de seu pai, ela pôde adivinhar muitas das recordações que pertenciam à mulher cuja identidade ela devia assumir agora.

E o tempo todo um mantra suave zumbiu no fundo de sua mente: *isto não pode estar acontecendo. Isto não é possível. Isto não pode estar acontecendo*. Mesmo assim, no fundo de sua mente, realista como era, ela entendeu que as palavras *não pode e impossível* não tinham nenhuma relevância quando o impossível estava acontecendo, de fato.

A não ser que ela acordasse logo de um pesadelo e vívido sonho, estava na Escócia, no ano de 1513, e estava a ponto de casar-se.

CAPÍTULO 4

-É alta como Janet.

-Não tão alta como ela.

-Silêncio! Ela é Janet! Ou ele terá nossas cabeças servidas em travessas.

-O que aconteceu a Janet?- perguntou Adrienne suavemente. Não se surpreendeu quando as bocas de uma meia dúzia de criadas permaneceram fechadas e voltaram sua atenção completamente a vesti-la num silêncio acre.

Adrienne revirou os olhos. Se elas não iam dizer-lhe nada sobre Janet, talvez falassem sobre seu noivo.

-Então, quem é esse homem com quem devo me casar?-. Sidhawk Douglas. Que tipo de nome era Sidhawk de qualquer modo?

As criadas começaram a rir dissimuladamente como um filhote de codorna sobressaltada.

-A verdade é, milady, que nós só ouvimos histórias sobre ele. Este casamento foi ordenado pelo próprio Rei James.

-Quais são essas histórias?- perguntou Adrienne ironicamente.

-Suas façanhas são lendárias!

-Suas conquistas são legião. Se murmura que percorreu o mundo acompanhado só pelas garotas mais bonitas.

-Se diz que não há uma só garota bonita em toda a Escócia que não tenha dormido com ele.

-...na Inglaterra, também!

-...e que não se lembra de nenhum de seus nomes.

-Se diz que ele tem uma beleza divina, e uma cultivada mão na arte fina da sedução.

-É fabulosamente rico e os rumores dizem que seu castelo é luxuoso além de toda comparação.

Adrienne pestanejou.

-Maravilhoso. Um materialista, orgulhoso, bonito e auto-indulgente playboy, um homem desconsiderado com uma memória má. E é todo meu. Doce Deus, que fiz eu para merecer isto?- perguntou em alto tom. *Duas vezes*, acrescentou secretamente.

Lisbelle a olhava com curiosidade.

-Mas os rumores dizem que ele é um amante magnífico e muito bonito, milady. Que poderia haver de mau nisso?

Creio que não entende este mundo, Janet Comyn. Talvez ele tivesse razão.

-Ele bate em suas mulheres?

-Ele não as mantém consigo tempo suficiente, ou pelo menos é isso o que dizem.

-Ainda que ouvi dizer que uma de suas mulheres tentou matá-lo recentemente. Não posso imaginar por que- acrescentou a criada, verdadeiramente confusa-. Diz-se que ele é mais do que generoso com suas damas quando as consegue.

-Posso imaginar por que - resmungou Adrienne irritada, repentinamente impaciente com todo esse tirar, atar, enfeitar, e passar de mãos em seu corpo-. Parem, parem -. Ela bateu nas mãos de Lisbelle ligeiramente em seu cabelo, que tinha sido lavado, encaracolado e penteado implacavelmente, numa tortura lenta que parecia ter durado anos.

-Mas milady, devemos fazer algo com este cabelo. É tão liso! Deve brilhar o melhor...

-Pessoalmente, preferiria parecer-me algo mais a um gato miserável. Molhado, despenteado, e cheirando como um velho mulambento.

As exclamações ecoaram.

-Garota, ele será seu marido, e poderia ser pior- uma voz dura atravessou o quarto. Adrienne se voltou devagar e encontrou o olhar sábio e experiente de uma mulher com quem ela sentiu uma afinidade instantânea-. Poderia ter o meu, a falta de um exemplo melhor.

Adrienne sorveu numa respiração áspera.

-*Laird Comyn?*

-Seu *pai*, minha querida filha- disse lady Althea Comyn com um sorriso ácido-. Saíam todas-. Ela tirou as criadas do quarto com uma mão régia, os olhos contemplando prolongadamente a Bess-. Matará a garota um dia, se quiser- disse suavemente. Manteve os olhos fechados firmemente por um longo momento.

-Ele lhe explicou o que deve fazer?

Adrienne assentiu.

-E o fará?

De novo ela assentiu. Lady Comyn soltou um suspiro de alívio.

-Se em algum momento posso devolver sua bondade...

-Não é bondade. É para salvar minha vida.

---só precisa perguntar. Porque salva a minha própria.

Adrienne estava de pé ante o homem de batina, cumprindo sua parte da farsa.

-Sou Janet Comyn- proclamou ruidosamente. O homem de Deus empalideceu visivelmente e apertou sua Bíblia até que seus nodinhos pareceram afundar-se nas costuras. *Sabe que não sou Janet*, meditou ela. Que demônios estava realmente acontecendo ali?

Sentiu uma presença perto de seu ombro esquerdo, e se voltou para enfrentar de má vontade ao homem com quem devia casar-se. Os olhos se encontraram à altura de seu peito, e cada centímetro dele parecia esculpida em aço.

Adrienne começou a subir e olhar para o rosto de seu noivo, quando compreendeu com horror que não estava ajoelhando-se. Além da mortificação, inclinou sua cabeça para trás e engoliu mil protestos frenéticos que se congelaram em sua garganta.

O gigante a olhou por sua vez fixamente, com uma expressão inescrutável, chamando do flutuar das velas dançando nos olhos mais azuis que alguma vez viu.

Não posso casar-me com ele, ela gritou silenciosamente. *Não posso fazê-lo!*

Os olhos se afastaram do semblante masculino e se desviaram ligeiramente pelo público, procurando alguém que a salvasse desse desastre. Bess estava sentada no banco traseiro, os olhos cheios de súplica.

Adrienne retrocedeu e fechou os olhos. *Por favor Deus, se estou louca, por favor faz-me sensata de novo. E se não enlouqueci e de algum modo se isto realmente está acontecendo, sinto não lhe ter agradecido pelo século XX. Sinto ter feito o que lhe fiz a Eberhard. Sinto por tudo, e prometo que serei uma pessoa melhor se me TIRAR DAQUI!*

Quando abriu os olhos de novo, poderia jurar que o homem de batina tinha um sábio e mais bem divertido reflexo nos olhos.

-Ajude-me- disse ela com voz oca, em silêncio.

Rapidamente, ele baixou os olhos ao solo. Não os levantou de novo.

Apesar de tudo, Adrienne elevou seu olhar rebelde ao tórax de seu noivo, então para cima, ainda mais longe, a seu belo rosto impenetrável.

Ele arqueou uma sobrancelha quando os flautistas começaram a tocar mais forte, num ritmo que aumentava em alegria e tempo.

Foi resgatada da considerável tensão quando um alvoroço surgiu e ouviu a voz furiosa de seu *pai* rompendo-se contra as vigas.

-O que disse sobre que não poderá vir ele mesmo?- gritou Red Comyn ao soldado.

-Tiveram alguns pequenos problemas em North Uster. Hawk teve que ir a cavalo a toda pressa, mas não desonrou sua palavra. Não desonrou aos clãs. - O soldado entregou sua mensagem ensaiada.

-Desonra o *troth* não estando aqui!- rugiu Lorde Comyn. Então se voltou ao homem junto de Adrienne-. E você quem é, para tomar o lugar dele?

-Grimm Roderick, o capitão de guarda de Hawk. Venho casar-me com sua filha como seu representante.

-Varíolas um representante! Como se atreve a não vir a desposar minha filha ele mesmo?

-É absolutamente legal. O rei o reconhecerá e desse modo o *troth* se cumprirá.

Adrienne não podia impedir a alegria que assomou em seu rosto ante suas palavras. Esse homem não era seu marido!

-Sou tão ofensivo então, garota?- perguntou ele e sorriu zombadoramente, sem perder um lance de seu alívio.

Tão ofensivo como uma fonte de morangos lambuzadas em chocolate escuro e cobertas com chantilli, pensou ela ironicamente.

-Logo me casarei com um sapo- disse Adrienne.

O riso dele provocou um sorriso arisco em seus próprios lábios.

-Então definitivamente não terá sorte, milady. Hawk não é nenhum sapo com toda segurança. Eu, garota, estando de pé ao lado de Hawk, sou na verdade o sapo. Não, um *troll*. Pior ainda, um lagarto chifrudo e verrugoso. Um...

-Faço uma idéia-. *Santo Céu, livre-me da perfeição*-. Onde está ele, então, meu marido involuntário?

-Manejando as consequências de um problema sério.

-E isso poderia ser...?

-Um grave e terrível levantamento.

-Em North Uster?

-Perto-. Os lábios do homem esticaram-se bruscamente.

Adrienne foi apanhada por um ataque de urgência. Não importava quanto arrastasse os pés, esse fato se levaria a cabo. Se ela tinha que enfrentar o desconhecido, lhe agradaria fazê-lo agora. A espera só o fazia pior, e o berreiro de Lorde Comyn combinado com a cacofonia selvagem dos combatentes flautistas lhe estava arruinando os nervos. *Estou louca, Janet? Então o demonstrarei.* Endereçando seus plenos cinco pés e meio, procurou a forma ainda vociferante de seu pai e meteu-se na briga.

-Oh, cala-se, pai, e sigamos adiante com isto! Tenho um casamento que deve ser feito e só está atrasando-o. E daí se ele não vem? Não posso dizer que o culpo.

A capela ficou cadavericamente imóvel. Adrienne podia jurar que sentia ao homem a seu lado tremer com riso reprimido, mas não se atreveu a encontrar seu olhar novamente.

Cochichos sobre *Mad Janet*² repercutiram através da capela, e Adrienne sentiu uma onda de alívio. Esta fama de louca poderia ser útil. Enquanto ela obedecesse as ordens de Comyn esse dia, poderia ser tão rara quanto uma bola quadrada e ninguém acharia estranho.

Adrienne estava agoniada por não poder recordar todos os detalhes que Comyn lhe dissera; achava que se enganaria e alguém na casa de seu novo marido descobriria que era uma impostora. Uma vez que começasse a falar como um charlatão, os Comyn cumpririam sua ameaça de matá-la.

De repente essa pressão desapareceu num grosso rolo de fumaça. No aqui e agora (e ela estava *muito* aqui e agora) era *Mad Janet* Comyn. Como poderia ser responsável por algo do que fazia e dizia ainda que não fizesse sentido? A loucura era uma licença à liberdade. Uma licença para fazer e dizer o que quisesse sem repercussões.

Nenhum Eberhard, nenhuma arma, nenhuma má recordação.

Talvez esse lugar não fosse tão mau apesar de tudo.

CAPÍTULO 5

Adrienne estava vagando pelas terras de Dalkeith durante várias horas quando tropeçou com a ferraria. Depois de uma esgotante viagem de dois dias de Comyn Keep até sua nova casa em Dalkeith-Up-on-the-Sea sobre um corcel rabugento, planejou cair na cama mais próxima, dormir durante dias, e quando acordasse (se ainda estivesse ali) encontrar uma boa garrafa de whisky escocês e bebê-la até o esquecimento. E então verificaria de novo se ainda seguia ali.

Não só não pôde encontrar uma cama suave no castelo alvoroçado, como também não teve nenhum whisky, nenhum sinal de um marido, e todos a ignoraram sumariamente, o que fez muito difícil se sentir em casa. Grimm fugiu de sua companhia desde o momento em que atravessaram a porta de granito rosa de Douglas Keep, apesar de ter realmente parecido um cavaleiro durante a jornada.

Mas ela não era nenhuma estúpida. Não tinham que lhe bater na cabeça com um pau para deduzir que definitivamente não era uma esposa querida. Casamento por poderes, nenhuma boas vindas, e nenhum sinal de seu marido. Definitivamente não querida.

Adrienne deixou sua busca inútil do marido, a cama e a garrafa e se pôs a passear para explorar a nova casa.

E foi realmente por acidente que tropeçou através das árvores de sorveira com a forja à beira do bosque. Com o homem, vestido só com um *kilt*, bombeando o fole e formando o aço de uma ferradura.

Adrienne tinha ouvido que seu marido por poderes era demasiado formoso para ser humano, mas esse homem fazia de fato ao magnífico Grimm um verdadeiro sapo.

Por que não havia um homem tão rijo no século XX?, pensou ela com fascinação indefesa quando o viu trabalhar. Para ver a esse tipo de homem no século XX, uma mulher tinha que ganhar entrada de algum modo no *sanctum* interno dos fisiculturistas e os pesos livres, onde o homem definia seu corpo em homenagem a si mesmo. Mas nesse século, semelhante homem existia por simples obra da natureza.

Seu mundo demandava que ele fosse forte para sobreviver, ordenar, suportar.

Quando o ferreiro se dobrou para mudar de martelos, ela viu um riacho de suor que enfeitava com gotas uma carreira da têmpora até sua bochecha, deixando-se cair com uma salpicadura até seu peito, e gotejando, oh, tão devagar ao longo dos grossos músculos em seu abdômen. Até seu umbigo, em cima de seu *kilt*, e mais abaixo ainda. Ela olhou suas pernas com fascinação, esperando ver as gotas de suor reaparecerem nessas poderosas panturrilhas, e perguntando-se delirantemente por cada centímetro entre eles.

Tão intenso era o calor brilhando debilmente da forja, tão estranha sua necessidade, que Adrienne não compreendeu que ele se parou por alguns instantes.

Até que levantou os olhos de seu peito para encontrar seus escuros, sérios olhos.

Ela abriu a boca.

Ele cruzou a distância e ela soube que devia correr. No entanto, também soube que não poderia correr ainda que sua vida dependesse disso. Algo nos olhos...

A mão masculina foi áspera quando se fechou em sua mandíbula e empurrou para trás sua cabeça para encontrar-se olhando uns relampejantes olhos cor de prata.

-Há algum serviço que possa realizar para você, minha formosa rainha? Talvez tenha algo que precise ser esquentado e moldado? Ou talvez poderia reformar minha lança de aço no calor da sua forja, milady?

² Mad Janet poderia se traduzir literalmente como Louca Janet ou Pirada Janet, mas preferiu-se conservar as palavras originais (Nota da tradutora)

Os olhos de Adrienne pesquisaram o rosto masculino ferozmente. *Acalme-se*, ordenou.

Ele a agitou cruelmente.

-Procura meus serviços?

-É o calor, nada mais- grasnou ela.

-Sim, é certamente o calor, Bela-. Os olhos eram diabólicos-. Vem-. Ele a tomou pela mão e começou a arrastá-la com um passo rápido.

-Não!-. Ela golpeou com força seu braço.

-Vem- pediu ele, e a moça sofreu a sensação misteriosa de que ele estava atingindo algo dentro dela com esses olhos, pedindo a sua vontade para igualar seus desejos. Aterrorizou-a.

-Solte-me!- ela abriu a boca.

Os olhos do homem investigaram mais profundamente, e ainda que ela sabia que era ridículo, Adrienne se sentia como se estivesse lutando por algo muito importante. Soube que não devia ir com esse homem, mas não poderia começar a dizer por que. Deu-se conta do perigo, sombrio e primitivo. Perigo antinatural e antigo além de seu controle. Se ele abrisse sua boca cruelmente formosa e dissesse “vem” uma vez mais, ela poderia fazer simplesmente isso.

Ele abriu a boca. Ela se preparou para a ordem que sabia se seguiria.

-Solte minha esposa- ordenou uma voz profunda por trás deles.

CAPÍTULO 6

Se esse homem na forja não era seu marido, querido Deus do céu, o que ela ia encontrar quando se voltasse? Se atreveria? Voltou-se ligeiramente, como se um pequeno vislumbre pudesse ser mais seguro, minimizar o impacto. Adrienne descobriu logo quão equivocada estava. Nada poderia minimizar o impacto desse homem.

Valhalla à direita. O paraíso recuperado à esquerda.

Apanhada entre uma trufa de Godiva e um *éclair* de chocolate.

Entre uma rocha e um lugar muito duro. Dois lugares muito duros até onde podia ver. *Odeio aos homens belos*, recordou-se internamente. *Os odeio. Os odeio. Os odeio. Ainda posso resistir...*

Um as mãos sujeitaram sua cintura de trás enquanto o ferreiro a empurrava contra seu corpo esculpido.

-Permita-me que vá!- gritou ela, o nevoeiro estranho alçando-se de seu cérebro.

O ferreiro a soltou.

E esse homem muito grande, formoso que a enfrentava -o lendário Hawk- estava brilhando como Odín, preparando-se para desintegrá-la com um raio. Ela ofegou.

-Não me olhe assim. Não se preocupou sequer em apresentar-se em nosso casamento -. Adrienne começou furiosamente. Se ela realmente fosse Janet, como teria se sentido? Quão terrível ser casada como um pedaço de propriedade e tratada tão miseravelmente pelos novos parentes!-. Passo dois miseráveis e úmidos dias na parte de atrás de um pônei e... deixa de chover alguma vez neste lugar afastado da mão de Deus? Dois dias demorou para chegarmos aqui! O cortês Grimm me descarrega no minuto que pusemos um pé em Dalkeith. Você não se preocupa sequer em saudar-me. Ninguém me mostra um quarto. Ninguém me oferece um pouco de comida. Ou bebida, falando nisso-. Ela fez uma pausa em sua ladainha e se apoiou contra uma árvore, as mãos em seus quadris, um pé tamborilando-. E então, já que não posso encontrar nenhuma parte onde dormir sem temer que pertença a alguém mais, ando vagando finalmente, até que se preocupa o bastante para apresentar-se, e agora me olha assim? Bem, quero saber...

-Silêncio, garota.

-Não sou o tipo de mulher que pode empurrar para um lado e depois tomar docilmente. Sei quando não me querem.

-A quem, certamente- ronronou o ferreiro.

-Não preciso que me batam na cabeça com uma tonelada de pedras...

-Disse para que faça silêncio.

-E eu não me casei sem estar presente!- acrescentou ela, orgulhosa de ter pensado nisso. Sim, Janet certamente teria se ofendido.

-Silêncio!- rugiu Hawk.

-E eu não recebo ordens! Hummmph!-. Adrienne protestou quando seu marido diminuiu a distância que os separava e a jogou no chão. De uma vez ela caiu na terra, com a delicadeza de um rinoceronte pequeno, ele rodou sobre ela várias vezes, prendendo-a na curva de seu braço. Adrienne pôde ouvir ao ferreiro amaldiçoar suavemente, então o som de pés correndo, enquanto ela lutava poderosamente contra seu abraço apertado.

-Acalme-se!- murmurou Hawk, sua respiração cálida contra sua orelha. Levou alguns momentos para compreender que ele estava sustentando-a quase protetoramente, como defendendo-a com seu corpo. Adrienne levantou a cabeça para ver os olhos escuros examinando intensamente o beira do bosque.

-Que está fazendo?- sussurrou ela, com seu coração martelando. Por dar cambalhotas tão bruscamente, assegurou-se, não por ser acalentada nos braços poderosos desse homem. Retorceu-se.

-Acalme-se, disse.

Ela se retorceu uma vez mais, em parte para irritá-lo e em parte para conseguir tirar a perna dele dentre suas coxas, mas só o que conseguiu foi terminar com suas nádegas apertadas contra sua... -oh, Deus- certamente ele não devia ser assim o

tempo todo! Deu grandes puxões para desfazer-se do contato e ouviu um golpe disfarçado, o som de ossos que batem contra ossos quando sua cabeça golpeou a mandíbula masculina com um sonoro *thwack*. Ele amaldiçoou suavemente, então o som de seu riso de barítono vibrou tanto como seus braços apertados ao redor dela.

-Uma pequena bruxa, não é certo?- disse ele em sua orelha.

Ela se esforçou violentamente.

-Deixe-me ir!

Mas ele não deixou. Só aliviou sua pressão firme o bastante para dar-se a volta e que ela ficasse em cima dele e o enfrentasse. Um *erro grande, grande*, pensou Adrienne pateticamente. Apresentava uma nova e completa série de problemas, e começava com seus peitos achatando-se contra ele, sua perna presa entre as suas, e suas palmas estendidas em seu peito musculoso. Sua camisa de linho branca estava aberta e um puro calor masculino brotava de seu peito largo. Tinha uma gota de sangue em seu lábio inferior arrogantemente encurvado, e por um perturbador momento, ela considerou lambê-lo realmente. Num movimento veloz, elegante, o homem a rodou sob ele e ela perdeu sua respiração. Seus lábios se abriram. A moça o olhou com muda fascinação e soube nesse momento horrível, que o homem com quem tinha se casado, por poderes, estava a ponto de beijá-la e estava segura de que sua vida nunca mais seria a mesma.

Ela protestou. Ele sorriu e baixou sua cabeça para a sua.

Então o ferreiro regressou correndo para a clareira.

-Nem uma condenada coisa!- imprecou -. Quem quer que tenha sido se foi.

Hawk se ergueu com a surpresa e Adrienne aproveitou o momento para empurrá-lo. Poderia bem ter tentado empurrar a Esfinge pela areia e o Nilo.

Somente então Adrienne viu a flecha que ainda tremia na árvore onde ela esteve momentos antes de pé, questionando a seu novo marido seriamente. Os olhos se alargaram quando olhou com interrogação para Hawk. Era tudo muito esquisito.

-A quem ofendeu?-. Seu marido a agitou com força-. Quem procura matá-la?

-Como sabe que eles não procuravam você, que não foi simplesmente um mau tiro?

-Ninguém quer matar-me, garota.

-Pelo que ouvi, sua última amante tentou fazer justamente isso- replicou ela ofensivamente.

Ele empalideceu ligeiramente sob o profundo bronzeado de sua pele.

O ferreiro riu.

O pescoço da moça estava dolorido de tanto olhá-lo para cima.

-Saia de cima de mim- rosnou a seu marido.

Não estava preparada para que os olhos de Hawk se escurecessem, passeassem sobre ela e a puxasse para si.

-Ainda que persista em recusar-me, esposa, creio que poderia precisar-me — disse Hawk suavemente.

-Não creio — ela se retorceu furiosamente.

-Estarei aqui, se reconsiderar.

-Me arriscarei. Ninguém disparou algo em minha direção até que você se apresentou. Isso faz duas tentativas que conheço contra você, e nenhum na minha-. Pôs-se de pé e sacudiu seu vestido. A sujeira e as urtigas se colavam ao tecido pesado. Ela tirou algumas folhas de seu cabelo e espalmou seu traseiro até que percebeu uma sensação incômoda. Devagar, levantou os olhos de sua roupa para encontrar a ambos homens olhando-a com a intensidade de lobos. Lobos grandes e famintos.

-O que foi?- espetou ela.

O ferreiro riu de novo. O som era profundo, sombrio e misterioso.

-Creio que a senhora não vê que docemente cruel é a chama de sua beleza.

-Poupe-me- disse ela cansadamente.

-Pura como o amanhecer de seu rubor de moça, rica, madura e profundamente voluptuosa -. Seu marido não permitiria ser superado.

Adrienne golpeou um pé e olhou furiosamente para ambos. Onde estava seu Shakespeare quando ela precisava dele?

-Por mim se jurou pura e se imagina luminosa, aquele de quem a arte é tão negra como o inferno, tão escuro como a noite- ela murmurou.

O ferreiro atirou sua cabeça para trás e rugiu de riso. Os lábios de seu marido se encurvaram num sorriso, apreciando seu talento.

Hawk se pôs de pé então e estendeu sua mão.

-Imploro. Faça as pazes comigo, garota.

Implorar. O homem poderia fazer a um anjo chorar. Mas ela tinha fome. Sede. Estava cansada. Tomou sua mão e jurou furiosamente não tomar nada mais. Nunca.

Quando seu marido a guiou para fora da clareira, a voz do ferreiro os seguiu numa brisa perfumada de jasmim, e ela se surpreendeu que seu marido não reagisse. Ou não era um homem possessivo, ou simplesmente não o tinha ouvido. Mas claramente ela ouviu o ferreiro dizer:

-Mulher que rende a todos os homens como débeis gatinhos pelo creme, posso tomá-la em lugares que só imaginou em seus sonhos.

-Pesadelos- resmungou ela, e o ouviu rir-se suavemente por trás dela.

Seu marido a olhou com curiosidade.

-O quê?

Ela suspirou pesadamente.

-A égua que ontem à noite montei foi um pesadelo. Devo dormir um pouco.

Ele assentiu.

-E então nós falaremos.

Certo. Se ainda estiver neste lugar perdido pela mão de Deus quando acordar.

Sidheach James Lyon Douglas coçou sua mandíbula sem barbear com uma mão calosa. Irritação? Talvez. Cepticismo, certamente. Mas possessividade... De onde infernos tinha vindo isso?

Fúria. Sim, aí estava. A fúria fria e sombria estava roendo-o por dentro e o espirituoso whisky escocês só estava ajudando a diminuir a dor.

Ele esteve de pé e olhou a sua nova esposa com fome nos olhos. Ele a viu sofrer a fome crua e primária por um homem... e não era ele. Incrível.

-Deixe de beber ou nunca chegaremos a Uster amanhã- advertiu Grimm.

-Não vou para Uster amanhã. Minha esposa poderia ter um bebê quando eu voltasse.

Grimm sorriu abertamente.

-Está completamente furiosa com você, sabe.

-Ela está furiosa comigo?

-Estava demasiado bêbado para casar-se com ela, muito menos para dormir com ela, e agora se põe nervoso porque ela olhou com agrado para Adam.

-Com agrado? Dê à garota uma colher e a teria escorregado sobre ele, lambendo-se os lábios para jantá-lo!

-E?

-Ela é *minha esposa*.

-Och, isto está pondo-se demasiado profundo para mim. Disse que não se preocupava com o que fizesse uma vez que estivesse feito. Jurou honrar o *troth* e o fez. Então por que esta ira tonta, Hawk?

-Minha esposa não me fará cornudo.

-Creio que um marido só pode ser cornudo se se preocupa. E você não se preocupa.

-Ninguém me perguntou se eu me preocupava.

Grimm pestanejou, fascinado pela conduta de Hawk.

-Todas as garotas olham assim para Adam.

-Ela sequer me notou. É a Adam a quem quer. E quem no maldito inferno contratou a esse ferreiro de qualquer jeito?

Grimm meditou em sua bebida.

-Não era Thomas o ferreiro?

-Pensei que era ele, sim.

-Para onde foi Thomas?

-Não sei, Grimm. É por isso que lhe perguntei.

-Bem, alguém contratou Adam.

-Não foi você?

-Não. Eu pensei que tivesse sido você, Hawk.

-Não. Talvez ele seja o irmão de Thomas e Thomas está doente.

Grimm riu.

-Thomas o feio, seu irmão? Não há uma só possibilidade disso.

-Livre-se dele.

-De Adam?

-Sim.

Silêncio.

Então...

-Pelos santos, Hawk, não pode falar sério! Não é próprio de você tirar o sustento de um homem devido à maneira que uma garota o olha...

-Acontece que essa garota é minha esposa.

-Sim. A mesma que você não queria.

-Mudei de idéia.

-Além disso, é quem mantém Esmeralda bastante contente, Hawk.

Sidheach suspirou profundamente.

-Assim que é isso.

Ele fez uma pausa de várias batidas ciumentas de seu coração.

-Grimm?

-Humm?

-Diga que mantenha sua roupa posta enquanto trabalha. E isso é uma ordem.

Mas Hawk não podia deixá-lo só. Sua mente percebeu aonde seus pés o tinham levado quando entrou na margem ambarina de luz do fogo da forja de Adam, sob as árvores de sorveira.

-Bem-vindo, Lorde Hawk de Dalkeith-Upon-the-Sea.

Hawk girou até estar nariz a nariz com o ferreiro reluzente, que conseguiu chegar por trás dele de algum modo. Não eram muitos homens que podiam tomar Hawk de surpresa, e por um instante Hawk esteve tão assombrado como irritado com o ferreiro.

-Eu não o contratei. Quem é você?

-Adam- contestou o ferreiro friamente.

-Adam de quê?

O ferreiro o ponderou, então acendeu um sorriso astuto.

-Adam Black.

-Quem o contratou?

-Ouvi que precisava de um homem para cuidar da forja.

-Afasto-se de minha esposa-. Hawk se sobressaltou ao ouvir as palavras deixarem seus lábios. Pelos Santos, parecia um marido ciumento! Tinha pensado lançar a pergunta de quem tinha contratado ao ferreiro, mas ao que parece não tinha mais controle sobre suas palavras do que tinha sobre seus pés; pelo menos, não no que a sua nova esposa concernia.

Adam riu perversamente.

-Não farei nenhuma coisa que a senhora não queira que faça.

-Não fará nenhuma coisa eu não queira que faça.

-Ouvi que a senhora não o desejava.

-Me desejará.

-E se não o fizer?

-Todas as garotas me desejam.

-Que cômico. Eu tenho justamente o mesmo problema.

-É estranhamente descortês para ser ferreiro. Quem era teu *laird* antes?

-Não conheci a nenhum homem digno de chamar amo.

-Que cômico, ferreiro. Eu tenho justamente o mesmo problema.

Os homens se mantiveram nariz contra nariz. Aço contra aço.

-Posso ordenar-lhe sair de minhas terras- disse Hawk firmemente.

-Ah, mas então nunca saberá se ela escolheria a você ou a mim, não é? E suspeitando que tenha um profundo grão de decência em você, algo que clama por coisas tão antiquadas como a honradez e o cavalheirismo, a honra e a justiça... Hawk tonto. Todos os cavaleiros logo estarão mortos, como pó de sonhos que passam pela imaginação inconstante do tempo.

-É insolente. E a partir deste momento, está desempregado.

-Tem medo- se maravilhou o ferreiro.

-Medo?-. Hawk se fez eco incredulamente. Se atrevia esse estúpido ferreiro pisar em suas terras e dizer que ele, o lendário Hawk, tinha medo?-. Eu não temo a nada. Certamente não a você.

-Sim, você tem. Viu como sua esposa me olhava. Tem medo de que não possa manter suas mãos longe de mim.

Um sorriso amargo, zombador, encurvou os lábios de Hawk. Ele não era um homem dado a enganar-se. Tinha medo de não poder manter sua esposa longe do ferreiro. Se mortificava, incitava-o, ainda por cima o ferreiro também tinha acertado sobre sua decência subjacente. Decência que exigia, como Grimm tinha suspeitado, que não privasse a um homem de seu sustento devido a sua própria insegurança sobre sua esposa. Hawk sofria o estranho defeito de ser nobre, honrado até o final.

-Quem é você realmente?

-Um simples ferreiro.

Hawk o estudou ao luar que clareava através dos sorveiros. Nada simples. Algo se arrastou na sua mente e boiou em sua memória, mas não podia acertar a descobri-lo.

-O conheço, não é?

- Conhece agora. E logo, ela me conhecerá também.

-Por que me provoca?

-Me provocou primeiro quando agradou a minha rainha.

Hawk procurou em sua memória uma rainha a quem ele tivesse agradado. Nenhum nome lhe veio à mente; mas normalmente não vinham. Mesmo assim, o homem havia mostrado seu jogo claramente. Em alguma parte, alguma vez, Hawk tinha feito voltar a cabeça à mulher desse homem. E o homem queria agora jogar o mesmo jogo com ele. Com *sua esposa*. Uma parte dele tentou que não lhe importasse, mas no momento em que pôs os olhos em *Mad Janet*, soube que estava pela primeira vez em sua vida com problemas. Profundamente, em sua cabeça, tinha o reflexo dos olhos cor de prata chamando-o para as areias movediças, e ele teria ido de boa vontade.

O que dizer a um homem cuja mulher tomou? Não tinha nada que dizer ao ferreiro.

-Não tinha nenhuma intenção de ofender- ofereceu Hawk por fim.

Adam girou ao redor e seu sorriso se acendeu demasiado brilhante.

-Ofensa por ofensa, tudo é justo na luxúria. Procura ainda tirar-me daqui?

Hawk encontrou seu olhar por longos instantes. O ferreiro tinha razão. Algo nele clamava por justiça. As batalhas justas se lutavam em igualdade de condições. Se ele não pudesse reter a uma garota, se a perdesse para outro homem... Seu orgulho ardeu, quente. Se sua esposa o deixasse, além dele a ter querido desde o princípio ou não, ainda por cima por um ferreiro, bem, a lenda de Hawk se cantaria num mistério imensamente diferente.

Mas pior inclusive seria que, se ele despedisse o ferreiro essa noite, nunca soubesse com toda segurança se sua esposa o teria escolhido em vez de Adam Black. E lhe importava. A dúvida o atormentaria eternamente. A imagem dela quando estava de pé esse dia e se apoiou contra uma árvore, olhando fixamente ao ferreiro... ah! Isso lhe daria pesadelos de igual modo na ausência de Adam.

Permitiria ao ferreiro ficar. E essa noite Hawk seduziria a sua esposa. Quando estivesse completamente convencido de onde descansavam seus afetos, bem, talvez então poderia despedir ao bastardo.

Hawk agitou uma mão desapaixonadamente.

-Como você quiser. Não ordenarei que parta.

-Como eu queira. Agrada-me isso- contestou Adam Black singelamente.

Hawk atravessou o pátio devagar e esfregou sua cabeça, que ainda doía devido a embriaguez de três noites atrás. O *troth* que o Rei James tinha ordenado estava cumprido. Hawk tinha se casado com a filha de Comyn, e assim consumado o decreto final de James. Dalkeith estava uma vez mais segura.

Hawk esperava que fora da vista significasse de verdade fora da mente, e que o Rei James se esquecesse de Dalkeith- Upon-the-Sea. Todos esses anos, tinha feito a vontade de James, só para ter mais uma demanda do rei para ele: graças ao decreto real, James tomou de Hawk sua última petição de liberdade.

Por que havia se surpreendido? Durante quinze anos o rei esteve encantado apropriando-se de suas opções e os matinha sob a única opção de obedecer a seu rei ou morrer, junto com seu clã inteiro.

Recordou o dia que James o tinha convocado, só três dias antes de acabar seu serviço.

Hawk se apresentou, curioso pelo ar de antecipação tensa que enchia o espaçoso quarto do trono. Atribuindo-o ainda a outro dos desígnios de James -e esperando que não tivessem que ver com ele ou Dalkeith-, Hawk se acercou à tribuna e se ajoelhou.

-Arrumamos um matrimônio para você- anunciou James quando o salão esteve em silêncio.

Hawk se empertigou. Podia sentir os olhos dos cortesãos descansando pesadamente nele; com diversão, com zombaria e um toque de... piedade?

-Selecionamos a mais conveniente...-. James fez uma pausa e riu malevolamente- esposa para agradecer o resto de seus dias em Dalkeith.

-Quem?-. Hawk permitiu somente uma palavra. Dizer mais teria traído a irritada rejeição que fervia a fogo lento em suas veias. Não podia confiar em si mesmo para falar quando cada célula dele gritava em desafio.

James sorriu e convocou a Red Comyn para acercar-se ao trono, e Hawk quase rugiu com raiva. Certamente não com a famosa *Mad Janet*! James não o obrigaria a casar-se com a solteirona louca que Red Comyn mantinha em sua torre longínqua!

O canto do lábio de James se torceu para cima num sorriso curvo.

-Escolhemos Janet Comyn para ser sua noiva, Hawk Douglas.

Um riso suave se rompeu através da corte. James esfregou alegremente suas mãos.

-Não!-. A palavra escapou de Hawk num estalido de ar; demasiado tarde, ele tentou evitá-lo.

-Não?- se fez eco James, seu sorriso instantaneamente frio-. O ouvimos negar-se a Nossa ordem?

Hawk depositou o olhar no chão. Fez uma respiração profunda.

-Não, meu rei. Temo que não me expressei claramente-. Hawk fez uma pausa e engoliu duro-. O que quis dizer foi '*Não, já foste demasiado bom comigo*'-. A mentira queimou seus lábios deixando o sabor do orgulho carbonizado em sua língua. Mas manteve segura a Dalkeith.

James riu entredentes, grandiosamente divertido pela capitulação rápida de Hawk, enquanto desfrutava da magnitude de seus poderes reais. Hawk refletiu amargamente que uma vez mais, James tinha todas as cartas em seu poder.

Quando James falou de novo, sua voz gotejava veneno.

-Falha em casar-se com a filha de Comyn, Hawk Douglas, e Nós limparemos todo vestígio de Douglas da Escócia. Nem uma gota da sua linhagem sobreviverá a não ser que faça isto.

Era a mesma ameaça que James sempre tinha usado contra Hawk Douglas, e a única que podia ser tão cruelmente eficaz, uma vez e outra.

Hawk inclinou sua cabeça para esconder sua irritação.

Ele gostaria de escolher sua própria esposa. Era pedir muito? Durante seus quinze anos de serviço, tinha mantido o pensamento de escolher ele próprio a sua mulher, de voltar a Dalkeith e criar a sua família longe da corrupção da corte de James; tinha guardado seus sonhos intactos apesar dos esforços do mal humorado rei de destruí-los um por um. Ainda que Hawk não fosse um homem que acreditasse no amor, acreditava na família e no clã, e o pensamento de passar o resto de seus dias com uma boa mulher, rodeado de filhos, atraía-o imensamente.

Ele queria passear pela costa e contar histórias a seus filhos. Queria filhas encantadoras e netos. Queria encher o berçário de Dalkeith. Och, o berçário.. o pensamento o corroe; esta nova imposição era a mais amarga e dolorosa que o rei lhe tinha feito alguma vez. *Agora nunca poderei encher o berçário, não se minha esposa leva em si as sementes da loucura!*

Não haveria nenhum pequeno -pelo menos legítimo- para Hawk. Como poderia não ter um menino para proclamar como seu?

Hawk nunca falou de seu desejo por uma família; sabia que se James o descobria, erradicaria qualquer esperança sobre isso. James tinha descoberto de algum modo, ou bem tinha decidido que como ele não podia ter a esposa que tinha desejado, Hawk também não.

-Levante sua cabeça e olhe-nos, Hawk- ordenou James.

Hawk levantou sua cabeça devagar e fixou no rei os olhos sem brilho.

James o estudou; então, voltou seu olhar brilhante para Red Comyn e adicionou uma ameaça final para assegurar sua cooperação:

-Destruiremos aos Comyn, também, se este *troth* é desafiado. Ouviu o que dissemos, Red Comyn? Não nos falhe.

Laird Comyn parecia perturbado pela estranha ordem de James.

Ajoelhando-se ante o séqüito de James, Hawk dominou até o último de seus rebeldes pensamentos. Reconheceu os olhares compassivos dos soldados com quem tinha servido; a simpatia do olhar de Grimm; o ódio satisfeito e o sarcasmo arrogante de alguns lordes que fazia muito tempo tinham notado o sucesso de Hawk com as mulheres, e aceitou o fato de que se casaria com Janet Comyn mesmo que ela fosse uma velha enrugada e sem dentes, enferma, perturbada. Hawk Douglas sempre faria qualquer coisa para salvar a Dalkeith e manter seguro a sua gente.

O roda de fofocas soltou histórias intermináveis sobre Janet Comyn, uma solteirona louca, encarcerada porque estava incuravelmente desequilibrada.

Quando Hawk pisou o caminho de pedra com seixos da entrada de Dalkeith, riu alto da imagem falsa que tinha criado em sua mente de *Mad Janet*.

Ele compreendeu que James não sabia, obviamente, mais dela do que outros, porque James nunca teria unido Hawk a semelhante mulher se soubesse que ela lhe agradava muito. Era demasiado formosa, demasiado ardente. James pensou em fazer com que Hawk sofresse, e a única maneira que um homem sofreria junto a essa mulher seria se não pudesse pôr suas mãos nela, se não pudesse degustar seus beijos e pudesse desfrutar sua promessa sensual.

Hawk não esperara nada como a luminosa criatura de seda de temperamento apaixonado que encontrou na forja. Enviou a Grimm no último dia para casar-se com a garota por poderes, pensando ignorá-la totalmente quando chegasse. Esclareceu expressamente que ninguém devia dar-lhe as boas vindas. A vida seguiria em Dalkeith como se nada tivesse mudado. Ele decidiu que se ela estava meio louca como as fofocas contavam, provavelmente não poderia entender que estava casada. Tinha concluído que poderia encontrar alguma maneira de tratar com ela, ainda quando significasse confiná-la em alguma parte, longe de Dalkeith. James pediu que se casasse, não disse nada sobre compartilhar quartos para toda a vida.

E então, pôs os olhos em *Mad Janet* Comyn. Como uma deusa apaixonada, ela o espicacava com suas palavras e evidenciara uma união de talento e de beleza não terrena. Nenhuma mulher, que pudesse recordar, agitara nele o firme, fundo apetite que sofrera quando a acariciou com os olhos. Enquanto ela estava acariciando ao condenado ferreiro com os seus.

Os rumores não podiam estar mais equivocados. Se Hawk pudesse escolher uma mulher, as qualidades que Janet possuía -a independência, uma mente rápida, um corpo delicioso e um coração forte- seriam todos os atributos que teria procurado.

Talvez, Hawk meditou, a vida daria simplesmente um giro para melhor depois de tudo.

CAPÍTULO 7

Adrienne sabia que estava sonhando. Estava no mesmo pesadelo desesperado e horrível que estava tendo durante meses; em que fugia nos becos escuros, desertos de Nova Orleães tentando escapar da morte.

Não importava quão duro tentasse controlar o sonho, nunca se sentia segura. Inevitavelmente, Eberhard a encontrava no armazém abandonado na Blue Magnolia Lane. Só uma coisa diferenciava significativamente da realidade que Adrienne tinha vivido: em seu pesadelo, ela não alcançava a arma a tempo.

Acordou agitada e pálida, com pequenas gotas de suor perolando seu rosto.

E ali estava Hawk; sentado no extremo de sua cama, olhando-a silenciosamente.

Adrienne o olhou com os olhos muito abertos. Em sua confusão sonolenta, o rosto impenetrável e formoso de Hawk parecia possuir traços da beleza diabólica de Eberhard, e a fazia perguntar-se que diferença poderia haver entre os dois homens, se é que houvesse alguma. Depois de um pesadelo com um homem mortalmente atraente, acordar para encontrar a outro nessa proximidade íntima simplesmente era muito para seus nervos destroçados. Ainda que não tivesse virtualmente nenhuma recordação de como tinha ido parar no século XVI, suas outras recordações estavam lamentavelmente intactas. Adrienne de Simone recordou uma coisa com clareza insuportável: ela não confiava e não se interessava pelos homens belos.

-Você gritou- informou Hawk em sua voz melosa.

Adrienne revirou os olhos. Poderia fazer ele algo mais do que ronronar cada vez que abria sua boca perfeita? Essa voz poderia conduzir a uma freira cega a abandonar sua castidade.

-Saia- resmungou ela.

Ele sorriu.

-Vim para comprovar que não era vítima de outra tentativa de assassinato.

-Lhe disse que não era-. Ele se sentava cuidadosamente, aparentemente apanhado num poderoso controle interno. A mente da jovem girou no ar livre com desenfreadas lembranças do seu pesadelo, quando uma brisa suave desceu da janela e beijou sua pele. Deuses, sua pele! Ela puxou o lençol de seda até seus seios quase nus num ataque de ressentimento. O vestido que encontrou estendido em sua cama cuidadosamente -por alguém que obviamente tinha menos inibições sobre a roupa do que ela-, escassamente qualificaria como camisola. As mangas diminutas tinham escorregado de cima de seus ombros, enquanto a saia do vestido tinha se convertido num monte; o voal do tecido transparente se agrupavam numa espuma nebulosa

ao redor de sua cintura e mal cobriam seus quadris, e isso sem que ela se movesse em absoluto. Adrienne puxou firmemente o vestido e tentou arrumá-lo sem abandonar seu bem agarrado lençol.

Hawk gemeu, e o som grave fez dançar cada nervo dela. Ela se obrigou a encontrar seu olhar acalorado com aparência imperturbável.

-Janet, sei que não começamos este casamento exatamente sob as melhores circunstâncias.

-Adrienne. E poderia dizer definitivamente que...

-Não, meu nome é Sidheach. Meu irmão é Adrian. Mas a maioria me chama Hawk.

-Quis dizer a mim. Chamo-me Adrienne-. Ante seu olhar interrogador ela acrescentou: -Meu segundo nome é Adrienne, e é o que prefiro-. Uma mentira simples, diminuta. Ela não podia esperar seguir respondendo ao nome de Janet, porque poderia enganar-se no futuro.

-Adrienne- ele ronronou e pôs uma inflexão a mais, pronunciando-o *Adry-en*-. Como estava dizendo...-. Ele escorregou ao longo da cama com tal graça que ela só compreendeu que tinha se movido quando o teve demasiado perto- ...temo que não tivemos o melhor começo, e penso remediá-lo.

-Pode remediá-lo retirando-se de minha vista neste momento. Agora. *Shoo*-. Ela apertou o lençol com a mão cuidadosamente fechada e agitou a outra mão depreciativamente. Ele a olhou com fascinação. Quando ele não se moveu, ela tentou despedi-lo de novo, mas o homem caçou astutamente sua mão que começava a agitar.

-Mãos formosas- murmurou ele, envolvendo a palma e plantando um beijo prolongado no centro sensível-. Temi que *Mad Janet* fosse a maior árpia do mundo. Agora sei por que Comyn a manteve escondida em sua torre todos esses anos. É a verdadeira prata e ouro dos tesouros de Comyn. Sua riqueza se esvaziou por completo ao perde-la para mim.

-Oh, deixe disso - alfinetou ela, e ele pestanejou com surpresa-. Escuta, Sidhawk ou Hawk ou quem quer que seja, não me impressiona. Se vamos estar obrigados a sofrer no mesmo teto sobre nossas cabeças, precisamos esclarecer algumas coisas. Primeiro- ela sustentou uma mão e começou a contar com os dedos-: não me agrada. Acostume-se a isso. Segundo, eu não queria casar com você, mas não tive nenhuma alternativa.

-Deseja a outro-. O ronroneio se afundou numa explosão de desgosto.

-Terceiro- ela continuou sem preocupar-se em responder-; eu não acho sua falsa virilidade nem remotamente interessante. Você não é meu tipo...

-Mas Adam é certamente, eh?-. Sua mandíbula se endureceu e os olhos de ébano brilharam.

-Mais do que você- mentiu ela, pensando que se pudesse convencê-lo do que queria dizer, ele poderia deixá-la só.

-Não o terá. É minha esposa, lhe agrade ou não. Não serei um cornudo-. *Tem que se importar para ser um cornudo*. A voz de Grimm ressoou em sua mente-. Talvez possa tentar...-. Talvez ele já o fazia e não tinha a mais remota idéia de por que.

-Bem, não posso.

-Sou tão desagradável assim?

-Sim.

Ele a olhou fixamente. Olhou fixamente o quarto. Estudou as vigas. Nenhuma resposta misteriosa estava escondida, pronta para ser encontrada em qualquer parte.

-As garotas sempre me acharam atraente- disse ele finalmente.

-Talvez isso seja parte de seu problema.

-Perdão?

-Não me agrada a sua atitude.

-Minha atitude?- ele fez eco cuidadosamente.

-Isso. Assim que saia da minha cama e da minha vista e não me diga nada mais esta noite.

-É a garota mais detestável que encontrei alguma vez.

-E você é o homem mais pouco profundo, incorrigível farsante de quantos homens tive o desgosto de conhecer alguma vez.

-De onde tira todas essas idéias sobre mim?- perguntou ele.

-Poderíamos começar com você demasiado bêbado para apresentar-se a seu próprio casamento.

-Lhe disse Grimm? Grimm não lhe teria dito que!..

-Maldita união masculina-. Adrienne revirou os olhos-. Tudo o que ele me disse foi que estava atendendo um levantamento. De seu estômago, isso não podia sabê-lo. A criada que me mostrou este quarto mais cedo, teve bastante tempo para falar-me. O fez sem parar a respeito de como você e três garrafas de vinho e três mulheres, passaram a semana antes do nosso casamento tentando... já sabe-. Adrienne murmurou umas ininteligíveis palavras: *tirar-lhe o cérebro*.

-Que é isso de tirar-me o cérebro?

-Você sabe-. Adrienne revirou os olhos.

-Temo que não. De novo, que palavra era essa?

Adrienne o olhou fixamente. Estava provocando-a? Estavam os olhos brilhando de malícia? Esse meio sorriso que encurvava sua boca formosa poderia fundir o lençol que ela estava apertando, por não mencionar sua vontade.

-Ao que parece algum deles teve sucesso, porque se lhe tivesse ficado um pouco de cérebro, sairia agora mesmo da minha vista- alfinetou ela.

-Não eram três-. Hawk engoliu um riso.

-Não?

-Eram cinco.

A mandíbula de Adrienne se endureceu. Ela sustentou seus dedos de novo.

-Quarto: este só será um casamento de nome. Temporário.

-Garrafas de vinho, quis dizer.

-Não é engraçado.

Seu riso rodou perigoso e pesado.

-É suficiente. Agora vamos contar as regras de Hawk-. Ele sustentou sua mão e começou a contar seus dedos-. Primeiro, é minha esposa, de maneira que me obedecerá em tudo. Se devo ordenar-lhe que vá a minha cama, então assim será. Segundo- sua outra mão se levantou, e ela retrocedeu, meio esperando um golpe, mas ele a aconchegou sobre seu rosto firmemente e a olhou-; se afastará de Adam. Terceiro, dará toda a impressão de estar encantada por ter se casado comigo, pública e privadamente. Quarto, quinto e sexto, se afastará de Adam. Sétimo- ele lhe deu um puxão da cama e a pôs de pé num movimento fluído -; me explicará o que acha desagradável sobre mim precisamente depois que lhe faça amor, e oitavo, vamos ter meninos. Muitos. Talvez dúzias. Talvez simplesmente a mantereí gorda com meus meninos deste momento em adiante.

Os olhos de Adrienne se dilataram mais e mais enquanto ele falava. Quando chegou à parte dos meninos, ela estava chegando perto do pânico completo. Recolheu partes de seu talento e procurou a arma mais eficaz. Que poderia dizer para manter a esse homem afastado? Seu ego. Seu ego gigantesco e seu orgulho varonil. Ela tinha que o usar.

-Faça o que quiser. Eu simplesmente pensarei em Adam-. Afogou um bocejo e estudou suas cutículas.

Hawk retrocedeu e deixou cair suas mãos do corpo de Adrienne como se queimasse.

-Simplesmente pensará em Adam!

Ele esfregou sua mandíbula e realmente não acreditou no que tinha ouvido, enquanto olhava fixamente a visão ante ele, meio vestida numa nuvem de espuma transparente. O cabelo loiro platinado caía ao redor do rosto mais formoso que ele tivesse visto alguma vez. Seu rosto em forma de coração, sua mandíbula delicada e no entanto surpreendentemente forte. Seus lábios cheios e aveludados como uma ameixa madura, e olhos cinza prata rebeldes. Ela era a paixão respirando, e não parecia ter uma pista sobre sua própria beleza. Ou não lhe importava. A luxúria fixou uma mão dura ao redor dele e apertou sem misericórdia. Os olhos de ébano se estreitaram intensamente. Tinha uma pele cremosa, ombros formosos, uma cintura delgada, quadris docemente arredondados e pernas que subiam todo o caminho ao céu. Sua beleza o marcou com ferro, chamava-o. A garota era pura perfeição. Ainda que Hawk não era um homem supersticioso, as palavras do desejo de Grimm à estrela cadente escolheram esse momento para reluzir em sua mente. Que tinha dito Grimm exatamente?

Ele havia desejado que Hawk encontrasse uma mulher com talento e sabedoria; uma mulher inteligente.

-Pode somar?- ele alfinetou.

-Cuido da contabilidade como uma profissional.

-Lê e escreve?- pressionou ele.

-Três idiomas fluidamente, dois razoavelmente bem.

Foi o primeiro motivo por que pode falsificar tão bem seu sotaque e convencê-los de que era Janet Comyn. Ainda que algumas das palavras e expressões que usava poderiam parecer estranhas a eles, esperavam que ela estivesse louca; fez um estudo rápido em Comyn Keep, assimilando o zumbido característico com a facilidade de um menino. Sempre teve ouvido para os idiomas. Além do que, viu cada episódio de *The Highlander* que tinha passado na TV.

Hawk gemeu. A segunda parte do desejo de Grimm foi que a mulher fosse perfeita de rosto e forma. Não precisava fazer nenhuma pergunta nesse sentido. Ela era uma Vênus, singelamente, que caiu em seu mundo, e ele tinha uma insistente premonição de que seu mundo não seria mais o mesmo novamente.

Os dois primeiros requisitos do desejo de Grimm estavam cumpridos. A mulher possuía cérebro e beleza fascinantes.

Foi no último requisito que Grimm especificou que Hawk estava mais interessado: *Um perfeito "não" em seus lábios perfeitos...*

Uma mulher não vivia ou não respirava para dizer "não" a Hawk.

-Garota, desejo-a- ele disse numa voz crua, rouca-. Lhe farei amor da forma mais incrível que alguma vez experimentou deste lado de *Valhalla*. Eu posso levá-la além do paraíso, fazê-la desejar nunca pôr seus pés nesta terra novamente. Me permitirá levá-la ali? Me deseja?-. Ele esperou, mas já estava seguro do que ia vir.

Seus lábios se franziram num delicioso gesto quando ela disse:

-Não.

- Puseste um *geis* sobre mim com seu maldito desejo, Grimm!- se ouviu uivar o *Laird* Sidheach James Lyon Douglas aos céus sem estrelas, mais tarde essa noite. Além de um círculo de árvores de sorveiras, Adam atçou uma monte de brasas e fez sombra a um som demasiado sombrio para ser riso.

Adrienne permaneceu durante muito tempo na escuridão, sentada no beirada de sua cama depois que ele se foi, e retrocedeu ante o rouco uivo que subiu para tocar a lua. Um *geis*? Uma maldição. Bah! Ela era a amaldiçoada.

Para ele, ela era simplesmente como o resto, e uma coisa que Adrienne de Simone tinha aprendido era que no que concernia a um homem, não podia tolerar ser igual às demais.

Mas, culpada como as legiões de outras mulheres que haviam caído por ele antes dela, desejava a esse homem chamado Hawk. Desejava-o com uma fome irracional que superava longe a sua atração pelo ferreiro. Tinha algo quase temível nos olhos do ferreiro. Como Eberhard. Mas Hawk tinha belos olhos escuros com manchinhas douradas sob espessas pestanas

negras como fuligem. Os olhos de Hawk anunciavam prazeres incalculáveis, riso, e se não estava imaginando, algum tipo de dor, em seu passado, contido cuidadosamente.

Claro, disse causticamente. A dor de não ter bastante tempo para fazer amor com todas as mulheres mais belas do mundo. *Sabe o que é. Um mulherengo. Não faça isto de novo a você mesma. Não seja estúpida, Adrienne.*

Mas não podia deixar de lado a incomodidade que sentira cada vez que se obrigara a dizer-lhe coisas cruéis e odiosas. Talvez ele não as merecesse. Simplesmente porque Hawk era um atraente homem moreno como Eberhard, não significava que era do mesmo tipo de homem que Eberhard. Ela tinha uma traiçoeira sensação de estar sendo injusta com ele, sem uma razão lógica definida.

Ah, mas há uma explicação lógica para como e por que saltou repentinamente de 1997 a 1513? Ela bufou zombeteiramente.

Adrienne aprendeu a examinar os fatos e tratar com a realidade, sem ter em conta quão irracional a realidade imediata parecesse ser. Tendo nascido e crescido em Nova Orleães, entendia que a lógica humana não explicava tudo. Havia as vezes uma lógica maior que operava, algo tentadoramente além da sua compreensão. Ultimamente, Adrienne se sentia mais surpresa quando as coisas faziam sentido do que quando não o faziam; pelo menos, quando as coisas eram estranhas, estava em território familiar. Apesar de ser muito ilógico e absolutamente improvável, seus cinco sentidos insistiam que já não estava exatamente no Kansas.

Uma nebulosa recordação passou por sua mente... que estava fazendo antes de encontrar-se de repente no colo de Comyn? As horas anteriores eram confusas, incertas. Podia recordar o sentimento intranquilo de ser observada... e o que mais? Um cheiro singular, rico e picante, que simplesmente percebeu antes de que ela... o quê? Adrienne lançou-se contra um manto de confusão e só conseguiu fazer sua cabeça começar a doer.

Esforçou-se um momento mais, então se rendeu à dor. Adrienne murmurou uma oração fervorosa para que a lógica maior por trás dessa realidade irracional a tratasse com mais benevolência do que qualquer coisa que tivesse colocado Eberhard em seu caminho.

Excessivamente pior era que não tivesse perdido algumas dessas ruins, más recordações. Mas não, só havia perdido umas horas estranhas; uma curta lacuna de tempo. Talvez o susto do que havia ocorrido estava pondo uma abertura em sua memória agora. Mas certamente quando se ajustasse a esse novo ambiente, deduziria como conseguiu viajar através do tempo. E deduziria como voltar.

Mas então, perguntou-se, queria realmente voltar ao lugar do qual havia saído?

Pela manhã, Adrienne salpicou água gelada em seu rosto e se olhou no impreciso disco de prata polida que se pendurava sobre a cuba. Ah, os pequenos luxos. Água quente. Pasta de dente. Por que se afligia pelo resto?

Café. Certamente em alguma parte do mundo alguém cultivava café em 1513. Se seu delicioso marido estava tão ansioso por agradar, talvez o encontraria para ela, e rapidamente. Precisaria de uma cafeteira cheia todas as manhãs se continuasse perdendo o sono assim.

Quando Hawk deixou seu quarto na noite anterior, ela estava estremecida da cabeça até os dedos dos pés. A atração do ferreiro era um eco distante da sacudida que o homem chamado Hawk deu a todos os seus sentidos. Simplesmente estar em sua presença a fazia sentir-se trêmula por dentro e com os joelhos moles, bem mais do que Adam provocava. Ofegou ao recordar as regras de Hawk. Quatro delas foram para afastar-se do ferreiro. Bom, essa era uma maneira segura de irritá-lo se precisasse. Depois que ela conseguisse seu café.

Adrienne procurou intensamente no "*enxoval*" de Janet, procurando algo suficientemente simples de usar. Pôs um vestido amarelo-limão (como teriam feito essas telas brilhantes nesses tempos?), completou-o com um cinto de ouro na cintura e várias pulseiras douradas que encontrou. Sapatilhas de couro suave para seus pés e uma mexida em seus cabelos prateados, e o café assumiu a prioridade depois de respirar.

-Café- grunhiu quando conseguiu encontrar o caminho através do extenso castelo, e achando finalmente várias pessoas que desfrutavam um calmo café da manhã. Havia uma dúzia de pessoas ou mais sentadas à mesa, mas os únicos que Adrienne reconheceu eram Grimm e Ele, assim emitiu a palavra, esperançosamente, para todos.

Todos na mesa a olharam fixamente.

Adrienne os olhou severamente em resposta. Ela também podia ser rude.

-Creio que ela disse café- sugeriu Grimm depois de uma longa pausa-, ainda que escutei sons mais inteligíveis de alguns de nossos falcões.

Adrienne revirou seus olhos. A manhã sempre prestava uma qualidade rouca a sua voz, rica como o conhaque.

-Preciso de café- explicou a moça pacientemente-. E minha voz sempre está assim pela manhã.

-Uma voz para apreciar, suave e complexa como o mais fino malte escocês- sussurrou Hawk. Seus olhos se demoraram em seu rosto, então escorregaram suavemente até os dedos dos pés. Como em nome de Deus podia um olhar fazê-la sentir-se como se tivesse deslizado seu vestido devagar e deliciosamente de seu corpo?

-Não deixou esse companheiro do Ceilão um depósito de coisas estranhas na despensa? E eu sou Lydia Douglas, a propósito, mãe deste patife.

-Mãe.

-Silêncio. Fez uma comédia deste casamento e está complicando ainda mais as coisas; agora, fique quieto.

Adrienne o perdoou por quase tudo nesse momento, porque pareceu um garoto quando pestanejou caladamente.

-Milady- disse ela, tentando uma reverência e esperando ter-se dirigido à mãe de Hawk corretamente porque a agradou instintivamente a mulher, apesar de ter dado a luz a esse tirânico mulherengo.

-Lydia está bem, e eu posso chamá-la de Adrienne? Hawk me disse que é o seu nome preferido.

-Adrienne é maravilhoso. Café?

Lydia riu, evidentemente imperturbável ante a obsessão.

-Suponho que está acostumada a beber essa bebida forte pela manhã. Meu curandeiro me disse que tem propriedades rejuvenescedoras e é um energizante natural.

-Sim-. Adrienne assentiu veementemente.

-A despesa, Hawk- animou Lydia a seu filho.

-Vai me permitir ir lá?- perguntou ele causticamente.

-Desde quando me escuta?- perguntou Lydia com uma cintilação em seus olhos-. Leve a sua nova esposa para encontrar seu café. E Adrienne, se precisar alguma outra coisa, inclusive um ouvido compassivo, procure-me. Passo a maior parte do dia em meus jardins. Qualquer um pode lhe mostrar o caminho.

-Obrigada- disse Adrienne do fundo de seu coração. Quão bom era ter a alguém que oferecia boas vindas amistosas! Alguém que não fosse varão e formoso além de toda paciência.

-Vêem-. Hawk estendeu uma mão para ela. Negando-se a tocá-lo, ela disse docemente:

-Depois de você.

-Não, garota, depois de você- respondeu ele. Seguiria a curva doce de seus quadris como um escravo até mesmo ao inferno.

-Devo insistir- objetou Adrienne.

-Como faço eu- se opôs ele.

-Vá- espetou ela.

Ele cruzou seus braços poderosos sobre o peito e determinadamente encontrou seu olhar.

-Oh, pelo amor de Deus, temos que lutar sobre isto também?

-Não se me obedecesse, garota.

Por trás deles, Lydia metade riu, metade gemeu.

-Por que simplesmente não vão os dois um ao lado do outro?- disse alentadamente.

-Bem- Adrienne disse bruscamente.

-Bem- rosnou Hawk.

Lydia riu até que as lágrimas cintilarem em seus alegres olhos verdes. Finalmente, uma garota digna de seu filho.

CAPÍTULO 8

Lado a lado. Não tinha que olhá-lo. Oh, Deus obrigado pelos pequenos favores.

-E aqui temos a despesa- disse Hawk quando abriu a porta e a empurrou para dentro. O espírito de Adrienne se elevou. Seu nariz farejou delicadamente. Podia cheirar café em grão, especiarias, chá, toda classe de coisas maravilhosas. Praticamente curvada no quarto, com Hawk em seus calcanhares, quando estava a ponto de submergir uma mão profundamente no saco castanho tecido que emitia o mais delicioso aroma perverso de café escuro, Hawk conseguiu insinuar-se entre Adrienne e seu prêmio de algum modo.

-Parece agradar-lhe realmente o seu café- observou, com um interesse excessivamente perspicaz para seu gosto.

-Sim-. Ela mudou seu peso de um pé para o outro, com impaciência, mas o corpo maciço do homem bloqueava seu caminho-. Mova-se, Hawk- se queixou ela, e ele riu suavemente quando agarrou sua cintura com suas mãos grandes e quase a rodeou.

Adrienne se tensionou quando um cheiro mais irresistível do que seu adorado café atormentou seu nariz. Cheiro de couro e de homem. De poder e proeza sexual. De confiança e virilidade. O cheiro de tudo o que ela tinha imaginado em seus sonhos.

-Ah, meu coração, há um preço- murmurou ele.

-Não tem nenhum coração- ela informou a seu peito.

-Realmente- ele estava de acordo-. Você o roubou. E ontem à noite eu estava de pé a sua frente, agonizando enquanto você o fazia em pedaços.

-Oh, termine.

-Tem provérbios singulares, meu coração.

-Seu coração é uma negra noz insignificante. Seca. Enrugada-. Ela se negou a olhá-lo.

Ele riu.

-Garota, me manterá divertido por muito tempo em meus anos de velhice.

-Café- murmurou ela.

-O troll dos impostos deve receber algo.

-E claramente o que deseja o troll dos impostos?

-Esta manhã, é simples. Nos outros dias não sei o que pode ser. Hoje o seu café lhe custará somente um pequeno beijo.

-Pensa trocar regularmente café por beijos?- exclamou ela, incrédula. E a despeito de si mesma, inclinou sua cabeça para atrás e encontrou seu olhar. Bem, quase. Seus olhos se sujeitaram e sustentaram aproximadamente três polegadas embaixo

desses olhos, em seus lábios perfeitamente esculpidos. Os lábios de um homem não deviam ser tão bem formados e desejáveis. Ela se esqueceu do café quando pensou em degustá-los, e seus joelhos traidores começaram a cambalear-se de novo.

-Vamos- animou ele.

O bastardo. Sabia que ela queria beijá-lo.

-Sei que não quer, garota, mas deve fazê-lo se quiser o seu café.

-E se não o fizer?

-Não consegue o seu café-. Ele encolheu os ombros-. Realmente, é um preço pequeno a pagar.

-Não creio que isto seja realmente o que a sua mãe tinha em mente.

Ele riu, um misterioso, sensual sussurro, e ela sentiu que seus mamilos se endureciam. Deus do Céu, era perigoso.

-Minha mãe é meio responsável pela minha forma de ser, por isso não a ofereça ainda para a santidade, meu coração.

-Deixa de chamar-me de "*meu coração*". Tenho um nome.

-Sim, e é Adrienne Douglas. Minha esposa. Alegre-se de que procure somente um dom por um dom, e não tome simplesmente o que é meu por direito.

Ela agarrou sua mão rápida como um relâmpago e depositou o beijo requerido nela, então a soltou.

-Meu café- exigiu.

Os olhos escuros de Hawk pareciam ferver a fogo lento com uma sensualidade impaciente.

-Obviamente, garota, há muito que preciso ensinar-lhe sobre beijar.

-Eu sei beijar!

-Oh? Talvez devesse demonstrá-lo novamente, porque se essa é sua idéia de um beijo, terei que exigir um dom mais generoso-. Ele lhe sorriu, seu lábio inferior encurvado convidativamente.

Adrienne fechou os olhos para escapar a visão de seus lábios perfeitos e compreendeu, no momento em que suas pálpebras trêmulas se fecharam, que havia cometido um sério erro tático. Hawk pousou as mãos sobre seu rosto e a empurrou contra a parede, capturando-a com seu corpo poderoso. Os olhos de Adrienne se abriram instantaneamente

-Não fechei os olhos para que me beijasse!- exclamou ela, mas sua rejeição perdeu força quando encontrou seu olhar. Seus intensos olhos de ébano agitaram sua imaginação, fazendo-a desejar dolorosamente aceitar o prazer que ele lhe oferecia, mesmo sabendo que não devia. Adrienne tentou livrar-se de seu domínio, mas as mãos em seu rosto eram firmes.

-Hawk! Não penso...

-Sim, o faz, garota, e muito- interrompeu ele, seu olhar semicerrado zombando-. Assim, deixe de pensar por um momento, ok? Só sinta-. Ele a beijou rapidamente e aproveitou que seus lábios ainda estavam abertos num protesto. Adrienne empurrou seu peito, mas ele não prestou atenção a sua resistência.

Hawk enterrou as mãos em seus cabelos e inclinou a cabeça de Adrienne para trás para beijá-la mais profundamente, explorando sua boca com a língua. Seus lábios eram exigentes, seu abraço possessivo e firme, e quando apoiou seus quadris contra seu corpo, foi insistente, indubitavelmente masculino. Desafiou-a com seu beijo, exigindo sem palavras que ela reconhecesse a tensão e o calor que existia entre ambos, um calor que era capaz de incinerar um coração terno ou soldar dois corações num só. O desejo estremeceu tão intensamente através dela que gemeu, desconcertada e assustada. Adrienne soube que era perigoso desfrutar seu tato, era muito arriscado permitir o que certamente poderia voltar-se um prazer viciante.

O polegar de Hawk brincou no canto de sua boca e a pressionou para rendê-la completamente a seu domínio. Excitada, curiosa, desvalida para resistir-se, Adrienne se rendeu. O beijo com que ele a premiou a fez tremer; era um beijo que garantia despojá-la de suas defesas.

E então onde estaria ela? Vulnerável de novo, idiotizada por um homem charmoso novamente.

As mãos de Hawk escorregaram do cabelo de Adrienne até rodear seus seios, e a umidade resultante entre suas coxas a assustou com a súbita consciência de que tinha perdido o controle. Adrienne deu puxões, determinada a não ser simplesmente outra das conquistas desse mulherengo desavergonhado.

-Deixe-me ir! Disse um beijo! Isto não era parte do trato!

Hawk se tensionou. Atirou sua cabeça para trás, suas mãos fortes ainda moldando seus seios, e procurou intensamente seu rosto, quase irritado. Qualquer um que o visse, poderia dizer que ele não estava satisfeito. Não estava satisfeito absolutamente.

Examinou-a com os olhos muito abertos por mais algum tempo, então lhe voltou as costas largas e tirou um punhado de grãos de café.

Adrienne esfregou irritada seus lábios, como se pudesse assim tirar o demorado, inesquecível prazer de seu tato. Quando terminaram na despensa e caminharam pelo longo corredor em silêncio e negando-se a olharem-se, Hawk envolveu os grãos num tecido e os guardou em seu *sporrán*.

Somente fora do grande hall se deteve e, como atada a um fio invisível, ela deteve seus passos também.

-Diga-me o que sentiu- ordenou baixinho, ainda sem olharem-se. Ela estudou no chão os redemoinhos de pó enquanto ele estudava as teias de aranha do teto.

-Sentir o que?-. Ela mal pôde impedir que sua voz se quebrasse. Um beijo pode construir um sonho sobre um homem atrativo?

Ele a puxou contra seu corpo; impassível quando ela afastou o rosto. Hawk baixou sua cabeça e espalhou beijos nas curvas altas de seus seios, onde empurravam contra o decote amplo de seu vestido.

-Pare!

Ele levantou a cabeça, um rosnado escurecendo seu rosto.

-Diga-me que sentiu também!

O momento flutuou, cheio de possibilidades. Esticou-se em incerteza e, frente ao medo de Adrienne, dissolveu-se.

-Eu? Estava pensando em Adam.

Como podiam mudar os olhos de um homem de uma intensidade ardente para frios círculos em menos de um segundo? Como podia transformar-se um rosto aberto tão impenetrável? Um rosto nobre pôr-se tão selvagem?

-Na próxima vez que for o bastante tonta para dizer isso depois de eu tê-la tocado, não serei responsável por minhas ações, garota.

Adrienne fechou os olhos. *Esconda-o, esconda-o, não lhe permita ver como a afeta.*

-Não haverá uma próxima vez que me tocará.

-Haverá uma próxima vez todos os dias, Adrienne Douglas. Pertence-me. E só posso ser empurrado até um limite. Adam pode ser enviado para longe. Tudo pode ser enviado para longe. O café pode desaparecer. Eu controlo tudo o que quer. Posso ser muito bom com você se estiver desejosa de prová-lo. A única coisa sobre a qual não posso negociar é Adam. Porque está ansiosa de prová-lo comigo, e tudo o que peço é que abandone Adam e nunca me diga o seu nome. Se pode conceder-me esse pequeno dom, eu não exigirei muito pelo preço do seu café a cada manhã. E lhe prometo que não o farei muito alto.

Um beijo era um preço muito alto. Excessivamente perigoso em si mesmo.

-Mas que direito...

-Porque posso. Isso é bastante simples.

-Força bruta.

-Não se preocupe tentando fazer-me sentir culpado. Pergunte a minha mãe. Não funciona.

Bem, bem. Nenhum cavalheirismo aqui, notou ela. Mas apesar de tudo, o trato que ele oferecia era mais razoável do que outras milhões de alternativas. Ele podia exigir todas as suas prerrogativas maritais em lugar de um pequeno beijo a cada manhã. Ela poderia sobreviver a isso.

-Um beijo a cada manhã? Isso é tudo o que procura desde de que eu não mencione Adam? E eu consigo meu café todos os dias?

-Deixe de fora a Adam. Não me permita encontrá-la perto dele. Não me diga o seu nome.

-Por um beijo a cada manhã?

-Por um dom a cada manhã.

-Isso não é justo! Qual é o dom?

Ele riu.

-Quem lhe disse que a vida era justa? Quem a enganou tão penosamente? E considerando que estamos casados e a alternativa a minha amável oferta é compartilhar plenamente os privilégios conjugais, que ganha discutindo sobre a justiça?

-Bem, poderia fixá-lo um pouco mais baixo para minha paz mental! Por outro lado eu acordaria temendo coisas terríveis e desconhecidas.

Seu rosto se escureceu.

-Procuro dar-lhe prazer carnal e ela me diz "*coisas terríveis e desconhecidas*" - disse ele amargamente.

-Não quis dizer algo assim - ela começou a dizer, odiando as linhas amargas marcadas sobre seus olhos. Ela as tinha colocado ali. Mas para sua própria segurança, tinha que as manter ali, e se calou rapidamente.

Ele não a ouviu no entanto, apanhado em seus próprios pensamentos negros enquanto olhava ao longe.

Bem mais tarde, quando desapareceu por um lado, ela recordou de seus grãos de café solitariamente. Estavam envolvidos nessa bolsa que ele levava ao redor de seus quadris. E havia fechado com chave a despensa.

Uma ducha. Era isso. O que Adrienne não daria por trinta minutos de vapor rodando em nuvens espessas, uma rica espuma de sabão de aveia, os xampus, os óleos e uma felpuda toalha branca para enxugar-se.

Proporcionou cuidadosa atenção ao embelezar os matizes mais finos de sua fantasia sobre o chuveiro para manter sua mente afastada dele enquanto localizava os jardins. Encontrou-os atrás do castelo; tinha que passar através das cozinhas para chegar ali, ou andar todo o caminho ao redor do castelo, e todo o caminho ao redor era um passeio muito longo.

-Bem, empurre um pouco mais o seu pequeno nariz, direi. Me agradaria ver a nossa nova senhora completamente - uma voz chamou de dentro da cozinha.

Adrienne caminhou, curiosa. A cozinha era exatamente o contrário do que havia imaginado que existia nesses longínquos tempos. Era grande, bem desenhada e limpa. O foco central do aposento era uma lareira de colunas maciças que oferecia uma abertura em cada lado e quadruplicava as áreas de cozimento. Uma chaminé de pedra subia até uma abertura no alto teto. Numa inspeção mais cuidadosa, ela compreendeu que a cozinha fora construída como uma recente adição ao próprio castelo, desenhada para ser arejada e dando boas saídas. Janelas alinhadas nos dois perímetros da parede, estantes de carvalho brilhante rodeavam o área inteira, e os pisos eram de pedra cinza mais pálida. Nenhuma comida apodreceria ali, nenhum roedor ou bicho; essa cozinha antiga rivalizava com a sua própria cozinha em sua casa do século XX, exceto que não tinha lava-louças. As escadas desciam às despensas, as despensas eram diretamente encaixadas nas alcovas, e além das janelas abertas, estavam os jardins luxuosos. Nas soleiras, assentavam-se frascos diminutos de ervas e especiarias.

-Achou nossa cozinha agradável?

Adrienne assentiu, impressionada, e voltou sua atenção ao homem sorridente. Era alto e moreno, com um corpo delgado e antebraços que se uniam pesadamente, com músculos por manejar uma espada ou trabalhar com suas mãos. Seu cabelo escuro

e a barba fechada estavam ambas salpicadas com prata, e quando os olhos cinza claro se encontraram com os seus, chuviscaram com curiosidade e recepção.

-Hawk a desenhou. De suas viagens. Dizia que tinha visto maravilhas para fazer a vida mais agradável, e as usou todas para melhorar Dalkeith, direi.

O *laird* do castelo esteve nas cozinhas?

-Ele cortou as estantes e construiu os armários. Agrada-lhe trabalhar com a madeira. Ocupa suas mãos, diz. Se bem que onde encontra tempo, está além do que entendo, direi-. O homem revirou os olhos e cruzou as mãos por trás de sua cabeça, apoiando sua cadeira numa poça de sol que se vertia da janela-. Meu nome é Tavis, milady- ofereceu ele-. Contente de estar dando-lhe as boas vindas.

-Sou *Mad Janet*- disse ela em contestação a sua bondade.

-Não sei muito sobre isso de louca, mas Lydia gostou de você e ela é uma mulher que entende de pessoas, direi.

Adrienne deu outro passo na cozinha; seus olhos passearam pelo quarto admirando a criação simples de como que foi desenhado. Tudo ordenado e facilmente acessível.

-Lydia está lá fora- a animou Tavis-. Ela a espera faz algum tempo, direi-. Ele pestanejou em sua direção-. Não permita a estes Douglas pressioná-la, milady. São pessoas teimosas, obstinadas, mas com corações do mais puro ouro. Não encontrará outros como os Douglas em toda Escócia. Bem-vinda, direi, e se precisar de algo, só tem que procurar a Tavis do curtume-. Ele encurvou suas mãos fortes-. Ainda faço as peles mais suaves deste lado de Uster. Talvez também do outro-. O orgulho brilhou em seu sorriso quando ele a empurrou suavemente para a porta.

Adrienne caminhou na luz do sol e respirou tão profundamente como pôde. Madressilva, um cheiro querido de sua primeira juventude. Os botões de ouro pousavam sua beleza dourada sob as janelas a sua direita e a esquerda. Lavanda no ar, rosas *rugosa*, e outro cheiro rico e argiloso que se esforçou em identificar. Ouviu o barulho da água caindo numa cuba. Uma fonte? Seguindo o som, Adrienne caminhou sobre os caminhos de pedra através de magníficos arbustos de rododendros, anêmonas vistosas, campainhas azuis e miosótis.

As pedrinhas do caminho disparavam em todas as direções por sob seus passos, mas o som da água guiou Adrienne seguramente. Lady Lydia estava sentada na plataforma de uma fonte de pedra, elevado quatro degraus, mais alto do que a sua cabeça. Um golfinho de pedra de tamanho real se balançava em cima da fonte, apanhado num meio salto, o água jorrando de seu focinho aberto.

-Magnífico- suspirou Adrienne, e Lydia se voltou para saudá-la com um sorriso, dando-lhe as boas vindas.

-Meu filho realmente é o inventor-. O orgulho era evidente em cada linha terna de seu rosto.

-Fez isto também?-. Adrienne fez uma careta.

-A maioria dos aspectos inusitados de Dalkeith são obra de meu filho. Quando viajava, procurava os segredos mais avançados dessa civilização para trazer para sua gente.

-Quando viajava pelo mundo com formosas companheiras de cama- Adrienne interrompeu amargamente, recordando as palavras das criadas de Comyn.

Lydia ergueu sua cabeça, um reflexo divertido nos olhos.

-Isso é o que dizem?

-Isso é o que ele fez?

-Por que não se pergunta a ele? Mas pensa bem nisto, Adrienne. Quantas pessoas que não a conhecem bem falam de você?

-Ponto- concedeu Adrienne, esperando que Lydia nunca descobrisse seu passado.

-*Mad Janet*- observou Lydia suavemente-. Não me parece nem um pouco louca para mim. Por que a mantinham os Comyn trancada com chave nessa torre?

Adrienne recitou as palavras que tinham marcado a golpes no dia de seu casamento.

-Eu era muito formosa para arriscar-me a ser vista até por seus próprios homens. Assim disseram-. Acrescentou suas próprias palavras sem pensar-: A verdade é que nunca me senti dessa maneira.

Lydia ofegou.

-Nunca se viu num espelho?

-Lógico que sim. Mas mesmo assim, nunca me senti dessa maneira.

-Igual a Hawk, creio- comentou Lydia-. Disse-me uma vez que só soube que era bonito devido à maneira com que as mulheres se preocupavam com trivialidades sobre ele. Que se as mulheres não tivessem feito semelhante alvoroço, ele teria considerado a si mesmo razoavelmente asseado e limpo.

-Razoavelmente asseado e limpo?- disse Adrienne incredulamente-. O homem é perfeito da cabeça aos pés! Faz a David, os deuses gregos e Pan parecerem desproporcionados. Ele é sexo cru numa garrafa, aberta. E alguém deve fechá-la! Ele é... acck! Bah!- balbuciou Adrienne, gaguejando quando compreendeu suas palavras tardiamente. Lydia estava rindo tão forte, que as lágrimas nublavam seus olhos.

Quando Lydia pôde recuperar a respiração, deu um suspiro alegre.

-Bem, é um alívio. Não estava segura de que você fosse indiferente. Ele pensa que você é. Não se preocupe. Será nosso pequeno segredo, querida Adrienne, e sente-se ao meu lado para que possa dizer-lhe quão feliz estou de que esteja aqui. Só sinto não ter estado para dar-lhe boas vindas apropriadas quando chegou. Pelo que ouvi, todos foram bastante terríveis.

Adrienne se encontrou querendo precipitar-se para a coisa mais parecida aos braços maternos que conheceu em sua vida. Escorregaria seu coração endurecido através do gelo traiçoeiramente fino? Se atreveria ela? Ou não?

Por trás dos vermelhos arbustos de rododendros, uma sombra retrocedeu. *A odeio! A odeio!* A mão de Esmeralda tremeu quando levantou o tubo, então o sustentou firmemente. Despacharia ao inimigo e acabaria seu tormento. Enrugou seus lábios ao redor da boca do tubo e manteve nivelado o diminuto instrumento de morte. Fez uma respiração profunda e forçou um estalido afiado de ar de seus lábios firmes. Um dardo diminuto fez erupção desde o extremo, tão pequeno como o ferrão de uma abelha. Esmeralda olhou como o dardo voou para enterrar-se na carne pálida do pescoço de Adrienne. Sorriu com satisfação quando Adrienne bateu brevemente na ferida, como espantando um irritante mosquito. Esmeralda se esforçou para observar bem: podia ver a calda reluzente do dardo no pescoço de Adrienne enquanto falava com Lydia. Feito. Sua tarefa estava cumprida.

-Onde está o seu marido, Lydia?- Adrienne bateu em seu pescoço-. Mosquitos? Já?

-Temos nossa quota. Essa é a razão para os tules nas camas durante esta estação. Um pouco de menta parece mantê-los longe. Eu encho alguns dos meus bolsos e envolvo uma folha ou duas em meu corpete-. Ela lhe ofereceu algumas de suas próprias folhas e Adrienne as aceitou agradecida-. Quanto a meu marido... - os olhos se embaçaram, sonhadores-. Esse homem impossível me deixou faz mais de trinta anos. Morreu justo depois que Hawk nasceu.

-Como?- Adrienne limpou sua frente com o reverso da mão. O sol estava de repente muito quente.

-Numa batalha para o rei, e a sua morte fez um compromisso, ou isso é o que o Rei James disse, de quinze anos da vida de seu filho à serviço da Coroa, em troca da proteção do rei sobre Dalkeith. De fato, o serviço de Sidheach só acabou recentemente.

Adrienne enrugou sua testa com confusão. As flores luminosas de Lydia se fundiram de repente num ofuscado banho de cor.

Lydia explicou pacientemente:

-Dalkeith é um rico torreão. Não havia nenhum homem para proteger-nos quando meu marido morreu. Eu fiquei com um pequeno herdeiro de dois meses. Se meu marido fez a promessa realmente ou James a inventou, nunca saberei. Duvido que meu Douglas tivesse comprometido a nosso filho ao Rei James de qualquer maneira, mas alguém raramente ganha um argumento contra um rei. Eu não estava pronta para casar-me novamente, minha dor por meu marido era profunda. Os homens do rei protegeram Dalkeith até que eu deixei meu luto de viúva e voltei a me casar. Mas James nos deu sua proteção com a condição de que Hawk se apresentasse em Edimburgo em seu décimo oitavo aniversário, e por quinze anos de lealdade, ou *fealty*. Como declarou que meu marido lhe tinha prometido.

-Não acredita que seu marido comprometesse a Hawk?- perguntou Adrienne, enquanto sua visão começava a nublarse. Pestanejou um momento e clareou-se.

O rosto encantador de Lydia permaneceu pensativo, e por um longo momento pareceu não poder dar uma resposta à pergunta. Adrienne poderia ver o desfile de recordações a sua frente, alguns bons, alguns evidentemente dolorosos.

-Meu Douglas foi a segunda oferta de matrimônio que recebi, Adrienne.

-E a primeira?- perguntou Adrienne, balançando as pontas dos dedos no água fresca, doce da fonte e salpicando depois umas gotas em suas têmporas.

-Do Rei James.

-Ah! Um homem desdenhado.

-Decididamente desdenhado. E nem sequer um pouco perdoado. O Rei James se apaixonou por mim e não podia dissuadi-lo. Era meu décimo sexto verão, e eu estava na corte com sua mãe, Althea. Recebemos muitas ofertas de matrimônio nessa temporada, e James era um de meus admiradores mais ardentes. Eu não o levei muito a sério, ele era, antes de tudo, o rei. Só mais para frente foi que descobri quão sério era, mas era demasiado tarde. Eu me apaixonei por Douglas quando era ainda uma menina. E Douglas... bem, só direi que era um trabalho fácil persuadi-lo-. Os olhos verdes cintilaram com carinhosas recordações.

-Assim o rei odeia a Hawk porque desdenhou sua oferta de casamento? Isso parece incrivelmente infantil.

-Ele o é. James foi estragado desde o momento em que nasceu. Foi convencido, mimado e mal acostumado. Quando estive em idade de se casar, estava irremediavelmente malcriado. Nunca tinha ouvido a palavra *não* em toda a sua vida e também não tinha nenhuma intenção de ouvi-la. Achou absolutamente incompreensível que uma mulher escolhesse ser a esposa de um simples conde quando podia ser a rainha de toda a Escócia.

Adrienne pensou brevemente sobre a realeza de seu tempo. Quanto haviam sacrificado quaisquer pessoas para ser princesa o rainha algum dia. Lydia fez uma sábia escolha quando se casou por amor.

-O que o destruiu para valer foi o fato de que foi bastante tonto para anunciar a sua corte que eu ia ser sua rainha, mesmo depois de eu ter recusado suas propostas em várias ocasiões. Casei-me com meu Douglas no dia seguinte a sua '*proclamação*', ainda que não soubéssemos que o rei realmente anunciou publicamente suas intenções até semanas depois, quando as notícias finalmente chegaram a Dalkeith. Meu marido disse que tínhamos feito um inimigo poderoso nesse dia, mas creio que nenhum de nós soube quão verdadeiramente vingativo podia ser. Suspeito que há muitas coisas sobre seu serviço a James das quais Hawk nunca falará. Se murmura que James o manteve sob ameaça de destruir Dalkeith a não ser que Hawk obedecesse a cada um de seus desejos-. Sua voz desceu a um sussurro confidencial-. Hawk não sabe, mas solicitei uma audiência com James, pouco depois que comecei a ouvir histórias sobre a sua servidão. Lhe pedi que abandonasse sua petição por meu filho-. Os olhos de Lydia se nublaram-. Ele riu e me disse que se eu tivesse me casado sabiamente, Hawk teria sido o filho do rei em lugar de servente do rei.

Adrienne esfregou seu pescoço e pestanejou duramente. Sua visão estava nublando-se alarmantemente e sua cabeça estava golpeando com ferocidade.

-Humilhação pública- disse densamente-. Nunca encontrei um homem que recebesse isso bem.

-Creio que também por isso James pediu que Hawk se casasse sob suas ordens- continuou Lydia suavemente-. Somente uma outra maneira sutil de prolongar a sua vingança. Creio que quase se sentiu enganado com morte de meu esposo, e me perguntei com frequência o que poderia ter-nos feito se meu marido tivesse vivido mais tempo. O que um homem amargo como ele poderia fazer-. Lydia agitou sua cabeça-. Alegro-me de que seja você, Adrienne. O rei odiaria se soubesse quão encantadora e sã realmente é. É exatamente o que precisava Hawk. Nenhuma garota tímida, ou simplesmente confusa, mas uma mulher com verdadeiro tempere e profundidade.

Adrienne se ruborizou de prazer. O calor aumentado fez coisas alarmantes em sua cabeça.

-Disse que se casou de novo. Tem outros filhos?- perguntou, tentando aferrar-se à essência da conversa desesperadamente.

O sorriso voltou ao rosto de Lydia.

-Oh, sim. Adrian e Ilyse. Estão na França com minha irmã, Elizabeth. Em sua última carta ela me advertiu que Adrian está tornando-se um malandro incorrigível e que quase perdeu o interesse em civilizar a Ilyse-. Lydia riu-. Ilyse pode ser um pouco voluntariosa e imanejável em alguns momentos. Ela lhe agradaria.

Adrienne não sabia como agir, então não fez comentários. Além do que, não estava, definitivamente, sentindo-se bem. Sua visão agora era dupla, seu estômago uma agonia de retorções, e sua boca estava seca, como que cheia de chumaços de algodão. Ela se esforçou em engolir.

-Wallah hubbah hah?- grasnou.

-Adrienne?- Lydia a olhou fixamente, com preocupação-. Adrienne!-. Pôs uma mão contra a testa da mulher mais jovem-. Está ardendo!

Adrienne gemeu quando caiu para frente e se esparramou no caminho empedrado com seixos.

-Hawk!- gritou Lydia.

CAPÍTULO 9

-Veneno.

O rosto de Hawk era austero e impenetrável. Estudou o dardo diminuto que o velho curandeiro tinha posto no tecido cuidadosamente.

-*Callabron*-. O curandeiro passou seus dedos através de sua longa barba branca e se levantou de uma cadeira ao lado de Adrienne.

Hawk gemeu. O *Callabron* não era um veneno gentil. Continha uma toxina viciosa e lenta, que causaria dor prolongada durante dias antes que acabasse devagar na morte por sufocação, quando a toxina paralisasse o corpo.

Hawk sabia que não havia nenhuma cura. Ouviu falar do veneno durante seu serviço ao Rei James. Se murmurava que custou a vida de muitos irmãos reais: quando se procurava eliminar a um futuro rei, não se arriscava com um veneno que pudesse falhar. Hawk deixou cair a cabeça entre as mãos e esfregou furiosamente os olhos doloridos e nublados. A intensidade do calor das altas chamas não estava ajudando. Mas o calor a aliviaria, disse o curandeiro. Poderia aplacar a febre. Mesmo assim... ela morreria.

Toma-me a mim, somente salva a ela!, desejou Hawk com todo seu coração.

-Podemos aliviar sua dor. Há coisas que eu posso dar-lhe...- disse o curandeiro suavemente.

-Quem?- rosnou Hawk, ignorando ao ancião-. Quem desejaria fazer isto? Por que matá-la? O que ela fez?

O curandeiro retrocedeu e manteve os olhos fechados.

Na porta, Lydia aspirou numa respiração elaborada.

-É *Callabron*, então?

-Sim. A pele se tingiu de negro ao redor da abertura, e essas linhas verdes pálidas saem dele. É a mordedura mortal do *Callabron*.

-Não posso perdê-la, Hawk- suplicou Lydia.

Hawk levantou a cabeça de suas mãos vagarosamente.

-Mãe-. A palavra era uma súplica desesperada, por ela e por si mesmo. Sua mãe a cuidaria melhor. Mas ele sabia que ela não podia ajudá-la.

-Alguns dizem que é mais humano acabar com o sofrimento no principio- ofereceu o curandeiro muito suavemente, sem encontrar o olhar de Hawk.

-Basta!-. Hawk impôs silêncio com um grito-. Se tudo o que pode trazer é escuridão e condenação, então vá embora!

O orgulho e a indignação endureceram as costas do curandeiro.

-Milorde...

-Não! Não quero nada! Nós não a mataremos! Ela não morrerá!

-Talvez os *Rom* poderiam conhecer alguma cura- sugeriu Lydia suavemente.

O curandeiro resfolegou desdenhosamente.

-Lhe asseguro, milady, que os *Rom* não conhecem nada do estilo. Se eu lhe digo que não há nenhuma cura, pode estar segura de que ninguém pode curá-la. Esse bando de vadios assassinos, ladrões, e *dedos ligeiros* não podem certamente-. O velho curandeiro encontrou abruptamente o olhar sombrio de Hawk.

-Seria bom tentarmos-. Hawk estava de acordo com Lydia.

-Milorde!- protestou o curandeiro veementemente-. Os *Rom* não são mais do que andrajosos ilusionistas! Eles estão...

...acampando em minhas terras- cortou-o Hawk severamente-, como fizeram por mais de trinta estações, com minha bênção, assim guarda bem a sua língua, ancião. Se está tão seguro de que não sabem nada, por que deve preocupar-se se vêm?

O curandeiro sorriu com desprezo.

-Não creio que as danças selvagens e os cantos e o cheiro de sujeira de algumas coisas mumificadas de sabe lá o que, sejam bons para meu paciente- alfinetou.

Hawk resfolegou. Era óbvio que o curandeiro não sabia nada sobre os *Rom*, o orgulhoso bando de pessoas que fugiam de país em país procurando só a liberdade para viver onde eles escolhessem. Como tantos que tinham se atrevido a lutar pelo que acreditavam, freqüentemente eram mal entendidos e temidos. A tribo cigana que acampava em Dalkeith era uma comunidade estável de pessoas talentosas e sábias. Ainda que discutivelmente supersticioso, Hawk tinha encontrado muitos de seus "*instintos*" precisos.

Mas esse curandeiro, como tantos outros, tinha medo do que era diferente e então o condenava. A ignorância se traduzia em medo, que rapidamente se transformava em perseguição. Hawk lançou um intenso e duro olhar ao ancião e grunhiu:

-Algo que poderia curar a minha esposa seria bom para ela. Não me preocupa se se mumificam cérebros de sapos. Ou mumificaram cérebros de curandeiros, se vamos ao caso.

O curandeiro fechou a boca e fez um rápido sinal da cruz.

Hawk esfregou seus olhos e suspirou. Os *Rom* eram tão boa chance como qualquer outra. Ordenou a um guarda da porta despachar rapidamente um mensageiro ao acampamento.

-Creio que está cometendo um grande erro, milorde.

-O único erro que está se cometendo neste quarto é que está abrindo sua boca de novo- rosou Hawk.

O curandeiro se ergueu furiosamente, suas velhas articulações estalando em protesto. Com os lábios franzidos, tirou um frasco de pedra selado com cera e firmemente tampado de dentro de sua túnica. O pôs na lareira; então com a audácia e a temeridade adquirida por aqueles que sobreviveram as pragas, fome e guerras para atingir uma velhice avançada, o curandeiro se atreveu a acrescentar:

-Poderia escolher usá-lo quando seus *Rom* falharem. Porque falharão- antes de fugir do quarto numa agitação de rangido de articulações e membros delgados.

Hawk agitou sua cabeça e olhou pensativamente à mulher estremecendo-se na cama. Sua esposa. Sua esposa agonizante, encantadora, orgulhosa, tempestuosa. Ele se sentia absolutamente desamparado.

Lydia cruzou o quarto e puxou a cabeça de seu filho para o consolo de seu peito.

-Hawk, meu doce Hawk- murmurou ela, com esses sons sem sentido que só uma mãe conhece.

Um longo momento se passou, então Hawk tirou sua cabeça. Se ele não podia oferecer consolo a sua esposa, ele não aceitaria consolo de sua mãe.

-Diga-me de novo exatamente o que se passou nos jardins.

-Vêem, doce prostituta- ordenou Adam, e Esmeralda obedeceu.

Ela estava agora além da redenção. Esmeralda sabia quem era Adam Black ao ir para ele. Sua gente sempre o soubera, e lembravam de ser cautelosos. Particularmente ao tratar com ele: incitar sua ira, ou meramente tornar-se foco de sua atenção, poderia ser a taça da morte para uma nação inteira. E ainda que esse poder fenomenal inspirasse imenso terror nas veias de Esmeralda, também era um afrodisíaco irresistível.

O que o tinha trazido ali?, perguntou-se ela. Foi seu último pensamento coerente quando ele começou a fazer essas coisas em seu corpo que a deixavam louca. Seu rosto estava escuro de paixão sobre ela, dourada na luz ambarina do fogo sob o sorveiro. O cheiro de sândalo e jasmim subiu da terra fumegante ao redor deles. Mal amanhecia quando ela pôde finalmente arrastar-se de sua forja.

Adam estalou seus dedos e considerou sua estratégia enquanto olhava à mulher vacilante sair de sua loja com pernas débeis.

-Piadista!

A palavra veio repentinamente, áspera e condenatória.

Adam se tensionou.

-Chamou-me, meu Rei?- perguntou, dirigindo-se a seu amo invisível.

-O que fez desta vez, Adam?

-Estava fazendo minhas coisas com uma moça cigana, já que pergunta. O que se sucede?

-A Bela está agonizando.

-Adrienne?- se sobressaltou Adam-. Não. Não por minha mão.

-Bom, resolva-o!

-De verdade, meu Rei, eu não tive nada a ver com isso.

-Não me preocupa. Resolva-o. Nossa Rainha ficaria furiosa se arriscássemos o Pacto.

-O resolverei. Mas quem procuraria ver morta à Bela?

-É o seu jogo, Piadista. Executa-o mais cuidadosamente. Já a Rainha pergunta por você.

-Ela sente minha falta?- se regozijou Adam por um momento.

Finnbheara resfolegou.

-Pode tê-la agradado no passado, mas eu sou seu Rei.

Adrienne estava ardendo. Presa a uma estaca, como uma bruxa antiga capturada entre uma montanha de madeiras chamejantes, enquanto os aldeões olhavam placidamente. *Ajudem-me!*, rogou através dos lábios ressecados quando se contraiu na fumaça flutuante. Estava se afogando, sufocada, e então sentiu a sensação horrorosa de mil formigas de fogo que punham-se a correr freneticamente vez por outra sob sua pele.

Ela ignorava que Hawk lavava com esponjas sua frente, banhando seu corpo com tecidos frescos, e envolvendo-a em sedas suaves. Ele empurrou mechas úmidas de cabelo de sua frente e a beijou suavemente. Atiçando o fogo, regressou rapidamente para descobri-la revolvendo-se com violência contra o casulo cômodo de cobertores que o curandeiro tinha assegurado poderia aliviar sua febre.

O desespero o absorveu, mais brutal e selvagem do que a mais feroz tormenta das Highlands.

Um gemido primitivo escapou de seus lábios quando Hawk olhou os arranhões perversos de sua pele, onde ela tinha se coçado num esforço vão por suavizar o ataque da besta feroz que a febre teria conjurado para atormentá-la. Ela se coçaria até ficar em carne viva se não a detivesse, e no entanto, não podia ainda atar as suas mãos como o curandeiro havia recomendado. Uma visão dela debilitando-se contra as ataduras flutuou através dos olhos de sua mente, e engoliu um uivo amargo de fúria impotente. Como poderia empreender ele a guerra contra um invasor invisível que não tinha nenhuma vulnerabilidade conhecida? Como poderia derrotar ele um veneno que não tinha nenhuma cura?

Fez uma pausa somente de um pulsar de coração antes de arrancar a camisa de seu corpo e dar pontapés para tirar as botas. Vestido só com seu *kilt*, subiu à cama e se envolveu ao redor dela, apertando as costas da moça contra ele firmemente.

-Adrienne!- amaldiçoou bruscamente quando a acalentou em seus braços. Como poderia sentir tanta dor por uma suposta estranha? De onde saía esse sentimento de que eles deviam ter tido mais tempo?

Apoiou suas costas contra a parede e a acalentou entre suas pernas, seus braços envolvendo-a firmemente enquanto ela se agitava e estremecia, seu queixo descansando sobre a cabeça dourada.

Na profunda noite a febre atingiu seu ponto máximo, e ela falou e chorou lágrimas prateadas.

Nunca saberia que ele as beijou, uma por uma.

Nunca saberia que ele escutou com um coração dolorido quando chorou por um homem que não a merecia, e que ele desejou com todas suas forças ter sido o primeiro homem que ela havia amado.

Ever-hard³ Darrow Garrett. O bastardo que rompeu o coração de sua esposa.

Que tipo de escocês que se respeitasse a si mesmo se chamaria Ever-hard?

Nas primeiras horas do alvorecer, Hawk tocou o ébano liso da peça de xadrez que Grimm lhe deu, e que Adrienne perdeu em seu delírio. Ele a estudou e se perguntou por que essa peça do jogo era tão importante para que, quando estava morrendo, procurasse-a tão desesperadamente nos corredores ardentes de sua mente.

Foi a comoção que o acordou, arrastando-o de um profundo e insone sonho. Negando-se a abrir os olhos, sentiu o ambiente primeiramente com seus sentidos. Condenação, ela ainda estava ardendo! Mais quente, se fosse possível. Sua esposa de poucos dias morria em seus braços. O que o tinha acordado? Era o *Rom*, finalmente, que tinha chegado?

-Permita-me passar!- a voz do ferreiro trovejou além da porta fechada, bastante ruidosamente para sacudi-la. Hawk acordou totalmente. A voz desse homem fez com que seu corpo se preparasse para a batalha.

-Hawk o matará, homem- zombou Grimm-. Não lhe agradecerá que tenha vindo, e não está de bom humor.

Hawk assentiu, de acordo com as palavras de Grimm, e se alegrava de ter colocado um guarda fora do quarto Green Lady. Seria indescritível o que poderia ter feito se acordasse para encontrar ao arrogante ferreiro debruçado sobre ele, em seu presente estado de ânimo.

-Estúpidos! Já disse que posso curá-la- provocou o ferreiro.

Hawk se tensionou no mesmo instante.

-Diz que sou estúpido?- a voz de Grimm rangeu com cepticismo-. Não, um estúpido é quem pensa que há cura para um veneno como o *Callabron*!

-Se atreve a arriscar-se, Grimm?- perguntou o ferreiro friamente.

-Permita-lhe passar- pediu Hawk através da porta fechada.

Ele ouviu o som de espadas como uma facada metálica quando os guardas separaram as folhas cruzadas que estavam obstruindo a entrada ao quarto Green Lady, e então Adam apareceu na porta, enchendo quase por completo o marco.

-Se veio aqui pensando brincar comigo, Adam Black, vá antes que derrame o seu sangue e o veja escorrendo em meu chão. Seria uma distração pequena, mas me faria sentir melhor.

-Por que a sustenta dessa maneira? Tão perto, como se a amasse?

Hawk apertou seus braços ao redor dela.

³ Jogo de palavras. Eberhard se pronuncia como Ever-Hard, sempre-duro. (Nota da tradutora).

-Está morrendo.
-Mas mal a conhece, homem.
-Não tenho nenhuma razão para que faça sentido. Mas me nego a perdê-la.
-Ela é formosa- ofereceu Adam.
-Conheci a muitas mulheres formosas.
-Ela é mais formosa do que as outras?
-Ela é mais do que as outras-. Hawk acariciou sua face suavemente contra seu cabelo-. Por que veio aqui?
-Ouvi que era *Callabron*. Eu posso curá-la.
-Não pense tentar-me com quimeras, ferreiro. Não me traga esperanças falsas ou terminará morrendo ao lado dela.
-Não pense em tentar-me com quimeras, Lorde Hawk- Adam fez eco nitidamente -. Além do que, digo a verdade sobre uma cura.
Hawk estudou o ferreiro um cuidadoso momento.
-Por que faria isso, se pode?
-Me benefício totalmente, lhe asseguro-. Adam se acercou à cama e se sentou na beirada. Estendeu sua mão, então a deteve no meio do movimento ante o olhar no rosto de Hawk-. Não posso curá-la sem tocá-la, temível Hawk.
-Zomba de mim.
-Zombo de tudo. Não tome tão pessoalmente. Ainda que em seu caso particular, significa bastante pessoalmente. Mas nisto, ofereço-lhe a verdade. Eu tenho a cura.
Hawk resfolegou e apertou seus braços protetoramente sobre sua esposa.
-Como pode passar que um simples ferreiro tenha o conhecimento de uma cura inestimável?
-Perde tempo fazendo perguntas enquanto a senhora morre.
-Dê-me-a então, ferreiro.
-Oh, não. Não tão facilmente.
-Agora quem está perdendo tempo? Eu quero a cura. Dê-me-a e vá, se realmente a tem.
-Um dom por um dom- disse Adam categoricamente.
Hawk sabia que isso viria. O homem queria sua esposa.
-Filho de uma cachorra. O que quer?
Adam sorriu aberto, maliciosamente.
-Sua esposa. A salvarei. E a terei.
Hawk fechou os olhos. Devia ter chutado o ferreiro bastardo quando teve a oportunidade. Onde infernos estava o *Rom*, no entanto? Eles deviam ter estado nesse momento em Dalkeith.
O ferreiro poderia curar a sua esposa, ou isso dizia.
O *Rom* poderia não saber nada.
E tudo o que o ferreiro queria em troca de salvar a vida de sua esposa, era a sua esposa.
Cada fibra em seu corpo gritava em desafio. Confiar a essa mulher, deixar seu corpo e sua luxuriosa natureza a mercê de outro homem? Nunca. Hawk forçou seus olhos a abrirem-se e olhou fixamente ao homem chamado Adam. Permitir a esse arrogante, soberbo bastardo ferreiro de levantar seu corpo sobre sua esposa e capturar seus gemidos de prazer em seus lábios? Os lábios do ferreiro ainda agora estavam curvados num sorriso cruel enquanto saboreava a guerra empreendida dentro de Hawk.
Hawk controlou sua cara para demonstrar uma calma impassível. *Nunca atraia seus sentimentos reais. Nunca lhes permita ver o que está pensando quando o ferem no mais profundo*. Quão bem tinha aprendido essa lição do Rei James.
No entanto, mesmo assim, qualquer coisa para que ela pudesse viver.
-Uma mulher não é um dom a ser concedido. Eu a darei se, e só se, ela o desejar- disse ele finalmente. Se ela morresse, ele a perderia. Se ela vivesse, pelo preço de salvá-la, ele a perderia também. Mas então de novo... talvez não. Incapaz de esconder a raiva que sabia devia estar ardendo em seus olhos, ele os fechou de novo.
-Feito. Me dará ela, se ela me desejar. Recorde as suas palavras, Lord Hawk.
Hawk se jogou para trás.
Quando abriu os olhos de novo, Adam estava passando uma mão sobre o rosto de sua esposa. O suor brilhava em gotas transparentes sobre seus lábios e sua fronte. A ferida em seu pescoço estava verde ao redor de sua boca tingida de negro.
-Toca-a, ferreiro, mas para nada mais que curá-la- advertiu Hawk.
-Por agora. Quando ela se curar, a tocarei em todo lugar que ela quiser.
-*"Ela"* é a palavra importante.
Adam pôs sua palma contra a face de Adrienne, estudando intensamente a ferida em seu pescoço.
-Preciso de água fervendo, compressas e uma dúzia de linhos fervidos.
-Traga-me água fervendo, compressas e uma dúzia de linhos fervidos- rugiu Hawk à porta fechada.
-E o quero fora deste quarto.
-Não.
Não tinha mais finalidade na morte que na negativa de Hawk.
-Saia ou ela morre- murmurou Adam, como se dissesse meramente: *Está chovendo, não tinha notado?*
Hawk não moveu um músculo.
-Sidheach James Lyon Douglas, tem alguma opção?- perguntou Adam.

-Conhece todos os meus nomes. Como sabe tanto de mim?

-Meu trabalho é saber muito de você.

-Como sei que não foi você quem disparou algum veneno tenebroso parecido ao *Callabron*, e agora estás falsificando uma cura, tudo simplesmente para poder roubar-me minha esposa?

-Absolutamente-. Adam encolheu os ombros.

-O que?- grunhiu Hawk.

Os olhos de Adam reluziram como pedras duras.

-Não o sabe. Deve fazer uma escolha. Pode salvá-la você a estas alturas, Lorde Hawk? Não acredito. Quais são as suas opções? Ela está morrendo por algo, é simples de ver. Pensa que é *Callabron*, mas não está seguro. Qualquer coisa que seja, está matando-a. Eu digo que posso curá-la e pedir um dom em troca. Que opção tem, realmente? Dizem que toma decisões duras fazendo-as parecer fáceis. Dizem que é um homem que moveria uma montanha sem pestanejar, se quisesse que essa montanha se movesse. Dizem que tem um sentido infalível de justiça, o bom e o mau, honra e compaixão. Dizem, também...-. Adam fez uma careta ante isso-, que é sumamente bom entre os lençóis, ou é o que uma mulher disse, e me ofendeu muitíssimo com isso. De fato, fala-se excessivamente sobre você para meu gosto. Vim aqui para odiá-lo, Hawk. Mas não vim para odiar a esta mulher que reclama como sua esposa.

Adam e Hawk se olharam fixamente, com violência mal contida.

Adrienne soluçou rigidamente e se estremeceu nos braços de Hawk. Seu corpo se convulsionou, depois se tensionou como estivesse numa louca cavalgada. Hawk engoliu duramente. Que opção? Não tinha nenhuma opção, nenhuma opção absolutamente.

-Cure-a- murmurou ele através dos dentes apertados.

-Concede o meu dom?- perguntou o ferreiro.

-Como concordamos. Só se ela te escolher.

-Não colocará nenhuma restrição a qualquer oportunidade que ela escolha para passar comigo. A cortejarei a partir deste dia e não a advertirá sobre mim. Ela é livre de ver-me quando quiser.

-Eu estou cortejando-a também.

-Esse é o jogo, Hawk- disse Adam suavemente, e Hawk entendeu finalmente. O ferreiro não queria a sua esposa entregue livremente. Ele queria um concurso, uma batalha por seus favores. Ele queria um desafio aberto, e pensava ganhar.

-Odiará quando eu a arrebatara de você, temível Hawk- prometeu o ferreiro-. Feche a porta ao sair.

CAPÍTULO 10

-Como é possível que as palavras de um homem possam voltar-se contra ele antes que tenha uma oportunidade inclusive de vê-lo regressar e tentar detê-lo, Grimm?

Hawk começou a beber a partir do momento em que fechou a porta atrás de sua esposa e do ferreiro. Estava tentando com determinação conseguir uma dor de cabeça, uns pés cambaleantes, uma embriaguez para esquecer tudo, e não estava tendo sucesso.

-Acredita que ele pode curá-la, Hawk?

Hawk pensou por um instante.

-Sim, Grimm. Acredito. Há algo estranho sobre Adam Black, e eu quero averiguar o que é.

-o que suspeita?

-Não sei. Grimm, quero que investigue tudo o que puder sobre o homem. Fale com todos na propriedade até que consiga algumas respostas. De onde veio, quando, com quem se relaciona, o que faz todo dia. Quero saber sobre cada respiração que faz, cada vez que urina.

-Entendido, Hawk.

-Bem.

Voltaram a olhar fixamente a porta do quarto Green Lady. Passou-se horas desde que o ferreiro fechou a porta. Nem um som escapou desde então.

-Quem tentaria matá-la, Hawk?- especulou Grimm-. *Mad Janet* era praticamente uma reclusa. Segundo os rumores em Comyn Keep, menos de cinco pessoas a viram alguma vez. Como poderia uma garota até agora fora de circulação ofender o bastante a alguém para provocar um assassinato?

Hawk esfregou sua cabeça cansadamente. Seu estômago estava palpitando e o whisky não estava ajudando. Num impulso súbito mandou a garrafa para longe dele, para Grimm.

-Não me permita beber mais. Preciso ter a cabeça clara, e não posso pensar mesmo agora. Ele está tocando-a, Grimm. Ele poderia estar banhando-a, olhando-a... E quero matá-lo.

-Faça-o então, quando a cura estiver feita- disse Grimm simplesmente.

-Não posso!

-Então eu o farei por você- disse Grimm, sempre leal.

-Não. Nós fizemos um pacto.

-Fez um pacto com ele?- os olhos de Grimm se arregalaram-. Condenado seja tudo, homem! Nunca rompeu um pacto. Por que seria tão tolo para fazer um pacto com um homem que não pode tolerar?

- Ele pode salvar a minha esposa.
- Quando chegou a ter esse sentimento para com *Mad Janet*, se jurou nunca a tomar por esposa?
- Cale o bico, Grimm.
- Qual é o pacto, Hawk?- persistiu Grimm.
- Ele quer a Adrienne.
- Lhe deu Adrienne?
- Grimm, não mais perguntas. Simplesmente investigue tudo sobre esse homem chamado Adam Black.
- Lhe asseguro, o farei.

-Não tem um só defeito, Bela- disse o ferreiro com seus olhos negros como o carvão deslizando-se sobre o corpo nu retorcido nos lençóis úmidos.

-Sem defeito la-la-le- musicou Adrienne sonhadoramente. O calor estava minguando, devagar.

-Decididamente perversa.

Ele não podia saber. Não era possível.

-O que quer dizer com isso?-. Ela se esforçou em formar as palavras, e não estava segura de ter feito algum som.

-Só que deve haver algo criminoso numa mulher tão formosa- contestou ele maliciosamente.

-Não há nada criminoso sobre mim- ela objetou à distância.

-Oh, Bela, penso que há muito de criminoso em você.

-Há algo anormal sobre você, Adam- balbuciou Adrienne enquanto se agitava inquietamente.

-Não- contestou ele simplesmente-, não há nada certamente de normal em mim. Dê-me a sua mão, Bela, eu lhe mostrarei o que não é normal.

E então teve água fresca, um oceano espumoso sobre o pó de areias brancas. O murmurar de um mar manso que se impulsionava para a praia, areia fresca sob os dedos dos pés nus. Nenhuma formiga, nenhum instrumento de tortura, nenhum fogo. Somente paz em seu paraíso favorito no mundo, a costa de Maui onde ela passou o verão com suas amigas. Dias formosos, felizes, que passou ali com suco de laranja recém espremidas e o verão interminável na praia, os pés nus salpicando à beira da maré.

E então as imagens mais estranhas. Cheiro de jasmim e sândalo. Areias brancas como flocos de neve ponteadas com tendas de seda fúcsia e borboletas em cada ramo de cada sorveira. Um lugar improvável. E ela estava descansando nas areias frescas, curada por ondas tropicais.

-Bela, minha Bela. Deseje-me. Sinta-me, tenha fome de mim e aplacarei a sua necessidade.

-Hawk?

A exasperação de Adam era palpável no ar.

Adrienne forçou seus olhos a abrirem-se e ofegou. Se seu corpo a tivesse obedecido, teria se levantado imediatamente da cama. Mas não a obedecia. Jazia flácido e débil na cama enquanto seu temperamento ao contrário se agitava.

-Saia do meu quarto!- gritou ela. Pelo menos sua voz não tinha perdido seu vigor.

-Estava assegurando-me simplesmente se sua fronte estava fresca-. Adam sorriu abertamente, com malícia.

-Estúpido cabeça de vento! Não me importa por que está aqui, simplesmente saia!

Finalmente seu corpo obedeceu um pouco e ela conseguiu apertar com os dedos um copo da mesa ao lado da cama. Demasiadamente débil para atirá-lo, pôde pelo menos escorregá-lo fora da mesa. O copo caiu ao chão e se despedaçou. O som a apaziguou ligeiramente.

-Estava morrendo. Eu a curei- recordou Adam.

-Obrigada. Agora vai.

Adam pestanejou.

-Isso é tudo? *Obrigado, agora vai?*

-Não pense que sou tão tonta para não compreender que estava tocando em meus seios!- sussurrou ela furiosamente. Ante o olhar desconcertado em seu rosto, Adrienne compreendeu que ele pensou de fato que estava inconsciente.

-Portanto meu agradecimento será tudo o que conseguirá, ferreiro!- bufou ela-. Odeio aos homens belos! Os odeio!

-Eu sei-. Adam sorriu com prazer real e obedeceu sua ordem.

Adrienne apertou os olhos fechados firmemente, mas no interior rosado acinzentado de suas pálpebras, levantaram-se as sombras. Imagens de ser sustentada entre as coxas duras como pedras de Hawk, envolvida em braços de aço. Sua voz murmurando seu nome uma e outra vez, chamando-a para voltar, ordenando-lhe voltar. Exigindo que vivesse. Palavras sussurradas de... o que? O que disse ele?

-Ela vive, Lorde Abutre.

-Hawk.

-Ambas são aves de rapina. Que diferença há?

-Um abutre é um carniceiro. Um falcão seleciona sua caça tão cuidadosamente como um águia. Espreita com a mesma convicção infalível. E falha com uma frequência que poderia definir-se... como nunca.

-Nunca- meditou Adam-. Não há nenhum nunca absoluto, Lorde Hawk.

-Nisso está equivocado. *Eu escolho, eu sujeito, eu persigo, eu comprometo, eu consigo.* O que, meu amigo errante, é um nunca absoluto.

Adam agitou sua cabeça e estudou a Hawk com fascinação clara.

-Um adversário digno. A caçada começa. Nenhum engano. Nenhum truque. Não pode proibi-la de mim. E sei que já tentou. Confirma as suas regras.

Hawk inclinou sua cabeça escura.

-Ela escolhe- permitiu firmemente-. Não lhe proibirei nada.

Adam assentiu, uma inclinação satisfeita quando mergulhou suas mãos profundamente nos bolsos de suas calças soltas e esperou.

-Bem? Saia de meu castelo, ferreiro. Tem o seu lugar, e não está entre minhas paredes.

-Poderia tentar agradecer-me. Ela vive.

-Não estou seguro de que não seja a razão de que ela quase morreu.

Ante isso, a testa de Adam se enrugou pensativamente.

-Não. Mas agora que penso nisso, tenho trabalho a fazer. Me pergunto... quem tentaria matar à Bela, se não eu? E eu não o fiz. Se tivesse sido eu, estaria morta. Nenhum veneno lento de minha mão. Morte rápida ou nada.

-É um homem estranho, ferreiro.

-Mas serei logo muito familiar para ela.

-Rogue aos deuses que ela seja mais sábia que isso- murmurou Grimm quando Adam saiu silenciosamente do corredor escuro. A noite tinha caído e os lustres do castelo ainda estavam apagados.

Hawk suspirou pesadamente.

-Que trato fez com esse diabo?- perguntou Grimm numa voz escassamente audível.

-Pensa que ele pode sê-lo?

-Algo não é natural nesse homem e eu penso em investigá-lo.

-Bem. Porque ele deseja a minha esposa, e ela não me deseja. E eu a vi ansiá-lo com fome nos olhos.

Grimm fez uma careta de dor.

-Está seguro de que não a deseja só porque ela não deseja você e ele a quer?

Hawk agitou sua cabeça devagar.

-Grimm, não tenho palavras para explicar o que ela me faz sentir.

-Sempre tem palavras.

-Não desta vez, o que me adverte verdadeiramente que estou num problema profundo e que pode colocar-se mais profundo. Tão profundo como devo conquistar a essa garota. Pensa que estou enfeitiçado?

-Se o amor pudesse se engarrafado, ou o tiro do arco de Cupido, meu amigo...- sussurrou Grimm na brisa que se encrespou no caminho de Hawk quando entrou na câmara de Adrienne.

Nas semanas seguintes Hawk se perguntaria muitas vezes por que o *Rom*, em quem confiava e a quem valorizava, e quem acreditou retribuíra esses sentimentos, não viera cuidar de sua esposa durante esses dias terríveis. Quando falou com seu guarda, o homem disse que havia entregue a mensagem. Não só o *Rom* não tinha vindo, mas todos eles estavam visivelmente ausentes de Dalkeith. Não fizeram nenhuma viagem ao castelo para trocar suas mercadorias. Não passaram nenhuma tarde tecendo contos no grande hall frente a um extasiado e deslumbrado público. Ninguém do *Rom* se acercou a Dalkeith-Upon-the-Sea; mantiveram-se em seus campos, fora dos limites das sorveiras.

Esse fato ocupou brevemente a mente de Hawk, mas rapidamente se perdeu no grosso de preocupações mais pesadas. Prometeu-se resolver suas perguntas com uma visita ao acampamento cigano uma vez que sua esposa estivesse curada totalmente e o assunto com o estranho ferreiro estivesse resolvido. Mas passaria algum tempo antes que ele fizesse a viagem ao acampamento dos *Rom*; e nesse tempo, as coisas mudariam imensamente.

Adrienne flutuou de sua letargia curativa para encontrar a seu marido olhando-a intensamente.

-Pensei que a tinha perdido-. O rosto de Hawk era escuro, brilhante à luz do fogo, e foi a primeira coisa que viu quando abriu os olhos. Levou longos minutos para aquietar o algodão que tinha substituído seu cérebro. Com a vigília chegou o desafio. Olhar a esse homem simplesmente fazia aflorar seu temperamento.

-Não pode perder algo que não tem. E nunca me terá para começar, Lorde Hawk- balbuciou ela.

-Ainda- ele corrigiu-. Não a tive *ainda*. Pelo menos não no sentido que a terei. Embaixo de mim. Nua, a sua pele de seda suada por meu amor. Meus beijos. Minha fome-. Ele passeou a ponta de seu polegar ao longo da curva de seu lábio inferior e sorriu.

-Nunca.

-Nunca diga nunca. Só a faz sentir-se mais tonta quando terminar fazendo-o. E não gostaria que você se sentisse muito tonta, garota.

-Nunca- disse ela mais firmemente-. E nunca digo nunca a não ser que esteja absolutamente segura de que nunca mudarei de idéia.

-Há muitos nuncas ali, meu coração. Tenha cuidado.

-Seu coração é uma ameixa enrugada. E quis dizer cada um desses nuncas.

-Diga-o quanto queira, garota. Só fará mais agradável domá-la.

-Não sou uma égua para ser domada!

-Ah, mas há muitas similaridades, não é? Precisa de uma mão forte, Adrienne. Um cavaleiro seguro, que não se desanime por sua vontade forte. Precisa de um homem que possa manejar a sua resistência e possa desfrutar a sua corrida. Eu não a domarei para montá-la. Não. Eu a domarei para a percepção de minha mão e exclusivamente da minha. Uma égua domada para montar permite a muitos cavaleiros, mas um cavalo selvagem domado ao calor de uma mão... não perde nada de seu fogo, mas mesmo assim não permite a ninguém senão a seu verdadeiro dono montá-la.

-Nenhum homem foi alguma vez meu amo, e nenhum na vida o será. Mantenha essa regra em sua cabeça, Douglas-. Adrienne rangeu seus dentes quando se esforçou em endireitar-se. Era difícil tentar manter seu território numa conversa enquanto suas costas se sentiam ridiculamente débeis, olhando a este Golias de homem-. E a respeito de montar-me...

Para sua mortificação, e imenso entretenimento de Hawk, ela deslizou de novo na letargia curativa sem completar o pensamento.

Sem que ele soubesse, ela o completava em seus sonhos. *Nunca!* sua mente ferveu, flutuando dentro do sonho, enquanto era atraída para um grande corcel negro com fogo nos olhos.

CAPÍTULO 11

-Não é a mim a quem alguém está tentando matar- repetiu Adrienne.

Afundou-se num monte de travesseiros felpudos e cobertores de lã, e se sentiu inevitavelmente engolida por uma montanha de plumas. Cada vez que se movia, a cama se movia com ela. Estava empurrando-a cada vez mais para dentro, como num casulo apertado.

-Quero levantar-me, Hawk. Agora-. Lamentavelmente sua voz não terminou parecendo tão firme como pensou. Teria, *deveria* ter mais força especialmente ao estar numa cama enquanto tentava discutir com esse homem em particular, que espalhava seus pensamentos como folhas ao vento, numa mistura de imagens apaixonadas; pele bronzeada contra pálida, olhos de ébano e beijos quentes.

Hawk sorriu, e ela teve que conter o impulso esmagador de sorrir em troca, como uma idiota. Ele era tão formoso como sombrio, mas quando sorria, ela ficava em grave perigo de esquecer-se de que era o inimigo. E nunca devia esquecer isso. Por isso utilizou sua enorme frustração para um bom uso, e a traduziu num cenho impressionante. O sorriso do homem se murchou.

-Garota, tentaram matá-la duas vezes. Quando vai enfrentar os fatos? Deve proteger-se. Se acostumará a isso. Em pouco tempo nem sequer os notará-. Ele acenou para a dúzia de homens musculosos que estavam de pé fora do quarto Green Lady.

Ela lançou um olhar gelado a seus guardas de "*elite*" quando ele os chamou. Tinham pernas longas, os braços cruzados acima dos ombros e largos peitos. Caras implacáveis, pétreas, e todos eles com físicos que fariam que Atlas se considerasse meio encolhido sob seu peso. Onde formariam essa classe de homens? Em *Bonny e Braw Beefcake Farm*? Ela ofegou sua aversão.

-Não entende que se estão ocupados protegendo a mim, o assassino, quem quer que seja, vai conseguir seu objetivo depois. Porque não sou eu!

-Lhe chamam *Mad Janet* porque se nega a aceitar a realidade?- perguntou ele-. A realidade é que alguém a quer morta. A realidade é que só estou tentando protegê-la. A realidade é que é minha esposa e eu sempre a manterei a salvo do perigo-. Ele se apoiou mais perto enquanto falava e pontuava a palavra *realidade* em suas frases como uma punhalada afiada de ar diante dela. Adrienne o compensou encolhendo-se mais profundamente em seu ninho de plumas cada vez que ele assinalou com o dedo.

-É meu dever, minha honra, e meu prazer- continuou ele. Seus olhos ao percorrê-la se detiveram em seu rosto e se escureceram com desejo-. A realidade... ah... a realidade é que é extraordinariamente formosa, meu coração- disse de repente com voz áspera.

Sua voz conjurou as imagens de creme doce misturado com fino whisky coberto com cubos de gelo. Fino e tempestuoso ao mesmo tempo. Debilitou-a, e despedaçou definitivamente a pouca acalma que estava abraçando firmemente ao redor dela. Quando ele molhou seu lábio inferior com sua língua, sua boca se secou como um deserto. E seus escuros olhos manchados de ouro eram uma promessa ardente de paixão interminável. Os olhos masculinos que ficaram pregados em seus lábios e... oh, mas ele ia beijá-la e ela devia fazer algo para impedir isso!

-É tempo de que saiba a verdade. Eu não sou *Mad Janet*- lançou ela para dizer algo, qualquer coisa para impedir que seus lábios exigissem dos seus esse embriagador prazer-. E pela enésima vez, não sou seu maldito coração!

Ele esteve de acordo no mesmo instante.

-Não pensei que fosse. Louca, quero dizer. Mas é meu coração, lhe agrade ou não. No momento, ninguém sabe exceto Lydia; todos pensam que está louca, mas nós dois sabemos que é brilhante e capaz. Exceto quando se trata de duas coisas: sua segurança e eu. É completamente irracional sobre esses dois problemas-. Ele encolheu um de seus ombros musculosos-. Por isso estou tendo esta pequena conversa com você. Para ajudá-la a ver as coisas mais claramente.

-Oooh! Essas são as duas coisas com que está sendo tão cabeçudo. Eu não estou em perigo e não o desejo!

Ele riu. Condenado homem, riu-se.

-Está em perigo, e a respeito de desejar-me...-. Ele se moveu mais perto. Seu peso fez baixar as molas ao lado dela, causando uma mudança de equilíbrio e fazendo-a rodar alarmanamente. Direto para seus braços. Quão conveniente, ela pensou ironicamente. Agora entendia por que usavam todas aquelas molas nos dias antigos. E por que tiveram tantos filhos.

-Tem razão, desejo-o...

Ele se tensionou.

- De verdade?

...fora de meu quarto- ela continuou-. Fora de minha vista e fora de minha vida. Não entre em meu espaço, não respire nem meu ar, ok?

-É meu ar, no momento, por ser *laird* e tudo isso. Mas poderia persuadir-me para compartilhá-lo contigo, doce esposa.

Ele estava sorrindo!

-Não sou sua esposa! Ou pelo menos, não a que se supunha que conseguiria! Eu sou de mil novecentos noventa, quase quinhentos anos no futuro, caso não saiba somar, e Comyn matou a sua própria filha. Como? Não sei, mas tenho minhas suspeitas, e não tenho a menor idéia de como terminei em seu colo. Mas ele tinha que casar a alguém contigo, disse que eu era uma graça divina... por isso me usou quando apareci! E essa é a história longa e a razão de como terminei presa a você.

Era isso. Já estava fora. A verdade. Isso devia detê-lo de qualquer plano de sedução. Não importava se o que Lydia tinha dito sobre o Rei James era verdade, se com isso arriscava ao clã Douglas inteiro. Suas palavras impediriam que seus lábios atingissem os seus e esse era o perigo mais iminente que ela podia ver. Inclusive a ira de reis vingativos realmente parecia pouco ameaçador. Mais um homem bonito, mais um coração destruído.

Hawk permaneceu imóvel. Estudou-a por um longo momento em silêncio, como digerindo o que tinha dito. Então um sorriso terno tirou as nuvens de seus olhos.

-Grimm me disse que teceu contos de aspecto estranho. Disse que você tinha uma imaginação épica. Seu pai disse a Grimm como rogou que lhe permitisse ser seu bardo, em lugar de ser sua filha. Garota, não tenho nada contra um bom conto e escutarei de boa vontade, mas só se aceitar meus conselhos sobre a sua segurança.

Adrienne conteve um frustrado suspiro que enviou uma mecha de seu cabelo loiro platinado a acariciar o rosto de Hawk. Ele o beijou quando escorregou suavemente por sua boca.

As chamas se despregaram em seu ventre. Ela fechou os olhos e recolheu calma dos lados de sua alma. *Não pensarei nele beijando qualquer parte de mim*, disse-se firmemente.

-Não sou a filha de Red Comyn- suspirou e fechou os olhos firmemente. Quando ela ia compreender que fechar os olhos não o fazia desaparecer? Abriu-os de novo. Oh, santo céu, mas o homem era magnífico. Ela pensou, com um pouco de orgulho, que o fato de que pudesse detestá-lo tão intensamente, ser tão objetiva mesmo sob seu formoso olhar era um sinal seguro de maturidade.

-Não, não importa. É minha esposa agora. Isso é o importante.

-Hawk...

-Cale-se, garota.

Adrienne se acalmou, absorta na calidez das mãos do homem sobre as suas. Quando tomou as suas mãos? E por que não tinha se afastado ela instintivamente? E por que o movimento estava lento, sensual, de sua pele contra a sua, embriagando-a assim?

-Adrienne... esse *Callabron*. Para trabalhar corretamente deve entrar no corpo através de um vaso sanguíneo importante - . Seus dedos acariciaram ligeiramente a débil marca vermelha que ainda enrugava a pele translúcida de sua garganta-. Isto não é nenhum tiro casual. Este era o objetivo perfeito.

-Quem quereria me matar?-. Ela engoliu firmemente. Como alguém poderia querer fazer isso? Ninguém ali a conhecia. Mas... e se alguém quisesse matar a *Mad Janet*, e não sabia que Adrienne não era ela?

-Para isso não tenho nenhuma resposta, meu coração. Ainda. Mas até que tenha, se protegerá dia e noite. Cada momento, cada respiração. Não arriscarei a sua vida novamente.

-Mas eu não sou Janet Comyn- ela tentou de novo, obstinadamente.

Seu olhar de ébano escrutinou o olhar cinza claro intensamente.

-Garota, realmente não me importa que não o seja, tenha sido, ou precisa pensar que será. Eu a desejo. Em minha vida. Em meus braços. Em minha cama. Se a faz sentir melhor acreditar isso... essa coisa sobre ser do futuro, então acredite se quiser. Mas deste dia em diante, é acima de tudo minha esposa, e a mantereí a salvo de qualquer coisa que possa feri-la. Nunca precisará temer de novo.

Adrienne levantou suas mãos desvalidamente.

-Bem. Proteja-me. Agora, posso levantar?

-Não.

-Quando?- perguntou ela melancolicamente.

-Quando eu o disser-. Ele sorriu sedutoramente e se agachou para roubar um beijo. Seu rosto deu de cheio contra suas mãos. Adrienne buscou cada célula de força de vontade para não acalotá-lo entre suas palmas e levá-lo ao beijo que ele procurava com mãos trêmulas.

Ele grunhiu e lhe lançou um longo olhar de avaliação.

-Devo tratar de que veja algum de meus falcões, esposa.

-Permita-me sair da cama- replicou ela delicadamente. De jeito nenhum ia perguntar como ele tratava a seus falcões.

Ele grunhiu baixo desde sua garganta, e então se foi. Mas a dúzia de guardas ficou a sua porta.

Depois que ele se foi, ela recordou uma coisa que Hawk disse claramente. *Nunca precisará temer novamente*. O homem era simplesmente bom demais para ser verdade.

Os dias de cura eram pura beatitude. Lydia anulou as objeções de Hawk e fez levar um *chaise* aos jardins para Adrienne. Embora ainda fosse insistentemente cuidada, pôde enrodilhar-se à luz dourada do sol como um sonolento, mimado gato, que foi um reforço mais para curá-la. Os dias cálidos de conversa com Lydia, quando começaram a conhecer-se através das pequenas conversas e os suaves silêncios, curaram ainda mais seu corpo exausto. Bebendo goles de chá (ela teria preferido café, mas isso traria a Hawk e seus *dons* em sua imaginação) e compartilhando histórias, de vez em quando Adrienne se estremeceria com o intenso sentimento de que esse era o lugar ao qual tinha pertencido toda sua vida.

O amor pode crescer entre as pedras e espinhos da vida, pensou num desses pequenos silêncios que eram tão cômodos como um cobertor favorito. Dos desertos desolados de sua própria vida, de algum modo, ela foi parar ali, onde a vida era maravilhosa, pacífica, perfeita e singela.

Adrienne sarou mais rapidamente do que se imaginara possível. Tavis afirmou que a moça tinha a fortaleza da juventude de seu lado, enquanto encurvava e estudava suas próprias mãos enrugadas pelo tempo. Para não mencionar uma natureza indomável, ele acrescentou. *Quer dizer teimosa*, o tinha corrigido Hawk.

Lydia acreditou que poderia ter um rubor de amor nas faces dela. *Sim!* Hawk tinha escarnecido. *O amor da luz do sol, talvez.* E Lydia quase riu alto do olhar ardente de ciúmes de Hawk que acendeu relâmpagos luminosos quando olhou fixamente para as janelas da cozinha.

Grimm ofereceu a probabilidade de que ela estava tão irritada com Hawk, que se apressou em curar-se para lutar com ele simplesmente em igualdade de condições. *Há um homem que entende às mulheres agora*, pensou Hawk.

Nenhum deles soube que com exceção das saudades de seu gato, *Moonshadow*, esses dias eram os mais felizes que ela tinha conhecido.

Enquanto deitava na paz e no sol, Adrienne desfrutou de uma doce ignorância. Teria se mortificado se alguém lhe dissesse que havia falado sobre Eberhard em seu narcotizado estupor. Não entenderia se alguém lhe dissesse que havia falado de uma rainha negra, pois em sua mente ainda não recordava a peça de xadrez.

Não tinha nenhuma idéia de que enquanto ela e Lydia estavam passando um tempo cordial, Grimm foi enviado a Comyn Keep, e regressou dali, onde descobriu informação surpreendente sobre *Mad Janet*.

E ela teria empacotado suas coisas e correria por sua própria vida, se não por sua alma, se soubesse quão obsessivamente determinado estava Hawk em reclamá-la como sua esposa em todos os aspectos.

Mas não sabia nada disso. Por causa disso seu tempo nos jardins de Dalkeith-Up-on-the-Sea seria amorosamente colocado como uma jóia preciosa no cofre do tesouro de sua memória, onde cintilaria como um diamante no meio das sombras.

CAPÍTULO 12

Não era muito divertido xeretar ao redor do castelo com uma dúzia de guardas com cara de pedra arrastando-se atrás dela, mas Adrienne conseguiu. Depois de um momento, desejou que não estivessem ali. Bem como desejou que Hawk não fosse nada mais que um mosquito irritante a ser espantado para longe repetidamente.

Dalkeith-Up-on-the-Sea era um castelo encantador como o que ela alguma vez imaginou quando menina agachada sob uma tenda de cobertores com uma lanterna elétrica furtada, lendo contos de fadas, deixando as luzes da realidade de fora.

Os quartos eram espaçosos e elegantes, com tapeçarias brilhantemente tecidas nas grossas paredes de pedra para afastar qualquer corrente de frio que pudesse filtrar-se através das fissuras, mesmo que Adrienne não pudesse encontrar uma só fissura nas paredes; espionou por trás de algumas tapeçarias, só para comprová-lo.

Curiosidade histórica, disse. Não era que estivesse procurando imperfeições no castelo ou no *laird* do castelo.

Havia centenas de formosas e espigadas janelas. Obviamente as pessoas que habitavam Dalkeith não suportariam sentir-se engaiolados quando tinha tanta paisagem exuberante para ser desfrutada nos campos, nas montanhas da Escócia, seus vales e costas.

Adrienne suspirou ansiosamente quando fez uma pausa em frente a uma janela côncava para saborear a vista das ondas cinzentas que, incessantes, chocavam-se contra os precipícios do extremo oriental.

Uma mulher poderia apaixonar-se por um lugar como esse. Cair de sedosas tranças em cima de delicadas sapatilhas de seda para aterrizarem numa massa de encaixes e direto ao romance, aos pés perfeitos do *laird* perfeito.

Nesse mesmo momento, como se tivesse sido convocado por seus pensamentos voluntariosos, Hawk caminhou em sua linha de visão na muralha abaixo, levando um dos maiores corcéis negros que ela já viera. Adrienne começou a retroceder, mas seus pés não andaram além da janela da que seus olhos não se afastariam, e apesar de suas melhores intenções de ignorá-lo, olhou-o com fascinação impotente.

Com um salto fluído, o *laird* vestido com seu traje escocês completo se lançou para o lombo do garanhão que resfolegava ferozmente.

E quando ele montou, esse encantador *kilt* se levantou, dando-lhe um vislumbre pecador das coxas poderosamente musculosas, belamente salpicadas com um pouco de sedoso pêlo negro. Ela pestanejou um momento e se negou a ponderar o resto do que tinha visto.

Certamente eles levariam algo sob essas saias escocesas. Certamente era só sua imaginação hiperativa que deslocava a masculinidade óbvia do garanhão absurdamente no corpo de Hawk.

Sim. Era isso, decididamente. Ela notou os atributos proeminentemente despregados do garanhão no canto de sua visão enquanto estava olhando as pernas de Hawk, e conseguiu misturar os dois juntos de algum modo. Ela não viu certamente que Hawk era, ele próprio, tão grande como o garanhão.

Suas bochechas se ruborizaram com esse pensamento. Voltou-se firmemente sobre seus calcanhares para suprimi-lo e procurou o quarto seguinte. Decidiu explorar o castelo essa manhã principalmente para manter sua mente afastada desse maldito homem. Nem sequer imaginou que ele teria que caminhar sob uma janela enquanto ela estava olhando para fora. E agitar seu *kilt* para colocar combustível ao fogo proverbial.

Forçou sua mente a regressar à arquitetura encantadora de Dalkeith. Estava no segundo andar do castelo, e já tinha passado através de dúzias de quartos de hóspedes, inclusive a câmara na qual passou a primeira noite. Dalkeith era enorme. Devia ter cem ou mais quartos, e muitos deles pareciam não terem sido usados durante décadas. A ala que explorava nesse momento foi reformada recentemente e utilizada mais freqüentemente. Tinha acabamento com madeiras leves, polidas até conseguir um fino brilho, e nem uma mancha de pó podia se ver ali. As grossas esteiras tecidas cobriam os pisos, nada de juncos ou nuas pedras frias. Os ramos de ervas aromáticas e as flores secas penduravam em quase cada guarnição das janelas e perfumavam os corredores.

Um raio de luz solar atraiu a atenção de Adrienne para uma porta fechada na metade do corredor. Gravada na madeira pálida, achava-se extraordinariamente detalhado um cavalo empinado, elegante, com a crina jogada ao vento. Um só chifre saía em espiral delicadamente de sua fronte. Um unicórnio?

Com a mão na porta, ela fez uma pausa e sofreu uma rara premonição de repente, de que esse quarto ficaria melhor fechado. A curiosidade matou ao gato...

Quando a porta se abriu silenciosamente para o interior, ela se enrijeceu, uma mão trêmula no batente.

Incrível. Absolutamente incompreensível. Seu olhar surpreso se deslizou pelo quarto desde o chão até as vigas, uma e outra vez.

Quem teria feito isso?

O quarto atraiu cada célula feminina de seu corpo. *Enfrente-o, Adrienne*, disse severamente, *este castelo inteiro atrai a cada célula feminina de seu corpo. Para não mencionar ao sexy, masculino laird do torreão em pessoa.*

Esse quarto fora construído para bebês. Feito com mãos tão amorosas que era quase sufocante. Uma cacofonia de emoções discordantes a atravessou antes que pudesse desfazer-se delas.

Havia berços de carvalho cor de mel, encurvados e lixados para que nenhuma lasca ficasse solta e machucasse a suave pele de um bebê. A parede oriental cheia de janelas altas, muito altas para que um menino pequeno pudesse machucar-se, aberta à luz dourada do sol da manhã. Os pisos de madeira estavam cobertos com tapetes espessos para manter os pés de um bebê quentes.

Os soldados de madeira brilhantemente pintados resplandeciam nas estantes, e as bonecas feitas a mão amorosamente reclinadas em camas diminutas. Um castelo em miniatura, repleto de torreões, com um fosso seco e ponte levadiça, estava cheio de diminutas pessoas talhadas; uma casa de bonecas medieval, maravilhosa e real!

Os felpudos cobertores cobriam os berços e camas. Era um quarto grande esse berçário. Um quarto que um menino (ou uma dúzia) poderia crescer desde bebê até ser um adolescente antes de procurar um quarto mais adulto em outra parte. Era um quarto que encheria o mundo de um menino de amor, segurança e prazer durante horas sem fim.

Como se alguém tivesse criado esse quarto pensando no menino que ele ou ela tinha sido, e o desenhasse com todos os tesouros que tinha desejado ou para o prazer de uma criança.

Mas o que mais a cruelmente a golpeou no quarto era que parecia estar esperando.

Aberto, caloroso e aconchegante, dizia, *encha-me de bebês risonhos e de amor.*

Tudo estava pronto, o berçário estava esperando somente seu momento, até que a mulher correta viesse e respirasse nele a vida chamejante das canções infantis, sonhos e esperanças.

Uma apunhalada de anseio a atravessou de tal maneira que Adrienne não ficou segura do que era. Mas tinha tudo a ver com a órfã que tinha sido e o lugar frio que havia nela, um lugar em nada parecido a esse quarto encantador, parte de uma casa encantadora, numa terra encantadora, com pessoas que esbanjariam seu amor em suas crianças.

Oh, criar bebês num lugar assim...

Bebês que conheceriam quem eram sua mãe e seu pai, não como Adrienne. Bebês que nunca teriam que se perguntar por que eles não tinham sido cuidados e amados.

Adrienne esfregou os olhos furiosamente e retrocedeu. Era demais para ela.

E se voltou para dar de cheio com Lydia.

-Lydia!- ofegou. Mas era lógico. Por que devia surpreendê-la encontrar-se com a maravilhosa mãe do homem maravilhoso que provavelmente construiu esse berçário maravilhoso?

Lydia a sustentou pelos cotovelos.

-Vim ver se estava se sentindo bem, Adrienne. Pensei que poderia ser muito cedo para você andar de acima para baixo.

-Quem construiu este quarto?- sussurrou Adrienne.

Lydia inclinou a cabeça, e por um breve momento Adrienne teve a impressão absurda de que Lydia estava tentando não rir.

-Hawk o desenhou e construiu- disse Lydia, intensamente interessada em alisar as pequenas rugas de seu vestido.

Adrienne revirou os olhos e tentou convencer a seu barômetro emocional para deixar de registrar vulnerabilidade e subir para algo seguro, como a irritação.

-Por que, querida Adrienne? Não lhe agrada?- perguntou Lydia docemente.

Adrienne retrocedeu e percorreu o quarto com um olhar irritado. O berçário era luminoso, alegre e vivo como a emoção do próprio criador desfrutando de sua criação. Olhou novamente para Lydia.

-Quando? Antes ou depois do serviço do rei?- era muito importante que ela soubesse se o tinha construído aos dezessete ou dezoito, para agradar a sua mãe talvez, ou recentemente, com a esperança de que seus próprios filhos o enchessem algum dia.

-Durante. O rei lhe deu uma breve licença quando tinha vinte e nove anos. Teve alguns problemas com os Highlanders nestes lugares, e permitiu que Hawk voltasse para fortificar Dalkeith. Quando o conflito foi resolvido, passou o pouco tempo que ficou em Dalkeith trabalhando aqui. Trabalhou como um homem possuído, e na verdade, eu não tinha nem idéia do que ele estava fazendo. Hawk sempre trabalhou com madeira e construiu e desenhou coisas. Não permitiu que nenhum de nós o visse, e não falou muito sobre isso. Depois que regressou com James, subi para ver o que estivera fazendo-. Os olhos de Lydia se nublaram brevemente-. Lhe direi a verdade, Adrienne, fez-me chorar. Porque me disse que meu filho estava pensando em filhos e quão preciosos eram para ele. Encheu-me de alegria, também, quando o vi completá-lo. Penso que agradaria a qualquer mulher. Os homens normalmente não vêem aos filhos dessa maneira. Mas Hawk, ele é um homem especial. Como seu pai.

Não tem que me vender-lhe, pensou Adrienne mal humoradamente.

-Sinto, Lydia. Estou muito cansada. Preciso deitar-me- disse ela rigidamente, e se voltou para a porta.

Quando entrou no corredor, poderia jurar que ouviu Lydia rir suavemente.

Hawk encontrou Grimm esperando-o no escritório, olhando fixamente os precipícios orientais através das portas abertas. Não estranhou a Grimm a brancura diminuta das juntas na mão que se apertava no marco da porta, ou a linha rígida de suas costas.

-Então?- perguntou Hawk com impaciência. Teria ido ele mesmo a Comyn Keep investigar o passado de sua esposa, mas isso teria significado deixar Adrienne sozinha com o condenado ferreiro, e não daria nenhuma oportunidade para isso. Nem para que a seduzisse, por isso enviou Grimm para descobrir o que tinha acontecido a Janet Comyn.

Grimm se voltou devagar, puxou uma cadeira e se sentou pesadamente em frente ao fogo.

Hawk também se sentou, descansando seus pés na escrivaninha, e servindo conhaque para ambos. Grimm o aceitou agradecido.

-Bem? Que disse ela?- os dedos de Hawk se apertaram contra seu copo enquanto esperava ouvir quem tinha feito coisas tão terríveis a sua esposa que sua mente se tinha retirado para um mundo de fantasia. Hawk entendia o que acontecia com ela. Ele viu homens com cicatrizes de batalha que experimentaram tais horrores, que reagiram de modo similar. As perdas muito perdas bárbaras e sangrentas provocavam em alguns soldados inventar um sonho para substituir a realidade, e em pouco tempo muitos chegavam a acreditar que o sonho era real. Como sua esposa fizera. Mas, desgraçadamente, com sua esposa ele não tinha nenhuma idéia do que havia causado a retirada dolorosa para uma imaginação de tão misterioso aspecto, que não podia chamá-la sequer por seu nome real. E qualquer coisa que lhe tivesse passado, tinha-a deixado totalmente incapaz de confiar em qualquer homem, mas sobretudo nele, pelo que parecia.

Hawk se forçou para escutar, para digerir sua raiva quando chegasse, para poder manejá-la como um arma eficaz. Ele mataria seus dragões, e então começaria sua cura. Seu corpo estava se fazendo mais forte a cada dia, e Hawk sabia que o amor de Lydia tinha muito a ver com isso. Mas ele curaria com seu amor as feridas mais profundas. E a única maneira que poderia fazê-lo era saber e entender o que ela havia sofrido.

Grimm engoliu; inquieto em sua cadeira, inclinou-a para os lados como um garoto, então se levantou e se acercou à lareira para mudar inquietamente seu peso de um para o outro.

-Fora com isso, homem!-. A semana que Grimm esteve ausente quase tinha deixado Hawk louco imaginando o que esse homem Ever-hard devia ter-lhe feito. Ou ainda pior, talvez o *Laird* Comyn era o culpado da dor de Adrienne. Hawk temia a possibilidade, porque então declararia guerra ao clã. Uma coisa terrível para estar seguro, mas para vingar a sua esposa... ele faria qualquer coisa.

-Quem é esse Ever-hard?-. A pergunta o estava roendo internamente desde a noite em que ele ouviu pela primeira vez o nome surgir de seus lábios acalorados pela febre.

Grimm suspirou.

-Ninguém soube dizer-me. Ninguém nunca ouviu falar dele.

Hawk amaldiçoou suavemente. Então, os Comyn estavam guardando segredos, não é?

-Fale- ordenou.

Grimm suspirou.

-Ela pensa que é do futuro.

-Já sei que Adrienne pensa isso- disse Hawk com impaciência-. Enviei-o para que descobrisse o que tinha a dizer Lady Comyn.

-Isso é que o que quis dizer- disse Grimm secamente-. Lady Comyn pensa que Adrienne é do futuro.

-O que?- as sobrancelhas escuras de Hawk se alçaram incredulamente-. Que está me dizendo, Grimm? Está dizendo que lady Comyn declara que Adrienne não é sua filha de sangue?

-Sim.

As botas de Hawk caíram ao chão com um golpe, enquanto a tensão latente cobrava vida em suas veias envolvendo-se num fogo vivente.

-Permita-me falar francamente. Althea Comyn lhe disse que Adrienne não é sua filha?

-Sim.

Hawk se enrijeceu. Isso não era o que ele tinha esperado. Em todas suas especulações não considerou que a fantasia de sua esposa pudesse ser compartilhada por sua mãe.

-Então, exatamente quem lady Comyn acredita que é a garota? Com quem demônios me casei?-gritou Hawk.

-Ela não sabe.

-Tem alguma idéia?- o sarcasmo enchia a pergunta de Hawk-. Fale comigo, homem!

-Não há muito que possa dizer-lhe, Hawk. E o que sei... bem, é condenadamente disparatado, apenas uma parte disso. Seguro como o inferno que não era o que esperava. Ah, ouvi tais contos, Hawk, como para provar a fé de um homem no mundo natural. Se o que eles declaram é verdade, infernos, não sei no que um homem pode acreditar ainda.

-Lady Comyn compartilha as ilusões de sua filha- disse Hawk atônito.

-Não, Hawk, a não ser que Althea Comyn e aproximadamente cem outras pessoas o façam. Porque esses foram os que a viram aparecer de nenhuma parte. Falei com dúzias, e todos disseram algo bastante parecido, demasiado, ao contar o mesmo conto. O clã estava sentado no banquete quando de súbito uma garota -Adrienne- apareceu no colo do *laird*, literalmente saindo do ar transparente. Algumas das criadas a chamaram bruxa, mas foram caladas rapidamente. Parece que o *laird* a considerou um presente dos anjos. Lady Comyn disse que viu algo cair da mão da mulher estranhamente vestida, e lutou através do alvoroço para consegui-lo. É a rainha negra que me deu no casamento e que eu dei a você quando voltamos.

-Me perguntei por que ela me enviou isso-. Hawk esfregou sua mandíbula pensativamente.

-Lady Comyn disse que pensava que poderia ser importante algum dia. Disse que pensa que a peça de xadrez está enfeitada de alguma maneira.

-Se assim fosse, isso explicaria como ela viajou através de... -. Ele se interrompeu, incapaz de completar o pensamento. Viu muitas maravilhas em sua vida, e não era um homem que desacreditasse completamente na possibilidade da magia; que bom escocês não foi criado para acreditar nas fadas? Mas mesmo assim...

-Como ela viajou através do tempo- terminou Grimm por ele.

Os dois homens se olharam fixamente.

Hawk agitou sua cabeça.

-Acredita...?

-E você?

Olharam-se. E então olharam o fogo.

-Não- escarneceram ao mesmo tempo e estudaram intensamente as chamas.

-Ela não parece muito comum no entanto, não é?- disse Grimm finalmente-. Quero dizer, é sobrenaturalmente luminosa. Formosa. E engenhosa: ah, as histórias que ela me contou no caminho desde Comyn Keep... É forte para ser uma garota. E tem provérbios singulares. As vezes, não sei se já notou, seu sotaque parece ir e vir.

Hawk resfolegou. Tinha notado. Seu sotaque tinha virtualmente desaparecido quando esteve enferma com o veneno, e falou num sotaque estranho que ele nunca ouvira antes.

Grimm continuou, quase para si mesmo

-Uma garota como essa poderia segurar a um homem-. Ele se interrompeu e olhou para Hawk gravemente. Clareou sua garganta-. Lady Comyn sabe quem era sua filha, Hawk. *Era*: essa é a palavra importante. Algumas das criadas confirmaram a história de Lydia de que a Janet real está morta, e os rumores dizem que pela mão de seu pai. Ele tinha que casar a alguém contigo. Lady Comyn disse que seu clã nunca dirá uma palavra da verdade.

-Suponho que não- bufou Hawk-; se um pouco disto é verdade, e não estou dizendo que seja, Comyn sabe que James destruiria a ambos por isso-. Hawk ponderou esse pensamento amargo por um longo momento, então o eliminou como uma preocupação desnecessária. Os Comyn jurariam certamente que Adrienne era Janet, como faria até o último homem dos Douglas, se alguma palavra disso chegasse alguma vez ao rei em Edimburgo, pois a existência de ambos clãs dependia disso. Hawk poderia contar pelo menos com a lealdade do mesmíssimo Comyn quanto a esse assunto.

-Que tinha o *laird* para dizer, Grimm?

-Nem uma palavra. Não confirma que ela era sua filha, nem o nega. Mas eu falei com o sacerdote de Comyn, que me contou a mesma história que lady Comyn. A propósito, ele estava acendendo velas brancas para orar pelo alma de Janet- acrescentou severamente-. Assim, se há enganos em Comyn Keep, são muitos e identicamente detalhados, meu amigo.

Hawk cruzou rapidamente até sua escrivaninha. Abriu uma caixa de madeira talhada e extraiu a peça de xadrez. Rodou-a em seus dedos, estudando-a cuidadosamente.

Quando levantou os olhos de novo, eram mais negros do que a meia-noite, mais profundos do que um lago e igualmente insondáveis.

-Lady Comyn acredita que isto a trouxe aqui?

Grimm assentiu.

-Então poderia levá-la?

Grimm encolheu os ombros.

-Lady Comyn disse que Adrienne não parecia recordá-lo. Mencionou alguma vez para você?

Hawk agitou sua cabeça e observou pensativamente, primeiro a rainha negra, então seu brilhante fogo ardeu.

Grimm encontrou o olhar de Hawk, e Hawk soube que nunca teria palavras de censura ou inclusive um rumor sobre o assunto, se se o pedisse.

-Acredita?- perguntou Grimm suavemente.

Hawk permaneceu sentado durante muito tempo em frente ao fogo depois que Grimm saiu, alternando entre a fé e o ceticismo. Ainda era um homem criativo, também era um homem lógico. As viagens através do tempo simplesmente não encaixavam em sua compreensão do mundo natural.

Ele podia acreditar nas *banshees* que advertiam de mortes próximas e destruição. E poderia, inclusive, acreditar nos Druidas como alquimistas e praticantes de artes estranhas. Tinha crescido com as advertências de sua meninice sobre *kelpies* que viviam em *lochs* profundos e meninos confiados e desobedientes atraídos a suas tumbas aquáticas.

Mas viajar através do tempo?

Ademais, disse-se quando guardou a peça de xadrez em seu *sporrán* para estudá-la mais tarde, tinha outros problemas mais urgentes para resolver. Como o ferreiro. E sua esposa voluntariosa, em cujos lábios o nome do ferreiro aparecia com demasiada frequência.

O futuro permitiria o tempo suficiente para desenredar todos os segredos de Adrienne, e encontrar sentido às ilusões em massa de Comyn Keep. Mas primeiro, tinha que fazê-la, verdadeiramente, sua esposa. Uma vez que isso estivesse acontecido, poderia começar a preocupar-se com os outros detalhes. Decidido então, expulsou as notícias desequilibradas que Grimm lhe trouxera, bem como guardou a peça de xadrez.

Planos de como seduziria a sua encantadora esposa substituíram todas as preocupações. Com um sorriso perigoso e o propósito em mente, Hawk foi procurar Adrienne.

CAPÍTULO 13

Adrienne caminhou inquieta, sua mente num torvelinho. Sua breve sesta à luz do sol não fizera nada para dispersar os pensamentos voluntariosos. A seus pensamentos lhes agradava meditar em quão capaz, por não mencionar quão desejoso, estava Hawk de proporcionar bebês para encher esse maldito berçário.

Instintivamente evitou ir ao extremo norte da muralha, sem ânimo para confrontar ao ferreiro e essas imagens enervantes, que ainda fermentavam em sua mente, de quando estivera enferma.

Se desviou para o sul, atraída pela visão do sol fora de um telhado de vidro e uma curiosidade profunda como um lago. Essas não eram pessoas bárbaras, meditou. E se não equivocava sua suposição, estava indo para uma estufa. Quão brilhante era a mente que formou Dalkeith-Upon-the-Sea. Era impenetrável no extremo oriental devido aos precipícios que apresentavam uma pura, inescapável queda ao oceano feroz. Estendendo-se pelo norte, sul e este, o torreão estava encerrado entre paredes monstruosas, todas de setenta a oitenta pés de altura. Que estranho que a mesma mente que desenhara Dalkeith como uma fortaleza, a tivesse feito tão formosa. A mente complicada de um homem que previa a necessidade da guerra, e mesmo assim saboreava os momentos de paz.

Cuidado, está intrigada?

Quando chegou à estufa, Adrienne notou que estava ligada a uma torre de pedra redonda. Durante suas muitas horas de surfar pela Internet, procurara uma e outra vez costumes medievais. Os gritos? Falcões. Ali se mantinham e adestravam os falcões para caçar.

Atraída pelo chamariz dos animais e seu perdido *Moonshadow* como uma dor em seu peito, Adrienne se acercou ao *broch* de pedra cinza. O que queria dizer Hawk tratando-a como a um de seus falcões?, perguntou-se. Bem, descobriria por si mesma, para saber o que evitar no futuro.

Alto e completamente redondo, o *broch* tinha só uma janela, coberta por uma veneziana de ardósia. Algo sobre a escuridão, recordou ter lido. Curiosa, acercou-se à porta pesada e a empurrou para um lado, fechando-a atrás de si para que nenhum falcão tentasse escapar. Ela não daria nenhuma desculpa a Hawk para castigá-la.

Devagar, seus olhos se acostumaram à escuridão e pôde distinguir alguns poleiros vazios na luz escura. Ah, não eram miados, esse devia ser o *broch* de treinamento. Adrienne tentou recordar a maneira em que os treinadores antigos treinavam seus pássaros para a caça.

O *broch* cheirava a lavanda e especiarias, o aroma pesado da estufa penetrava as paredes de pedra. Era um lugar pacífico. Oh, quão simplesmente poderia acostumar-se a nunca ouvir novamente a pressa do tráfico; nunca ter que olhar por cima de seu ombro novamente; não ver Nova Orleães, e terminar com todas as fugas, os esconderijos e o temor.

As paredes do *broch* eram frescas e limpas ao tato, nada como as paredes de pedra que a tinham mantido prisioneira uma vez numa cela, na sujeira arenosa de uma prisão de Nova Orleães.

Adrienne estremeceu. Ela nunca esqueceria aquela noite.

A briga tinha começado sobre, como todas as coisas, uma viagem a Acapulco. Adrienne não queria ir. Eberhard insistiu.

-Bem, então venha comigo- disse ela. Ele estava muito ocupado, não podia perder tempo, respondeu.

-O que há de bom ter dinheiro se não pode ter tempo para desfrutar a vida?- perguntou Adrienne.

Eberhard não disse uma palavra, endereçou simplesmente um olhar desiludido que a fez se sentir como uma adolescente torpe, uma órfã torpe e não desejada.

-Bem, por que segue enviando-me sozinha nestas férias?- perguntou a jovem, tentando parecer madura e sofisticada, mas sua pergunta acabou numa nota lacrimosa.

-Quantas vezes devo explicar-lhe isto? Estou tentando educá-la, Adrienne. Se pensa por um minuto que será fácil para uma órfã que nunca esteve em sociedade ser minha esposa, pense novamente. Minha esposa deve cultivar-se, ser mundana, européia.

-Não me envie de novo a Paris- disse Adrienne apressadamente-. Choveu durante semanas na vez passada.

-Não me interrompa de novo, Adrienne-. Sua voz foi calma; tão acalmada e cuidadosamente moderada...

-Não pode vir comigo só uma vez?

-Adrienne!

Adrienne se enrijeceu, sentindo-se tonta e inadequada, ainda que soubesse que não estava sendo insensata. As vezes se sentia como se ele não a quisesse ao redor, mas isso não fazia sentido: queria casar-se com ela. Estava preparando-a para ser sua esposa.

Mesmo assim ela teve dúvidas...

Depois de sua última viagem ao Rio, voltou para ter notícias de seus velhos amigos de *Blind Lemon*, já que Eberhard não foi visto em seus escritórios há tempos, mas foi visto em seu Porsche reluzente com uma morena igualmente reluzente. Uma punhalada de ciúmes a atravessou como um arpão.

-Além do que, ouvi que não trabalha tão duro enquanto eu não estou- murmurou ela.

A briga começou então a sério, subindo até que Eberhard fez algo tão surpreendente e aterrorizador que Adrienne fugiu cegamente na fumegante noite de Nova Orleães.

Ele bateu nela. Com força. E, tomando vantagem de sua aturdida passividade, mais de uma vez.

Chorando, ela se lançou dentro do Mercedes que Eberhard alugara para ela. Apertou o acelerador e o automóvel seguiu em frente. Conduziu cegamente, no piloto automático, as lágrimas tingidas de rímel manchando o traje de seda creme que Eberhard escolhera para que usasse nessa tarde.

Quando a polícia a perseguiu declarando que estava conduzindo a mais de cem milhas por hora, soube que estavam mentindo. Eram amigos de Eberhard. Ele provavelmente os tinha chamado no momento em que ela deixou sua casa; sabia que rota sempre tomava para sua casa.

Adrienne permaneceu fora de seu automóvel com os policiais, seu rosto machucado e inflamado, seu lábio sangrando, chorando e desculpando-se numa voz que beirava a histeria.

Não lhe ocorreu até muito depois que nenhum dos policiais lhe perguntou nem uma vez o que havia acontecido a seu rosto. Interrogaram a uma mulher evidentemente golpeada sem mostrar uma ponta de preocupação.

Quando a algemaram, levando-a à delegacia, e chamaram Eberhard, não se surpreendeu em absoluto ao vê-los pendurar o fone, olhá-la tristemente e encerrá-la com chave numa cela.

Três dias, ela passou nesse lugar infernal, só para que Eberhard pudesse demonstrar seu ponto de vista.

Aquela foi a noite na qual ela compreendeu quão perigoso realmente ele era.

No frescor do *broch*, Adrienne passou os braços ao redor de si mesma, tentando exorcizar os fantasmas de um homem desesperadamente belo chamado Eberhard Darrow Garrett e a jovem e tonta mulher que se consumiu solitariamente, escondendo sua vida num orfanato. Que presa fácil foi. *Viu à pequena órfã Adri-Ann? A pequena estúpida de Eberhard.* Onde ouviu essas palavras zombadoras? No iate de Rupert, quando pensavam que ela tinha descido por mais bebidas. Estremeceu violentamente. *Nunca serei de novo a marionete de um homem.*

-Nunca- se jurou alto. Agitou sua cabeça para acabar com a maré dolorosa de recordações.

A porta se abriu e admitiu uma larga faixa brilhante da luz do sol. Então se fechou de novo e a escuridão reinou absolutamente.

Adrienne se enrijeceu, girando sobre si mesma, e obrigando seu coração a refrear-se. Havia estado ali antes. Escondendo-se, esperando, também aterrorizada para sequer respirar pelo medo de alertar ao caçador de sua situação exata. Correria e se esconderia! Mas não havia nenhum santuário. Não até as ruas escuras que ela encontrou finalmente em Seattle, e houvera uma eternidade de infernos escuros sob cada caminho tortuoso entre Nova Orleães e o asilo do Noroeste do Pacífico.

As recordações amargas ameaçaram apanhá-la quando um rouco cantarolar rompeu o silêncio.

Hawk? Cantando? Um arrulho?

Retumbaram as palavras em gaélico grave e profundo; por que não suspeitou ela que ele teria uma voz como um rico *butterscotch*? Ele ronronava ao falar; poderia seduzir à Mãe Santíssima do Sagrado Coração quando cantava.

-Curioso, não é verdade? Vejo que veio por sua própria vontade-. Seu acento rodou através do *broch* quando terminou o estribilho.

-Veio onde?- perguntou ela insolentemente.

-A ser treinada pela minha mão-. Sua voz parecia divertida, e ela ouviu o sussurro de seu *kilt* quando entrou na negra escuridão.

Ela não se dignaria a responder.

Uma pausa longa, outro sussurro, então:

-Sabe que qualidades deve possuir um falcão, meu coração?

-Quais?- resmungou a moça apesar de si mesma e se moveu lentamente para atrás. Ela esticou suas mãos como uma pequena antena provisória na escuridão.

-É uma posição exigente. Poucos homens podem ser falcoeiros de qualidade se não possuem o temperamento certo. Um falcoeiro deve ser um homem de paciência infinita, ouvido agudo e visão única. Possuidor de um espírito atrevido, e uma terna mas poderosa mão. Constantemente deve harmonizá-los com seus cantos. Sabe por que?

-Por que?- sussurrou ela.

-Porque os falcões são criaturas muito sensíveis e excitáveis, meu coração. São conhecidos por padecer de dores de cabeça e toda classe de doenças humanas, tão sensíveis são. Sua sensibilidade extrema as torna as caçadoras mais finas e vitoriosas de todos os tempos, ainda que possa fazê-las também as mais exigentes. E o *haggard*... ah, minha doçura, o *haggard* é o mais puro desafio de todos. E por longe o mais recompensado.

Ela não perguntaria o que era um *haggard*.

-*O que é um haggard*?, pergunta profundamente essa alma teimosa e silenciosa, meu coração?-. Ele riu extraordinariamente e fez eco nas paredes de pedra do *broch* repentinamente perfumado.

-Deixe de chamar-me *'meu coração'*- murmurou ela quando se moveu para atrás oh, tão cautelosamente. Tinha que encontrar uma parede. O *broch* era redondo, e uma parede garantiria uma porta em algum ponto. Poderia ser cega nessa escuridão profunda.

Ouviu seus passos no chão de pedra. Santo céu, como podia ele vê-la? Mas estava dirigindo-se diretamente para ela! A moça retrocedeu devagar, silenciosamente.

-Não sou nenhum estranho para a escuridão, garota- advertiu Hawk-. A encontrarei. Sou o melhor dos falcoeiros.

Ela não disse nada, não fez nenhum som.

-Um *haggard* é um falcão selvagem, maduro- continuou ele, a indireta de um sorriso em sua voz-. Normalmente um falcoeiro é reticente em assumir o desafio de treinar um, mas as vezes, numa lua verdadeiramente rara como a lua da colheita que nós tivemos na última tarde, o falcoeiro descobre um pássaro de tal brilho, tal magnificência, que lança toda cautela de lado e apanha o *haggard*, jurando uni-lo a ele. Jurando fazê-lo esquecer todo o seu passado selvagem -na escuridão ou na luz- e o ave oferece livremente seu futuro a seu falcoeiro.

Ela não devia contestar-lhe; ele seguiria sua voz.

-Meu doce falcão, lhe digo como domarei meu novo *haggard*?

Silêncio absoluto. Estavam rodeando-se na escuridão como animais cautelosos.

-Primeiro cegarei a minha dama, que é privá-la da visão com um capuz de seda negra.

Adrienne sufocou um ofego indignado em sua mão trêmula. Os vincos de seu vestido sussurraram quando se afastou rapidamente.

-Então desgastarei as suas garras.

Um seixo rodou pelo chão um pouco mais longe. Ela retrocedeu sobre seus passos, apertando suas saias para mantê-las silenciosas.

-Ato *jesses*, campainhas delicadas em seus tornozelos para que possa estar consciente de cada movimento seu, porque eu também estou na escuridão.

Ela suspirou trabalhosamente -quase um arquejo-; então se amaldiçoou por ter-se descuidado e saber que ele rastrearía seu ofego traidor. Sabia que sua estratégia era seguir falando até provocá-la o suficiente para revelar-se a si mesma. E então o que? Ainda que não estivesse disposta a ajudá-lo, sim se perguntava o que aconteceria. Lhe faria amor Hawk então ali na escuridão do *broch*? Um arrepio a atravessou, e não estava segura de que fosse medo. Não estava nada segura.

-Então lhe coloco uma correia para atá-la a seu poleiro, até que já não necessite atá-la. Até que ela se ate por vontade própria. E a melhor parte, o processo longo, lento, de moldá-la a mim. Lhe cantarei a mesma canção doce até que se acostume ao som de minha voz e somente da minha...

E sua voz rica começou esse mesmo cantarolar rouco de arrulho, derretendo sua decisão.

Adrienne caminhou lentamente para atrás; sentia a brisa dele passando perto dela, a centímetros somente. Onde estava essa parede?

Quase gritou quando ele a encontrou na escuridão, debatendo-se por um longo momento contra seu domínio de ferro. Sua respiração soprou em seu rosto e ela lutou contra seu domínio.

-Acalma-se, doce falcão. Não lhe machucarei. Nunca- sussurrou ele roucamente.

Adrienne sentia o calor de suas coxas que queimavam através de seu vestido matinal de tênue seda. Foi envolvida pelo cheiro atrevido de perfume e homem. *Oh, homem atraente, por que não o conheci antes que minha última ilusão se despedaçasse? Por que não o encontrei quando ainda acreditava?*, se lamentou. Lutou contra seus braços que a cingiram, abraçando-a.

-Deixe-me ir!

Hawk ignorou seus protestos e a enlaçou mais no aço de seu abraço.

-Sim, terei que lhe cegar simplesmente. Ou talvez unir suas mãos e encapuzar seus olhos com seda, e colocá-la em minha cama, nua e aberta às puras sensações até que se acostume ao meu tato. Lhe amansaria isso, doce falcão? Poderia aprender a amar meu tato? Pedi-lo como eu lhe peço?

Adrienne engoliu convulsivamente.

-Um falcão deve cortejar-se com amor implacável e áspero. Levando-lhe sua luz, cegando-o, aprende a entender com seus outros sentidos. Sentidos que não mentem. O falcão é uma criatura sábia, acredita no que pode sentir, o que pode conter sua

garra ou seu bico. Toca, cheira e ouve. Devolvendo-lhe a vista e a liberdade devagar, une-se à mão que restaura essas coisas para ele. Se não confia em seu amo e não lhe concede lealdade absoluta ao final de seu treinamento, procura fugir a cada oportunidade-. Ele fez uma pausa, seus lábios a um suspiro escasso dos seus-. Nenhum de meus falcões voou de minha mão alguma vez sem voltar- advertiu ele.

-Eu não sou um pássaro tonto.

-Não, tonto não, mas o mais fino. Um falcão é o único pássaro que pode emparelhar-se com outro falcão para o voo, exatidão, e velocidade. Para não mencionar a força do coração.

Ela se perdeu no momento que ele começou a cantar. E não protestou mais quando seus lábios acariciaram os seus ligeiramente. Nem fez uma crítica no momento seguinte, quando as mãos de Hawk em seu corpo se tornaram duras, quentes e exigentes. Agradando. Reclamando.

-Voaria para mim, doce falcão? Eu a levarei mais alto do que esteve alguma vez. A ensinarei a alcançar alturas que só sonhou que existiam- prometeu ele quando espalhou beijos por seu queixo, seu nariz, suas pálpebras. Suas mãos acariciaram seu maxilar na escuridão e sentiram cada curva, cada plano e elevação de seda de seu rosto e garganta com suas mãos, memorizando os matizes.

-Sinta-me, garota. Sinta o que me faz!-. Ele apertou seu corpo contra o seu e moveu seus quadris, assegurando-se de que ela sentia a masculinidade inchada que se levantava sob seu *kilt* e incitava o interior das coxas femininas.

E ali estava a parede; esteve precisamente as suas costas o tempo todo. Pedra fresca em suas costas e o inferno de Hawk à frente, queimando-a através de seu vestido. Ela levantou suas mãos para esbofetear-lo, mas ele as recolheu e as fixou sobre sua cabeça, contra a parede. Seus dedos fortes estenderam sua autoridade, retorceram e acariciaram suas mãos. Palma contra palma, achatados contra a pedra. E uma de suas mãos fechou os olhos de Adrienne suavemente.

-Meu doce falcão- suspirou ele contra seu pescoço-. Lute quanto queira, não servirá de nada. Pus minha mente em você, e esta é a primeira vez que está cegada. Nesta escuridão, aprenderá a conhecer minhas mãos quando tocarem cada centímetro de seda de seu corpo. Não tomarei de você mais do que isso. Simplesmente que sinta meu tato, não precisa inclusive ver meu rosto. Serei paciente enquanto a faço dócil a minhas mãos.

Sua outra mão era fogo líquido, escorregando seu vestido para acima e acima de suas coxas e oh...! Ela não tivera a mais mínima idéia de onde procurar roupa de baixo essa manhã. Sua mão, sua mão forte, formosa, estava amassando suas coxas, empurrando-os suavemente para afastá-los e deslizar o calor de sua perna musculosa entre eles. Ele ronronou, um ronrudo rouco de triunfo masculino, quando sentiu a umidade traidora entre suas coxas. Adrienne se ruborizou furiosamente; apesar de suas intenções, suas mãos tremeram ao descansar em seus ombros, então se afundaram profundamente em seu cabelo suave, grosso. Seus joelhos, já débeis, sentiram-se flácidos quando ele afastou o corpete de seu vestido de lado e deixou cair sua cabeça sobre seus seios, lambendo e roçando as cumes endurecidos com sua língua, depois com seus dentes.

Mal percebeu quando ele empurrou seu *kilt*; mas notou definitivamente quando sua excitação dura, quente, pesada, apertou-se contra sua coxa. Adrienne fez um som gutural: meio gemido, meio súplica. Como ele lhe fez isso? Somente tocando-a, Hawk conseguiu de algum modo liberar cada célula de resistência que teceu tão cuidadosamente como uma capa protetora.

Nunca foi assim com Eberhard! Sua mente fugiu de seu corpo e ela se aferrou à mão que estava cegando-a. A mão que negava sua vista e ela saboreava com seus lábios; voltou sua cabeça para pegar um dedo com sua língua. Adrienne quase gritou quando ele tomou esse mesmo dedo e o pôs dentro do calor ardente entre suas pernas.

-Voa para mim, doce falcão- suplicou, sustentando um de seus seios pesados com sua mão e lambendo sua cume enrugada. Provocou-a implacavelmente e a apertou com suavidade, tocando-a por todas as partes.

Seus lábios voltaram para reclamar os seus com desespero, uma fome longamente negada. Uma fome que nunca poderia saciar-se. Seu beijo foi longo, duro, castigador, e ela se deleitou em suas exigências silenciosas. Um gemido lhe escapou quando a ponta de seu polegar encontrou o bocado diminuto de calor aninhado entre seus vincos úmidos, e a cabeça de Adrienne se deixou cair para trás quando uma onda cresceu lançando-a para o alto e mais alto. Rendendo-se a seus dedos, sua língua e seus lábios, ela sacrificou o último vestígio de sua contenção.

-Adrienne- sussurrou ele roucamente-, é tão formosa, tão doce. Deseje-me, garota. Precisa de mim como eu preciso de você.

Ela sentia o calor de um lugar sem nome que nunca lhe ensinaram, atraindo-a mais profundamente.

Adrienne se esforçou por dizer as palavras que sabia que devia dizer. A palavra que sabia a livrariam. Esse sedutor lendário de mulheres... oh, quão fácil era entender como essas legiões sucumbiram diante dele! Era tão bom nisso. Quase a fez acreditar que era por ela e só por ela que estava ansioso. Quase uma estúpida de novo.

Mas isso era o que chamavam enganadores. Lotharios. Don Juans. Aplicavam a mesma habilidade e determinação implacável à sedução a que aplicavam à arte da guerra, às conquistas de qualquer classe.

Ressuscitando os farrapos de suas defesas, ela endureceu sua vontade contra seus avanços.

Hawk ao contrário estava perdido. Perdido como esteve desde o momento em que pôs seus olhos nessa mulher fascinante. Não importava que suas imaginações estranhas surgissem de algum passado segredo e terrível, ele descobriria uma maneira de apagar todos os seus medos. As coisas que Grimm lhe disse não significavam nada. Com amor, ele poderia superar qualquer obstáculo a seu tempo. Ela seria sua dama falcão, agora e para sempre. A monopolizou rendendo-se a suas mãos, saboreado com rara delicadeza o doce mel de seus lábios, tremendo ante o pensamento de que ela sentisse por ele o que ele sentia por ela. Com ela, nunca estaria como esteve antes, vazio e arrasado.

Não, com essa garota ele derrotaria a vida. Ela não via a beleza que as outras mulheres adoraram. Essa garota possuía seus próprios segredos. Seus próprios horrores. Suas próprias profundidades. Tudo numa, uma mulher singular, de fato. Ele estava afundando-se, afundando-se em suas profundidades... o beijo se aprofundou ferozmente e sentiu que os dentes de Adrienne roçavam seu lábio inferior. Enlouqueceu-o além de todo controle.

-Oh!- suspirou ela, quando ele mordeu suavemente o pescoço de seda.

Animado por seu sucesso, ele suspirou tentando dizer as primeiras palavras. Precisava dizer-lhe; precisava que ela entendesse que esse não era nenhum jogo. Que nunca em sua vida se sentiu dessa maneira, e nunca o faria de novo. Ela era o que esteve esperando todos esses anos, a única que completaria seu coração.

-Ari, meu coração, meu amor, eu...

-Oh, cale-se, Adam! Não há necessidade de palavras-. Ela apertou seus lábios contra os seus para impor-lhe silêncio.

Hawk se enrijeceu, rígido como um ártico glacial e completamente frio.

Com os lábios dele ainda contra os seus, o coração de Adrienne gritou em agonia. Mas, quanto pior gritaria se se voltava uma marionete novamente?

As mãos de Hawk se fincaram cruelmente em suas costas. Deixaria manchas que durariam dias. Devagar, muito devagar, um por um, tirou seus dedos dela.

Ela disse *seu* nome!

-A próxima vez que disser o nome de Adam, garota, deixarei de pedir o que já possuo e simplesmente o tomarei. Parece esquecer que me pertence. Não há necessidade de seduzi-la quando poderia simplesmente levá-la para minha cama. A opção é sua, Adrienne. Já lhe adverti: escolha sabiamente.

Hawk abandonou o *broch* sem outra palavra, deixando Adrienne sozinha na escuridão.

Adrienne devia ter sentido apetite. Passou o resto do dia, depois do incidente com Hawk, vagando por cada centímetro da muralha. Esse dia não ia acabar nunca?, perguntou-se. Devia ter passeado vinte milhas, pelo que devia ter queimado um pouco de sua frustração. Inclusive seus guardas pareceram um pouco enfadados quando ela consentiu em voltar ao castelo encontrando ao próprio e valente Hawk finalmente.

O jantar ofereceu uma suave e espessa sopa de batatas com queijo fundido e temperado com cinco pimentas; um delicado peixe branco cozido ao vapor sobre fogo em azeite de oliva, guarnecido com um caranguejo amanteigado; aspargos perfeitamente crocantes; salsichas gordas e pães crespos; pudins e frutas; tortas de limão e docinho de marmelo. Adrienne não podia comer nem um pouquinho.

O jantar era horrível.

Se olhasse uma vez mais e descobrisse o olhar letal que Hawk lhe lançou, a mulher levaria um punho à boca para impedir-se gritar.

Adrienne suspirou profundamente quando fez passear a colher na sopa que todos os demais pareciam estar saboreando. Empurrou-a, revolveu-a, quebrou o queijo fundido. Estava reestruturando seus aspargos diligentemente em pequenas pilhas quando Hawk finalmente falou.

-Se vai brincar com a sua comida, Adrienne, poderia dá-la a alguém que tem fome de verdade.

-Como você, meu senhor?-. Adrienne sorriu docemente ao prato de Hawk, que também estava cheio de comida intacta.

Sua boca se apertou numa linha austera.

-A comida não é de seu gosto, Adrienne, querida?- perguntou Lydia.

-É maravilhosa. Suponho que ainda não recuperei o apetite- começou a jovem.

Lydia se levantou de um salto.

-Talvez ainda deveria estar descansando, Adrienne- exclamou, disparando um olhar acusador a seu filho. Hawk revirou os olhos e se negou a envolver-se.

-Oh, não, Lydia- Adrienne protestou rapidamente-. Estou totalmente recuperada-. De jeito nenhum ia regressar ao quarto Green Lady e brincar de inválida. Muitas recordações estranhas havia ali. Essa noite planejava encontrar um novo quarto para dormir; certamente não havia escassez deles nesse sólido castelo. Estava esperando explorar o lugar mais tarde e selecionar um quarto para si -. Realmente estou bem. Creio que comi muito no almoço.

-Não almoçou- disse Hawk secamente.

-Oh, e quem é você para saber?- replicou ela-. Talvez comi na cozinha.

-Não comeu- afirmou Tavis servilmente-. Estive o dia todo na cozinha, direi. Esqueceu-se de comer é o que fez, milady. Uma vez ou duas eu fiz o mesmo, direi, e mais faminto fiquei, ou ao menos senti mais fome. Assim que deveria comer melhor, milady. Precisaré da sua força novamente e eu direi que ainda mais!-. Uma inclinação enfática de sua cabeça alegre determinou seu decreto.

Adrienne olhou fixamente seu prato, um rubor rebelde colorindo suas faces.

Lydia observou Tavis quando se pôs de pé protetoramente ao lado da cadeira de Adrienne.

-Acho que também não tenho muita fome- disse Lydia-. Que me diz se você e eu dermos um passeio nos jardins?

-Com a força bruta arrastando-se atrás de nós?- murmurou Adrienne, olhando Hawk sob as pestanas baixadas.

-...enquanto meu filho tira alguns grãos da despensa e nos prepara uma boa xícara de café para nossa volta- continuou Lydia, balançando no ar a isca como se não tivesse sido interrompida.

Adrienne se levantou de um salto. Qualquer coisa para escapar de seus olhos, e café para reanimar-se.

A traição brilhou agora nos olhos de Hawk.

Lydia tomou Adrienne pela mão e começou a levá-la aos jardins.

-Prepararei o café, mãe- disse Hawk a suas costas-. Mas farei com que Maery leve as coisas de Adrienne ao Quarto do Pavão Real.

Lydia se deteve. A mão que sustentava a de Adrienne se apertou quase imperceptivelmente.

-Está bastante seguro, Hawk?- perguntou tensamente.

-Sim. Ela está completamente recuperada. É minha esposa. Onde melhor para protegê-la?

-Muito bem.

-Onde é o Quarto do Pavão Real?-. Adrienne girou sobre seus calcanhares para enfrentá-lo.

-No terceiro andar.

-O terei para mim?

-Completamente, enquanto eu não o use. São as câmaras do *laird*.

-Não dormirei com você.

-Não recordo de ter lhe perguntado.

-Você, gigante, asno arrogante, vaidoso...

-Realmente, Adrienne, meu filho não é nenhuma dessas coisas- repreendeu Lydia.

-Nada pessoal contigo, Lydia. Gosto realmente de você- disse Adrienne educadamente. A cortesia terminou abruptamente quando olhou para Hawk-. Mas eu não compartilharei a sua cama!

-Realmente não é um tema para discutir na mesa do jantar, direi- opinou Tavis, coçando sua cabeça, o rubor colorindo suas bochechas.

Hawk riu e o retumbar obscuro vibrou através do corpo de Adrienne, deixando seus mamilos eretos e seu coração martelando.

-Esposa, compartilhará meu quarto esta noite nem que eu a ate e a leve para lá. Pode sofrer essa humilhação ou pode ir com seus próprios pés de boa vontade. Não me importa muito como chega ali. Simplesmente chegue ali.

Amotinando seu peito, ameaçando roubar seus sentidos... Sombriamente ouviu a porta atrás dela abrir-se e fechar-se, e sentiu o cheiro de um perfume enjoativo que revolveu seu estômago. Qualquer que fosse esse cheiro, recordou-lhe o orfanato; de mofo e traça e os dias em que as freiras faziam a esfregação dos pisos e arrastavam o mobiliário escuro.

-Carinho!- veio o suspiro de deleite feminino atrás dela.

A mão de Lydia se apertou dolorosamente na sua.

-Olivia Dumont- murmurou quase sem respirar-. Santo Céu! Duvido que este dia termine bem.

-Olivia?- fez eco Adrienne, seus olhos voando para Hawk.

Olivia, Hawk pensou tenebrosamente. Este dia estava se transformando rapidamente de mau em pior. Negou-se a encontrar o olhar interrogador de Adrienne. Como se atrevia ela a chamá-lo de Adam enquanto lhe fazia amor e então perguntar por outra mulher? Não tinha nenhum direito. Não depois que ela disse esse nome.

A fúria o consumia cada vez que pensava nisso.

Adam.

As imagens de suas mãos separando a carne do ferreiro de seus ossos o confortaram por um momento.

Então a desolação o pressionou. Agora tinha dois problemas: Como ele ia fazer Adrienne desejá-lo? E o que ia fazer com Olivia?

Juntar Olivia com o ferreiro?

Isso trouxe um sorriso a sua cara, a primeira em muito tempo.

E naturalmente, Adrienne o entendeu mau e pensou que seu sorriso estava dedicado a Olivia, tal como pensou a mesma Olivia. Como, parecia, tinha feito sua mãe, que franziu o cenho. Grimm amaldiçoou suavemente depois de um suspiro. Tavis agitou sua cabeça, murmurou um juramento acalorado, e se afastou silenciosamente da mesa de repente muito cheia.

-Olivia-. Hawk inclinou sua cabeça-. Que a traz a Dalkeith?

-Por que, Hawk- Olivia sussurrou- precisa perguntar? Senti sua falta na corte. Tem estado longe do meu... *lado*... há muito tempo. Imaginei que simplesmente tinha que vir procurá-lo eu mesma se o necessitava. Pelo que -ela terminou com uma vibração de pestanas e um luxurioso olhar de *vêem aqui*- aqui estou.

Hawk compreendeu tardiamente que fizera uma pergunta tonta com Adrienne olhando fixamente Olivia com um olhar gelado. Hawk sabia por experiência que Olivia podia responder qualquer pergunta -não importava quão inocente- com uma indireta carregada, mas afastou todas as suas recordações desagradáveis de suas tonterias no momento em que voltou a Dalkeith. Lhe ocorreu que faria bem em ressuscitar essas recordações rapidamente. Seria imprudente esquecer-se da propensão de Olivia para os conflitos; a víbora estava agora em seu ninho.

A respiração de Olivia se deteve audivelmente quando olhou fixamente para Adrienne.

-Saudações, Olivia. Veio falar com meu marido?

Momentaneamente livre do olhar colérico de Adrienne, Hawk se ergueu. *Marido*, disse. E o disse possessivamente. Talvez houvesse, depois de tudo, alguma esperança.

-Falamos realmente um idioma comum no passado- pronunciou Olivia com lentidão-. Uma classe de comunicação sem palavras, se entende o significado. Simplesmente o tipo de conversa que Hawk se dá melhor.

-Coloque-a então no Quarto do Pavão - alfinetou Adrienne por cima de seu ombro quando arrastou Lydia pela porta e a fechou inesperadamente atrás delas.

CAPÍTULO 15

-O rei pode tê-lo liberado de seu serviço, mas eu nunca sonharia com liberá-lo do meu. Serviu-me tão bem no passado, juro, que realmente estou mimada-. Olivia se retorceu mais perto no banco de pedra no pátio, descansando a curva de seu quadril maduro contra a coxa musculosa de Hawk.

Lydia voltou sozinha para casa menos de quinze minutos depois que ela e Adrienne saíram, dando um sorriso arrogante a seu filho, enquanto ele se apoiava na grande mesa com a infernal Olivia. O café esquecido, Hawk dirigiu Olivia rapidamente aos jardins para ver o que sua esposa poderia estar fazendo. Quando sua mãe o olhava dessa maneira... bom, a mulher tinha uma mente como uma catapulta bem engraxada, mortal no ataque.

Hawk passeou com Olivia através dos imensos jardins com passos rápidos, os olhos procurando aos guardas que acompanhavam a sua esposa. Nada. Uma e outra vez seus olhos se deslizaram para a muralha norte, para a margem flutuante de luz do fogo à margem das sorveiras.

-Posso assumir que nos entreteremos esta noite como costumávamos fazê-lo, Hawk?- a respiração calorosa de Olivia chegou até o seu rosto.

Hawk suspirou inaudivelmente.

-Olivia, sou um homem casado agora.

O riso de Olivia soou demasiadamente brilhante e recordou a Hawk que era uma mulher à que lhe encantava roubar o homem de outra mulher. Quanto mais difícil o homem era de se obter, Olivia mais feliz ficava. Hawk estava bem inteirado de seu jogo peculiar; ela desfrutava ferindo a outras mulheres e esmagando seus sonhos, rompendo seus corações. Hawk suspeitou que era um tipo de vingança; pois uma vez uma mulher tomou a seu homem, e ela nunca o superou; ao contrário, tornou-se uma mulher amarga, destrutiva. Uma vez que entendeu finalmente, quase sentiu compaixão por ela. Quase.

-Ela é *Mad Janet*, Hawk- disse Olivia secamente.

-Seu nome é...-. Ele se interrompeu abruptamente. Não devia dar nenhuma munição a Olivia. Suspirou cuidadosamente e reformulou sua frase-. Seu segundo nome é Adrienne, e é o que ela prefere-. E acrescentou friamente-: pode chamá-la de Lady Douglas.

As sobrancelhas de Olivia se levantaram zombadoramente.

-Não a chamarei lady nada. O país inteiro sabe que ela está louca como um galgo raivoso. Eu não ouvi, no entanto, que era suportável à vista.

Hawk resfolegou.

-Suportável? Minha esposa é extraordinária em todos os sentidos.

Olivia riu tremulamente, então afirmou sua voz sarcástica.

-Bem! Será que o lendário Hawk acredite estar apaixonado? O incansável amante das mulheres pensa que poderia deter-se com esta? Oh, deixe disso, *mon chérie*. É nauseante. Sei que tipo de homem é. Não há nenhum mérito em fingir sentimentos elevados que nós sabemos que não possui.

A voz de Hawk estava gelada quando falou.

-Ao invés das suas expectativas, não sou o homem que estava na corte de James. Não sabe nada de mim; outra coisa são as ilusões que escolheu acreditar -. Ele fez uma pausa pesada, para prestar ênfase a suas próximas palavras-. Olivia, não há nenhum rei aqui para pedir-me que a aceite, e nunca regressarei à corte de James. Terminou. *Tudo* terminou-. No momento em que as palavras saíram, o coração de Hawk voou. Era livre.

-Isso era tudo? Me aceitava?- exigiu Olivia.

-Sabia disso-. Hawk grunhiu zombadoramente-. Recusei-a uma dúzia de vezes antes de que fosse a James. Se convenceu de que houve uma mudança de coração? Sabe o que passou exatamente. Foi você quem solicitou ao rei fazer-me...-. Hawk se interrompeu abruptamente, vislumbrando o brilho de cabelos loiro-prateado no luar, a alguns metros de onde eles estavam sentados.

Adrienne se acercou, seu braço envolto na curva do cotovelo de Adam, uma esplêndida capa carmim pousando em cima de seus ombros, seda ondulando sensualmente na brisa da tarde mansa.

-Olivia-. Adrienne inclinou sua cabeça.

Olivia resmungou, apertada ao braço musculoso de Hawk ligeira e possessivamente.

-Una-se a nós- disse Hawk rapidamente, ignorando o súbito beliscão de Olivia.

O pensamento de Adrienne caminhando na escuridão com Adam fez coisas perigosas a sua cabeça. Hawk franziu o cenho quando compreendeu que era provavelmente tão perigoso quanto Adrienne ser exposta a algo que Olivia poderia dizer ou fazer.

Não desejava que a conversa continuasse onde parou, não diante de Adrienne, sem uma explicação. Ele sabia que tinha que obter o controle, mas não tinha experiência com esse tipo de situação. Nunca teve uma ex-amante tentando provocar problemas com sua esposa, porque nunca tivera uma esposa antes, e certamente nunca se enredaria num encontro tão banal como potencialmente arriscado. Sua preocupação de que Olivia pudesse dizer ou fazer algo para ferir Adrienne desequilibrava sua lógica habitual.

Afortunada ou desgraçadamente -dependendo de como o visse- Adrienne recusou sua oferta. Aliviado, Hawk propôs desfazer-se de Olivia o mais cedo possível para salvar sua esposa do ferreiro e ter uma longa e boa conversa com ela.

-Não desejaríamos perturbar seu agradável *tete-a-tete*- objetou Adrienne-. Ou um *bouche-a-bouche* se prefere- murmurou ela, num suspiro.

-O que disse?- perguntou Olivia docemente-. *Tu parles francais?*

-Não- contestou Adrienne secamente.

Olivia riu levemente e a estudou.

-Parece ser uma mulher de não poucos segredos, Janet Comyn. Talvez você e eu devêssemos ter nosso próprio *tete-a-tete* e trocar algumas dessas intimidades. Depois de tudo...-. Seu olhar vagou possessivamente em cima de Hawk -...temos muito em comum. Sei que a fascinaria ouvir falar do tempo de Hawk na corte de James. Ele realmente era o homem sobre...

-Isso seria encantador- Adrienne a interrompeu simplesmente, terminando o fluxo das palavras venenosas de Olivia. Suas entranhas já estavam dando voltas; se ouvisse algo mais, gritaria ou choraria, não sabia o que, mas sabia que não seria nada elegante-. Em alguma outra oportunidade, no entanto, Olivia. Tenho minhas mãos realmente ocupadas agora-. Envolveu suas mãos ao redor dos bíceps de Adam, imitando as garras de Olivia sobre Hawk. Acercando-se mais a Adam, permitiu-lhe dirigí-la para longe dali.

-Ferreiro!-. Hawk encontrou sua voz finalmente. Escutou a conversa das mulheres com horror gelado e se esforçou em imaginar uma entrada nas arriscadas sutilezas; mas, uma vez mais, Adrienne o salvou inconscientemente impondo silêncio a Olivia antes que Hawk enchesse com seu *sporrán* sua boca mentirosa e cheia de artimanhas.

Adam fez uma pausa a meio passo e se moveu mais perto de Adrienne. A capa carmim de sua esposa flutuou na brisa suave e Hawk sentiu como se estivesse rindo dele. Onde infernos conseguiu essa capa?

-Milorde?- Adam sorriu mordazmente. Sua enorme, morena mão se levantou para cobrir a de Adrienne que descansava em seu braço.

-Há noventa e dois cavalos que precisarão de ferraduras. Equivale a trezentos e sessenta e oito ferraduras. Faça-o. Neste mesmo minuto.

-Certamente, meu senhor-. Adam sorriu maliciosamente-. Esquentar uma forja é justo o que tinha em mente.

As mãos de Hawk se converteram em punhos a seus lados.

-Noventa e dois! Hawk!- Olivia abanou seus seios. Sua ávida atenção passou para o ferreiro e examinou Adam especulativamente. Hawk viu como sua língua se lançava para fora para umedecer seus lábios-. Sabia que era poderoso, mas essa é muita carne- pronunciou com lentidão, seus olhos movendo-se de acima para abaixo, vistoriando ao ferreiro da cabeça aos pés. Finalmente, afastou seu olhar para longe de Adam-. Talvez pudesse guardar um arreio para mim?-. Ela olhou de relance para Hawk sob suas pestanas oscilantes.

-Definitivamente-. Hawk suspirou enquanto olhava a sua esposa retirando-se-. O que pensa do nosso ferreiro, Olivia?- perguntou cautelosamente.

O que estava fazendo? Ficou louca? Quando Lydia propôs que procurasse Adam e passeasse pelos jardins com ele, pareceu uma boa idéia, mas agora Adrienne não tinha a menor idéia de por quê.

Porque Hawk a enfureceu, por isso. Ateveu-se a pensar que ela era tão tonta que podia consegui-la e podia convidar a sua amante para visitá-lo, tudo ao mesmo tempo.

Houve uma vez que ela foi igualmente tonta. Alguma vez, poderia convencer-se que Olivia era uma intrusa e que Hawk estava cheio de intenções primitivas. Sim, uma vez ela acreditou que Eberhard realmente ia ao banheiro, deixando-a no salão principal da festa, enquanto de fato ele estava dando uma *rapidinha* na piscina da mansão com uma voluptuosa convidada.

Mas ela já não era essa mulher. Nunca seria novamente.

Hawk, o sedutor lendário de mulheres, passou a tarde tentando convencê-la de que ela era a única que ele desejava, mas no jantar uma nova mulher apareceu. Uma antiga amante. E ele sorriu para ela. Passeou nos jardins com ela. Esqueceu o café de Adrienne por ela. Era igual a esses homens que prestavam atenção a qualquer mulher que estivesse defronte e se mostrasse desejosa.

E Olivia estava certamente desejosa. *Simplesmente, por que se preocupa, Adrienne?*

Não me preocupo. Não me agrada ser tratada como uma tonta!

-Hawk faz você de tonta - disse Adam suavemente.

Adrienne sufocou um ofego. O homem parecia ler-lhe a mente. Ou era tão certa que qualquer um poderia vê-la, inclusive o ferreiro?

-Merece algo melhor, Bela. Eu poderia presenteá-la com qualquer coisa que desejasse. Sedas para seu corpo perfeito. Todos os grãos de café da Montanha Azul da Jamaica. E no entanto ele não lhe deu nada.

-Não me importa. Não significa nada para mim-. Adrienne estremeceu ligeiramente dentro da capa que Adam depositou sobre seus ombros.

-Deveria. É a mulher mais extraordinária que encontrei, Bela. Eu lhe daria tudo. Qualquer coisa. Diga-o. Ordene-me. E o farei seu.

-Fidelidade?- replicou Adrienne ao ferreiro. De algum modo, atingiram a forja, ainda que Adrienne não tivesse nenhuma recordação de ter caminhado tão longe. Seus pés se sentiam estranhamente cansados e sua cabeça navegava à deriva.

-Para sempre- murmurou o ferreiro- e além.

-De verdade?- perguntou Adrienne, então admoestou a si mesma. Por que perguntava? Os homens mentiam. As palavras não demonstravam nada. Eberhard Darrow Garrett lhe disse todas as palavras corretas.

-Alguns homens mentem. Mas alguns homens são incapazes de fazê-lo. Mente, doce Bela? Se eu lhe pedisse fidelidade e empenhasse a minha mudança, me daria? Poderia confiar em suas palavras?

Claro, ela pensou. Não tinha nenhum problema com a fidelidade.

-Eu suspeitava- disse Adam-. É única, Bela.

Estava lhe respondendo? Não pensou que o fazia. Adrienne sentiu sua cabeça embotada.

-Onde estão os guardas?- murmurou ela.

-Está em meu reino. Eu sou toda a proteção que alguma vez precisará.

-Quem é você?- perguntou Adrienne.

Adam riu de sua pergunta.

-Vêem para meu mundo, Bela. Permita-me mostrar-lhe maravilhas que excederão seus sonhos mais selvagens.

Adrienne dirigiu um olhar irreal para Dalkeith, mas tudo o que viu foi uma estranha luz trêmula à margem do bosque, não as luzes do castelo. O som do mar agitado encheu seus ouvidos, mas isso não podia ser. O oceano estava no extremo oriental da muralha e ela estava no norte. Por que não podia ver o castelo?

-Onde está o castelo, Adam? Por que não posso ver Dalkeith?-. Sua visão se borrou, e foi assaltada pela sensação misteriosa de que de algum modo, já não estava na Escócia. Onde quer que estivesse, não se sentia em um lugar bom.

-O véu se faz delgado- murmurou Adam-. Morar a espera, encantadora.

Estava de pé ao lado dele na areia fresca sem entender como conseguiu chegar ali. Sua mente estava impossivelmente confusa. Um sentido de perigo, hostil e antigo, apertou e fez um buraco em seu estômago. Esse homem... algo sobre esse homem não era bom.

-Quem é realmente, Adam Black?- insistiu. Simplesmente formar as palavras era um desafio: sua língua se sentia espessa, seus músculos demasiado elásticos.

Adam sorriu abertamente.

-Está mais perto do que pensa, Bela.

-Quem?- insistiu, lutando para reter o controle de seus sentidos. O cheiro rico, escuro, do jasmim e do sândalo turvou sua mente.

-Sou o pecador *siriche du*, Bela. E sou único como você.

-É também do século XX?- perguntou ela aturidamente-. O que se passa comigo? Por que me sinto tão estranha?

-Cale-se, Adrienne. Permita-me amá-la como merece. É a única para mim...-. Tarde demais ele compreendeu seu erro.

A única. *A única*. Hawk tentou lhe fazer acreditar na mesma coisa. Como o ferreiro podia ser diferente? Considerando a sensação de sua excitação dura apertada contra sua coxa, não muito. Simplesmente como Eberhard. Simplesmente como Hawk.

Não de novo! Adrienne lutou por encontrar sua voz, aclarar sua cabeça.

-Solte-me, Adam.

-Nunca-. As mãos poderosas de Adam agarraram seu corpo. Podia sentir como desamarravam sua capa e escorregavam em cima de seus seios. Guiando-a para abaixo, para a areia de seda, ele se colocou sobre ela, seu rosto dourado quase âmbar pelo fogo. O suor enfeitou com gotas sua fronte e brilhou sobre seus lábios cruéis e formosos.

Adrienne se confundiu pela ilógica sensação de areia sob seu corpo. Ela podia ver a luz vermelho-ouro do fogo. Onde estava? Numa praia ou na forja? Concluiu nebulosamente que não lhe importava, somente queria que ele a deixasse ir.

-Solte-me!-. Seu lamento tomou toda a força que ela possuía.

Solte-a se ela o quer, Piadista, ordenou a sombra de uma voz.

De repente a noite ficou imóvel. O som do mar agitado se murchou no criquilar dos grilos.

As mãos de Adam se apertaram dolorosamente sobre os ombros de Adrienne.

Solte-a, Adam. "Ela escolhe" foi o trato que fez. Honra o pacto.

Mas Rei Finnbheara, ele nos desonra!

Piadista! Se não tem honra, não vagará livremente no futuro!

Uma rajada amarga de brisa levou um suspiro furioso de Adam, e então ela esteve nariz a nariz com Hawk. Seu rosto estava coberto de fúria.

A capa de seda nos ombros de Adrienne tremia ferozmente, uma chama de vermelho brilhante.

-Onde estava?- exigiu Hawk.

-Adam e eu...- começou Adrienne, dando uma olhada ao redor. Adam não se via em nenhuma parte. Sua mente estava de novo aguda e clara; esse nevoeiro sonolento era uma recordação insípida e incompleta. Estava de pé em frente ao fogo da forja, mas as chamas tinham se apagado até ser brasa fria e a noite se fazia mais negra a cada minuto-. Simplesmente estava caminhando- emendou ela apressadamente, e inclinou sua cabeça para evitar seu olhar penetrante.

-Adrienne- gemeu Hawk, olhando fixamente a cascata pálida de cabelo que escondia seu rosto dele-. Olhe-me-. Ele alcançou seu queixo, mas ela o rechaçou.

-Pare.

-Olhe-me- ele repetiu implacavelmente.

-Não o faça- ela lhe rogou. Mas ele não escutou. Agarrou sua cintura e a empurrou contra a longitude dura, masculina dele.

Adrienne procurou, apesar de suas mais boas intenções, nos olhos de meia-noite e o rosto esculpido do guerreiro. Seu bronzeado, duro corpo de viking prometia uma paixão cataclísmica.

-Garota, diga-me que não é ele. Diga. Dê-me as palavras. Mesmo quando não possa senti-las ainda por mim, diga-me que não tem um sentimento real por ele e eu passarei por alto tudo o que sucedeu.

Gemendo, ele deixou cair sua sedosa cabeça escura contra ela, como desfrutando simplesmente de estar tão perto. O cheiro limpo, picante de seu cabelo negro como o pecado, revolveu seus sentidos de maneiras que ela não podia compreender.

-Sinto algo por Adam-. Sua língua se sentia espessa. Inclusive seu corpo tentou desafiá-la ao estar perto desse homem. Obrigou-se a dizer palavras cruéis para feri-lo, e a feriu fazê-lo.

-Onde conseguiu esta capa?- perguntou ele suavemente, suas mãos escorregando em cima do tecido ondeado.

-Adam-. Talvez ele não a ouviu. Não, não o fez, assim que retrocedeu.

Habilmente, ele abriu o broche de prata de seu pescoço com mãos firmes. Não, meditou a jovem, definitivamente não a ouviu. Talvez ela tivesse resmungado inaudivelmente.

Facilmente, ele escorregou a capa de seu corpo. Graciosamente, inclusive.

Ela permaneceu gelada de susto quando suas mãos fortes, bronzeadas, fizeram a capa em farrapos. A expressão em seu rosto era dura e fria. Oh, ele indiscutivelmente a ouviu. Como poderia permanecer intacta pela voragem bárbara e formosa de sua fúria masculina que demonstrava com seus... ciúmes?

Sim, ciúmes.

O mesmo que sentiu ela por Olivia.

Querido Deus, que lhe estava acontecendo?

CAPÍTULO 16

-Por que fez isso?- ofegou ela quando pôde falar.

Hawk pôs um dedo sob seu queixo e inclinou sua cabeça para atrás, obrigando-a a encontrar seu olhar de pedra.

-Arrancarei de você qualquer coisa que Adam lhe dê. Recorde isso. Se eu encontro o corpo dele vestido em cima do seu, ele sofrerá o mesmo destino-. Os olhos flutuaram significativamente sobre um pedaço de seda carmim preso no tronco de uma árvore e agitado como uma coisa morta na brisa.

-Por que?

-Porque a desejo.

-Não me conheces sequer!

Sua boca se encurvou num sorriso formoso.

-Oh, doce moça, sei tudo de você. Sei que é uma mulher complexa, cheia de dualidades; é inocente, e mesmo assim provocadora; brilhante...-. Ele ergueu uma impertinente sobrancelha-, mas sem uma pitada de sentido comum.

-Não sou!-. Adrienne franziu o cenho em protesto.

Ele riu rousadamente.

-Tem um sentido maravilhoso de humor e ri com frequência, mas as vezes fica melancólica-. Ele a apertou com seu corpo e a olhou fixamente com olhos pesados, entrecerrados. Adrienne jogou sua cabeça para trás, tentando tirar o dedo dele debaixo de seu queixo e escapar de seu penetrante olhar em vão.

Ele segurou seu rosto solidamente com ambas mãos.

-É uma mulher voluntariosa, e me agradaria ser o centro do desejo de semelhante mulher. Me agradaria render sua confiança e lealdade para mim tão firmemente como as detém agora. Eu sou um homem maduro, Adrienne. Serei paciente enquanto a cortejo, mas a conquistarei.

Adrienne engoliu duro. Maldito fosse por suas palavras!

Não quero só cortejá-la, garota: a ganharei completamente, acrescentou Hawk no fundo de seu coração. Mas ele não podia dizer em voz alta, ainda não. Não quando ela estava olhando-o fixamente, seu lábio inferior tremendo ligeiramente, mas o bastante... o bastante para dar-lhe esperança.

-Vou ensiná-la que uma vida não é tempo suficiente para todo o prazer que posso lhe dar, garota- prometeu.

Adrienne fechou os olhos e enviou a imagem dele ao inferno e mais além.

-Onde está Olivia?- perguntou, com os olhos fechados.

-Caída em cima de um precipício, se os deuses estiverem sorrindo- Hawk contestou secamente.

Adrienne abriu os olhos e enrugou seu nariz, contemplando-o. Viu a sombra de um sorriso em seu obscuro olhar? Um Hawk apaixonado era letal, mas ela estava vigilante contra sua paixão. Um Hawk provocante podia deslizar-se completamente através de seus defesas.

-Ou se realmente tenho sorte e os deuses são misericordiosos, ela está nos braços de Adam e ele foi golpeado pelo mesmo raio que me abateu quando a vi. Isso não resolveria meus problemas?

O canto de sua boca atirou bruscamente.

-Oh, não. Já sei. Ela vagou no bosque e as fadas a confundiram com uma delas -uma malvada *banshee*- e nunca voltará.

Adrienne riu e foi premiada imediatamente com um dos devastadores sorrisos de Hawk. Estava derretendo-a, desarmando suas defesas. E se sentia bem.

Mas sério, ele disse:

-Disse aos guardas que levassem de volta a Olivia no momento em que seus cavalos descansassem o bastante para fazer a viagem.

O espírito de Adrienne se elevou ante suas palavras.

-Adrienne-. Ele disse suspirando seu nome de um modo rico, complexo e doce-. É só você...

-Pare!

Abruptamente seu humor mudou, flamejante como o mercúrio.

-Quero tê-la para mim em alguma parte. Venha, garota. Dê-me esta noite para mostrar-lhe quem realmente sou. Isso é tudo o que peço.

A mente de Adrienne gritou um ressonante "não"... mas talvez não fosse tão perigoso. *Permita-me mostrar-lhe quem realmente sou...* quão intrigante.

Quer dizer mais formoso além de toda comparação?

Mas que mal poderia haver numa conversa?

-Que mal poderia haver em conversar, Adrienne?

Adrienne pestanejou. Ele devia ter lido as palavras diretamente de sua mente.

-Olhe, Adrienne, a lua sai, brilhando detrás das sorveiras -. Apontou Hawk, e seus olhos o seguiram. Baixando pela musculosa curva de seu braço, sobre sua mão forte apontando à lua brilhante.

-Órbita cor de prata que guia o letargia da noite- meditou Hawk suavemente-. Aposto que dorme pouco em noites como esta, garota, quando uma tormenta ronda e ameaça romper a noite frágil. Está sentindo? Como se o próprio ar causasse a tensão? Uma tormenta ameaçante sempre excitou uma inquietude em mim.

Adrienne podia sentir debilitando-se com cada palavra, enganada por seu acento encantador.

-Essa é uma inquietude que também sinto em você. Caminhe comigo, Adrienne. Nunca dormirá se voltar agora ao castelo.

Hawk estava de pé, a mão estendida, olhando-a com promessas nos olhos. Sem tocá-la: simplesmente esperando que ela escolhesse, para comprometê-la somente por caminhar com ele. Sua respiração era pouco profunda e expectante. Os dedos da jovem se esticaram bruscamente, vacilante sob o calor dos olhos sorridentes, olhos com linhas diminutas nos cantos. Eberhard não tinha nenhuma ruga. Ela nunca poderia confiar num homem sem rugas sobre os olhos. Não teria vivido e rido bastante se não tivesse alguns vincos débeis. Como ela não notou as finas linhas de vida no rosto de Hawk?

-Dê-se este momento, garota- ele respirou roucamente-. Prove.

A mão de Adrienne escorregou suavemente na sua e ela sentiu a sedução de seu contato. Os olhos de ébano brilharam luminosamente, e a mulher saboreou a sensação extraordinária de seus dedos fortes fechando-se em cima dos seus. Ele oscilou para frente e ela sentiu a carícia de seus lábios tocar sua face, um pequeno *agradado* pela oportunidade que lhes brindou.

-Eu caminhava por aqui quando era um rapazinho...-. Ele tomou sua mão e se dirigiu ao oeste, longe do círculo das sorveiras e o margem do bosque.

Fale sobre você, pensou ele. Sobre o rapaz que foi antes de ir embora. Sobre quem não podia esperar para ser quando voltasse. Mas sobretudo, faça-a amá-lo antes que descubra quem foi. Mas amar não poderia ser bastante para fazê-la entender, mas então terá uma oportunidade pelo menos.

Eles falaram e passearam enquanto Hawk teceu seus contos selvagens da impetuosidade de sua meninice e sua intrepidez, e ela riu na brisa mansa. Sentaram-se à beira do precipício e jogaram seixos no mar agitado, o ar de sal crespo enredando o cabelo loiro com sua seda de corvo. Ele lhe mostrou onde pendurou uma rede, bem em cima da borda e à altura de um homem, e a fez rir ao contar-lhe como se escondia ali de Lydia. Deitando sobre suas costas, seus braços entrecruzados por trás de sua cabeça, ele olhava o mar e sonhava, enquanto sua mãe procurava pela muralha durante horas, sua voz cadenciada exigindo-lhe que regressasse.

Adrienne lhe falou sobre as freiras e as ruas sufocantes de Nova Orleães, inclusive lhe falou dos locais que lhe agradavam e aos que foi uma vez ou duas. *N'Awlins*. E ele escutou sem repreendê-la por acreditar em tal fantasia. Se ele acreditava que estava tecendo contos ou pôs todos de algum modo no contexto do século XVI, ela não soube. Tudo o que sabia era que ele a escutou como um homem nunca a tinha escutado antes. Então ela lhe falou sobre Marie Leveau, a rainha da bruxaria, e Jean Laffite, o famoso pirata, e as grandes plantações que uma vez se levantaram, com suas casas magníficas e os cheiros e sons da Bourbon Street. Quando falou do jazz, o amoroso cantarolar de um saxofone profundo, o estrondo das trombetas de latão, seus olhos se escureceram com mistério e excitação sensual, e ele achou que quase podia acreditar que ela era de outro tempo. Certamente de outra terra.

-Beije-me, garota.

-Eu... não devo.

Seu murmúrio ofegante, rouco, encantou-o.

-É tão ruim?

Adrienne suspirou profundamente. Pôs-se de pé, afastando-se dele, e inclinou sua cabeça para trás para estudar o céu. A noite tinha clareado; a capa de nuvens se dirigia ao mar e a tormenta passou sem cair. O som do mar agitado minguou e fluíu embaixo deles num ritmo audaz. As estrelas esburacaram o manto da noite e Adrienne tentou localizar a Ursa Maior quando de repente uma pequena estrela, luminosa, pareceu estremecer-se, antes de cair do céu.

-Olhe!- disse agitada-. Uma estrela cadente!

Hawk se levantou de um salto.

-Qualquer coisa que faça, não deseje nada, garota.

Ela dirigiu um puro, resplandecente sorriso em sua direção, e o deslumbrou tão completamente que por um momento não pôde pensar.

-Por que não, Hawk?

-Se fazem realidade- conseguiu dizer ele finalmente.

O olhar da jovem regressou à estrela cadente. Adrienne conteve a respiração e desejou com todas suas forças. *Por favor permita que algo muito bom me aconteça logo. Por favor!* Incapaz de dizer as palavras em voz alta, dirigiu seu olhar às estrelas.

Ele suspirou.

-O que desejou?

-Não posso dizer- informou Adrienne atrevidamente-. É contra as regras.

Hawk ergueu uma sobrancelha interrogadora.

-Que regras, garota?

-Já sabe, as regras sobre *desejar-a-uma-estrela*- ela o informou num tom de *todos sabem essas regras*-. Então o que desejou se fez realidade?

Hawk resfolegou.

-Se não me diz, eu também não lhe direi.

Adrienne revirou os olhos e fez um som impaciente.

-Isso é só até que se tornem realidade. Então pode dizer a qualquer um se quiser-. Seus olhos arderam de curiosidade-. Então, se realizou-. Ela empurrou ligeiramente seu peito.

Hawk olhou Adrienne com fascinação. No espaço dessa conversa sobre as regras de *desejar-a-uma-estrela*, sua esposa parecia ter voltado para trás vários anos. Em seu olhar inocente, Hawk podia ver claramente à menina confiada que foi uma vez.

-Não o que eu desejei, mas o que um amigo meu desejou para mim- disse Hawk suavemente.

-E isso era?- instou Adrienne.

Hawk quase riu alto; ele meio pensou que ela poderia puxar suas orelhas se não lhe respondesse bem rápido.

-Beije-me, Adrienne- disse ele roucamente-; mostre-me que não é verdade. Que um amigo não pode amaldiçoá-lo com um desejo a uma estrela cadente.

-Vamos, Hawk, fale-me qual era o seu desejo!- o riso brilhou em seus luxuriosos lábios franzidos num bico, e ele quis beijá-la até que ela torna-se todos os seus desejos mais íntimos em realidade.

-Me beijará, então?- replicou ele.

-Oh! Tudo é um trato, não é?

Hawk encolheu os ombros.

-Há que pagar com a mesma moeda, garota. Essa é a maneira neste mundo. Se um camponês tem feijão e nenhuma carne, ele encontra a alguém com carne e nenhum feijão. Eu estou oferecendo-lhe simplesmente um comércio mutuamente satisfatório.

-Consigo também o café?- perguntou ela astutamente-. Para manhã de manhã? Pelo beijo desta noite? Pagar ao *troll* dos impostos de antemão?

-Och, garotinha, quem a ensinou a negociar tão duramente?-. Mas se ele conseguisse seu propósito, conseguiria tantos beijos doces nessa noite, que precisaria somente voltar-se pela manhã para beijá-la de novo. Em sua cama.

-É isso um sim, Hawk?

-Pare e desista, garota! Dispare-me outro desses olhares enganosos e eu estarei lhe dando a minha despesa com o café e talvez acrescente alguns cavalos.

-Tenho a sua palavra, então?

-Tem minha palavra e minha prenda.

-Trato feito-. Adrienne selou seu trato apressadamente. As respostas, o café e a desculpa por um beijo. Como poderia pedir mais?-. Minha resposta primeiro- exigiu.

A grande cabeça escura de Hawk caiu para frente, sua boca colada a sua orelha. Os arrepios rodaram pelas costas dela quando sua respiração soprou em seu pescoço.

-O que? Não posso ouvi-lo- disse, quando ele resmungou algo indistinto.

-É muito tonto para andar repetindo-o...

-Um trato é um trato, Hawk!- se queixou ela, estremecendo-se violentamente quando seus lábios roçaram seu pescoço uma e outra vez.

Hawk gemeu.

-Ele desejou para mim a esposa perfeita. Que minha esposa fosse tudo o que nunca me atrevi a sonhar... tudo o que nunca esperei. E então desejou que se negasse a me amar. A me tocar. A compartilhar minha cama.

-Por que desejaria um amigo semelhante coisa?- perguntou ela indignada.

-Por que faria uma esposa semelhante coisa?- opôs ele singelamente contra o lóbulo terno de sua orelha.

Ela sentia a ponta de sua língua contra sua pele, e se perguntou por que ela. Por que diria uma esposa *não* a um homem incrivelmente formoso, intrigante?

Seu pulso se agitou; ela voltou sua cabeça e olhou fixamente os olhos de ébano brilhantes, de profundidades insondáveis. Desconcertada pelo rubor e o tremor de emoção, tocou com um dedo seus lábios perfeitamente esculpidos. Sua mente clamou por identificar esse novo sentimento, controlá-lo, mas seu corpo exigiu que o conhecesse num sentido que não tinha nada a ver com a razão ou a lógica.

-Deixe-me amá-la, garota. Não tomarei nada que não deseje dar-. Seus olhos negros se demoraram em seu rosto, uma carícia visual sedutora que esquentou seu sangue, e ela se perguntou pelo que poderia ter sido... se só o encontrasse quando ela ainda acreditava alegremente no *para sempre*. Que sentiria se lhe permiti-se passar suas mãos fortes e formosas por seu corpo trêmulo, para ser beijado e provocado e finalmente completado com o rude, pulsante aço de sua fome. Seus sentidos foram pressionados por Hawk; o cheiro picante, masculino dele, a percepção de seda de seu cabelo, a pressão dura como pedra de seu corpo contra o seu.

O deterei daqui a instantes, prometeu-se quando ele espalhou beijos ao longo de seu queixo. *Um beijo nos lábios era o trato*, recordou-se.

Sua consciência se suavizou momentaneamente, permitindo a gloriosa rispidez de suas palmas calosas contra sua pele, o roçar da sombra de sua barba contra seu pescoço.

De repente ela estava fazendo mais do que permitir. Seus braços se elevaram para rodear seu pescoço. Enterrou seus dedos em seu sedoso cabelo escuro, então os escorregou desde sua nuca a seus ombros poderosos e rastreou os contornos de cada músculo esculpido.

Adrienne suspirou insegura, perturbada. Não podia conseguir bastante oxigênio para seus pulmões, mas isso deixou de importar quando Hawk substituiu sua necessidade de ar pela necessidade de seus lábios, de sua língua, necessidade de sua necessidade por ela.

-Eu sou o único, garota- a advertiu ele suavemente-. Todos acabam aqui. Comigo. O melhor e o último. Oh, definitivamente o seu último.

Meu último, reconheceu ela indolentemente, porque duvidava que qualquer outro homem pudesse igualá-lo.

Nesse momento sufocante, o passado se diluiu na insignificância absoluta. Era como se Eberhard nunca a tivesse tocado, como se o século XX nunca tivesse existido. Como se toda sua vida estivesse focalizada para esse momento. Esse homem. Essa magia.

Hawk espalhou beijos por seu queixo, em cima de cada centímetro de sua cara, seu nariz, suas pálpebras quando tremeram fechadas, suas sobrancelhas, e então se deteve, seus lábios sensuais perto dos seus, uma língua longe da sua. Poderia ela? Se atreveria?

A língua de Adrienne flutuou fora e degustou ao homem que desejou desde o momento em que pôs seus olhos fascinados nele.

-Oh, meu...- ela sussurrou. Desejava-o, desejava isso, mais do que desejou algo em sua vida. Um som rouco retumbou profundamente na garganta masculina; ele estendeu sua mão à base de seu pescoço e arqueou sua cabeça para trás para que recebesse seus beijos. A ponta rosa de sua língua rodeou seus lábios, saboreou cada canto, cada plenitude, provocou-a loucamente; até que foi demais para ela, e seus lábios se relaxaram sob os seus, moldando-se, abrindo-se para ele como seu corpo inteiro parecia estar abrindo-se e clamando por ele. Ela era o nascer de uma rosa despregando-se ao calor dourado do sol.

-Magnífico- sussurrou a moça, sem saber que havia dito seus pensamentos em voz alta.

Mas Hawk não estava distraído: ele ouviu a palavra e o desejo o golpeou tão selvagemmente que se estremeceu. Quente, duro, inclemente, Hawk moveu sua boca em cima da mulher. Espalhou por seus lábios uma fome implacável que fez estrelas brilharem debilmente em seus olhos fechados.

Os olhos de Adrienne se abriram para desfrutar o puro prazer de olhá-lo e viu que ele estava olhando diretamente neles com semelhante ardor, prometendo paixão, que ela gemeu contra sua boca.

Centenas de metros embaixo deles, a natureza conspirou com o mistério natural, inextinguível da paixão em seu próprio ritmo; o vaivém sensual das ondas com bilhões de galões de água se despedaçou com fúria, e depois se retirou. Onda depois de onda de sensações se despedaçavam sobre Adrienne; estava a esmo num mar de paixão, que se sentia literalmente reformar-se, moldar-se ao tato desse homem, bem como as pedras embaixo dela haviam sido moldadas pela carícia implacável do oceano.

A língua de Hawk era seda quente explorando sua boca, provocando sua língua.

-Oh- ela sussurrou-. Nunca soube...

-E então? É tão ruim me beijar, garota?

-Não. Beijá-lo não é ruim...-. Suas palavras se perderam num gemido suave quando ela inclinou sua cabeça para trás para mais beijos.

-O que é ruim, meu coração?-. Hawk lambeu seu pescoço suavemente.

-Oooh!... Você!

-Eu? Eu sou ruim?-. Ele não lhe permitiu responder por um longo tempo, enquanto mordiscava seu lábio inferior, provocava-o, chupava-o em sua boca: então, devagar, soltou-o.

Adrienne suspirou, insegura.

-Bem... quero dizer... é um homem...

-Sim- a animou ele.

-E muito bonito, e por isso...

-Mmm... sim?

-Odeio os homens bonitos...-. Suas mãos se moveram em cima de seus ombros, suas musculosas e largas costas, e se deslizaram acima de sua cintura firme até suas nádegas musculosas. Ela se assustou com seu próprio procedimento, estremecida pelo gemido de prazer que recebeu dele.

-Posso dizer... Odeie-me justamente assim, garota. Odeie-me assim outra vez. Odeie-me tudo o que precise odiar-me.

Num movimento fluído, Hawk a tombou suavemente na terra e esticou seu duro corpo em cima do seu. Adrienne estava assombrada; nunca esteve tão perto de Eberhard, nunca havia experimentado algo como isso antes, esse sentimento temerário de deitar sob um homem. Quão tentador era: o empurrão de seus seios contra seu peito largo; a maneira possessiva com que ele insinuou-se e manteve uma de suas pernas entre as suas; a coluna de seu enorme pênis contra a curva de sua coxa. Quando ele mudou seu peso para que o músculo rígido, duro como uma rocha, montasse entre suas pernas, para o calor que ardia entre elas provocando músculos que ela não sabia que possuía a se tensionassem, girou seus quadris e se esfregou em lentos círculos eróticos contra a mulher. A moça se sentia deslumbrada, desorientada pelas sensações que ele evocava. Se arqueou contra ele e envolveu uma perna por cima das suas para acercá-lo mais, para enredar ao ardente homem e acomodá-lo para que aliviasse a dor entre suas coxas.

Ele arrastou suavemente o corpete de seu vestido e o escorregou para baixo, por cima de seus ombros, despiando seus seios para sua amorosa atenção.

-Formosos- murmurou ele, seus dedos provocando as cumes enrugados. Quando ele rodeou as pontas rosadas com sua língua, as labaredas de fogo se irradiaram através do corpo da moça e culminaram no calor extraordinário de seu ventre, e ainda mais para baixo.

-Oh, meu Deus!-. Adrienne jogou sua cabeça para trás na grama perfumada e emprenhou seus dedos possessivamente em seus cabelos escuros.

Hawk gemeu, sua respiração quente soprando em seu peito.

-Como me faz isto, garota?-. Ela era tudo o que ele sonhou ter um dia; antes de aconselhar-se severamente de deixar de sonhar como a um rapaz tonto.

Mas agora se sentia de novo como esse rapaz tonto.

Ele quase riu do paradoxo. Depois de todas as mulheres que teve, amava a esta. A enormidade dessa sua descoberta o pasmou e o encantou; baixou seus lábios para os dela, suplicando sem palavras que ela o amasse por sua vez. Pôs cada célula de anseio, cada rede de sedução a sua disposição nessa súplica silenciosa; beijou-a tão profundamente, que já não sabia onde acabava ele e começava ela. Os quadris da jovem se renderam quando ele empurrou contra ela, e se elevaram para encontrá-lo famintamente quando se retirou de novo. Os sons primitivos escapavam de seus lábios, que estavam inchados e enrubescidos por seus beijos ferozes.

-Ame-me, Adrienne- ordenou ele bruscamente-. Ame-me!

Sua única contestação foi um gemido gutural.

-Diga-me que me quer, garota- exigiu famintamente ele contra seus lábios.

-Por favor...- sua contestação se deteve quando ela apertou os olhos firmemente fechados. *O deterei daqui um minuto. Será mais fácil se não o olhar.*

-Me quer, Adrienne?- perguntou Hawk, retirando-se de seu beijo. Sua súplica não era o bastante como resposta; tinha que ouvi-la dizer as palavras. Que mesmo com os olhos fechados, ela soubesse que era ele quem estava em cima dela, ele quem a beijava.

Mas ela não respondeu, e seus olhos permaneceram fechados.

Hawk gemeu, no entanto a beijou de novo, perdendo-se por um momento na textura e sabor de seus lábios doces. Mas a dúvida martelava nele. Era consciente de que ainda que não enfrentasse o problema, poderia levá-la essa noite a sua cama por obra dessa excitação sensual, embriagante. Mas não queria Adrienne incoerente: queria-a totalmente disposta, totalmente consciente e pedindo-lhe que a tocasse. Ele queria que ela igualasse seu olhar com a fome honrada, imperturbável, e ouvi-la dizer as palavras. Hawk arrancou sua boca da sua e ofegou duramente.

-Abre seus olhos, Adrienne-. Ele se obrigou a ficar quieto; seus quadris rígidos contra o arco sedutor de seu corpo.

Um momento de respirações pouco profundas passou, seus lábios separados mal por alguns centímetros.

-Olhe-me. Diga meu nome. Agora- ordenou Hawk.

Os olhos de Adrienne se abriram simplesmente numa ranhura. *Não me faça reconhecer isto... não me pergunte mais!* rogavam. E novamente, a súplica de seu corpo excitado, pedindo-lhe que se movesse em cima dela, para seduzi-la em sua excitação embriagante para que amanhã ela pudesse reclamar que não teve outra opção.

-Olhe-me e diga meu nome-. Sua voz se quebrou bruscamente nas palavras. Sua boca formosa, esculpida, flutuou somente a um suspiro longe da sua.

Adrienne o olhou fixamente, muda. As lágrimas enchiam seus olhos e ameaçam cair por suas faces.

-Por que não pode fazê-lo?- exigiu ele, seu sotaque de veludo áspero sobre vidros quebrados-. É tão impossível? Sidheach. Isso é tudo o que tem que dizer. Ou James, ou Lyon. *Laird Douglas!*

Qualquer coisa, mas não Adam.

Adrienne o olhou fixamente, a repulsão por sua própria debilidade quase estrangulando-a. Não aprendeu nada! Um centímetro a mais, um mísero movimento, e ela se perderia como nunca antes. *Onde o corpo vai... o coração o seguirá... diga seu nome e beije-o novamente, então pode dizer simplesmente adeus a sua alma. Esse homem tem o poder para destruí-la de uma maneira que Eberhard nunca pôde.*

-Que tenho que fazer para que se esqueça dele?

E ele pensou que era Adam, mas não era Adam. Era Eberhard. E não ficaria nada dela se dessa vez a convertiam numa marionete novamente.

-Diga meu nome, garota, pelo amor de Deus!- rugiu Hawk. Ele estava agitado por uma mistura de paixão mal refreada e cepticismo de que ela pudesse responder-lhe tão eroticamente, tão completamente, e mesmo assim ainda não pronunciar seu nome-. Se há alguma oportunidade verdadeira para mim, Adrienne, diga-me! Se não pode dizer sequer meu nome, então não tenho nenhuma oportunidade de ganhar seu amor, nunca!

Sua última súplica era o agonizante lamento de um animal ferido; e abriu o coração de Adrienne.

Uma veia pulsava em seu pescoço e ela levantou sua mão para pôr os dedos trêmulos contra ele. Mais forte e mais duramente ela fortificou seu coração, até que estivesse de novo seguro por trás de uma parede glacial de recordação e pesar.

Ele empurrou sua mão longe.

- Diga-o-. Ele forçou sua resposta através dos dentes apertados.

- Não é justo pedir quando a está tocando assim.

- Eu a ajudarei-. A voz de Olivia destilou veneno-. Simplesmente chama-o *a prostituta do rei*- murmurou-. Assim é como sempre o chamamos.

A tormenta raivosa nele se acalmou precisamente nesse momento.

-É verdade?- sussurrou Adrienne finalmente, os olhos abertos e profundos cheios de dor. Dor e algo mais. Hawk viu o pranto implícito em suas profundidades de ardósia. Ele quis negá-lo, explicar o pesadelo. Mas não mentiria a essa garota. Ela teria que tomar a verdade por completo ou nada; quando a aceitasse, se ele tivesse qualquer oportunidade, ela o possuiria completamente. Uma capa de amargura, cobrindo-o num desespero completo, quase o fez gritar com sua agonia.

-Me chamavam *a prostituta do rei*- respondeu ele tensamente.

As sombras se alçaram e flutuaram nos translúcidos olhos de prata. Escuridão que ele jurou aliviar, e que alimentou com suas próprias mãos.

Ele saiu de cima dela e se levantou devagar; então se afastou na noite tão silencioso como um lobo, deixando-a na beirada do precipício com sua vingativa ex-amante. Ele esperava que ela simplesmente empurrasse à rancorosa Olivia para cima da beirada, mas sabia que não ia ser tão fácil. Porque se ele a julgava devidamente, sua esposa não estaria agora na cama de Adam por algum tempo.

Ela estava perdida para ele.

Seria melhor que nunca tivesse se encontrado com essa garota, que nunca soubesse da doce urgência da emoção, a paixão que perdoava, as asas libertadoras do amor que poderia ser.

Ele vagou nessa noite, perdido em recordações do tempo em que foi governado por seu rei. Tudo por Dalkeith e sua mãe, por Ilyse e Adrian. Sim, e a Escócia de vez em quando, quando seu rei foi extremamente tonto. Não, realmente nunca teve nenhuma opção.

Os olhos de Hawk vasculharam o céu noturno para procurar outra estrela cadente. Ele pensou em desejar a cada uma delas o resto de sua vida se era necessário. Certamente dez mil desejos poderiam desfazer um. Mas a coberta de nuvens voltaram e não se via o brilho de uma estrela na escuridão absoluta que o rodeava.

CAPÍTULO 17

-Oh, minha querida, pensei que soubesse!- saltou Olivia.

-Vá para o inferno- disse Adrienne suavemente quando ela a forçou a levantar-se.

-Estou tentando ajudá-la.

-Não, não o faz. A única pessoa à que está tentando ajudar é a si mesma, e ajudando a encher a meu marido.

-Ah, sim. Seu precioso marido. Não tem nenhuma curiosidade do seu tempo na corte?-. Murmurou Olivia convidativamente.

-Pensa realmente que sou bastante tonta para acreditar que me diria a verdade sobre ele? Alguma mulher gosta de você?

Olivia deteve a metade de uma frase, sua boca ligeiramente entreaberta.

-E o que isso significa?

Os olhos cinza ardósia de Adrienne se encontraram friamente com os de Olivia, adornadamente ovalados com *kohl*.

-Só que é o tipo de mulher que mede seu sucesso pelos homens que tem na cama e as mulheres que magoa, e um dia, não muito longe, vai ser nada mais que uma mulher velha, gorda, não desejada e sem amigos. E então como vai passar o tempo?

Olivia poderia tê-la fustigado fazia anos, mas ninguém a enganaria agora.

-Como se atreve, você, *petite salope*?- cuspiu Olivia-. Eu só estava oferecendo minha ajuda.

-Seguindo-nos, espionando-nos, e depois expondo seu passado? Seu passado se foi, Olivia-. Adrienne não era consciente de que estava defendendo-o senão até que ouviu a si mesma fazê-lo-. Algumas pessoas aprendem com o seu passado, fazem-se melhores e mais sábias. Meu Hawk fez isso. Simplesmente está irritada porque sabe que ele não é o homem que foi uma vez. Se o fosse, teria ficado nos jardins contigo em lugar de passar a tarde falando comigo.

-Falando? Ele e eu usamos uma... *conversa*... parecida a essa também. Ele só se excitou temporariamente com um novo corpo. O superará. E quando o fizer, regressará para minha cama.

-Está equivocada- disse Adrienne serenamente-. E sabe disso. Isso é o que realmente a perturba.

-Os cachorros velhos não aprendem novos truques, estúpida e doce jovem-. Olivia sorriu com desprezo.

Adrienne dedicou um doce sorriso à mulher mais velha.

-Talvez não. Mas as vezes os cachorros velhos deixam seus truques por completo.

-Fala como uma mulher apaixonada. Mas mesmo assim não diria seu nome- declarou Olivia, arqueando uma sobrancelha delineada com lápis.

O sorriso de Adrienne murchou.

-Falo por meu marido e por mim mesma quando sugiro que deixe Dalkeith com a primeira luz do dia, tanto se os cavalos estão descansados como se não. Já não é bem-vinda aqui. Não regresse nunca mais.

Será que posso diferenciá-los?, refletiu Adrienne quando escolheu seu caminho através do jardim.

Bem como com Eberhard, o moreno playboy de elite que a manipulou tão completamente, caiu como uma tonta numa ilusão formosa. A beleza real tinha que vir de dentro. Chamar a um homem *a prostituta do rei*... Bem, que tipo de beleza podia ter nisso?

Pior ainda era o pensamento do que ela estava a ponto de fazer, o que teria feito de boa vontade com Hawk, se Olivia não os tivesse interrompido. Suas súplicas desfizeram aparentemente as suas defesas, e ela sabia realmente que se Olivia não os tivesse interrompido, ainda estaria deitada sob seu corpo magnífico, somente outra das conquistas da *prostituta do rei*.

Talvez não fosse assim, Adrienne. Talvez não saiba a história inteira, assinalou uma voz pequena em seu coração.

Talvez não quero saber a história inteira, disse-se. Fechou suas mãos até que sentiu a apunhalada dolorosa de suas unhas na carne suave de suas palmas. *Eu quero ir para casa*, lamentou-se como uma criança perdido. *Eu quero Moonie*.

Essa é a única coisa que vale a pena, pensou.

Ela apagou um suspiro frustrado.

-Adrienne-. Sua voz saiu tão suavemente das sombras da muralha mais baixa, que ela pensou ao princípio que devia de tê-la imaginado.

Girou para encontrar-se com seu olhar. O luar espalhava largas colunas através das árvores e lançava uma réstia cor de prata por seu rosto esculpido.

-Deixe-me só, Hawk.

-O que lhe disse Olivia?-. As palavras pareciam como se se arrancassem dele contra sua vontade.

-Por que não vai perguntar-lhe? Parece que se comunicavam muito bem no passado. Uma classe de '*comunicação sem palavras*' se mal me recordo.

-Garota, não o faça- gemeu ele.

-Por que não? A verdade fere?

-Adrienne, não era assim. Não era...-. Sua voz se apagou e ele suspirou.

-Não era o que?- disse ela friamente. Adrienne esperou. Se explicaria ele? A palavra *prostituta* podia ter uma variedade de significados, nenhum deles agradável. Ela sabia que ele esteve com mulheres formosas, e muitas, pelo que as criadas de Comyn lhe disseram, mas simplesmente, quantas? Mil? Dez mil?

Quando Hawk não contestou, Adrienne pressionou.

-Foi amante de Olivia?

-Não, garota!

-O foi?- se obrigou a perguntar Adrienne.

Hawk suspirou.

-É verdade, mas faz muito tempo, e não sabe as circunstâncias...

Adrienne se enfureceu.

-Eu não quero saber as circunstâncias sob as quais estaria com uma mulher como ela! Se tivesse qualquer inteligência, nunca teria... Vocês, os homens são todos iguais!

O sotaque de Hawk se espessou consideravelmente.

-Me dê uma oportunidade, Adrienne. Ouça-me. Não é justo odiar-me por coisas que outros homens possam ter-lhe feito. Mais uma oportunidade, isso é tudo o que peço de você, garota.

-Já lhe dei muitas oportunidades! Deixe-me só, Hawk Douglas. Simplesmente deixe-me só! Adrienne se voltou e correu para o castelo antes que pudesse humilhar-se estourando em lágrimas.

Ela sonhou com Hawk e a promessa que vislumbrou em seus olhos. A esperança. Se ele soubesse de seu passado, a quereria ainda? A sonolenta psique de Adrienne se esforçava poderosamente meditando isso. Se atreveria ela a permitir-se a amá-lo? Ou não? Seu coração ainda estava machucado também. Sua mente retrocedia ante qualquer possibilidade de vergonha e pesar. Mas a tentação de cair crescia, mais difícil de resistir-se todos os dias. Se somente ela fosse para casa, para seu casulo de solidão. Estaria segura estaria novamente, mas tão só...

Sonhando dentro de um sonho, recordou finalmente como chegou ali, e entendeu como poderia voltar para casa, a maneira de escapar de Hawk e de todas as suas promessas infinitas de paixão e dor.

Acordou pelo impacto da recordação. Livrando-se dos lençóis de seda, cruzou o quarto e assomou à noite negra como tinta.

O jogo de xadrez de Eberhard.

Podia recordar finalmente com clareza perfeita o que estava fazendo momentos antes de que tivesse sido lançada através do tempo para aterrizar no colo de Comyn.

Estava em sua biblioteca e recolheu as peças do jogo de xadrez de Eberhard.

Esse endemoniado jogo de xadrez realmente estava maldito. Quando ela o furtou da casa de Eberhard, teve cuidado de não tocar as peças. Eberhard falou de brincadeira muito com frequência sobre a maldição, mas Adrienne preferia ver as lendas, maldições e mitos com ceticismo. Depois que furtou o jogo, embalou-o pensando em desempacotá-lo se precisasse vendê-lo.

Sabia que teve a rainha negra em sua mão quando apareceu no colo de Red Comyn, mas, onde foi dali? Não lembrava mais. Uma das criadas teria pego a peça? Teria ela que confrontar ao desprezível Red Comyn para que a devolvesse?

Balançou sua cabeça, abatida. Tinha que estar em alguma parte de Comyn Keep, e onde quer que estivesse, tinha que fazer o esforço de encontrá-lo. Poderia regressá-la para casa.

Poderia encontrar o caminho para Comyn Keep?

Lógico, assegurou-se. Depois de viajar por mirrados becos duas mil milhas, Adrienne de Simone poderia encontrar seu caminho em qualquer parte. Mas rapidamente, enquanto ainda estivesse sob a capa da noite. E antes que sua resolução se debilitasse.

Trinta minutos depois estava pronta. Andando na ponta dos pés através da cozinha, roubaria um saco e o encheria de pães cascudos, queijos e algumas maçãs. Tavis roncava em sua cadeira junto à porta, sua mão descansando sobre um copo meio cheio de -ela aspirou cautelosamente- álcool puro de grão a julgar pelo cheiro. Depois de uma parada rápida no quarto Green Lady, onde deixou as botas que Lydia lhe deu, estaria pronta para ir-se.

Deslizando-se da cozinha, desceu ao corredor curto rapidamente e empurrou a porta do quarto Green Lady. Seus olhos se abriram com desmaio. Ali dormia Hawk, um lençol de linho branco envolto ao redor de suas pernas, seu torso nu à carícia do amanhecer. Sua cabeça escura jogada contra os travesseiros brancos, dormia sozinho, apertando em seus braços o vestido que ela usava no dia que foi envenenada com o dardo.

Chamavam-no a prostituta do rei, recordou-se. Talvez realmente tivesse uma nomeação real em semelhante apelido. Ou talvez foi tão absolutamente indiscriminado que ganhou o título por isso. Indiferente, ela nunca seria, novamente, mais uma.

Adrienne observou suas botas na arca de madeira ao pé da cama. Seus olhos se afastaram cuidadosamente de seu marido adormecido, levantou a tampa de pinheiro polida e discretamente se dirigiu para a porta, silenciosa como uma gatinha, fechando-a suavemente atrás dela.

E agora a parte difícil. Os guardas postados pelo castelo. Teria que fugir através dos jardins, baixar a ponte interminável, e atravessar a torre oriental. Ela fugiu de coisas bem piores, através de piores climas antes. O conseguiria de algum modo. Sempre o fazia quando tinha que correr.

Hawk abriu um olho e a olhou ir-se. Murmurou rispidamente e mudou a posição de seu corpo, entrecruzando seus braços musculosos por trás de sua cabeça. Olhou fixamente a porta por um longo tempo.

Estava abandonando-o?

Nunca. Não enquanto vivesse e respirasse, e tinha mais infernos que brigar dentro de si do que ela devia acreditar. Levantou-se e agarrou seu *kilt*, amarrando-o frouxamente a sua cintura.

Que seja da maneira que deva ser, meditou amargamente. O primeiro sinal de algo menos do que agradável em seu passado, e ela corria. Não a havia imaginado como do tipo caprichoso. Pensou que tinha uma garota de temperamento ardente sob o exterior de seda, mas um suspiro de seu passado sórdido, e estava pronta para deixá-lo. Depois do prazer que tão evidentemente havia experimentado em seus braços, mesmo assim, pensava em afastar-se.

Bem, onde infernos pensava que ele havia aprendido a dar prazer?

Oh, não. A próxima vez que sua esposa estivesse em seus braços, e haveria uma próxima vez, tomaria uma das poções ciganas para fazê-lo indiferente. Então lhe mostraria para valer os benefícios que ela colheria do passado que recusava tão violentamente.

Ele estava oferecendo-lhe seu amor, livre e abertamente. Ele, que nunca ofereceu mais do que prazer físico durante um curto tempo a qualquer garota, estava oferecendo sua vida a essa mulher.

E mesmo assim, ela não o aceitava.

E não sabia sequer a primeira maldita coisa sobre o que significava ser a *prostituta do rei*. Olivia estava a ponto de dizer, ali nos jardins. Olivia, que se aproveitou da servidão de Hawk cruelmente, solicitando ao rei James que ordenasse a Hawk conceder-lhe esses favores carnavais que ele negou previamente. Olivia, que deu a James toda uma nova maneira de humilhar a Hawk. As recordações disso o envergonharam e enfureceram. Desterrou esses pensamentos e a fúria deslumbrante que geravam com um firme puxão de sua vontade formidável.

Adrienne era seu problema imediato. Hawk resfolegou. Estava escapando para descobrir o mundo nos braços de seu ferreiro?

Sim. Estava seguro de que ela o estava fazendo.

Nesse momento, Grimm empurrou a porta e a abriu, inclinando sua cabeça com uma pergunta silenciosa nos olhos.

-Se dirige ao norte?- o rosto de Hawk era amargo.

-Não- Grimm pareceu confundido-. Isso é o que eu também esperei, mas vai à muralha oriental.

-Ao *gatehouse*? Sozinha?

-Sim. Levando somente um embrulho pequeno.

-Ele deve de encontrar ali- meditou Hawk-. O guarda a está seguindo?

-Sim, a uma certa distância. Até que dê sua ordem.

Hawk se voltou e estudou as chamas agonizantes. Sua ordem. Devia permitir-lhe ir-se? *Podia* fazê-lo? E se ela se reunisse a Adam, como impediria a si mesmo de matar ao ferreiro com suas mãos nuas? Não. Melhor detê-la antes de que tivesse que saber com certeza absoluta sua traição.

-O que soube de Adam?-. Hawk deu pontapés na lareira.

-Nada, Hawk. É como se ele tivesse montado numa brisa e soltado suas raízes. É a coisa mais estranha. Ninguém sabe de onde veio. Creio que Esmeralda é nossa melhor aposta para conseguir informação, desde que esquente sua cama. Mas não pude rastreá-la ainda-. Grimm esfregou sua mandíbula pensativamente-. Parece que a gente de Esmeralda se foi; mudaram seu acampamento do norte das sorveiras para as pastagens orientais.

Hawk girou sobre seus calcanhares, os olhos escuros escrutinando intensamente os de Grimm.

-Os *Rom* nunca movem seu acampamento. Sempre ficam nas pastagens do norte no verão.

-Não este verão-. Grimm encolheu os ombros-. Igualmente estranho. Inclusive disseram que *Samhain* se celebraria num novo lugar este verão.

-Estranho-. Hawk ponderou essa nova raridade. Mas desperdiçou só um minuto para considerar à tribo cigana que acampava em Dalkeith; tinha problemas mais importantes que resolver. Sua esposa estava deixando-o-. Detenha-a no *gatehouse*, Grimm. Eu irei para lá brevemente.

Adrienne sabia que a estavam seguindo.

Escapar do castelo era tão esgotante como tentar evadir-se de uma prisão. Tinha menos oportunidade de iludir aos guardas que de desejar regressar ao século XX. Dessa vez não tinha sequer uma arma. Como na noite em que Eberhard morreu, uma noite na qual se prometeu não repensar de novo.

Ela não pode prever nenhuma das coisas que sucederam. Nem sequer soube o que estava passando até a noite em que descobriu finalmente por que Eberhard estava enviando-a a todos esses solitários veraneios. Tão encantadora e estupidamente incauta. Não ouviu que ele a descrevia assim nessa noite em que voltou inesperadamente de Londres esperando surpreendê-lo?

E a surpresa foi ela.

Deslizando-se pela porta traseira da garagem em sua luxuosa casa, Adrienne ouviu por acaso uma conversa não destinada a seus ouvidos. Uma conversa pela qual ele a teria matado.

Ela não pronunciou seu nome quando pôs sua mão na porta de seu covil. A voz de Gerard atravessou a porta claramente.

-Rupert a encontrará em Londres?

Adrienne se enrijeceu. Estavam falando sobre ela. Como sabiam que Rupert estava em Londres? Ela mal o encontrou ali no dia anterior. Não chamou a Eberhard sequer e discutido ainda nada com ele. Regressou no *Redeye* e lhe tomou o dia todo e metade da noite para voltar para casa. Apertou sua orelha contra a porta e escutou com curiosidade.

Eberhard riu.

-Justo como tínhamos planejado. Ele lhe disse que estava no povoado para comprar um presente para sua esposa. Conhece a Adrienne, acreditaria em algo assim. Não notou nada quando ele mudou sua bagagem. É tão encantadora e incauta. Tinha razão sobre ela desde o princípio, Gerard: é a pomba perfeita. E nunca saberá o que estamos fazendo até que seja muito tarde para que se importe.

Adrienne tremeu violentamente, sua mão gelada na porta.

-E quando ela se der conta finalmente, Eb? Que fará então?

O riso de Eberhard esfriou seu sangue.

-Ah, essa é a beleza deste assunto. Procurarão nos arquivos do orfanato. Tomei-me a liberdade de melhorá-los um pouco. Refletem agora a uma delinquente juvenil com uma inclinação natural para a conduta delitiva. Cairá sozinha. Não há um policial em minha cidade que deseje apresentar provas contra o senhor Eberhard Darrow Garrett, o generoso patrocinador político. Eu nunca deixo o *Reino de N'Awlins*. Ela sempre entra e sai do país.

Os olhos de Adrienne se abriram com horror. O que ele estava dizendo?

Gerard riu.

-Conseguimos fazer um embarque grande em sua Mercedes no mês passado, Eb. A viagem a Acapulco foi simplesmente brilhante.

Embarque?, perguntou-se Adrienne freneticamente. Embarque do que? Retrocedeu silenciosamente da porta.

Tonta. Incauta. Inocente. Que havia de tão mau em ser inocente?, perguntou-se quando andou silenciosamente através da casa escurificada, engolindo seus soluços. Tinha honra pelo menos na inocência. Pelo menos ela nunca havia ferido a ninguém, nunca havia usado a ninguém.

Talvez ela fosse um pequenino... incauto. Talvez lhe faltasse inclusive um pouco de sentido comum. Mas ela valia bem mais do que ele em outros aspectos. Tinha um bom coração. Isso devia contar para algo.

Sua garganta se apertou com lágrimas reprimidas. *Pare, se repreendeu. Enfoque-se. Encontre a rainha. Volte para casa. Não fazem homens como Hawk no século XX, e depois de Hawk, nenhum homem conseguirá novamente ser para você uma tentação.*

O *gatehouse* se desenhava ante ela. Por que não a detiveram? Ela sabia que ainda estavam ali. Talvez ele quera que lhe permitissem ir-se. Talvez fosse tão ingênua e ignorante que ele realmente não estava interessado. A um homem lhe agradava certamente isso depois de tudo, não passaria muito tempo até que encontrasse uma mulher desejosa.

Por que se preocuparia a *prostituta do rei*? Haveria sempre outra mulher.

Chutou enfurecidamente um seixo e o olhou despedaçar-se na parede do *gatehouse*. Baixariam o portão e se retirariam atrás para ela? Estenderiam o tapete vermelho para celebrar sua saída?

E quando caminhou para a entrada em forma de arco, Grimm emergiu das sombras.

Ela se deteve, aliviada.

Prova de novo, disse-se a si mesma. *Escreve esta cena uma vez mais, Adrienne de Simone*. Repassou: *ela se deteve, furiosa ao lhe negarem o escape*.

Não, definitivamente aliviada.

Ela suspirou, com os ombros inclinados.

-Grimm. Permita-me passar. É minha vida. Mova-se.

Ele balançou sua cabeça.

-Sinto muito, milady.

-Grimm, devo regressar a Comyn Keep.

-Por que?

Ela o estudou por um momento sob a luz tênue. Parecia verdadeiramente desconcertado, e os olhos seguiram examinando a muralha do oeste, como se estivesse esperando a alguém.

-Porque estou com saudades mentiu a jovem. Bem, talvez não era exatamente uma mentira: ela sentia saudades de *Moonie* terrivelmente.

-Ah!-. A compreensão aclarou seus formosos traços. Estava de pé ante ela, suas pernas separadas, seus musculosos braços cruzados sobre seu peito-. Está procurando algo?

-O que?-. Ele não podia sabê-lo! Ou sim?-. Grimm, lady Comyn... quero dizer minha mãe, disse algo sobre... bem... um pouco de mim sobre como eu poderia ter aparecido... em casa?

-Como o que?- perguntou Grimm, a verdadeira imagem da inocência.

-Sim, como o que?- se fez eco uma voz por trás dela. Algo em sua voz decididamente mudou, e para pior. O murmúrio de veludo de Hawk assumiu a frialdade plana do aço polido.

Era ela a responsável por essa mudança?

-Leve-a ao Quarto do Pavão Real. Feche com chave a porta e traga-me a chave, Grimm.

-Não!- gritou ela, girando para enfrentá-lo-. Devo ir! Quero ir para Comyn Keep!

-O que procura, esposa?- perguntou ele friamente.

Muda, ela o olhou fixo, insolentemente.

Hawk murmurou uma maldição incompreensível. Podia ser verdade? Podia ser ela de verdade do futuro e estar procurando o caminho de volta para casa? O pensamento de que ela poderia deixá-lo por Adam quase o deixou louco.

Mas, refletiu Hawk obscuramente, se fosse a rainha negra o que estava procurando, então estava fazendo-o definitivamente por uma razão. As desigualdades pesavam nela mais do que o resto das coisas boas, e pensava que a rainha negra poderia levá-la dele.

Há uma maneira de averiguá-lo, decidiu Hawk.

-É isto o que procura, garota?- perguntou quando retirou a peça de xadrez de seu *sporrán* e o levantou ante seus olhos abertos como pratos.

CAPÍTULO 18

-Venha, garota.

A ordem era débil e inequivocamente perigosa. E ainda agora, somente essas palavras a fizeram estremecer de desejo. O rubor de sua excitação lhe roubou a respiração.

-Hawk.

-Não o faça-. A palavra era uma advertência-. Agora. Tome minha mão.

O que ele ia fazer? perguntou-se ela freneticamente. Atrás dela sentia a Grimm cercando-a para enviá-la para Hawk.

-Espere!-. Ela levantou uma mão para mantê-lo afastado.

-Mova-se, milady- disse Grimm suavemente.

-Não me tranque com chave num quarto!

-Como poderia não o fazer?-. Hawk sorriu com desprezo-. Sabendo que regressaria a um lugar onde parece não conheceu nenhuma alegria, e onde considera que estaria melhor do que aqui comigo!

-Não acredita que sou do futuro!- ofegou ela.

-Estou começando a acreditar- murmurou ele-. Como pensa que soube sobre isto?-. A rainha negra reluziu em sua mão.

Ela encolheu os ombros.

-Como?

-Doce esposa, falou sobre isso quando foi envenenada. Preocupada, irritada e tentando encontrá-lo.

-Mas se acabei de recordá-lo.

-Sua mente adormecida recordou mais cedo.

-Mas, como o conseguiu?

Foi Grimm quem respondeu.

-Lady Comyn o viu cair de sua mão na noite em que chegou.

-Mas como...

-Lady Comyn o confiou a mim depois do casamento. Eu se o dei a Hawk.

-Ela admitiu que não é sua filha de sangue. Não posso ver nenhuma razão pela qual mentiria sobre isso-. *A menos que Comyn Keep esteja sofrendo um pouco de sua estranha loucura contagiosa*, pensou ele severamente-. A devolverá de verdade para onde quer tenha vindo?- perguntou Hawk cuidadosamente.

-Creio que sim. Até onde posso dizer, é o que me trouxe aqui- disse ela, seu olhar fincado no caminho empedrado com seixos.

-E seu plano era consegui-lo e ir para casa, garota? Planejou fugir de Dalkeith você sozinha?

-Não! Com a sua mãe, Hawk!- alfinetou ela absurdamente-. Lógico que sozinha!

-Então ia embora para Comyn Keep para conseguir esta peça de xadrez e tentar regressar de onde quer que tenha vindo? Esse era o seu plano esta tarde?-. Ela estranhou a advertência em seu tom cuidadoso.

-Sim, Hawk. Admito, está bem? Ia tentar. Não estou segura de que funcionará, mas é a última coisa que sustentei em minha mão antes de que terminasse aqui, e a lenda diz que o jogo de xadrez está maldito. É o único que posso pensar que poderia tê-lo feito. Se me trouxe aqui, poderia devolver-me também.

Hawk sorriu friamente. Voltou a rainha em sua mão e a estudou cuidadosamente.

-Viking- meditou-. Uma peça formosa. Bem trabalhada e conservada.

-Acredita em mim agora, Hawk?-. Ela precisava sabê-lo-. Que realmente sou do futuro?

-Basta de falar; não acredito em casualidades-. Ele ainda não acreditava realmente, mas era infinitamente melhor mantê-la a salvo que lamentá-lo.

Ele se voltou sobre seus calcanhares firmemente e se dirigiu silencioso para os jardins.

-Tragá-a, Grimm- chamou por cima de seu ombro, quase como um pensamento posterior.

Mas Grimm não tinha que a levar a parte alguma. Mil campainhas de advertência ressoaram na cabeça de Adrienne, e correu atrás dele para alcançá-lo. Seu tom cuidadoso, sua conduta dura, suas perguntas... Ele estava unindo simplesmente coisas que pareciam irreconciliáveis. Hawk não era um homem carente de intelecto e propósito. Ela só esperava que estivesse entendendo mal seu propósito agora.

-Hawk!- gritou.

Os ombros de Hawk se ergueram. Ele estava além da irritação neste momento: escorregou para o reino de uma gelada resolução. Sabia o que tinha que fazer quando irrompeu numa carreira através dos jardins, pela muralha, na nascente e avermelhada manhã escocesa. Até que fosse feito, não podia permitir-se ao luxo de deixá-la tocá-lo, pôr suas doces mãos em seus ombros e suplicar. *Não me arriscarei no que se refere a minha esposa.*

-Espera!- Adrienne também começou a correr, o medo comprimindo seu coração quando compreendeu o que ele estava fazendo, dirigindo-se diretamente para a muralha norte, onde a forja estava ardendo brilhantemente.

-Não, Hawk!- gritou quando ele desapareceu nos jardins.

Seus pés voaram quando mergulhou através do verdor luxurioso e correu por cima dos leitos de anêmonas e lírios púrpuras. Ela saltou as paredes de pedra baixas e empurrou os ramos de espinhosas rosas de sua cara, rasgando as palmas suaves de suas mãos, até que saiu dos jardins para vê-lo a uma dúzia de passos adiante dela.

Abrindo a boca para respirar, invocou cada célula de força que tinha. Se não fizesse o possível, seria tarde, muito tarde.

De uma janela alta, Lydia olhava a cena se desenrolar ante ela.

Lutando contra a dor de seus resistentes músculos, Adrienne tentou alcançar Hawk desesperadamente, mas era muito tarde; ele já estava de pé ao lado de Adam, perto das brasas resplandescentes.

Abrindo a boca, ela se jogou para frente quando a mão de Grimm se fechou em sua capa. Ele deu um puxão feroz no tecido e a puxou para trás. A capa se rasgou e ela caiu gritando quando rolou na terra.

-Hawk, não faça isso!

-Destrua isto- ordenou Hawk a Adam.

-Não!- gritou Adrienne.

Adam olhou momentaneamente à queda de Bela.

-Parece que a senhora deseja outra coisa.

-Não pedi sua opinião, Adam Black, e não me importa que maldita coisa deseja a senhora.

Adam sorriu travessamente.

-Entendo que falhou ao sujeitar a seu falcão, Lorde Hawk?

-Queime-o, ferreiro. Para que não me compraza incinerando-o no lugar da rainha.

-Adam! Não!- suplicou Adrienne.

Adam pareceu ponderar a situação por um momento, então com um olhar estranhamente triunfante, encolheu os ombros e jogou a peça na forja.

Para Adrienne, esparramada na terra, tudo parecia passar lentamente.

Olhou com horror como a rainha negra voava através do ar e se afundava nos carvões resplandescentes. Adrienne engoliu um soluço quando as chamas lambeiram gananciosamente a peça de xadrez. Sua única maneira de regressar havia sido destruída.

Hawk suspirou com alívio. Adrienne se derrubou contra a terra, olhando inexpressivamente. A rainha negra se foi, a densa madeira africana não acendendo o bastante as chamas para forjar aço.

Nenhum *Moonie*. Nenhum caminho para casa.

Ela ficaria em 1513 -com ele- para sempre.

Adam soltou a sombra de um riso escuro quando se apoiou perto de Hawk. Só o bastante para que Hawk ouvisse suas palavras baixas, zombadoras.

-Ela esquentará, agora, minha cama bem mais cedo, Hawk tonto.

Hawk retrocedeu. O ferreiro tinha razão. Sua esposa o odiaria pelo que fizera.

-Que infernos está fazendo na forja no meio da noite, de toda maneira?- alfinetou Hawk.

Adam sorriu travessamente.

-Sou um vagabundo alegre da noite. Além disso, nunca se sabe que incipiente oportunidade pode apresentar-se.

Hawk grunhiu ao ferreiro.

Por trás dele, ouviu que Adrienne cambaleava sobre seus pés inseguros. Sua respiração estava agitada pela carreira, talvez do susto também. Desoladamente, Hawk estudou a forja em rígido silêncio. A voz de Adrienne tremeu de fúria.

-Tem que saber uma coisa, Lorde Douglas, e é tudo o que alguma vez precisará saber. Recorde-o, se pensa que posso ter mudado de idéia. Eu não o quero. Desprezo-o. Tomou de mim o que não tinha nenhum direito de tomar. E não há nada que possa fazer para ganhar meu perdão, nunca. Odeio você!

-Despreze-me quanto queira- disse ele marcadamente, ainda olhando fixamente a forja-. Mas nunca poderá deixar-me agora. Isso é tudo o que importa.

LUGHNASSADH

(Verão)

Dobro, duplo trabalho e problema;

Queimadura de fogo e borbulha do caldeiro...

Shakespeare, Macbeth.

CAPÍTULO 19

O crepúsculo se arrastou do oceano e acima dos precipícios com impaciência púrpura, que manchou as paredes de Dalkeith de um vermelho escuro. Em seu escritório, Hawk olhava a noite suarenta através das portas abertas no extremo oriental.

Ela estava de pé na beirada do precipício, imóvel, sua capa aveludada jogada inquietamente no vento. O que estaria pensando ela enquanto olhava cegamente o mar?

Sabia o que ele estava pensando: que até o vento procurava despi-la. Torturou-se com a recordação dos ardentes e rosados cumes que ele sabia coravam seus seios sob a seda de seu vestido. Seu corpo se formou para esse tempo, para trajar sedas cingidas e veludos ricos. Para ser a senhora de um distinto *laird*. Para derrotar a um guerreiro orgulhoso.

Que infernos ia fazer? As coisas não podiam seguir assim.

Ele estava tentando provocá-la, esperando que ela o fizesse se enfurecer para que pudesse perder a cabeça e castigá-la com seu corpo. Mas uma e outra vez, quando ele a empurrou, ela lhe respondeu somente com fria civilidade, e um homem não podia fazer uma maldita coisa com esse tipo de resposta. Ele girou da porta e apertou os olhos fechados para apagar todos as persistentes recordações da visão de sua esposa.

Semanas passaram desde o dia na forja; semanas esplêndidas com dias frágeis e amanheceres delicados, noites de rubi e tormentas de verão. E nesses dias passados, essas jóias do verão da Escócia, eram mil paisagens que ele quis compartilhar com ela.

Maldição! Ele golpeou o punho em sua escrivaninha e enviou papéis e estatuetas trêmulas em todas as direções. Ela era sua esposa. Não encontraria de jeito nenhum o caminho de onde quer tivesse vindo! Quando ia aceitá-lo e fazer o melhor possível? Ele lhe daria tudo o que ela quisesse. Tudo, mas não deixá-lo. Isso nunca.

Sua existência tinha todas as características de um dourado inferno vivente e não podia encontrar nenhuma saída.

Tão rapidamente como o assaltou, sua raiva se evaporou.

Adrienne... seus lábios formaram a palavra silenciosamente. *Como chegamos a este atoleiro? Como eu fiz semelhante confusão?*

-Caminhe comigo, garota- disse ele suavemente, e ela girou na beirada do precipício, uma vibração impressionante de prata e cobalto azul. Suas cores, as cores de Douglas. Inconscientemente, parecia, ela os levava com frequência. Saberia que usando vívidas imagens dos mesmos fios do *tartán* dos Douglas, nenhum homem poderia marcá-la mais certamente como sua dama?

Ele ondeou uma mão despedindo a seus guardas. Precisava roubar esses momentos preciosos com ela a sós, antes de partir. Depois de horas de esforçar-se, tomara muitas decisões. Sendo que, acima de tudo, atrasara por muito tempo uma visita a Uster, um de seus muitos feudos, e dos mais trabalhosos. Não podia seguir descuidando de suas propriedades em seu

entusiasmo idiota. O *laird* tinha que impor sua aparição ocasional e mostrar interesse em resolver as preocupações de suas aldeões.

Além do que, não estava fazendo nenhum progresso em Dalkeith. Se ela escolhesse a Adam em sua ausência, então ele simplesmente poderia morrer por dentro e seguir com a pretensão de viver. Era como havia sobrevivido seus primeiros trinta e um anos. Que tipo de estúpido se tornou para esperar que o resto pudesse ser diferente?

-*Laird* Douglas- respondeu ela.

Em silêncio, passearam juntos pelo beirada do precipício até o bosque.

-Me ausentarei durante um tempo- disse ele finalmente, quando entraram no bosque.

Adrienne se enrijeceu. Falava a sério?

-D-onde vai?- E por que isso a perturbava tanto?

Ele fez uma respiração brusca.

-Uster.

-O que é Uster?

-Um de meus feudos. Dezessete feudos pertencem a Dalkeith. Uster sustenta os povos de Duluth e Tanamorissey, e são uma exagerada parte. Ali houve um problema inclusive quando os homens do rei guardavam Dalkeith.

Quando os homens do rei guardavam Dalkeith.

Quando seu marido havia sido a prostituta do rei.

Nas últimas semanas o calor do enfurecimento de Adrienne tinha se suavizado e deixara um profundo pesar. Hawk a evitou intencionalmente, salvo as vezes ocasionais em que pareceu estar tentando brigar com ela por alguma razão. Ela esperava a hora em que ele a trancaria com chave em seu quarto, mas depois dessa noite terrível, ele se retirou cuidadosamente para seu escritório junto ao mar.

Ali ficou todas as noites, tão calado, tão formoso, e tão só...

-Hawk?- ela começou tentativamente.

-Sim?

-O que exatamente fazia a *prostituta do rei*?

Hawk se enrijeceu. Poderia ser essa a oportunidade pela qual estava esperando? Talvez ele pudesse se atrever a ter esperança depois de tudo. Seu riso estava cheio de amarga ironia para si mesmo.

-Está bastante segura de que deseja sabê-lo, encantadora Adrienne?

Espreitando por trás de um carvalho centenário, Esmeralda estudou a cabeça loira de Adrienne, seus olhos prateados, seu rosto gracioso. O que via Hawk nessa moça magra, pálida, que não podia encontrar no abraço quente de Esmeralda?

Pela primeira vez em semanas os guardas se ausentaram e a cadela caminhava bastante indefesa para que Esmeralda pudesse atacar e fugir no resguardo do bosque escuro. Seu amado Hawk poderia sofrer um tempo de luto, mas ele encontraria bem estar e doce paixão nos braços de Esmeralda, uma vez que a terra se fechasse sobre a tumba de sua esposa.

Ela levantou a flecha com uma mão trêmula. Franzindo o cenho, aprofundou a ponta da cabeça em sua palma carnosa até sentir sangue em sua pele dourada. Grunhiu contra a dor, mas sustentou seus nervos. Essa vez não falharia. Esmeralda escolhera sua arma cuidadosamente. O veneno demonstrou ser muito arriscado; seu tenso e atado arco enviaria a flecha verdadeiramente voando, com força bastante para alojar-se na carne e no osso do peito de Adrienne.

Esmeralda se deixou cair de joelhos e enrolou o cordão de couro mais firmemente. Estilhaçou o vértice e apontou quando Adrienne caminhou para uma clareira. Quase vacilou quando viu o olhar no rosto de Hawk ao contemplar a sua esposa. Ele amava Adrienne como Esmeralda o amou; um selvagem, exigente, ilimitado tipo de paixão. Com essa comprovação, qualquer compaixão que Esmeralda pudesse ter sentido por Adrienne se evaporou. Sustentou o arco e tomou como objetivo o peito de Adrienne. Com um *whoosh* suave, a flecha voou livre. Esmeralda engoliu um grito frenético. No último minuto, Hawk se voltou, quase como se a tivesse visto espreitando nas sombras ou percebesse o vôo da flecha. Ele se moveu... Não!

-Hummmph! - Adrienne abriu a boca quando Hawk passou um braço poderoso por seu rosto e a empurrou contra uma árvore.

Adrienne lutou contra suas costas, mas ele era uma montanha imóvel. Era desse modo que pensava ganhá-la novamente? A levou ao bosque para violá-la depois de semanas de refreamento cuidadoso?

-Oooof! - a respiração do homem sussurrou suavemente, e ela empurrou mais forte-. Que está fazendo, Hawk?- exigiu, mas no entanto ele não disse nada.

Hawk se estremeceu e brigou contra a dor enquanto com os olhos examinava as árvores. Ele sentia suas forças minguarem, mas não podia ceder ainda ante a debilidade. Não até que encontrasse e detivesse a quem quer estivesse tentando matar a sua esposa. Mas os arbustos estavam imóveis. O atacante, por alguma razão, havia fugido. Hawk sentia o alívio atravessá-lo enquanto o sangue fluía de sua ferida.

Quando ele oscilou e caiu aos pés de Adrienne, ela gritou e gritou.

Nas sombras, Esmeralda apertou um punho contra sua boca. Pode sentir os olhos de Hawk escrutinando o mesmo lugar no qual ela se agachava, mas as sombras eram muito densas inclusive para seus olhos penetrantes.

Ele se voltou, e em seu perfil ela podia ver a flecha ainda vibrando pela força do vôo, justo sobre seu coração. Ela fechou os olhos e engoliu firmemente. O tinha matado! A flecha era perversamente estilhaçada e seria impossível de tirar sem rasgar

seu peito. Ela a desenhou deliberadamente para que machucasse mais ainda tirando-a do que ao entrar. Ainda quando não matasse à vítima ao penetrar nela, certamente a mataria ao sair.

Esmeralda se afundou no chão do bosque e se arrastou através da mata até ter a certeza de que estava a salvo. Então se levantou e correu cegamente, seu besta esquecida no chão do bosque úmido. Os ramos golpearam seu rosto. Um grito se imobilizou e secou em sua garganta. Esmeralda engoliu um soluço amargo quando tropeçou em uma lenha caída.

O puxão de uma mão, rápida como um relâmpago, deteve-a abruptamente. Adam a empurrou para ele com uma sujeição pulsante em seu pescoço.

-Onde tem estado, prostituta encantadora?- seus olhos eram sobrenaturalmente luminosos.

Ela ofegou em seu rosto.

Adam a olhou carrancudo e a agitou cruelmente.

-Diga, onde tem estado?

Quando ela não respondeu, Adam escorregou sua mão de seu pescoço para sua garganta e apertou.

-Sua vida não significa nada para mim, cigana.

Seus olhos estavam tão gelados como sua voz.

Trêmula, Esmeralda lhe disse tudo, mendigando a Adam que salvasse ao homem que ela amava, usando seus poderes sobrenaturais e restaurando sua vida.

Porque ela conhecia sua identidade. Ele não estava surpreso. Os *Rom* estavam bem versados nos antigos costumes.

-Se sabe quem sou, prostituta cigana, sabe que não dou nada por seus desejos, ou os de ninguém, falando nisso. E não me preocupa certamente o seu formoso Hawk. De fato, Hawk é o filho da puta que vim aqui destruir.

Esmeralda empalideceu.

-Venha- ele ordenou. E ela soube que não disse da maneira que costumava fazê-lo. Nunca mais.

CAPÍTULO 20

-Quer dizer que ele não quer me ver? Eu quero vê-lo, assim que me deixar entrar- argumentou Adrienne-. A não ser que, penso, ele tenha dado ordens específicas de que não quer que entre no quarto- acrescentou friamente. Hawk nunca faria isso.

Grimm não se moveu.

-Ele não teria...! Não pode falar a sério. E-ele...-. Ela gaguejou desconcertada. Hawk não se negaria. Bem, ele não o teria feito antes, mas...

Grimm, obstinado, os olhos graves, bloqueou a porta.

Adrienne o contemplou intensamente.

-Está me dizendo que me proibiram de entrar no quarto de meu marido?

-Tenho minhas ordens, milady.

-Eu sou sua esposa!

-Bem, talvez se tivesse atuado como sua maldita esposa antes, agora ele não estaria ali!- os olhos de Grimm estavam ardendo de ira em seu rosto esculpido.

-Oh!- Adrienne retrocedeu, sobressaltada por sua fúria.

-Fiz a meu amigo um mal doloroso. Fiz um horrível desejo que revogaria agora com todo meu coração, se pudesse. Mas não posso.

-Foi você que desejou!- exclamou Adrienne.

Grimm continuou, firme.

-E se soubesse quão terrível era o desejo que fiz, quão dolorosas as consequências seriam, teria tomado minha própria vida primeiro. Não sou nenhum capitão de guarda-. Descarregou sua aversão na pedra da lareira-. Não sou nenhum amigo honorável. Eu sou o excremento mais baixo da besta mais asquerosa. Eu a desejei para meu melhor amigo, que os deuses me perdoem! E agora ele está ferido por uma flecha dirigida a você!

Os olhos de Adrienne se alargaram em seu rosto pálido.

-Eu não sou tão má- sussurrou.

-Milady, é uma donzela de ferro sem coração. Trouxe-lhe nada mais que dor desde que veio para cá. Em todos os meus anos com Hawk, não vi nunca tal sofrimento em seus olhos e não o tolerarei um dia mais. Ele subiria aos mesmos céus e atiraria abaixo as estrelas, uma por uma, para pô-las em sua fronte brilhante, e eu lhe digo que não vale a pena. Ironiza seus sentimentos românticos, foge de seu amor livremente oferecido, desdenha ao homem. Não me diga que não é tão má, Adrienne de Simone. É a pior coisa que aconteceu a esse homem.

Adrienne mordeu os lábios. Grimm tinha essa visão das coisas! E sobre todas as coisas injustas que Hawk lhe tinha feito? Ela era a inocente!

-Ele queimou a minha rainha! Ele roubou a minha liberdade, e me prendeu aqui.

-Porque a quer e se nega a perde-la! Isso é algo tão terrível? Usou seu próprio corpo para salvar a sua vida. Ofereceu-se a si mesmo como um verdadeiro escudo diante de você e recebeu a flecha que lhe estava destinada. Bem, eu digo que seria melhor que permitisse encontrar seu peito. Assim cessaria seu tormento e ele não teria que estar sangrando por dentro ou por fora!

-Não lhe pedi que me salvasse!- protestou ela.

-Esse é justamente o ponto. Não tinha que pedir-lhe. Ele o fez livremente. Como lhe daria tudo. Mas o condenou, ainda que não conheça nada do poder de Hawk! Diga-me, se visse uma flecha dirigida a ele, teria dado a sua vida pela dele? Vejo em seus olhos que não o teria feito. Lamento ter desejado que chegasse, e todas as noites pelo resto de minha vida sem valor, estarei desejando desfazer o mal que causei a cada estrela. Agora saia de minha vista. Hawk não a verá agora. Talvez nunca. E isso é bom para ele. Talvez um tempo longe de você o curará de mais de uma maneira.

Adrienne levantou sua cabeça orgulhosamente e encontrou os olhos ardentes de Grimm. Negou-se a mostrar que a dor dilacerava seu coração.

-Diga-lhe que lhe agradeço que tenha me protegido. Diga-lhe que regressarei amanhã, e depois, e no seguinte dia, até que me veja e me permita agradecer-lhe eu mesma.

-Não lhe direi nada disso- disse Grimm secamente-. Não é boa para ele e eu não consentirei que entre em seu jogo.

-Então pelo menos diga-lhe que sinto- disse ela suavemente. E queria dizê-lo a sério.

-Não tem bastante compaixão humana para sentir dor, garota. Um coração de gelo num corpo de chamas. É do pior tipo. Não traz nada mais que um sorvo breve de doçura a um homem, e depois um tonel cheio de fezes amargas.

Adrienne não disse nada antes de fugir pelo corredor escuro.

-Onde ela está? Está bem? Quem está protegendo-a?- Hawk se agitou inquietamente na cama e golpeou os cobertores para tira-los de cima.

-Ela está bem, Hawk. Dois guardas estão do lado de fora do Quarto do Pavão Real. Ela está dormindo-. Grimm estava inquieto, com a garrafa de whisky que o curandeiro havia deixado na mesa, e despejou uma generosa medida em seu copo. Se acercou ao lado da lareira abruptamente.

Hawk olhou para Grimm com curiosidade. Seu fiel amigo parecia extraordinariamente tenso, provavelmente culpando-se de não ter prevenido o ataque, decidiu Hawk. Ele estudou suas ataduras cuidadosamente.

-Ela não perguntou por mim, Grimm?

O silêncio cresceu reticentemente até que Hawk dirigiu o olhar de sua mão para o perfil rígido de Grimm. Quando Grimm deu uma olhada finalmente às chamas, Hawk retrocedeu ante a tristeza que leu em cada linha do rosto de seu melhor amigo.

-Nem perguntou se eu ficaria bem? Onde foi a flechada? Algo?-. Hawk tentou manter sua voz firme mas se quebrou bruscamente.

-Sinto muito-. Grimm esgotou seu copo e atçou as brasas vermelhas da lareira com a ponta de sua bota.

-Malditos Infernos, a garota está feita de gelo!

-Descansa, Hawk-. Grimm falou no fogo-. Perdeu muito sangue. Também esteve perto de morrer esta noite. Se não tivesse levantado sua mão num gesto de defesa, a flecha teria tocado seu coração em lugar de fixar sua mão simplesmente a seu peito.

Hawk encolheu os ombros.

-Um arranhão pequeno em meu peito.

-Infernos, um buraco do tamanho de uma ameixa através da palma da sua mão! O velho curandeiro teve que tirar a flecha através da sua mão para arrancá-la. E você mesmo ouviu. Teria que se ter alojado em seu peito, mas por uma sorte misteriosa, ele não tivesse podido fazer nada para salvar-lhe, cruelmente estilçada como estava. Deixará cicatrizes e essa mão lhe doerá a vida toda.

Hawk suspirou mal humoradamente. Mais cicatrizes e mais dor. Para que? Ela não se preocupou sequer em saber se estava vivo. Poderia parecer estar interessada ao menos. Visitá-lo para manter a aparência de breve civilidade. Mas não. Provavelmente esperava que estivesse morrendo, porque dessa maneira seria uma mulher muito rica. Estava nesse momento no Quarto do Pavão Real, contando seu ouro e suas bênçãos?

-Nem uma pergunta mesmo, Grimm?- Hawk estudou os sedosos pêlos ao redor da faixa que cobria quase sua mão inteira.

-Nenhuma.

Hawk não perguntou de novo.

-Grimm, embala minhas coisas. Envia a metade da guarda e bastante pessoal para preparar a casa do feudo em Uster. Sairei ao amanhecer. E deixa de atçar o maldito fogo; já está condenadamente quente aqui.

Grimm deixou cair o atizador na lareira de pedra com uma martelada. Voltou-se tensamente do fogo e procurou o rosto de Hawk.

-Vai sozinho?

-Acabo de dizer-lhe que preparasse à metade dos guardas.

-Quis dizer... e a sua esposa?

O olhar de Hawk se deixou cair de novo sobre sua mão. Estudou-a por um momento, então observou Grimm e disse cuidadosamente:

-Irei só. Se ela não pôde preocupar-se sequer em saber se eu vivia ou morria, talvez seja tempo de que deixe de tentá-lo. Talvez, um pouco de distância possa ajudar-me a ganhar perspectiva.

Grimm assentiu tensamente.

-Está seguro de que pode viajar com essa ferida?

-Sabe que eu saro rapidamente. Me deterei no acampamento *Rom* e conseguirei um pouco da camomila e dos cataplasmas que eles usam.

-Mas para montar?

-Estarei bem, Grimm. Deixe de se preocupar. Não é o responsável-. Hawk não estranhou o sorriso amargo no rosto de Grimm. Confortou-o um pouco saber que seu amigo era tão fiel enquanto sua própria esposa não se preocupava em saber se ele estava morto ou vivo-. É um verdadeiro amigo, Grimm- disse Hawk suavemente. Não se surpreendeu quando Grimm deixou às pressas o quarto. Em todos os anos desde que o tinha conhecido, os elogios sempre incomodaram o homem.

Na cama maciça do Quarto do Pavão Real, Adrienne se revirou inquieta, enlouquecedoramente desperta. Nesse instante, estava bem segura de que nunca dormiria novamente. Sua mente nunca encontraria trégua na clareza amarga, gelada que se amontoava através de seu cérebro, recriando cada ação desde que ela chegou a Dalkeith sob uma perspectiva imensamente diferente.

Hawk e Grimm partiram a cavalo mal o alvorecer roçou os campos luxuosos de Dalkeith. A satisfação surgiu através de Hawk quando avistou seu lar. Finalmente, com seus anos de serviço ao rei acabados, poderia enfim cuidar das necessidades de sua gente e ser o *laird* que nasceu para ser. Agora desejava apenas mais uma coisa: que Adrienne pudesse ser para valer uma esposa para ele em todo sentido da palavra, e ajudá-lo a governar Dalkeith a seu lado. Mais do que isso: queria ver seus filhos e filhas caminharem nessa terra.

Hawk se amaldiçoou por ser um estúpido romântico.

-A colheita será rica este *Samhain*- comentou Grimm.

-Sim, será, Grimm. Adam-. Hawk saudou laconicamente ao ferreiro, que se acercava, separando o campo de ouro com sua forma escura.

-Está deixando o jogo? Admite a derrota, temível Hawk?- Adam o olhou zombadoramente.

-Não estimule ao diabo, ferreiro- advertiu Grimm concisamente.

Adam riu.

-Endemonie ao diabo e o diabo será condenado. Não temo a nenhum diabo e menos ainda a algum homem. Além do que, isto não o envolve, ou muito pouco pelo menos; certamente, não tanto como parece pensar. Valoriza-se excessivamente, rude Grimm-. Adam sustentou o olhar de Hawk e sorriu-. Não tema, eu cuidarei dela na sua ausência.

-Não permitirei que ele chegue perto dela, Hawk- se apressou a assegurar Grimm.

-Sim, deixará, Grimm- disse Hawk cuidadosamente-. Se ela pedir, lhe permitirá acercar-se dela. Sob nenhuma outra circunstância.

Adam assentiu limpamente.

-E pergunte a ela se quer. Uma ou outra vez nessa rouca e doce voz da manhã que tem. E Grimm, poderia dizer-lhe por mim que tenho café do *Rom* para ela.

-Não lhe dirá isso!- rosnou Hawk.

-Está tentando limitar meu contato?

-Não estava de acordo em proporcionar-lhe um mensageiro! Meu guarda a protege, mas é a você a quem reclamarei se ela sofrer alguma lesão.

-A deixa sob meu cuidado?

-Não, mas o farei responsável se lhe ocorrer qualquer dano.

-Nunca permitiria que se machucasse qualquer mulher minha, e ela é minha agora, Hawk tonto.

-Só enquanto ela quiser ser- disse Hawk suavemente. *E se ela o fizer, matarei aos dois essa noite com minhas mãos nuas e descansarei melhor, morto por dentro.*

-Ou é incrivelmente arrogante ou incrivelmente tonto, temível Hawk- disse o ferreiro com desdém-. Voltará para encontrar à formosa Adrienne em meus braços. De qualquer jeito, ela passa a maioria das tardes comigo em seus jardins; logo as passará em minha cama- zombou Adam.

A mandíbula de Hawk se endureceu, seu corpo se enrijeceu pela violência contida.

-Ela não perguntou por você, Hawk- recordou Grimm apagadamente, movendo seu peso de um pé para o outro.

-Não perguntou por ele, capitão de guarda?-. Adam perguntou brilhantemente-. Capitão de honra, capitão de verdade?

Grimm retrocedeu quando o olhar obscuro de Adam procurou o seu.

-Sim- ele disse firmemente.

-Que tramas enredadas tecemos...- pronunciou Adam com lentidão, a sombra de um sorriso em seu rosto brilhante.

-O que passa agora entre vocês dois, Grimm?- perguntou Hawk.

-O ferreiro é um homem estranho- murmurou Grimm.

-Eu desejaria que Deus lhe proteja, mas creio que Deus pouco se preocupa, se não é nada, do comércio com homens como nós. Por isso lhe desejo somente um adeus como guerreiro. E nunca temas, mantereí segura à encantadora Adrienne- prometeu o ferreiro quando deu golpezinhas na anca do garanhão de Hawk.

As sombras flutuaram detrás dos olhos de Hawk quando se afastou.

-Vigie-a, Grimm. Se houver mais tentativas contra sua vida, envie uma mensagem a Uster- gritou por cima de seu ombro antes de partir a cavalo. Seus guardas poderiam mantê-la viva, disse ele se sentia seguro. Mas não havia nada que a manteria afastada de Adam, agora.

Enquanto Grimm observava a partida de seu melhor amigo, Adam estudou ao guerreiro estóico.

-Ela não lhe perguntou por ele?- ironizou suavemente.

-Quem infernos é, realmente?- grunhiu Grimm.

CAPÍTULO 21

-Prova com um pouco mais de água fervendo- decidiu Lydia, e Tavis obedeceu.

Os dois se postaram na frente da caçarola. Lydia suspirou.

-Bem, maldito e condenado seja tudo!

-Milady! Tal idioma para uma mulher de sua posição, direi- a repreendeu Tavis.

-Não é precisamente igual a como se faz o chá, não é, Tavis?

-Não, nem um pouco, direi, mas não é nenhuma razão para deixar de ser uma dama por isso.

Lydia resfolegou.

-Só você, querido Tavis, atreve-se a criticar meus modos.

-É porque normalmente você é um exemplo de perfeição, mas para mim se mostra um pouco mais natural.

-Bem, mexa-o, Tavis! Não lhe permita simplesmente assentar-se ali.

Tavis lhe dirigiu um olhar enfurecido enquanto começava a remexer a mistura rapidamente.

-Estas mãos talentosas se constituíram para curtir as peles mais ricas em toda a Escócia e não para remexer a bebida de uma senhora, direi- resmungou.

Lydia sorriu ante suas palavras. Como fazia alarde sobre suas mãos talentosas! Os outros pensariam que eram feitas do mais puro ouro em lugar de carne, ossos e alguns calos. Contemplou-o por alguns instantes, pensativa, enquanto ele remexia a bebida preparada. O sempre fiel Tavis a seu lado. Suas manhãs e tardes não seriam suficientemente ricas sem esse homem. Suas tardes, bem, ela passou suas tardes sozinha durante tantos anos, que escassamente o notaria agora, ou era isso que queria acreditar.

-Por que não se casou?- lhe perguntou há uns vinte anos, quando ele ainda era um homem jovem. Mas ele só lhe sorriu enquanto se ajoelhou junto às tinas onde estava empapando um couro de ovelha de suavidade oleosa.

-Tenho tudo o que preciso aqui, Lydia-. Ele estendeu seus braços largos, como se pudesse abarcar toda Dalkeith em seu abraço-. Por que quereria mais?

-Mas não quer filhos, Tavis MacTarvitt?- sondou ela-. Filhos para herdar o seu curtume? Filhas para amar?

Ele encolheu os ombros.

-Hawk é como um filho para mim. Não poderia pedir um rapaz melhor, direi. E agora temos aos dois pequenos que correm por aí, e bem... está de novo sem marido, Lady Lydia...-. Ele deixou que as palavras se arrastassem devagar, suas mãos fortes esfregando e apertando a pele na mistura de sal.

-E o que tem que ver contigo que eu esteja sem marido?

Tavis ergueu sua cabeça e lhe deu um manso, terno sorriso que as vezes relembra em sua mente antes que ela dormisse a noite.

-Só que eu sempre estarei aqui para você, Lydia. Sempre pode contar com Tavis do curtume, e direi que mais mil vezes-. Seus olhos eram claros e profundos, com algo que ela era incapaz de identificar em seu rosto. Ela já havia perdido a dois maridos em duas guerras e os Céus sabiam que sempre teria de chegar mais outra guerra.

Mas Tavis MacTarvitt, ele sempre regressava. Marcado com cicatrizes e ensangüentado, ele sempre regressava.

Detrás das cozinhas com ela enquanto secava suas ervas e especiarias. Detrás para dar uma mão ajudando, agora e sempre, quando ela escavava em sua rica terra negra e podava suas rosas.

Havia vezes, quando se ajoelhavam na sujeira, quando suas cabeças permaneciam juntas, que ela sentia uma sensação oscilante em seu ventre. E vezes quando ela se sentava junto a lareira na cozinha e solicitava sua ajuda para escovar seu longo cabelo escuro. Ele tirava os grampos primeiro, então desfazia suas tranças uma por uma.

-Nada passa Lydia-. A voz de Tavis a tirou de seus pensamentos e forçou sua mente a regressar ao presente.

Ela sacudiu firmemente, e arrastando seus pensamentos de novo à tarefa. Café. Ela queria café para sua nora.

-Talvez seja como os feijão negros ou as ervilhas secas, e têm que ficar de molho durante a noite- se preocupou ao esfregar a parte detrás de seu pescoço. Nada estava saindo direito essa manhã.

Lydia levantou cedo, pensando na garota encantadora que deixara seu filho tão aturdido. Pensando sobre como a situação devia parecer do seu ponto de vista. Calamidade depois de calamidade golpeou sua chegada uma e outra vez.

Que tudo começou quando foi à despensa para recuperar uma bolsa de brilhantes feijões negros que sua nora cobiçava. O melhor que poderia fazer era levar para Adrienne uma xícara de café essa manhã, antes de dizer-lhe que Hawk havia partido para Uster ao alvorecer. Ou pior, as notícias que Tavis descobriu fazia pouco mais de uma hora: que Esmeralda estava tentando matar Adrienne, mas ela mesma morrerá.

Como acontecera isso... na frente de uma caçarola cheia de feijões negros reluzentes que não estavam fazendo nada na água fumegante.

-Talvez devêssemos quebrar os feijões, Lydia- disse Tavis, apoiando-se mais perto. Tão perto que seus lábios estavam a centímetros dos seus quando ele disse: -O que pensas?

Lydia emitiu um ofego imperceptível.

-Tavis, simplesmente penso que poderia ter razão. Consegue um triturador e o faremos. Esta manhã me agradaria realmente poder começar o dia com café. Ela vai precisar dele.

-Está saindo dos eixos, Piadista. Um mortal morreu- resmungou o Rei Finnbheara.

-Pela mão de sua própria raça. Não minha- aclarou Adam.

-Mas se não estivesse aqui, não teria sucedido. Está perigosamente perto de destruir tudo. Se o Pacto se rompe alguma vez, será porque minha Rainha o escolhe, não através do seu ato de idiotice.

-Tinha uma mão também neste plano, meu *liege*- recordou Adam-. Além do mais, não machuquei a nenhum mortal. Eu simplesmente mostrei aos *Rom* que estava desgostoso. Foram eles quem tomaram a ação.

-Você simplesmente saboreou, mas também está perto de romper a paz que mantivemos durante dois milênios. Isso não era parte do jogo. A mulher deve regressar a seu tempo-. O Rei Finnbheara agitou uma mão, despedindo-o.

Adrienne caminhava pelo jardim, pensando sobre as vantagens do século XVI e a beatitude serena da intacta natureza, quando passou. Sofreu uma sensação horrorosa de vertigem, como se um grande redemoinho se abrisse e a arrastasse para baixo. Quando compreendeu que reconhecia a sensação, Adrienne abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu. Só se sentiu antes dessa maneira quando se encontrou de repente no colo de Comyn; como se seu corpo estivesse esticando-se, delgado, e lhe dessem um puxão a uma velocidade impossível através de uma escuridão sufocante.

A pressão agonizante se elevou em sua cabeça: ela a apertou com as mãos e orou fervorosamente: "*Oh, querido Deus, não de novo, por favor, não de novo!*"

A sensação de pressão se intensificou, o pulsar em suas têmporas se inflamou até um crescendo de dor, e simplesmente quando se convenceu de que se rasgaria em duas, deteve-se.

Por um momento não pôde enfocar os olhos; as formas escuras do mobiliário vacilaram e se ondebaram em sombras de cinza. Então o mundo flutuou até enquadrar-se e ela abriu a boca.

Adrienne olhou fixamente, assustada, as cortinas trêmulas de seu próprio quarto.

Ela agitou sua cabeça para clareá-la e gemeu ante as ondas de dor que só esse pequeno movimento causou.

-Meu quarto?- sussurrou silenciosamente. Adrienne olhou ao seu redor em completa confusão. Ali estava *Moonshadow* sentada delicadamente na colcha da cama de sua maneira costumeira, as patas pequenas pregadas gravemente acima da cabeceira de madeira, observando-a com uma expressão igualmente assustada em seu rosto felino. Seus olhos dourados arredondados pela surpresa.

-Princesa!

Adrienne a alcançou.

Adam fez um rápido gesto com sua mão por sua vez e olhou para seu rei.

-Ela fica.

O Rei Finnbheara estalou seus dedos igualmente rápido.

-E eu disse que ela vai!

Adrienne pestanejou e agitou sua cabeça, pesadamente. Havia regressado aos jardins de Dalkeith? Não, estava novamente em seu quarto.

Dessa vez, determinada a pôr suas mãos em *Moonie*, Adrienne se arremeteu para ela e sobressaltou à já desconcertada gata. *Moonie* se arqueou para trás como uma ferradura, os diminutos cabelos do bigode arrepiados com indignação, saltou fora da cama e fugiu do quarto com suas diminutas patas aladas.

Adrienne a seguiu, pisando-lhe os calcanhares. Se por alguma loucura de destino lhe fosse dada uma segunda oportunidade, necessitava de uma coisa. Levar *Moonshadow* ao século XVI com ela.

Adam estalou seus dedos também.

-Não pense em mudar sua maldita idéia. Aceitava isto, meu Rei. Não foi apenas idéia minha.

Adrienne gemeu. Estava de novo nos jardins.

Passou mais três vezes na sucessão rápida, e cada vez, tentou capturar a *Moonie* desesperadamente. Uma parte de sua mente protestava que isso simplesmente não podia estar acontecendo, mas outra parte reconheceu que assim era, faria malditamente bem em apanhar a sua preciosa gata.

Na última oportunidade, quase encurralou à pequena gatinha desorientada na cozinha, quando Marie, sua caseira, escolheu esse preciso momento para entrar no cozinha.

-É você, senhorita de Simone?- Marie abriu a boca e apertou o batente da porta.

Sobressaltada, Adrienne se voltou para sua voz.

As mulheres se olharam mutuamente, boquiabertas. Mil perguntas e preocupações deram voltas através da mente de Adrienne. Quanto tempo havia passado? Estava vivendo sua caseira Marie agora na casa? Ela estava cuidando de *Moonie* por seu abandono? Mas não perguntou nada disso porque não sabia quanto tempo mais dispunha.

Dando-se conta da trégua, *Moonshadow* pôs-se a correr para a porta. Adrienne arremeteu atrás dela, e abruptamente se encontrou uma vez mais no jardim e agitada da cabeça aos dedos dos pés.

Adrienne gemeu alto.

Quase a tinha pego! Só uma vez mais, sussurrou. Envie-me atrás uma vez mais.

Nada.

Adrienne se afundou num banco de pedra para amparar suas pernas inseguras e fez várias respirações profundas.

De todas as coisas asquerosas para suportar, essa fora a primeira coisa pela manhã. Isso era o pior de um dia horrível. Era adicionar insulto à injúria num dia sem nenhum café.

Se sentou imóvel e esperou de novo, esperançosamente.

Nada. Ainda nos jardins.

Estremeceu-se. Foi terrível, jogando-se sobre ela assim, mas pelo menos agora sabia que *Moonie* estava bem e que Marie não esperara muito obviamente antes de mudar-se de seu quarto em cima da garagem à casa grande. E mesmo enquanto a cabeça de Adrienne ainda doía de passar de um lado a outro, havia consolo em seu conhecimento de que sua *Moonshadow* não era um pequeno esqueleto de gato preso numa casa abandonada.

-Eu sou seu Rei. Me obedecerá, Piadista.

-Eu encontrei à mulher, portanto alguém poderia dizer que eu comecei este jogo, meu *liege*. Permita-me terminá-lo.

O Rei Finnbheara duvidou, e Adam firmou-se em sua indecisão.

-Meu Rei, ela recusa uma e outra vez ao homem que agradou a nossa Rainha. Ela o humilha.

O Rei ponderou isso um momento. *Ele exige o alma de uma mulher*, sua Rainha disse sonhadoramente. Ele nunca viu semelhante olhar no rosto de Aoibheal em todos seus séculos juntos, a não ser que ele a tivesse posto ali.

A fúria fervia nas veias do Rei. Ele não queria retirar-se desse jogo mais do que Adam: olhou e saboreou cada momento da miséria de Hawk.

Finnbheara estudou intensamente ao Piadista.

-Jura honrar o Pacto?

-Por suposto, meu *liege*- mentiu Adam facilmente.

-Um mortal satisfaz a minha Rainha- refletiu o Rei-. Ela fica- disse decididamente, e desapareceu.

CAPÍTULO 22

-Lhe dou as boas vindas, milorde-. A saudação de Rushka parecia bastante agradável, mas Hawk sentia uma falta estranha de cordialidade nele. Manchas de negro marcavam a pele acentuada sob os olhos cansados do ancião e pareciam avermelhados de lágrimas, de permanecer perto de um fogo fumegante... ou de chorar. E Hawk sabia que Rushka não chorava.

Hawk permaneceu em silêncio enquanto o homem passava uma mão calosa através de seu cabelo negro. Estava listrado livremente com cinza e branco, seu encovado rosto ainda bonito, igualmente marcado pelo tempo. Distraidamente, o homem começou a prender seu longo cabelo e olhar fixamente nas brasas agonizantes como a manhã cheia irrompia no vale.

A Montanha de Brahir sobressaía sobre este, seu contorno nebuloso azul e púrpura contra o céu pálido. Hawk se deixou cair num assento em cima de uma das pedras grandes perto do círculo do fogo e permaneceu em silêncio, um traço que o fez amar a essa tribo de ciganos.

Uma mulher apareceu e depositou duas xícaras fumegantes antes de deixar aos dois homens para sentar-se num silêncio afável.

O velho cigano bebeu aos goles pensativamente sua bebida, e só quando o fez se encontrou com o olhar de Hawk novamente.

-Não lhe agrada o nosso café?- perguntou, e notou que Hawk havia deixado sua bebida intacta.

Hawk pestanejou.

-Café?-. Ele olhou para sua xícara. O líquido era rico, negro e fumegante. Cheirava amargo mas convidativo. Ele tomou um sorvo-. É bom- declarou pensativamente. Com uma pitada de canela, coberto com creme espesso, a bebida estaria deliciosa. Não lhe surpreendia que a ela lhe agradasse.

-É uma mulher, não é?-. O ancião sorriu debilmente.

-Sempre vii através de mim, Rushka, meu amigo.

-Ouvi que tomou uma esposa.

Hawk olhou a seu velho amigo agudamente.

-Por que não veio, Rushka? Quando ela estava enferma, eu esperei por você.

-Escutamos dizer que era *Callabron*. Não temos nenhuma cura para semelhante veneno- disse o ancião. Rushka mudou sua atenção para longe do olhar firme de Hawk.

-Pensei que viria, tão só para dizer-me, Rushka.

O ancião agitou depreciativamente uma mão.

-Seria uma viagem em vão. Além do que, estava seguro de que tinha coisas mais urgentes para atender. De qualquer jeito, ela foi curada, e tudo o que acaba bem está bem, eh?

Hawk pestanejou. Ele nunca viu a seu amigo comportar-se tão estranhamente. Normalmente Rushka era atencioso e alegre. Mas o ar estava tão pesado este dia que inclusive respirar parecia um trabalho doloroso.

E Rushka não falava. Que em si mesmo era algo muito estranho.

Hawk bebeu aos goles o café, seus olhos demorando-se numa procissão de pessoas ao extremo longínquo do vale. Se ele quisesse respostas, teria que fazer suas perguntas simplesmente.

-Por que veio aqui, Rushka? Acampou em meu campo ao norte dos sorveiros durante anos.

O olhar de Rushka seguiu o de Hawk e a amargura sombreou os olhos castanhos.

-Veio por Zeldie?- perguntou Rushka abruptamente.

Não tomarei em handfast a Zeldie, tinha dito Hawk há dez anos a esse homem, quando estava limitado por seu serviço ao rei. O *Rom* desejou um favor e ofereceu a sua jovem mais formosa. Hawk explicou que simplesmente não era possível para ele tomar uma esposa, e enquanto Rushka entendeu, Esmeralda não. Zeldie, como eles a chamavam, estava tão enfurecida por sua negativa, que se deitou com um homem depois de outro, assustando a sua própria gente inclusive. Os ciganos não apreciavam a virgindade -a vida era muito curta para a abstinência de qualquer classe- que era uma das razões pela qual essa gente pareceu tão intrigante a um jovem rapaz. Ele tinha dez anos quando teve um encontro com uma jovem cigana morena, com seios em flor e mamilos rosados, fazer o amor com um homem. Dois verões depois, ela veio a ele dizendo que era sua vez. Ah, as coisas que ele aprendeu dessas pessoas.

-Esmeralda e eu separamos nossos caminhos.

O ancião assentiu.

-Ela disse isso-. Rushka remexeu o pó a seus pés-. Então ela se foi com ele.

-Quem?- Hawk perguntou, sabendo qual seria a resposta.

-Não dissemos seu nome. Ele é empregado em sua terra para trabalhar com metais.

-Quem é ele?- pressionou Hawk.

-Conhece ao homem que eu quero dizer.

-Sim, mas, quem é ele realmente?

Rushka esfregou sua fronte com uma mão cansada.

Sim, Hawk compreendeu com assombro, Rushka esteve chorando definitivamente.

-Há situações em que nem sequer um *Rom* fará negócio, não importa quanto ouro se prometa pelos serviços. Esmeralda nem sempre era tão sábia. Minha gente se desculpa, milorde- disse Rushka suavemente.

O mundo inteiro enlouqueceu?, perguntou-se Hawk quando esgotou o último gole de seu café. Rushka não tinha nenhum sentido absolutamente. De repente, seu velho amigo se levantou e girou para olhar a corrente de ciganos que se arrastam para baixo do vale.

-Aonde vão, Rushka?- perguntou Hawk, observando a procissão singular. Parecia-se a algum tipo de ritual *Rom*, mas se o fosse, Hawk nunca o tinha visto.

-Esmeralda está morta. Ela vai ao mar.

Hawk se levantou de um salto.

-O mar! Essa é a morte para um *bruhdskar*. Para alguém que traiu aos seus!

-É o que ela fez.

-Mas ela era sua filha, Rushka. Como?

Os ombros do ancião se moveram para frente, e Hawk podia ver sua dor em cada linha de seu corpo.

-Tentou três vezes matar a sua senhora- disse finalmente.

Hawk estava aturdido.

-Esmeralda?

-Três vezes. Por dardo e por besta. A faixa que leva em sua mão é nossa culpa. Se nos proibir de suas terras, nunca escureceremos de novo os seus campos. Traímos a sua hospitalidade e fizemos uma piada de sua boa vontade.

Esmeralda. Encaixava. Ainda não podia sustentar o nível de pensamento, compassivo, e o sábio Rushka se responsabilizava pelas ações da moça. Não, não ele, nem qualquer dos *Rom*.

-Nunca procuraria tira-lo de minhas terras; sempre poderá vir livremente a Dalkeith-Upon-the-Sea. Sua vergonha não é a sua, Rushka.

-Ah, mas é sim. Ela pensou que se a sua nova noiva morresse, seria livre de casar-se com ela. Era uma estranha, ainda que fosse minha filha. Houve vezes em que, inclusive, eu me perguntei quão escuro era seu coração. Mas ele a trouxe ontem à noite, e pela lua ela confessou. Não tínhamos nenhuma opção senão atuar com a honra que devemos a todos... as festas... inclusive.

E agora a procissão ao mar, com cada homem, mulher e menino que levavam cruzeiros de sorveira branca, talhadas e lixadas, brilhantemente ilustrados com runas azuis.

-Que classe de cruzeiros são aquelas, Rushka?- perguntou Hawk. Em todo seu tempo com essa gente nunca havia visto algo assim.

Rushka se enrijeceu.

-Um de nossos rituais neste tipo de morte.

-Rushka.

-Cuido como você de minha própria gente, Hawk- disse Rushka firmemente.

Hawk se aturdiu em silêncio. Rushka raramente falava de seus sentimentos.

-Durante anos abriu sua casa para minha gente. Deste com generosidade, tratou-nos com dignidade e deteve a censura, ainda que nossas maneiras fossem diferentes das suas. Celebrou conosco e nos permitiu ser quem somos-. Rushka fez uma pausa e sorriu debilmente-. É um homem raro, Hawk. Por essas razões eu devo dizer-lhe isto, a risco de que minha raça seja condenada. Tenha cuidado. O véu é delgado e o tempo e o espaço estão muito perto daqui. Tenha cuidado, porque parece que

está de algum modo no mesmo centro dele. Tenha grande cuidado com aqueles que ama e não importa o que faça, não os deixe sozinhos por muito tempo. Há segurança nos números quando isto está entre nós.

-Quando o que está entre nós, Rushka? Seja específico! Como posso lutar contra algo que não entendo?

-Não posso dizer mais nada, meu amigo. Simplesmente isto: até a festa do Morto Bendito, permaneça perto, muito perto daqueles que ama. E longe e mais longe daqueles em quem não pode confiar. Não-. Rushka levantou uma mão para deter a Hawk quando ele abriu sua boca para reclamar respostas mais completas-. Se quer a minha gente, não nos visitará novamente até que celebremos o sagrado *Samhain*. Oh- acrescentou Rushka como um pensamento anterior- a anciã disse que lhe contasse que a rainha negra não é o que parece. Isso significa algo para você?

A única rainha negra que o preocupava estava convertida, agora, em cinzas na forja. Hawk agitou sua cabeça. A anciã era sua vidente, e com sua visão sobrenatural ela inspirou temor em Hawk quando era um jovem rapaz.

-Não. Ela disse mais?

-Só que precisaria disto-. Rushka ofereceu um pacote atado com cordão de couro-. O cataplasma de camomila pelo que veio-. Ele retornou a olhar para a procissão-. Devo ir. Devo encabeçar o passeio ao mar. Tenha cuidado, e guarde-se bem, amigo. Eu espero vê-lo e tudo o que ama em *Samhain*.

Hawk olhou em silêncio enquanto Rushka se unia ao passeio fúnebre para sua filha.

Quando alguém do *Rom* traía as regras que regiam seu modo de vida, ele ou ela se submetiam a essas mesmas regras. Era uma comunidade profundamente unida por elas. Selvagens como podiam ser, e de posição liberal sobre muitas coisas. Mas havia regras pelas quais eles viviam, e essas regras nunca seriam quebradas.

Esmeralda menosprezou uma de grande importância: aqueles que dessem resguardo aos *Rom* não seriam machucados de jeito nenhum. Tentando matar à esposa de Hawk, ela havia tentado machucar ao próprio *Laird* de Dalkeith. Mas havia algo mais, Hawk podia dar-se conta. Algo que Rushka não estava dizendo-lhe. Algo mais do que Esmeralda havia feito, que levou à contenda entre sua gente.

Quando Hawk olhou a procissão encaminhar-se para o mar, sussurrou uma bênção *Rom* para a filha de seu amigo.

Aliviado, perto do fogo, Hawk desembulhou as faixas e limpou sua mão ferida com whisk escocês e água. Cuidadosamente, desatou a bolsa de couro e se perguntou com curiosidade pela variedade de frascos que caíram. Ele recolheu o cataplasma e o pôs de lado, ordenando o resto.

Simplesmente o que teria visto a vidente?, perguntou-se severamente. Porque ela lhe deu outras duas poções, uma das quais ele jurou nunca usar novamente.

Hawk resmungou. Um era um afrodisíaco que provou em seus dias mais jovens. Esse não o preocupou demasiado. O outro que desprezou era uma poção que foi criada para manter a um homem num estado prolongado mas marcante de excitação sexual.

Observou o frasco com o vil líquido verde nele de tal maneira que, olhando-o o sol se refletiu fora dos prismas facetados da garrafa cheia. As sombras subiram e se escarneceram abertamente dele durante um tempo, até que sua vontade obstinada os confinou de novo ao inferno. Rapidamente estendeu o cataplasma que aliviaria a dor e aceleraria a recuperação. Numa quinzena sua mão estaria de curada.

Adam. Ainda que não o disse diretamente, Rushka insinuou que foi Adam quem lhes trouxesse nessa noite a Esmeralda. O que significava que Adam sabia que Esmeralda estava tentando matar a Adrienne.

O que mais Adam sabia?

E simplesmente o que Adam fizera a seu amigo Rushka, que nunca havia mostrado terror em todos os trinta e um anos que Hawk o conheceu, aparentar agora um medo visível?

Muitas perguntas e escassas respostas. Cada uma apontava o dedo acusando ao ferreiro, que estaria agora provavelmente tentando seduzir à esposa de Hawk.

Minha esposa que não me quer. Minha esposa que quer a Adam. Minha esposa que não se preocupou o bastante para perguntar por mim enquanto estava ferido.

Esmeralda estava morta, mas Rushka lhe informou que a ameaça real ainda estava ali, e tão perto de Dalkeith que afugentava aos *Rom*. Ao que parecia, Adam estava envolvido. E ele deixou sua esposa em contato com ele. Perto e mais perto...

A mente de Hawk zumbiu, ordenando os escassos fatos e procurando a solução mais viável para sua miríade de problemas. De repente, a resposta parecia incrivelmente clara. Ele resfolegou, incapaz de acreditar que não tivesse tido pensado nisso antes. Mas a garota tinha uma maneira de meter-se embaixo de sua pele, que sua mente não trabalhava com sua lógica usual quando ela estava perto. Não mais! Era tempo de tomar o controle, em lugar de permitir que as circunstâncias continuassem correndo furiosamente.

Seu pacto com Adam implicava que não podia proibir a Adrienne que visse ao ferreiro. Mas ele poderia dificultar-lhe que o fizesse. A levaria para Uster com ele, longe do misterioso Adam Black.

E daí que ela não perguntara por ele? Explicara-lhe desde o primeiro dia que não queria casar-se com ele. Jurou odiá-lo para sempre, e mesmo assim ele lhe asseguraria que seu corpo responderia ao dele. A teria toda para ele em Uster e poderia comprovar essa teoria.

Sinceramente, desde quando tinha se tornado tão passivo? *Quando se sentiu culpado por queimar sua rainha*, sua consciência lhe lembrou. *Prendendo-a aqui, apesar de seus desejos, se ela é de fato do futuro*. Mas a culpa era para os perdedores e os estúpidos. Não para Sidheach Douglas. Não tinha nenhuma culpa envolvida quando ela intervinha.

-Eu a amo- disse ele ao vento-. E por isso me tornei o maior estúpido do mundo.

Um completo estúpido.

Era tempo de remediar isso. A culpa e a passividade deixaram existir nele a partir deste exato momento. O Hawk que deu a volta em seu corcel e se dirigiu para Dalkeith-Upon-the-Sea para reclamar a sua esposa era o verdadeiro homônimo do Sidheach antigo, o conquistador viking que havia passado por cima de qualquer um que se atrevera a opor-se a ele. *Eu comprometo, eu consigo, eu prevaleço.*

Ele saltou a sua rédea e estimulou o seu corcel num galope livre. *Cegar e atar sinetes, meu doce falcão*, prometeu com um sorriso escuro.

Sob um ramo de sorveira, Adam se enrijeceu. *Não é justo! Não é justo! Vá embora!* Mas justo ou não, ele viu a verdade. Hawk deu a volta e estava regressando para levar Adrienne com ele. Isso era absolutamente inaceitável. Ele, obviamente, teria que fazer algo drástico.

-Como poderia acontecer isso?- Lydia passeou pela cozinha, numa agitação colorida de damasco e preocupação.

-Não tenho nem idéia, Lydia. Um minuto estava nos jardins e a seguinte coisa que soube era que regressava ao minha quarto em meu próprio tempo.

-Seu próprio tempo- fez eco Lydia suavemente.

Adrienne encontrou seu olhar sem pestanejar.

-Quase quinhentos anos no futuro.

Lydia ergueu sua cabeça e a deixou cair novamente, como tendo um rápido debate interior consigo mesma. O silêncio se esticou prolongadamente enquanto ponderava os limites de suas crenças. Lydia sempre pensou que as mulheres estavam mais dispostas que os homens a abrir-se e adaptar-se em presença de acontecimentos inexplicáveis. Talvez era porque as mulheres experimentavam de primeira mão o milagre incompreensível e assombroso do parto. A uma mulher que podia criar vida dentro de seu próprio corpo, a viagem através do tempo lhe pareceria um milagre menor em comparação. Mas os homens... os homens sempre tentavam encontrar uma explicação racional para as coisas.

Quando Hawk lhe falou sobre as estranhas notícias que Grimm descobriu em Comyn Keep, Lydia estudou a Adrienne estreitamente observando qualquer sinal de instabilidade ou conduta peculiar. Através de seu estreito exame, só se convenceu de que Adrienne era tão sensata como poderia ser qualquer pessoa. Concluiu que, enquanto algo havia ferido Adrienne profundamente em seu passado, qualquer coisa que a tivesse ferido não havia machucado sua mente: Adrienne se fortaleceu com isso, como o aço temperado. Oh, Lydia sabia que havia uma jovem muito só detrás do humor cáustico de Adrienne, e as vezes uma fachada fria, mas Lydia descobrira com frequência que essas paredes guardavam um tesouro, e um tesouro que sua nora era de fato. Lydia a queria enormemente e tinha a intenção de ter netos de seu filho com essa jovem encantadora.

A idéia de que o clã Comyn inteiro sofresse um pouco de estranha loucura não fazia sentido. Lydia conhecia bem a Althea Comyn do tempo que passaram juntas na corte, anos atrás. Ela era uma mulher prática, vivida, e ainda que durante anos Althea estivesse mais enclausurada, ainda permanecia pragmática e sensata.

Lydia suspeitou que o *Laird* Comyn cometia atos de violência fazia muito tempo. Poderia acreditar que ele matou a sua própria filha num ato de violência insensata? Facilmente. Ele matou a seu filho mais jovem como um cordeiro de sacrifício por cruzar as linhas do clã e tomar a uma das sobrinhas netas de Bruce.

Através de todos os atos maquiavélicos e pequenas vinganças de Red Comyn, Althea Comyn conseguiu seguir beneficiando continuamente a seu clã. Era uma mulher extraordinária e mantinha a seus filhos e netos juntos com pura vontade e determinação.

Para Lydia o pensamento de que a pragmática Lady Comyn sofresse um ataque de fantasia era mais difícil de acreditar que a possibilidade de uma viagem no tempo. Simplesmente, Althea Comyn era muito realista para dizer qualquer coisa sem sentido.

Tendo tirado suas conclusões, Lydia sorriu suavemente para Adrienne, que estava esperando em tenso silêncio.

-Hawk me contou o que lady Comyn disse, Adrienne. Que não é sua filha. Que apareceu do ar. De fato, ouvi que seu sotaque mingua e flui como uma maré tormentosa, imprevisível.

Adrienne se mortificou momentaneamente.

-De verdade?

Lydia resfolegou.

-Quando estava enferma seu sotaque desapareceu completamente, minha querida.

Adrienne pestanejou.

-Por que ninguém nunca me perguntou sobre isso?

-Caso não tenha notado, as coisas não foram precisamente calmas desde que veio para Dalkeith. Nem um dia passou sem que nos trouxe novas surpresas. Tentativas de assassinato, visitantes mal recebidos, por não mencionar a Hawk, que se comporta como um rapaz impetuoso. Além do mais, esperei que um dia confiasse em mim por sua própria escolha. Agora, os guardas me dizem que a viram desaparecer e reaparecer várias vezes ante seus próprios olhos-. Lydia esfregou suas palmas contra a saia de seu vestido, uma expressão apagada nos olhos-. Do futuro- murmurou ela suavemente-. Meu filho acreditou que era algum trauma que a fez acreditar em tal loucura e no entanto...

-E no entanto o que?- insistiu Adrienne.

Lydia encontrou os olhos claros de Adrienne. Olharam-se fixamente por um longo momento, indagadoras.

Finalmente Lydia disse:

-Não. Nem um indício de loucura nesse olhar.

-Sou de outro tempo, Lydia. Não estou louca.

-Acredito em você, Adrienne- disse Lydia simplesmente.

-Acredita?- Adrienne praticamente gemeu -. Por que?

-Importa realmente? É suficiente dizê-lo, estou convicta. E quando as coisas finalmente voltarem a ser normais por aqui, se alguma vez o fazem, quero que me diga tudo sobre isso. O seu tempo. Tenho muitas perguntas, mas esperarão. Há coisas agora que devemos ter claras-. As sobrancelhas de Lydia se franziram, pensativas-. Como chegou aqui, Adrienne?

-Não sei-. Adrienne encolheu os ombros desvalidamente-. De verdade, não tenho nenhuma idéia.

-Hawk pensou que era a rainha negra. Lady Comyn disse que estava enfeitiçada.

-Eu também pensei que estava.

-Então nunca foi a rainha negra... hummm. Adrienne, devemos estar completamente claras nisto. Exatamente que estava fazendo no momento em que passou?

-A primeira vez, quando apareci em Comyn Keep? Ou esta vez?

-Esta vez- disse Lydia-. Ainda que devemos pesquisar a primeira vez também, e procurar semelhanças.

-Bem... eu estava caminhando nos jardins e estava pensando sobre o século XX. Eu estava pensando sobre quanto...

-Desejava regressar- Lydia terminou por ela, com um traço de amargura.

Adrienne esteve igualmente surpresa e comovida.

-Não. Realmente estava pensando sobre quão bom é estar aqui. Nos anos noventa, por Deus, Lydia, as pessoas estavam fora de controle! Filhos que matam a seus pais. Pais que matam a seus filhos. Filhos que matam irmãos. Todos têm telefones celulares colados a suas orelhas e vi tal distância entre as pessoas que tentar acercar-se era tão difícil. E simplesmente o dia antes de que chegasse aqui... deveria ter visto as manchetes nos jornais. Um jovem estrangulou a uma moça quando ela não desligou o telefone para permitir-lhe usá-lo. Oh, estava tendo pensamentos amargos desse tempo e estava comparando-o a este lar e este estava ganhando definitivamente.

-Diga isso novamente- Lydia proferiu suavemente.

-O que?- perguntou Adrienne inexpressivamente-. Oh, manchetes, jornais, são...- ela começou a explicar, mas Lydia a cortou.

-Lar-. O rosto de Lydia se acendeu com um sorriso formoso-. Chamou a isto lar.

Adrienne pestanejou.

- Chamei?

As duas mulheres se olharam por um longo momento.

-Bem, por *Samhain*, Lydia, dê-lhe o café, direi-. A voz rude de Tavis chegou da porta-. Certamente, saindo e entrando assim, ela deve estar com sede.

-Café?-. Adrienne se ergueu.

-Ah-. Lydia sorriu, comprazida consigo mesma e duplamente encantada com sua nora, que chamou de lar a Dalkeith- Upon-the-Sea, inclusive, sem compreendê-lo. Rapidamente encheu um jarro de porcelana com a bebida fumegante e o pôs orgulhosamente na mesa adiante dela.

O nariz de Adrienne aspirou bruscamente, quando seus sensores do sabor começaram a dançar uma valsa alegre, e atingiu ambiciosamente o jarro. Ela fechou os olhos, respirou profundamente e bebeu.

E se afogou.

Tavis a golpeou nas costas e olhou a Lydia acusadoramente.

-Eu te disse!

Quando Adrienne pôde respirar de novo, limpou as lágrimas dos olhos e contemplou suspeitamente sua xícara.

-Oh, Lydia! Não deixe dentro o café moído... não, realmente não está moído... é mais como uma massa, acredito. Que fez? Achatar os grãos e misturá-los com água? Ugh!

-Não lhe disse que o passasse através de uma peneira?- lhe recordou Tavis-. Queria bebê-lo assim?

-Bem, com todo o alvoroço me esqueci!-. Lydia pegou o jarro-. Se está tão seguro de que sabe fazê-lo, faça-o!-. Ela empurrou o jarro para Tavis e tirou material do saco castanho no chão.

-Bem. Verá se não o faço, direi!-. Com um olhar arrogante ele saiu para a despensa.

Lydia suspirou.

-Adrienne, sei que não foi até agora uma manhã muito boa. Eu queria ter café para você, mas em lugar de café, o que lhe parece uma xícara de chá e uma conversa?

-Uh-oh- disse Adrienne-. Sei olhar, Lydia. O que aconteceu? Além de minhas viagens através dos portais do tempo?

-Chá?- Lydia esquivou-se.

-Fale- disse Adrienne cautelosamente.

Qual era a melhor maneira para começar? Lydia se determinou não lhe esconder nada. As mentiras e meias-verdades tinham uma maneira suja de reproduzir-se e causar desconfiança. Se Adrienne pudesse ver a Hawk claramente, a verdade não lhe faria mau; mas mentiras, em alguma parte, haveria sempre

-Esmeralda está morta.

-Sinto muito- ofereceu Adrienne instantaneamente-. Mas, quem é Esmeralda?

-A... er... bem, a ex-amante de Hawk provavelmente explica melhor.

-Quer dizer além de Olivia? E onde estava guardando-a ele, a propósito? No calabouço? Na torre? No quarto ao lado do meu?

Lydia fez uma careta de dor.

-Não é assim, Adrienne. Ele acabou com isso meses antes de que viesses. Ela viveu com os *Rom*, que acampam em nossos campos nas estações calorosas. Segundo o que sua gente disse a Tavis esta manhã, ela é quem estava tentando matá-la. As notícias boas são que agora está segura.

-Não estou dizendo-o desde o início? Não disse que provavelmente era uma das ex-noivas desse homem, ou não? Oh!-. Ela se levantou de um salto.

-Adrienne...

-Agora o quê?

Oh, está muito irritada, Lydia refletiu. *Bem, diga-o*, disse, sabendo com um olhar para o rosto de Adrienne que simplesmente estava estragando uma boa luta com Hawk, e que ela estaria enfadada como uma *banshee* raivosa quando compreendesse que não poderia consegui-la.

-Hawk saiu para Uster ao alvorecer.

-Por quanto tempo?- Adrienne replicou.

-Não disse. Adrienne! Espera! Precisamos adivinhar o que a trouxe aqui!-. Mas Adrienne já não escutava.

Lydia suspirou quando Adrienne saiu da cozinha como um furacão resmungando algo como, um *Neanderthal com dor-no-traseiro, teimoso e arrogante...*

CAPÍTULO 23

Simplesmente, qual é o seu problema, Adrienne de Simone?, perguntou-se furiosamente.

Encolheu os ombros e suspirou antes de advertir a uma roseira próxima:

-Parece que sinto algo por esse homem.

A roseira assentiu sensatamente na brisa do suave verão e Adrienne falou tudo de boa vontade a seu público extasiado.

-Sei que tem estado com muitas mulheres. Mas ele não é como Eberhard. Não existe provavelmente, é lógico, ninguém como Eberhard excetuando a um monstro de cinco cabeças nas mandíbulas do inferno.

Quando a roseira não a acusou de ser melodramática ou ferozmente poética, ela lançou um suspiro verdadeiramente lastimável e continuou.

-Não posso entender uma maldita coisa sobre o homem. Primeiro, ele me quer... quero dizer, vamos, queimou minha rainha para manter-me aqui, o que realmente não funcionou pelo que parece, mas a intenção estava ali. Ele salva minha vida repetidamente, ainda que indiretamente foi sua culpa que eu estivesse em perigo para começar, e depois se nega a me ver. E se isso não fosse o bastante, ele simplesmente se levanta e vai embora sem dizer sequer adeus!

Adrienne começou a despetalar irritadamente a roseira.

-Não acredito que ele entenda a necessidade de uma comunicação clara e oportuna realmente. Oportuno significa agora. Onde fica Uster exatamente, de toda maneira?- considerou a possibilidade de encontrar um cavalo e ir para lá. Como se atrevia a abandoná-la? Não era que lhe preocupasse estar onde estava -Dalkeith-Upon-The-Sea era certamente encantador-, mas e se ela, por ventura, regressasse a seu próprio tempo e nunca mais o visse novamente?

Maldição se isso não punha as coisas numa perspectiva completamente diferente. Os guerreiros raivosos dentro de seu peito se levantaram e traidoramente mudaram de acampamento pisoteando ante esse pensamento.

Como não compreendeu que poderia desaparecer e nunca mais ver ao homem com quem se casou? Que ela não tinha, realmente, nenhum domínio sobre isso? Mais vinte guerreiros marcharam para o lado de Hawk na disputa raivosa dentro dela. Maldita bruxaria.

Não se pergunta, Adrienne, o que sentiria se deitasse ao lado dele no calor ardente de sua paixão magnífica?

Bem. Ela tinha um guerreiro do seu lado e seu nome era *Mr. Suspicious N. Fearful*⁴.

Traidores! Franziu o cenho ao novo acampamento de Hawk. Simplesmente pensar nele a fazia se sentir quente. Arrastou seus dedos pela fonte cintilante, de água pura, livre de produtos químicos.

Ela não podia imaginar não ver mais a essa fonte formosa ou não cheirar o ar virgem de lavanda de 1513. Nenhuma Lydia, nenhum Tavis. Nenhum castelo junto ao mar. Nenhum *Laird Hawk*, homem de aço e paixão ardente. Só Seattle e recordações amargas e o medo que a manteriam dentro de sua casa. Os anos noventa, uma transformação envolvida com fumaça e buracos de ozônio.

Ela duvidou que Hawk tentasse enviá-la só de férias. Ele parecia ser o tipo de homem que valorizaria a sua esposa e a manteria a seu lado se a mulher o permitisse. Perto desses braços belamente musculosos, e sob esse *kilt*...

-Sonha um sonho perverso- suspirou suavemente. Adrienne fechou os olhos e deixou cair sua cabeça entre as mãos. Uma longa eternidade de perguntas deu voltas em sua cabeça, e lenta mas certamente, Adrienne ajudou ao último pequeno

⁴ Senhor Suspeita & Temor (Nota da tradutora).

guerreiro a se levantar: o limpou, e lhe permitiu apoiar-se nela quando o passou para o outro lado da guerra. Tinha tomado sua decisão. Iria tentar.

Levantou, lentamente, sua cabeça de suas mãos para encontrar o olhar penetrante de Adam. Quanto tempo estaria de pé olhando-a com adoração nos olhos? Olhos escuros, negros como o ódio. Agora de onde tinha vindo isso?

-Odeia a Hawk, não é, Adam?- perguntou ela numa centelha de intuição clara como o cristal.

Ele sorriu apreciativamente.

-Vocês mulheres são assim. Entendem rápido a alguém com olho sagaz. Mas o ódio concede muita importância em sua significado- ironizou quando se deixou cair ao lado dela no console.

-Não faça jogos de palavras comigo, Adam. Responda a minha pergunta.

-Isso lhe agradaria? Honestidade de um homem?

-Sim.

Ele encolheu um ombro formoso, beijado pelo sol.

-Ódio a Hawk.

-Por que?- perguntou Adrienne indignadamente.

-É um estúpido. Ele não dá apropriada importância a sua beleza, Bela.

-A minha o que?-. A única coisa importante que viam dela.

O ferreiro deu um sorriso deslumbrante.

-Ele procura abrir-lhe, escorregar-se entre suas coxas, mas eu imortalizaria essas pétalas cobertas do orvalho do amor.

Adrienne se enrijeceu.

-É muito poético, mas não há nenhuma necessidade de ser rude, Adam. Nem sequer me conhece.

-Não posso pensar em nada que preferiria fazer com meu tempo do que o desfrutar conhecendo-a. No sentido bíblico, já que acha as minhas outras referências demasiado gráficas. Assim está bastante bom para você?

-Quem é você?

-Posso ser qualquer coisa que queira que eu seja.

-Mas quem é você!- ela repetiu obstinadamente.

-Sou o homem que precisou toda sua vida. Posso dar-lhe qualquer coisa que deseje antes que compreenda sequer o que deseja. Posso encher cada um de seus anseios, curá-la de cada ferida, corrigir cada mau. Tem inimigos? Não os terá comigo ao seu lado. Tem fome? Eu encontrarei o pedacinho mais suculento, maduro e a alimentarei com minhas mãos nuas. Tem dor? Eu a aliviarei. Sonhos maus? Eu os caçarei na noite. Pesares? Eu regressarei e os desfarei. Ordene-me, Bela, e serei seu.

Adrienne lhe disparou um olhar ardente.

-Os únicos pesares que tenho são todos centrados ao redor dos homens bonitos. Por isso sugiro que se retire de minha presença.

-Me acha bonito?

Algo nos olhos desse homem não era o muito correto.

-Falando esteticamente- aclarou ela.

-Bonito como Hawk?

Adrienne fez uma pausa. Ela podia ser cortante em certas ocasiões, mas quando a pressionavam, era parte de sua personalidade encontrar uma maneira de não ferir os sentimentos das pessoas. Adrienne preferia manter silêncio quando sua opinião não era a resposta procurada, e neste caso, seu silêncio foi resposta suficiente.

A mandíbula de Adam se apertou.

-Tão bonito quanto Hawk?

-Os homens são diferentes. Não se pode comparar maçãs com laranjas.

-Não estou perguntando-lhe isso. Estou pedindo-lhe que compare um homem com outro homem. Hawk e eu- grunhiu ele.

-Adam, não entrarei nisto contigo. Está tentando obrigar-me a dizer algo...

-Estou pedindo só uma resposta justa.

-Por que isto é tão importante para você? Por que se preocupa tanto?

Seu humor mudou, como o mercúrio.

-Dê-me uma oportunidade, Bela. Disse que esteticamente eu lhe agrado. Não pode comparar aos homens de verdade até que goste do prazer que podem dar-lhe. Deite-se comigo, Bela. Permita-me.

-Pare!

-Quando me olhou forjar o metal lhe fiz arder-. Os intensos olhos negros de Adam se afundaram nos seus, penetrando profundamente. Ele exigiu sua mão e a voltou para que a palma tocasse seus lábios.

-Sim, mas isso foi antes de que eu o visse- interrompeu ela rapidamente.

-Hawk- cuspiu Adam amargamente-. Hawk o magnífico. Hawk a lenda viva. Hawk o sedutor bastardo. Hawk... a prostituta do rei. Recorda?

Ela o olhou tristemente.

-Pare, Adam- disse finalmente.

-Tem dormido com ele?

-Isso não é assunto seu! E devolva minha mão!-. Ela tentou afastar sua mão fora de seu domínio, mas ele a apertou e quando seus dedos acariciaram seu pulso, ela sentiu que a confusão assaltava seus sentidos.

-Responda-me, Bela. Dormiu com Hawk?

Ela engoliu firmemente. Não *lhe responderei*, jurou obstinadamente enquanto seus lábios murmuravam:

-Não.

-Então o jogo ainda não terminou, a Bela e eu podemos ganhar ainda. Esqueça-se de Hawk. Pense em Adam- cantarolou quando ele exigiu seus lábios num beijo brutal.

Adrienne parecia afundar-se mais e mais profundamente num mar escuro que a fazia desejar soltar-se.

-Adam. Diga-o, Bela. Grite por mim.

Onde estava Hawk quando ela precisava dele?

-H-h-Hawk- ela sussurrou contra Adam, que estava castigando sua boca

Enfurecido, Adam forçou a cabeça dela para atrás até que encontrasse seu olhar furioso. Quando Adrienne o olhou, os traços escuros de Adam pareciam brilhar débil, estranhamente e mudar... mas isso não era possível, assegurou-se a jovem. Os olhos escuros de Adam, de repente, pareciam ter as manchas de ouro de Hawk, o lábio inferior de Adam se encurvou de repente no convite sensual de Hawk.

-É isto o que devo fazer para ter-lhe, Bela?- perguntou Adam amargamente.

Adrienne o olhou com fascinação horrorizada. O rosto de Adam se estava fundindo e redefinindo, e se parecia mais a seu marido a cada minuto que passava.

-Devo usar a tal artifício? É a única maneira que me terá?

Adrienne estendeu uma mão trêmula para tocar seu rosto estranhamente metamorfoseado.

-A-Adam, p-pare!

-Isto lhe faz queimar, Bela? Se tenho sua cara, suas mãos? Porque se desejar, posso fazê-lo!

Está sonhando, disse si mesma. *Dormiu, e está tendo realmente um pesadelo muito mau, mas passará.*

As mãos de Adam estavam em seus seios e os dedos de fogo gelado estremeceram sua coluna com uma sensação extraordinária... mas não era prazer.

A uma dúzia de passos de distância, Hawk se enrijeceu a metade de um passo, depois de cruzar a longa ponte para os jardins. Linha por linha, músculo por músculo, seu rosto se voltou numa máscara de fúria e dor.

Quanto tempo ele estivera fora? Uma dúzia de horas? Meio dia?

A ferida que se fez enquanto salvava a vida dela batia irritadamente em sua mão como seu desejo por ela batia enfurecidamente sob seu *kilt*.

Se obrigou a olhar por um longo momento, para selar permanentemente em sua mente que tipo de estúpido era por querer a essa garota. Por amá-la enquanto ela o traía.

O corpo duro, bronzeado do ferreiro se esticou em toda sua longitude sobre as curvas tórridas de sua esposa quando deitaram no beirada da fonte. Suas mãos se retorceram em seus cabelos loiro prateados e sua boca se fechou sobre a de sua esposa que rendia seus lábios.

Hawk olhou quando ela gemeu, as mãos frenéticas contra o ferreiro em sua necessidade... quando ela a tirou de seu cabelo, arranhando arrebatadamente seus ombros.

A grama e flores se despedaçaram na terra perfumada sob a bota de Hawk quando se voltou e regressou por onde tinha vindo.

Adrienne se esforçou por conservar a sensatez.

-Vá...vá de n-novo ao inferno... de onde t-tem v-vindo...-. As palavras tomaram cada célula de energia que ainda possuía e a deixou ofegando flacidamente em procura de ar.

As mãos tentadoras a soltaram abruptamente.

Ela caiu do degrau e aterrizou na fonte com uma pedra.

O água fresca apagou a confusão espessa na hora. Ela se encolheu de terror, esperando a mão do ferreiro para atingi-la, mas nada aconteceu.

-A-Adam?

Uma respiração de malicioso vento esfriou seus mamilos através do material delgado de seu vestido.

-Oh!- ela os cobriu apressadamente com suas palmas.

-A-Adam?-. Ela chamou, um pouco mais forte. Nenhuma resposta.

-Quem é, realmente?- gritou furiosamente na manhã vazia.

CAPÍTULO 24

Em sua depressão, Adrienne considerou não comer. Perguntou-se se fumavam cigarros em 1513; reconsiderou-o, e decidiu então comer.

Até que encontrou o whisky.

Pelo tempo, brindou quando se sentou no escritório de Hawk e colocou seus pés sobre a escrivaninha. Serviu uma generosa dose do whisky num copo de cristal cortado e tomou um gole ardente.

-Och- disse pensativamente à escrivaninha -mas preparam uma boa mistura, não é?

Passou o resto da tarde e o anoitecer em seu refugio sagrado, escondendo-se dos avanços do estranho ferreiro, com Lydia observando-a com preocupação, e sua própria dor no coração. Leu os livros de seu marido quando viu a fina chuva que começou a cair, enquanto esvaziava o copo de whisky. Ele tinha gosto com os livros, pensou. Ela poderia apaixonar-se por um homem que gostasse de ler.

Depois vistoriou intensamente sua escrivaninha, dizendo-se que tinha direito porque era sua esposa, apesar de tudo. Cartas aos amigos, dos amigos, a sua mãe enquanto estava longe, simplesmente atadas com fitas.

Adrienne procurou nas gavetas e encontrou miniaturas da irmã e do irmão de Hawk. Descobriu tesouros da meninice que esquentaram seu coração: uma bola de couro remendada com frequência, estátuas habilmente talhadas de animais, pedras e jóias.

Para seu segundo copo de whisky, ele estava agradando-lhe muito, demais. *Bastante com o whisky, Adrienne, e faz muito tempo desde a última vez que comeste algo.*

Sobre umas pernas inseguras, ela procurou seu caminho para o grande hall.

-Esposa-. A voz não continha nenhuma calidez.

Adrienne retrocedeu e abriu a boca. Girou e se encontrou cara a cara com Hawk. Mas ele não tinha ido para Uster? Ao que parece não. Seu coração voou. Ela estava pronta para tentá-lo, mas algo em seu olhar a enervou, e não teve a noção mais confusa de por que. Estreitou os olhos e o contemplou intensamente.

-Parece claramente irritado- disse ela. Emitiu um gemido de medo quando ele investiu para ela-. Q-que está fazendo, Hawk?

Suas mãos se fecharam sobre seus pulsos com posse resistente quando ele moveu seu corpo poderoso até apoiar as costas femininas contra a pedra fresca do corredor.

-Hawk, o que...

-Silêncio, garota.

Com os olhos muito abertos, ela observou seu rosto procurando alguma pista que explicasse a hostilidade gelada em seus olhos.

Ele forçou sua perna musculosa entre suas coxas e as empurrou para afastá-las cruelmente.

-Tem estado bebendo, garota.

Sua respiração era quente em sua cara, ela podia cheirar o odor potente do álcool.

-Deveras? Igual a você! E pensei que estava em Uster!

Seus lábios formosos se torceram num sorriso amargo.

-Sim, sou bastante consciente de que pensou que estava em Uster, esposa-. Seu sotaque a debilitou densamente e traiu a magnitude de sua raiva.

-Bem, não vejo por que está tão irritado comigo! É você quem teve nove milhões de mulheres, e é quem saiu sem dizer adeus, e é quem não...

-O que é bom para o ganso não é necessariamente bom para a gansa- grunhiu ele. Retorceu sua mão no cabelo loiro e deu um puxão a suas costas assustadas, despindo o arco pálido de sua garganta-. Nada de consumo de álcool nem de amantes, esposa.

-O que?-. Ele não estava fazendo nenhum sentido, falando sobre os animais de granja quando ela estava tentando ter uma conversa bastante sóbria com ele. Abriu a boca quando a mordeu suavemente na base de seu pescoço, onde seu pulso golpeava erráticamente. Se ela não podia manejar a esse homem sóbria, não poderia manejá-lo bêbada, certamente.

Com lentidão insuportável, ele passeou sua língua sob seu pescoço e pelas curvas superiores de seus seios. A boca da moça se secou e uma revoada inteira de pássaros revoltosos bateu suas asas dentro de seu ventre.

-Lasciva- ele respirou contra sua imaculada pele.

Adrienne gemeu suavemente, em parte pela dor de suas palavras e em parte pelo prazer de seu tato.

-Infel, cruel beleza, que fiz eu para merecer isto?

-O que fiz eu...?

-Não!- protestou ele-. Nenhuma palavra. Não suportarei nenhuma mentira melosa do covil da doce serpente que chama de boca. Sim, garota, tem o mais cruel dos venenos. Melhor tivesse permitido que o dardo a atingisse, ou a flecha. Fui um estúpido por sofrer um momento de dor por sua culpa.

Estou sonhando de novo?, perguntou-se ela. Mas sabia que não, porque nunca num sonho tinha sido tão consciente de cada centímetro de seu próprio corpo, seu corpo traidor que rogava acercar-se a esse homem enfurecido que gotejava *sex appeal*, inclusive em sua fúria.

-Diga-me o que ele tem para dar-lhe que eu não tenha! Diga-me por que tem fome por esse homem. E depois que eu lhe mostre cada centímetro do que tenho para dar-lhe, então pode dizer-me se ainda pensa que ele tem mais do que eu.

-O ferreiro?- ela perguntou incredulamente.

Ele ignorou sua pergunta completamente.

-Devia ter feito isto faz tempo. É minha esposa. Compartilhará minha cama. Levará meus filhos. E certamente, quando a faça minha, nunca dirá essa palavra de novo. Disse-lhe uma vez as regras de Hawk. Agora as recordarei pela última vez. O *ferreiro* e *Adam* são duas palavras que nunca me dirá. Se o fizer, a castigarei tão profunda e cruelmente, que desejará não ter nascido.

As palavras foram no entanto tão cuidadosamente ditas, com tão controlado enfurecimento, que Adrienne não começou a questionar sequer que castigo poderia ter em mente. Sabia instintivamente que nunca quereria averiguá-lo. Quando abriu seus lábios para falar, Hawk esfregou seu corpo contra o dela, apertando intimamente seu pênis duro entre suas coxas. As palavras que ela planejou dizer se exalaram em mudança como um *whoosh* suave de ar, que se converteu num gemido rouco. Adrienne quis fundir-se contra ele, arquear-se contra seu corpo com completo abandono. Nem sequer podia estar de pé ao lado desse homem sem desejá-lo.

O sorriso de Hawk era zombador e cruel.

-Se sente ele assim, garota? Tem ele isto, tanto para comprazer-lhe?

Nenhum homem o tem, ela pensou febrilmente, quando seus quadris se moveram famintamente contra ele. Hawk grunhiu suavemente e rodou sua boca em cima da sua num cruel, castigador beijo.

Adrienne sentiu sua mão levantando sua saia e compreendeu que em sua raiva atual Hawk ia tomá-la, diretamente no escuro e frio vestíbulo. Bêbada ou não, não era desse jeito que Adrienne planejava abandonar sua duramente guardada virgindade. Ela o desejava, mas não assim. Nunca assim.

- Pare! Hawk, qualquer coisa que pensa que fiz... não o fiz!- gritou a jovem.

Ele lhe impôs silêncio com sua boca, seu beijo quente, faminto e cruel. Ela entendeu que estava castigando-a com seu corpo, não lhe fazendo amor, mas ela não poderia resistir a sua língua e não poderia impedir-se de beijá-lo por sua vez, sufocante.

Hawk baixou sua cabeça e roçou seu pescoço com seus dentes; depois a provocou endurecendo seus mamilos através do vestido. Adrienne estava tão perdida no prazer que não compreendeu o que ele estava fazendo até que foi demasiado tarde.

Ela sentiu a ardência de uma corda em seus pulsos quando ele deu um puxão em seus braços e a girou ao redor para unir suas mãos na base de suas costas.

-Filho da puta!- sibilou ela.

-Filho da puta...- ele repetiu pensativamente-. Agora não gosta da minha mãe?

-Não me agrada quando faz isto! Hawk! Por que está fazendo isto? O que eu fiz?

-Silêncio, garota- ele ordenou suavemente, e ela compreendeu então que quando sua voz era suave e sutil como couro engraxado era quando ela estava em perigo mais extremo. Foi a primeira das muitas lições que ele lhe ensinaria. Quando o capuz de seda escorregou em cima de seu rosto, ela gritou sua fúria e tratou de golpeá-lo com os pés. Esforçando-se, dando pontapés, raivosa em seus braços, ela amaldiçoou exaustivamente.

-Esposa- ele disse contra sua orelha através do capuz de seda-, me pertence. Logo não recordará que houve um tempo em que não o fizesse.

Adam estava de pé à sombra das sorveiras e olhou como Hawk atravessava a noite com a mulher encapotada que lutava contra sua prisão. Ele pensava que poderia escapar de Adam Black, não é? Pensava Hawk que ele poderia levá-la? Muito bem. Adam não negociou esse ponto. Hawk decidiu beirar muito perto os limites de seu trato, obviamente.

O homem estava voltando-se enfurecedoramente sério.

Não, isso não era o que Adam tinha esperado, absolutamente, quando organizou sua cena nos jardins.

No entanto, o homem era mais bruto do que pensou. Tinha subestimado a seu antagonista imensamente. Pensou que Hawk era muito decente e muito bom para saber quando um homem tinha que ser tão duro e implacável como aço com uma mulher. Ele contou com que o nobre Hawk estivesse tão ferido vendo-a com o ferreiro, que a amaldiçoaria e a injuriaria, talvez se divorciasse dela inclusive; e qualquer dessas opções, segundo seu plano, a enviaria correndo a sua forja ardente nos servais. Pensou, muito equivocadamente pelo que parecia, que Hawk tinha uma ou duas debilidades de caráter pelo menos.

-Silêncio, esposa!- o tom de barítono de Hawk ressoou na escuridão. Adam estremeceu. Nenhum mortal devia ter semelhante voz.

Bem, este justamente não o faria. Ele teria que intervir a sério, porque se semelhante homem levava a uma mulher e a custodiava durante um tempo, a mulher pertenceria certamente a ele quando terminasse.

E Adam nunca perdia em nada. Certamente, não nisso.

Caminhou adiante nas sombras, preparado para confrontar a Hawk, quando ouviu um murmúrio áspero atrás dele.

-Piadista!

-Agora o que?- grunhiu Adam, e se voltou para enfrentar ao Rei Finnbheara.

-A Rainha exige a sua presença.

-Agora?

-Justamente agora. Ela nos adiantou. Creio que é de novo essa pequena Aine curiosa. Terá que deixar pelo menos algum tempo este jogo para aliviar as suspeitas da Rainha. Vêem.

-Não posso ir agora.

-Não tem nenhuma opção. Ela virá atrás de você se não vier. E então não teremos nenhuma oportunidade de ganhar nada.

Adam se deteve por um longo momento e permitiu a sua raiva queimar através dele e deixar ciscos de resolução em seu rastro. Devia ter muito cuidado quando sua Rainha estava interessada. Não faria nenhum bem obstruir sua vontade ou desejo de qualquer modo.

Ele se permitiu um longo olhar acima de seu ombro à figura que se ia no lombo de um cavalo.

-Muito bem, meu *liege*. Através deste inferno podre, impede minha vontade, comprometida com ninguém mais do que a rainha mais formosa. Vamos.

CAPÍTULO 25

Ela só deixou de gritar quando sua voz começou a perder força. *Tonta*, disse-se. *Que consegue com isso? Nada. Está atada como um frango pronto para a grelha e agora não pode sequer gemer um protesto.*

-Simplesmente tire-me o capuz, Hawk- rogou num murmúrio grave-. Por favor?

-Regra número nove. Meu nome deste momento em diante é Sidheach. Sidheach, não Hawk. Quando o usar, a premiarei. Quando não o fizer, não lhe darei nenhuma trégua.

-Por que quer que use esse nome?

-Assim sei que entende quem sou realmente. Não o lendário Hawk. O homem. Sidheach James Lyon Douglas. Seu marido.

-Quem primeiro o chamou Hawk?- perguntou ela roucamente.

Ele afogou um juramento veloz e ela sentiu seus dedos em sua garganta.

-Quem o fez primeiro não representa nenhuma diferença. Todos o fizeram. Mas sempre foi tudo o que o rei me dizia-rangeu ele. Não acrescentou que em toda sua vida nunca deu permissão a nenhuma garota para chamá-lo Sidheach. A nenhuma.

Ele desatou a capucha e lhe levantou a cara, e verteu água fresca em sua boca, aliviando um pouco a abrasadora rispidez que a fazia falar tão asperamente.

-Trata de não gritar mais esta noite, garota. Sua garganta sangrará.

-O rei James usava só esse nome?- perguntou ela rapidamente.

Outro suspiro.

-Sim.

-Por que?

Ela pôde sentir que seu corpo endurecer-se por trás dela.

-Porque disse que eu era seu próprio falcão cativo, e era verdade. Controlou-me durante quinze anos tão certamente como um falcoeiro controla a sua ave.

-Deus meu, que lhe fez?- sussurrou ela, horrorizada pelas profundidades geladas em sua voz quando ele mencionou seu serviço. Hawk controlado por outro? Incompreensível. Mas se a ameaça de destruição de Dalkeith, sua mãe, e seus irmãos pendesse sobre sua cabeça? A ameaça de matar a centenas de membros de seu clã? Que teria feito o nobre Hawk para prevenir isso?

A resposta chegou com singeleza. Seu marido forte, sábio, ético, teria feito qualquer coisa que tivesse que fazer. A qualquer outro homem, Hawk simplesmente o teria matado. Mas ninguém podia matar ao Rei da Escócia. Não sem ter a existência de seu clã erradicada completamente pelo exército do rei. Mesmo resultado, nenhuma opção. Uma sentença de quinze anos, tudo devido a um rei mimado e malcriado.

-Não pode aceitar o que sou agora, garota? Terminou. Sou livre-. Sua voz era tão baixa e ressonante de angústia que ela se enrijeceu. Suas palavras a deixaram fora de equilíbrio; era algo que ela mesma poderia ter dito se confrontasse seu passado com alguém a quem amasse. Seu marido entendia a dor, e talvez a vergonha e, oh, tão certamente, o pesar. Que direito tinha ela para julgar e condenar a uma pessoa por um passado obscuro? Se ela fosse honesta consigo mesma, revelaria inclusive que seu próprio passado foi resultado de seus próprios erros ingênuos, enquanto a dolorosa prova que Hawk foi obrigado a suportar foi para manter seguros a seu clã e sua família.

Ela quis tocar e curar ao homem que se sentava tão duramente longe dela, no entanto não estava segura de como começar. O que estava claro era que ele não foi a *prostituta do rei* porque quisesse; esse fato contribuiu enormemente para aliviar sua mente. Mais do que isso, ela quis entender a esse homem feroz, orgulhoso. Para acariciar as sombras sob seus formosos olhos escuros. Deu puxões rapidamente quando sentiu o atrito da seda em sua mandíbula.

-Não! Não volte a pôr o capuz em mim. Por favor.

Hawk ignorou seus protestos, e ela suspirou quando ele atou de novo os cordões.

-Me dirá simplesmente por que?

-Por que o que?

-Por que me cegou agora?-. Que tinha feito ela para provocar sua fúria?

-Mudei de opinião, garota. Dei-lhe o que nenhum outro homem lhe teria dado. Dei-lhe tempo para que me escolhesse por sua própria vontade. Mas parece que a sua vontade é extremamente tonta e precisa de persuasão. Escolha-me, se quer. E quando o fizer, não sairá o nome de nenhum outro homem dos seus lábios, o membro de nenhum outro homem entre suas coxas, o rosto de nenhum outro homem nos olhos da sua mente.

-Mas...-. Ela quis saber por que seu tempo acabou tão abruptamente. O que lhe fez mudar de opinião?

-Nenhum mas. Nenhuma palavra mais, garota, a não ser que queira que tampe sua boca também. Doravante, verá sem o benefício desses olhos formosos e tão mentirosos. Talvez eu não seja um estúpido completo. Talvez possa ver mais acertadamente com a sua visão interna. Então, de novo... talvez não. Mas a sua primeira lição é que como me vê não tem nada a ver com quem sou eu. Com quem pude ter sido no passado, não tem nada a ver com quem sou agora. Quando me enxergar finalmente com clareza, então e só então verá de novo com os seus olhos.

Chegaram a Uster pouco depois do alvorecer. Esporeando seu cavalo ferozmente através da noite, Hawk converteu uma jornada de dois dias em menos de um.

Guiou-a à residência do *laird*, além do deselegante pessoal, às escadas e à alcova. Sem uma palavra, cortou as cordas de seus pulsos com uma adaga, empurrou-a à cama e fechou com chave a porta por trás dele quando saiu.

No instante que as mãos de Adrienne ficaram livres, desatou o capuz de seda. Estava preparada para fazê-la em trapos pequenos, mas compreendeu que ele provavelmente usaria outra coisa se ela a destruísse. Além do que, meditou, não tinha nenhuma intenção de lutar contra ele. Ela possuía muitas batalhas em suas mãos ao tentar enfrentar suas próprias emoções; permitir-lhe-ia fazer o que sentia que ele precisava fazer. Se concedeu mais tempo para familiarizar-se com os novos sentimentos dentro dela. Santo Céu, mas ele estava furioso com ela. Sobre o que estava irritado, o que acreditava que tinha acontecido não era certo, mas sua resolução ainda era verdade. Ante sua fúria, seus diminutos soldados internos não tinham mudado de idéia. Todos estavam de pé orgulhosamente do lado de Hawk, e ela estava de sua parte com um só homem.

Planejava ele seduzi-la insensivelmente? Para abrir sua visão interna a ele?

Não precisava saber que já estava aberta, e que ela se anteciparia descaradamente a cada momento de sua sedução.

Hawk atravessou as ruas de Uster devagar. Quase deserta a essa hora tardia, só aqueles com valor, estupidez abjeta, ou enfermos passeavam tarde pela noite pelas ruas quando um nevoeiro pesado se concentrava nelas. Ele se perguntou em que categoria podia incluir-se.

Muito se tinha começado esse dia, mas muito mais ainda permanecia inacabado. Tinha passado a maior parte de sua manhã revisando os livros do moleiro e falando com os aldeões irritados que acusavam ao homem de substituir seu grão. Tinha só um moleiro, bem posicionado pelos homens do rei, antes que Hawk acabasse seu tributo de serviço. Sendo o único, pode exercer o comando absoluto sobre os grãos dos aldeões e havia, em conluio com o magistrado local, defraudado nos pesos, substituindo comida bolorenta pelos melhores grãos, e guardando o ganho de três povoados setentrionais.

Hawk suspirou. Esse foi só o primeiro de uma dúzia de problemas que exigiam sua atenção. Ele teria que manter as cortes durante uma quinzena para consertar tudo o que saiu errado sob seu benigno abandono enquanto estava pagando o serviço a James.

Mas agora tinha tempo para consertar os muitos problemas dos aldeões, e o faria. Sua gente estava comprazida por ter manifestado interesse em suas necessidades. A partir deste dia, três homens em Uster sustentariam as ferramentas do moleiro e os direitos sobre o grão. Hawk sorriu. A competição seria boa para sua gente.

Melissa e menta se concentraram fora da porta de um estabelecimento aberto quando ele passou. Uma mulher o chamou da porta, vestida só com uma delgada seda manchada e andrajosa. Hawk ergueu uma sobranceira, divertido, e sorriu, mas a recusou quando continuou rua abaixo. Seus olhos se fizeram escuros e amargos. Tinha mais do que podia manejar esperando por ele em casa.

Adrienne estava sentada junto à porta de sua câmara quando ouviu que Hawk a abria. Estava imaginando a doce sedução que ele reservou para ela e tinha que usar toda sua acalma para esconder sua excitação antes de sua volta.

-Oh, regressou- pronunciou ela com lentidão e esperando ter tido sucesso mascarando seu deleite.

Ele cruzou o quarto em dois passos imponentes, tomou-a em seus braços, e franziu o cenho escuramente para ela. Baixou sua cabeça implacavelmente para seus lábios, e ela afastou seu rosto. Impassível, ele roçou seu pescoço com seus dentes até que atingiu a base, onde seu pulso traidor batia quebradamente. A respiração da moça se bloqueou em sua garganta quando ele a mordeu suavemente e passou sua língua pela coluna de seu pescoço. Se sua proximidade a fazia estremecer, seus beijos seriam para ela a destruição completa. A sombra de sua áspera barba esquentava sua pele, esfregando-a, quando ele se arrastou para cima e suavemente lambeu o lóbulo de sua orelha. Adrienne suspirou seu prazer, então acrescentou um pouco de gritos de protesto só para convencê-lo.

-Se esquecerá do ferreiro, garota- ele prometeu. Um rápido puxão de seu cabelo a obrigou a encontrar seu olhar.

-Não tinha nenhuma intenção de recordá-lo. Ele não é nada mais que um insistente, dominador, sem-vergonha especulador de liberdade.

-Boa tentativa, esposa- disse Hawk secamente.

-Que quer dizer com "*boa tentativa*"? Por que está tão obcecado com o ferreiro?

-Eu? É você quem está obcecada com o ferreiro!-. Ele levantou o capuz para sua cabeça.

-É tão cabeça dura que não vê a verdade nem sequer quando está bem na sua frente.

-Oh, mas esse é justamente o ponto, garota. Vi a verdade claramente com meus próprios olhos hoje no jardim. Sim, muito claramente, e a recordação disso ferve em minha mente e escarnece de mim. Eu salvei a sua vida inconstante, mas não teve nenhum cuidado por isso. Não, tinha outros planos para você, e minha ausência só o fez mais fácil. Sai do seu lado por umas horas e rapidamente se deitou sob ele na fonte. Minha fonte. Minha esposa.

Então foi isso, ela meditou. Ele voltou e visto ao ferreiro quando lhe estava fazendo essas coisas aterrorizadoras e nebulosas, quando ela estava lutando contra ele. Hawk esteve de pé olhando ao ferreiro praticamente violá-la, e, em sua mente, acreditou que ela estava desejosa. Ele não pensaria sequer em ajudá-la.

-Talvez não sou a única que não pode ver tão claro- disse ela mordazmente-. Há dois talvez neste mesmo quarto que poderiam beneficiar-se com um pouco de visão interna.

-O que diz, garota?- disse Hawk suavemente.

Ela não modificaria sua estupidez com uma resposta. Um homem praticamente a violou, e em seus ciúmes, seu marido simplesmente olhou. Quanto mais ela protestasse sua inocência, mais culpada pareceria. E quanto mais pensava sobre isso, mais se irritava.

-Sugiro simplesmente que encontre seu próprio olho interno, marido- disse ela com igual suavidade.

Sua silenciosa dignidade fez com que ele desse uma pausa. Nenhum choro ou mentira ou nada de rebaixar-se. Nenhuma justificativa. Poderia ser que ele tivesse entendido errado o que viu na fonte? Talvez. Mas apagaria suas recordações do ferreiro, jurou.

Ele sorriu obscuramente e a cegou com o capuz de seda novamente. Sim, quando terminasse com ela, esqueceria, inclusive, que Adam Black existia.

Ele sabia que podia fazê-lo. Estava bem treinado para isso. Primeiro pelas ciganas e depois pela Duquesa de Courtland.

-O sexo não é meramente um prazer momentâneo- ela o havia instruído-. É uma arte a ser praticada com mão estudada e um fino e distintivo gosto. Eu vou adestrá-lo nisto, o mais fino dos gozos no escândalo humano. Será o melhor amante que a terra conheceu alguma vez quando o fizer. Simplesmente, não há nenhuma dúvida de que será o mais formoso.

E as lições começaram. Ela tinha razão; havia muito que ele não sabia ainda. E ela lhe mostrou, essa sombra aqui, essa curva lá, esta maneira de mover-se, mil posições, as maneiras sutis de usar seu corpo para trazer muitos tipos diferentes de prazer, e finalmente, todos os jogos da mente que iam com ele.

Ele aprendeu bem, guardando essa arte na memória. E com o tempo, sua ávida fome de rapaz jovem esteve a esmo, perdida num mar sem sentido de conquistas e mulheres.

Oh, ele era o melhor, nenhuma dúvida sobre isso. Ele deixava às garotas rogando por sua atenções. A lenda de Hawk cresceu. Então um dia, uma mulher a quem Hawk recusou com desprezo repetidamente -Olivia Dumont- solicitou ao Rei James seus favores, como se ele fosse um pedaço de propriedade a ser concedido.

E como propriedade real, James o concedeu, através da mesma ameaça de machucar a Dalkeith se ele desobedecesse.

Como James amou isso, sobretudo quando compreendeu quanto humilhava a Hawk. E como o rei disse, *será quem Nós queiramos que seja, ainda quando seja uma coisa tão trivial como Nossa prostituta, para agradar a Nossas damas favoritas*. Enviaram outros homens para a batalha. A Hawk se enviou à cama com Olivia. Humilhado duplamente.

Muitos homens invejaram Hawk, o amante de tantas mulheres formosas. Ainda mais homens odiaram Hawk por suas proezas e virilidade, e pelas lendas que as mulheres teceram sobre ele.

Mais tarde, James se cansou de ouvir as lendas. Enfermo de que suas damas clamassem sobre o formoso homem, James enviou Hawk ao estrangeiro em missões absurdas e arriscadas. Para roubar uma jóia da coroa de Pérsia. Para seduzir em procura de um incomensurável objeto de arte a uma anciã herdeira em Roma. Qualquer tesouro singular que o ambicioso James ouvisse falar, Hawk era enviado a adquiri-lo por meios justos ou injustos. A *prostituta do rei* simplesmente tinha sido isso: um homem que fazia o trabalho sujo do rei, a mercê do que seus inconstantes desejos quisessem nesse momento.

Agora seus olhos voltaram à garota que estava de pé em silêncio ante ele.

Ela era tão diferente de todas as que conhecera. Desde o primeiro dia em que a viu, reconheceu que ela, de verdade, não sabia de artifícios ou subterfúgios. Ainda que podia ter escondido profundidades, eram malévolos não por si mesmos, mas nascidos do sofrimento e da solidão, não do engano. Ele reconheceu que ela possuía um coração puro, como puros, reais e cheios de possibilidades foram seus campos ciganos, e foi dada a um homem que não a merecia! Ao epítome do engano e o artifício estranho. A Adam Black.

Pela força, engano ou qualquer maneira que fosse necessária, ele a cortejaria e ganharia. Lhe faria ver o erro de suas decisões, que ela havia dado seu coração ao homem equivocado.

Ela estaria cegada por ele e para ele, até que aprendesse a ver de novo com esse coração puro que se empenhou em esconder. Ele o despertaria, o agitaria, e o obrigaria sair e enfrentar ao mundo novamente. E quando ela aprendesse a vê-lo pelo que realmente era, então poderia vê-lo com outros olhos.

Adrienne ainda estava de pé e cheia de incerteza. Era estranho, saber que ele estava no quarto mas sem saber onde ou que estava fazendo. Ele, ainda agora, poderia estar adiante dela, seu corpo nu e brilhante pelos lustres de azeite. Ela o imaginou iluminado pela luz suave das velas. Amava os fogos e tochas desse século. Que tipo de romance poderia viver e respirar sob as luzes fluorescentes de seu próprio tempo?

Ela irritou-se com o capuz quando a privou da visão desse homem, mas decidiu que era melhor. Se ela pudesse vê-lo, isso significaria que ele poderia ver seus olhos, e eles trairiam certamente sua fascinação, se não sua boa vontade.

Sentiu o murmúrio de uma brisa. Estava ele a sua esquerda? Não, a sua direita.

-A primeira vez é para apagar todas suas recordações de outro homem.

Ele estava rodeando-a. Seu coração trovejou. Com qualquer outro homem, sendo incapaz de ver, teria se sentido ameaçada, mas não com Hawk. Porque ele demonstrou ser honrado apesar de sua fúria. Ela sabia que ainda que a tivesse cegado, tinha-o feito num esforço por ganhar seu amor e confiança, não para dominá-la ou vencê-la. Não tinha nada ameaçador no fato de que a tivesse vendado; ele abriu seu coração com seu capuz de seda. Sua falta de visão elevava todos seus outros sentidos a um estado esquisito.

Quando sua mão acariciou a coluna de seu pescoço, ela engoliu um suspiro de prazer.

Hawk continuou rodeando-a; a seu lado, depois a suas costas, e, no que pareceu uma eternidade depois, à frente. Seus ouvidos se esmeravam por escutar os indícios, seu corpo vibrava com tensão, perguntando-se, esperando.

-A segunda vez será para ensiná-la. Ensiná-la como se sente ser amada por um homem como eu. Essa é uma coisa que nunca esquecerá.

Sua respiração lhe alcançou a nuca, seus dedos recolheram uma mecha de seu cabelo. Ela podia ouvir só sua respiração ofegante; sua ou dele, não estava segura. Se inclinou ante a carícia de sua mão contra a curva de seu quadril e sentiu uma agitação selvagem de descargas elétricas através de seu corpo.

-A terceira vez será para pôr-lhe os sinos⁵ e as correias. Prometo-lhe que nessa vez chegará ao extremo da sua resistência.

Ele deslizou seus dedos para baixo do seu pescoço, por seus seios, de um mamilo ao outro, então baixou para cima de seu estômago tenso. Sua carícia ligeira se aninhou entre suas pernas e se foi, deixando para trás uma fome dolorida.

-Mas a quarta vez... ah, a quarta vez ouvirei seus doces lamentos, só para mim, garota. Pela espera, a fome e a agonia de desejá-la. Simplesmente por mim.

Suas mãos estavam em seus ombros e escorregaram a seda do vestido em cima de sua pele. Os botões de pérola diminutos foram desfazendo-se da nuca um por um com algo parecido com dentes... Oh! Sua língua flutuou então contra a pele sensível de sua nuca e ainda mais para baixo.

Oh queridos céus, esse golpe sensual de sua língua poderia significar para ela a destruição completa. O veludo áspero de sua língua desfez todo seu caminho sobre sua coluna, então mais abaixo ainda. Ela tremeu.

Com os joelhos débeis, oscilou em silêncio. *Não pode fazer um som*, recordou-se. *Não um som bom, de qualquer modo. Só protestos.*

Quando esteve segura de que não poderia manter seu silêncio um segundo mais, ele retrocedeu, e ela sentiu uma brisa lenta em seu rastro. Voltou-se e tentou rastrear-lo no silêncio.

As costas de seu vestido estavam abertas, sua pele úmida por seus beijos. Ela esperou em muda antecipação. Onde ele estava?

Ali, pensou quando o sentiu de repente apertar o tecido de seu vestido. Afastou seu vestido, que caiu ao chão num sussurro de seda. A camisa caiu depois, e então não teve nada mais que as meias, as ligas e as sapatilhas de seda.

Hawk agradecia que estivesse cegada, que ela não pudesse ver o tremor de suas mãos quando ele escorregou a seus joelhos e tirou uma meia devagar, enrolando-a para baixo centímetro por centímetro ante ela. Deslizou beijos reverentes por sua longa perna, sedosa. Desde sua coxa suave até o seu joelho, e desceu para seu esbelto tornozelo, ele depositou em suas pernas, primeiro numa, depois na outra, beijos quentes, assegurando-se de não esquecer um centímetro deleitável da carne cremosa que estava agonizando por saborear.

Ela nem sequer gemeu, mas ele entendeu seu jogo. Odiando-o como o fazia, ela não proferiria um som legítimo de prazer a não ser que ele pudesse arrancá-lo de sua garganta. E para fazê-lo, devia manter a cabeça fria. Não devia perder o controle e pensar nesses cachos brilhando debilmente no vértice doce de suas coxas, só a centímetros de sua boca, ou o sedoso nódulo que se aninhava dentro, o mesmo centro de sua paixão. De sua posição a seus pés, ele se deleitou com cada plano e curva de seu corpo perfeito. Seus olhos acariciaram suas coxas firmes, o ventre tenso, ligeiramente arredondado, desde a cume de seus seios cremosos até a coluna de alabastro de seu pescoço, onde se encontrava o capuz de seda negra.

Adrienne sabia que se algo não acontecesse rapidamente, suas pernas iam simplesmente se desfazer sob ela e cairia ante ele. *Não é uma má idéia*, sua mente ofereceu. Estava assustada. Espantada. Mas talvez...

Ela oscilou para frente ligeiramente.

Hawk gemeu quando seus cachos brilhantes acariciaram sua face sem barbear. Ajoelhando-se a seus pés, ele apertou os olhos para impedir a visão, a necessidade, sem premeditar que sua língua molhasse seus lábios e sua boca exigisse...

Agitado, ele grunhiu e se levantou; então suas mãos se pousaram no corpo da jovem e soube que estava com um sério problema. Onde infernos tinha ido Hawk?, perguntou-se a si mesmo quando a levantou para deitá-la na cama. Onde estava o Lothario? Esse lendário mestre do controle que ia provocá-la além de sua paciência e despedaçar suas defesas? Simplesmente onde infernos se tinha ido? Que controle?, perguntou-se, porque estava perdido num campo verde de inocência mais doce e luxuriosa que ninguém nunca conheceu.

Adrienne gemeu quando seu corpo cobriu o seu e a apertou para baixo na cama suave. Era tudo ele, cada centímetro, um homem quente, exigente. *Oh, celestial*, a mulher dentro dela ronronou. *Tome-me*, quis chorar. Mas não tão singelamente: não cederia muito rapidamente.

Num movimento veloz, Hawk tirou o capuz de sua cabeça e a beijou, enterrando suas mãos em seu cabelo. Beijou-a tão profundamente, que ela perdeu a respiração e os últimos restos de seu medo.

Ela beijou a alguns homens antes. Mais do que alguns. Beijos tímidos, beijos apaixonados. Os beijos de Eberhard a deixaram fria. Um homem não beijava assim a não ser que estivesse profundamente apaixonado.

Ele a amava. O conhecimento tremeu dentro dela, sob a capa de pele, então se infiltrou mais profundamente e a penetrou por completo. Quão magnífico saber que ele a amava tanto. Não havia dúvida sobre isso. Ele estava acalentando seu rosto com suas mãos fortes como se ela fosse a coisa mais preciosa no universo. Ela abriu os olhos e encontrou seu preocupado olhar, tentando dizer com seu silêncio prateado tudo o que realmente sentia, ainda que não pudesse dizer as palavras. Não sabia como. Não tinha prática.

Quando ele a virou embaixo de si e sua excitação dura montou entre suas pernas, ela o fez, fez todos esses sons que jurou que não faria. Praticamente rugiu. Porque esse era ele. Isso era o que fazia às pessoas enlouquecer de paixão, anseio e fome. Isso era o que Shakespeare soube em algum momento de sua vida, para escrever a Romeu e Julieta versos doces de amor. Isso era o que Hawk significava por *Valhalla*.

Ela se arqueou contra ele, os músculos profundos dentro dela em fogo, queimando por algo, doloridos e vazios.

⁵ Campanhas atadas as garras dos falcões durante o treinamento (Nota da tradutora).

-Ari- ele respirou quando deixou cair sua cabeça para sugar um mamilo em sua boca. Beijou-o, puxou e torturou. Ele soltou o cume ereto e soprou ar fresco na ponta quente. O beliscou ligeiramente, então esfregou sua áspera sombra de barba suavemente por ele. Uma labareda de fogo fez erupção nela, irradiando de seus seios e inundando seu corpo inteiro com ondas de desejo.

Ele espalhou beijos baixando e deslizando-se por seu estômago, a curva de seus quadris, suas coxas. Quando fez uma pausa diretamente sobre seu calor meloso, simplesmente sua respiração abanando sua pele sensível era pura tortura.

Um pulsar do coração se converteu numa dúzia, e ela esperou, gelada, por sua seguinte carícia.

Quando veio, gemeu suavemente. Ele deixou cair beijos no interior acetinado de suas pernas, então degustou o mesmo centro de sua fome. Quando sua língua flutuou fora e acariciou o nódulo diminuto, tenso repentinamente, ela clamou e seu corpo tremeu contra ele. Sentia-se elevar-se e voar procurando algo além de seu alcance e então... oh!

Como era que nunca havia experimentado algo assim antes? Hawk a lançou aos céus iluminados pelas estrelas e a girou entre os planetas, escorregou-a sob a Via Láctea e através de uma estrela supernova. Oscilando seu universo do princípio até o final de seu sistema solar. E quando finalmente, suavemente, permitiu-lhe regressar, ela se estremeceu sob ele com agonia e êxtase, sabendo que nunca mais seria a mesma. Algo despertou dentro dela, pestanejando com olhos pálidos, desacostumado ao brilho deslumbrante e a intensidade estupenda desse novo mundo.

Ela tombou, ofegante e um pouco assustada, mas pronta. Preparada de verdade e completamente, para dar a seu marido e a si mesma a oportunidade, e fazer funcionar seu casamento como sabia que podia. Preparada para tentar começar a dizer as coisas que ela sentia para ele. Quanto realmente admirava sua sensibilidade e compaixão. Quanto adorava sua força e intrepidez. Quanto ela inclusive queria suas apaixonadas e tremendas iras. Quão feliz era de ser sua esposa.

-Hawk.

-Ari, Ari... eu... não. Não posso...-. Seu rosto era feroz e selvagem, e ela se estendeu para ele. Mas não o alcançou.

Porque Hawk se enrijeceu com um rugido de agonia e saltou da cama. Afastou-se dela, e praticamente correu do quarto sem olhar para trás.

O quarto ficou em silêncio, salvo o *click* de uma fechadura.

Adrienne olhou fixamente, em confusão total, para a porta.

Isso era como deitar-se rodeada rosas e acordar no barro.

Como podia ele simplesmente sair depois *disso*?

Seu membro palpitante não poderia manejar essa tortura novamente.

Mas ele não queria dar-lhe sua semente até que soubesse que ela lhe pertencia. Não queria a possibilidade de não saber de quem poderia ser o menino que pudesse levar.

E então recordou o frasco que a anciã *Rom* lhe deu. Considerou-o pensativamente e se perguntou se era tempo para usar a poção que continha.

Ainda que também podia, meditou, odiar os efeitos colaterais: a maneira que o deixaria frio e distante no meio da mais maravilhosa paixão que jamais havia conhecido.

A seguinte vez que ele foi a ela estava em silêncio, do princípio ao fim.

Um quarto de hora antes, blasfemou ao arrancar a tampa com os dentes. Jurou nunca tomar a poção novamente, mas essa vez era necessário. Tinha que fazer com que ela o desejasse, para uni-la a ele com esse desejo e poder começar a fazer com que o amasse. E ele precisava de cabeça fria para fazê-lo.

A noite anterior quase fez um estúpido de si mesmo. Certamente havia perdido o controle.

Quase fez coisas como derramar-se nela com corpo e coração; dizer palavras tontas de amor, de sementes e esperar bebês e estar juntos por toda uma vida.

Então ele jogou a cabeça para trás e engoliu o conteúdo amargo da garrafa, e esperou. Quando pôde sentir esses dedos gelados despregando-se através de seu corpo, só então, foi até ela.

Despojou-a de sua roupa até deixá-la nua e a guiou para o chão. Ela não fez nenhum movimento para detê-lo; seguia estando muda, com uma expressão insondável nos olhos. Era uma muda fascinação, mas ele não sabia isso. Os olhos femininos vagaram amorosamente em cima dele. Mas ela não sabia o que aguardava.

CAPÍTULO 26

Sidheach James Lyon Douglas não trema, recordou-se ele. Não perca o controle. Não comece a fantasiar quase como um rapaz apaixonado só porque lhe deu o orgasmo de sua vida a uma garota. Ele não esqueceu o que era isso.

Mas não era o orgasmo. Nem inclusive a maneira que ela estremeceu contra ele, ou quão formosa pareceu quando ofegou, palpitante, sob sua língua.

Era ele quem estava a ponto de fazer algo que nunca havia feito em toda sua vida; ejacular fora de uma mulher. E ainda mais, era ele quem a amava e ela ainda não havia dito seu nome. Inclusive no ápice de sua paixão, não havia gritado seu nome. Nada. Pelo que sabia, ela poderia estar pensando em Adam. Era parte de por que ele teve que lhe tirar o condenado capucho. Pareceu uma boa idéia no princípio, mas mal podia recordar por que.

A seguinte vez que ele a amou, manteve abertos os olhos da mulher para que o contemplassem do princípio ao fim, e ele retribuí-la em troca. Que ela observasse cada centímetro de seu corpo, enquanto ele a contemplava por todas as partes, além de seu rosto.

Ela se maravilhou com a sensação do chão fresco a suas costas e o homem quente sobre si, mas parecia diferente de algum modo essa vez, quando com suas mãos e sua boca não a levou uma vez a esse lugar brilhante no céu, mas meia dúzia de vezes. Absolutamente experimentado, quase aterrorizantemente controlado, enquanto ela jazia debilmente sob ele.

Não lhe agradou nem um pouco.

Quando ele se afastou dela, a moça se sentia estafada de algum modo. Como se ele realmente não tivesse estado ali realmente. Por que, se ele a tinha comprazido magnificamente? Mas ela queria o mesmo sol brilhando em seus olhos negros, a mesma paixão ingovernável, selvagem, que queimava em vermelho vivo entre eles.

-Hawk!- chamou ela a suas costas.

Ele se enrijeceu e fez uma pausa por um longo momento. Os músculos se juntaram em seus ombros e costas. Parecia tão intocável.

-Oh. Não importa... - ela disse suavemente, os olhos luminosos e transbordantes de dor.

Horas depois, Hawk enxugou sua boca pela quinta vez e cuspiu numa cuba. Bom, foi um desastre de proporções épicas. Feriu mais a si mesmo em vez de servir-lhe de ajuda. A poção manteve sua ereção enorme e não permitiu ejacular.

Tinha algo semelhante a um fogo que gelava?

Ele nunca tomaria de novo essa poção. Não com sua esposa.

Quando o sabor sujo finalmente foi expulso de sua boca, vestiu-se e se dirigiu para o povoado para ouvir mais casos. Mais decisões e mais pessoas com necessidades do que ele devia ver. E o tempo todo sabia que estaria perguntando-se se ele, que governava numerosos feudos, povos, torreões e homens, ia ser capaz alguma vez de fazer que sua própria esposa pronunciasse seu nome.

Sidheach.

Isso era tudo o que desejava.

Adrienne passeou pelo quarto inquietamente. Que aconteceu essa tarde? Sentia-se suja, como se tivesse sido tocada muito intimamente por um estranho, não ter feito amor com seu marido. Não como a noite anterior, quando viu esse olhar em seus olhos, essa cálida e ardente ternura junto com o desejo épico. Ele estava de algum modo isolado essa tarde. Quando voltou a seu quarto para vestir-se antes de sair novamente, ele ainda permanecia terrivelmente distante. Tinha feito ele algo, tomado alguma droga para fazê-lo...?

Esses frascos que ela viu. Ficaram a noite anterior numa bolsa de couro na mesa do dormitório.

Sua mandíbula se endureceu quando caminhou para a mesa junto à cama. Não estavam ali.

Onde os teria posto? Seus olhos voaram à roupa que ele deixou cair na cadeira quando se trocou essa tarde. Procurando intensamente através do monte, encontrou o que procurava e descarregou a bolsa de couro pequena. Um frasco vazio e um cheio caíram. Sim! Esses e o cataplasma curativo que ele estava usando quando mudava as tiras de sua mão.

Um frasco vazio. Hummph! Bem, dois poderiam jogar esse jogo, e ele lamentaria o dia em que tinha usado o outro. Esperaria até que ele simplesmente visse quão fria ela podia ser!

Quando Hawk voltou ao feudo essa noite, estava inequivocamente convencido de devia de ter ido a uma casa errada. Sua esposa estava esperando por ele na alcova fechada com chave, completamente nua, com um olhar selvagem nos olhos que o fizeram ter a certeza de que estava sonhando, ou perdido ou louco.

-Hawk- ela ronronou quando se deslizou para ele.

-Adrienne?- perguntou ele cautelosamente.

Sua esposa era tão condenadamente formosa. E por um momento não se preocupou de por que ela estava atuando dessa maneira. Ele estava enfermo pela espera e cansado de desejar. Pelo que a atraiu a seus braços e a beijou, sua boca quente movendo-se famintamente em cima da sua.

Então viu o frasco que jazia no solo junto à cama, e parecia como se o tivesse deixado cair pouco depois do seu consumo.

Hawk conteve um suspiro de frustração e se permitiu uma desejosa olhada a mais às faces ruborizadas de sua esposa, seus seios magníficos e curvas nas quais se perderia para sempre. Um olhar para ela dilatou escuramente seus olhos: falava com sua boca feito um trejeito, da cor das ameixas maduras e rogando ser beijada.

-Garota, tomou essa poção?- disse ele abatidamente.

-Uh-humm- ela pronunciou com lentidão quando se alçou famintamente para seus lábios.

Ele a descarregou na cama com um golpe. O afrodisíaco. Figurou-se que devia durar aproximadamente doze horas, antes que pudesse estar seguro de que ela regressava a seu caráter normalmente briguento.

Seria justo para ele tomá-la simplesmente agora mesmo, a honra fosse condenada, pensou escuramente.

Desafortunadamente não tinha nenhuma circunstância sob a qual a honra pudesse condenar-se. Nem inclusive quando seu pênis palpitante estava fazendo-lhe perguntar-se que infernos tinha que ver a honra com *fazê-lo* com sua própria esposa.

Oh, ela certamente queria matá-lo a próxima vez que o visse.

Ele fechou com chave a porta e colocou a quatro guardas fora dela, dizendo-lhes que mataria a qualquer um deles se entrassem nesse quarto por qualquer razão durante as seguintes doze horas.

Então o lendário Hawk se sentou nos degraus para esperar.

A próxima vez que ele foi a ela, a mulher estava de fato furiosa.

-O que continha esse frasco?- rugiu a moça.

Hawk não pôde evitar sorrir. Tentou inclinar sua cabeça antes que ela o visse, mas falhou.

-Oh! Pensa que é cômico, não é? Sei que sabia o que fazia quando me deixou aqui uma noite inteira pensando... Oh, meu Deus! Não tem nem idéia de quanto eu precisei...

-Não a mim, garota-. Seus olhos eram obscuros-. Não era a mim a quem precisou. Tomou um pouco de um afrodisíaco preparado pelos *Rom*. Não tinha nenhuma intenção de dar-lhe ou usá-lo eu. Não os pedi sequer. E curiosamente...

-Tomou uma poção para comportar-se friamente comigo!- gritou ela-. Me feriu!

Hawk a olhou fixamente.

-Feri-a? Nunca! Eu não a feriria, garota.

-Bem, o fez!-. Seus olhos eram enormes e luminosos, e seu lábio tremeu.

Ele esteve a seu lado num momento.

-Como a feriu? Só diga-me, e não voltarei a fazê-lo.

-Era tão frio. Tocou-me e foi como se o fizesse um estranho.

O coração de Hawk cantou. O desejo o atravessou em ondas quentes. A ela agradava seu tato.

-Lhe agrada que a toque?- suspirou ele antes de roubar um beijo de seus lábios franzidos.

-Não quando o faz como o fez ontem!- havia um vinco de consternação entre suas encantadoras sobrancelhas e ele o beijou-. Além disso, já que queria deitar comigo, por que simplesmente não tomou vantagem disso quando eu estava assim?-. Ela suspirou quando ele pousou beijos suaves por suas pálpebras fechadas e suas trêmulas pestanas. Seus lábios eram quentes e infinitamente ternos quando beijou a ponta de seu nariz, e depois não tão ternos quando ele exigiu sua boca com a sua.

-Quando eu a amar, não será porque alguma droga a tenha embriagado, mas porque esteja intoxicada comigo, tão certamente como eu estou enfeitado por você.

-Oh- suspirou ela quando ele desatou seu cabelo e lhes permitiu cascatearem livres sob seus ombros.

-Por que o prendeu?-. Ele passou seus dedos através de seus cabelos pesados.

-Essa poção era terrível. Inclusive quando meu próprio cabelo se esfregava contra minha pele era demasiado padecimento.

-Este é meu maior padecimento, este seu cabelo - disse Hawk e a tocou suavemente através de seus dedos. Seus olhos se entrecerraram, veladamente poderosos com uma promessa sensual-. Não tem idéia de com que frequência eu imaginei a sensação deste fogo de ouro prateado estendido sobre meu membro, garota.

O desejo envolveu a Adrienne quando ponderou a imagem que suas palavras conjuraram.

Ele a retrocedeu devagar para a cama, animado pela névoa de desejo nos olhos abertos.

-Lhe interessa o pensamento, garota?- ele ronronou limpamente.

Ela engoliu seco.

-Só tem que me dizer, sussurre-me o que a agrada. Eu lhe darei tudo.

Ela se encheu de audácia.

-Então beije-me, marido. Beije-me aqui... e aqui... oooh!-. Ele obedeceu tão rapidamente... Seus lábios eram quentes, sedosos e exigentes-. E aqui...-. Ela perdeu sua voz completamente quando ele escorregou o vestido de seu corpo e a deitou na cama sob ele.

-Quero correr as cortinas ao redor desta cama e mantê-la aqui durante um ano- ele murmurou contra a pele lisa de seu seio.

-Por mim está muito bem- murmurou ela em contestação.

-Então não precisarei lutar, garota?-. Hawk se afastou para trás e a estudou intensamente.

-Hummm...

-Sim, segue- ele a animou. Sabia que seus olhos deviam estar dançando de alegria. Sabia que devia ter uma expressão completamente absurda agora mesmo em seu rosto. Era possível? Tinha começado a conquista e tinha funcionado?

-Simplesmente toque-me-. Ela enrugou sua fronte-. Não me pergunte tantas vezes a mesma coisa!

Ele retumbou com riso suave e promessa de paixão infinita.

-Oh, claro que a tocarei, garota.

-...muito profundamente. Foi muito longe.

-Não sei o que quer dizer.

-O que pensei, Piadista. Devemos acabar com isto. A Rainha Aoibheal está um passo a frente de nós. Nem sequer seu tempo a seu lado aliviou suas suspeitas. Eu, pelo menos, não desejo sofrer as consequências de sua ira. A mulher vai ter que voltar a seu tempo simplesmente.

O Rei Finnbheara agitou sua mão.

E Hawk se derrubou para a cama. Aturdido, jogou um olhar ao redor do quarto vazio.

Adrienne caiu ao chão de sua cozinha moderna com um força.

-Viu o que eu vi?-. O Rei Finnbheara se encontrava boquiaberto.

Adam estava aturdido.

-Ela estava nua. Ele estava ofegando. Ela estava... oh, merda!

O Rei assentiu enfaticamente quando ambos acenaram sem palavras.

-Ela fica.

Era uma das regras douradas. Algumas coisas nunca podiam ser interrompidas.

-É realmente do futuro, não é?- sussurrou roucamente Hawk, quando Adrienne reapareceu momentos depois, a alguns centímetros longe dele na cama. Enquanto Adrienne estava bebendo em seu escritório, Lydia lhe contou sobre o desaparecimento no jardim. Hawk tentou convencer-se de que Lydia estava equivocada, mas seus guardas confirmaram que viram sua esposa desaparecer e aparecer várias vezes em sucessão rápida.

O que significava que ela ainda poderia voltar a seu próprio tempo, inclusive sem a peça de xadrez. *A rainha negra não era o que parecia.* A vidente disse a verdade.

Adrienne assentiu em silêncio, deslumbrada por seu traslado abrupto através do tempo.

-Não posso controlá-lo! Não sei quando vai acontecer de novo!-. Seus dedos se encurvaram convulsivamente no centro de mesa de lã, como se algo firme pudesse prevenir de ir-se novamente.

-Pelos Santos- ele respirou devagar-. O futuro. Outro tempo. Um tempo que não passou ainda.

Olharam-se fixamente, aturdidos, por um prolongado momento. Os olhos de corvo do homem eram profundos e sombrios, as formosas manchas douradas extinguidas completamente.

De repente Adrienne compreendeu tudo muito claramente: que ela não queria regressar nunca ao século XX. Não queria estar sem ele o resto de sua vida! O desespero encrespou seus dedos frios ao redor de seu coração.

Já era muito tarde. Quanto o amava! A aspereza com a qual lhe lembraram que ela não tinha nenhum controle sobre o tempo que poderia ficar; o conhecimento de que ela poderia regressar abruptamente para nunca voltar; o fato que não tinha nem idéia de como, ou se ela poderia ir-se de novo, aterrorizou-a.

Para ser enviada, não, condenada, de novo a esse frio e vazio mundo do século XX, sabendo que o homem que ela amaria por toda a eternidade tinha morrido quase quinhentos anos antes de que ela tivesse nascido, *oh querido Deus, qualquer coisa, mas isso...*

Pasmada por suas descobertas, ela o olhou, seus lábios entreabertos, evidentemente vulnerável.

Hawk percebeu a mudança nela; algum tipo de admissão sem palavras simplesmente ocorreu nessa parte de Adrienne que estava tentando atingir por tanto tempo.

Ela o estava olhando fixamente, com a mesma expressão desamparada que ele viu naquela noite nos precipícios de Dalkeith, quando ela pediu seu desejo a uma estrela.

Era tudo o que Hawk precisava ver. Ele esteve a seu lado num momento. Seu conhecimento de que ela poderia ser-lhe arrancada a qualquer momento fazia o tempo infinitamente precioso. O presente era tudo o que tinham, e não tinha nenhuma garantia para o amanhã.

Ele exigiu seu corpo e se desatou sobre ela com uma tormenta de paixão liberada. Ele beijou e saboreou, desesperado pelo temor de que em qualquer momento seus lábios poderiam separar-se dos seus. Adrienne o beijou por sua vez com abandono completo. O calor estourou entre eles como devia ser, como teria que ter sido desde o mesmo princípio se se tivesse permitido atrever-se a acreditar que uma paixão, um amor como esse era possível.

Recostando-se na cama, ela se fundiu sob ele. Envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e atirou sua cabeça faminta para acercá-lo mais.

-Ame-me... oh, ame-me- ela sussurrou.

-Sempre- prometeu ele com os olhos abertos. Ele pousou suas mãos sobre seus seios e os deleitou com beijos, saboreando quão ferozmente ela lhe respondia. Essa vez era diferente. Ela realmente estava vendo-o, a Sidheach, não algum outro homem que tivesse tido antes, e a esperança explodiu em seu coração. O desejava ela como ele o fazia? Poderia ser que sua esposa estivesse desenvolvendo uma fome por ele que igualava a seu próprio apetite?

-Oh, por favor...-. Sua cabeça loira se arqueou para trás contra os travesseiros-. Por favor...- suspirou.

-Me quer, Adrienne?

-Sim. Com cada célula de meu corpo...- *e alma*, ia acrescentar, mas ele apanhou sua boca com beijos profundos, quentes.

Ela o desejava, com os olhos abertos e vendo-o realmente. Ele poderia dizer, *dessa vez era real.*

Quando sua pequena mão se fechou ao redor de seu falo ereto, um gemido rasgou sua garganta.

-Eu o vi, sabe?- ela sussurrou, os olhos dilatados e escuros de paixão-. No quarto Green Lady. Estava dormindo de costas.

Ela o olhou fixamente, com muda fascinação, os músculos em seu pescoço que se tensionaram furiosamente quando se esforçou em dizer algo inteligível, qualquer coisa, mas só emitia um murmúrio rouco quando sua mão se apertou sobre ele. Então, ela o olhou também? Como ele a espionou em cada oportunidade que podia?

-Estava dormindo em seu sonho como algum deus viking, e essa foi a primeira vez que vi isto-. Ela apertou sua mão suavemente para dar ênfase. Ele grunhiu. Animada por sua contestação, Adrienne o empurrou para atrás e espalhou beijos por seu peito esculpido. Passou a língua faminta para baixo, sobre seu abdômen, degustando cada músculo ondeado com infinita paciência. Ela explorou suas coxas poderosas e a masculinidade palpitante, e fez uma pausa para deixar cair um beijo tentador na ponta rosa aveludada do membro que um semental teria invejado.

-O acha suficientemente... bom?- ele grunhiu- O que viu então e o que vê agora?

-Hummm... -. Ela pretendeu pensar em sua pergunta, então lambeu com um golpe longo, aveludado, seu pênis desde a base até a ponta-. Nos tirará de um apuro.

Ele jogou sua cabeça negra para trás com um sorriso e rugiu.

-Um apuro... um apuro? Eu lhe mostrarei...-. Suas palavras se apagaram quando ele a puxou bruscamente para seu abraço. Sua boca exigiu a sua e ele a rodou sobre as costas.

Muito tarde para retroceder ou preocupar-se por sua semente ou os filhos, além do pensamento racional de qualquer tipo, e a beira de uma loucura almiscarada chamada Adrienne, a sereia feiticeira que o possuía, ele se escorregou entre suas pernas e se posicionou sobre ela.

Simplesmente, antes que cedesse ao calor que o chamava, ele disse:

-Sempre a amei, garota-, lenta e suntuosamente.

As lágrimas brilharam debilmente nos olhos femininos e rolaram por suas faces. Ele tocou uma gota reluzente com seu dedo e se maravilhou por um momento de quão bom se sentia fazer que o aceitasse por fim. Então, finalizada a espera, ele se submergiu nela. Mais lágrimas nublaram os olhos dela ante a dor súbita. Sobre ela, quase nela, Hawk endureceu sua mandíbula e se enrijeceu. Olhou-a por um momento, mudo, aturdido e intimidado.

-Por favor- ela instou-. Não se detenha agora. Por favor, eu quero isto.

-Adrienne- suspirou ele, seu rosto obscuro-. Virgem- murmurou silenciosamente. Os olhos de ébano sustentaram o olhar da jovem num momento ofegante, quando seu corpo se pôs rígido em cima do dela.

Então ela sentiu um involuntário puxão de fúria atravessá-lo, e empurrou além da barreira e a rasgou com intensidade bárbara.

-Minha- ele jurou bruscamente, seus olhos negros brilhantes-. Só minha. Primeiro... melhor... e último-. Sua formosa cabeça se arqueou para trás, e ela enterrou suas mãos profundamente em seu cabelo. De novo ela sentiu esse tremor involuntário que o balançou da cabeça aos dedos dos pés.

Houve uma dor momentânea, mas as ondas de calor o substituíram rapidamente e as estrelas a chamaram por seu nome convidando-a a voar com elas. Essa vez foi ainda mais intenso, começando desde o mais profundo, onde seu membro quente a enchia por completo. Uma voz instintiva lhe disse como mover-se, como procurar seu prazer e assegurar o dele na mesma respiração.

-Não se mova-... ele sussurrou contra sua orelha, esforçando-se em não se derramar no momento em que sua tensa estreiteza o aprisionou. Ele estava além da excitação, quase demente pela paixão acoplada com o conhecimento de que o ferreiro nunca esteve onde ele estava agora. Nem inclusive o famoso Ever-hard, quem quer que fosse. Ele era seu primeiro homem, seu primeiro e único amante.

-Não posso evitá-lo... me sinto tão... oh!... Delicioso!-. As mãos femininas acariciaram suas costas, então suas unhas arranharam ligeiramente a pele bronzada de seus ombros quando ele a balançou devagar sob ele.

-Deixe de se mover, garota!

-Pensei que se supunha que eu devia mover-me... também- ela murmurou, quase incoerentemente-. Por favor...

-Fique imóvel. Lhe ensinarei a fazê-lo lento primeiro. A próxima vez será para o amor selvagem, áspero.

-Amor selvagem e áspero agora- ela exigiu muito claramente, e rompeu a trava que estava sustentando-o em xeque tão tensamente. Ele subiu suas pernas e se envolveu nelas, empurrando com cuidado por sua sensibilidade de virgem com o pouco que ficava de sua mente racional. Entrou nela da maneira que quis fazê-lo desde o primeiro momento em que a viu, áspero e exigente. Duro e exigente, com posse. Faminto e quase brutal, marcando-a como sua.

Adrienne se moveu em espiral sob ele, as pontas de seus dedos acariciando as estrelas quando se fragmentou em mil pontas de alfinete brilhando debilmente. Ela o sentiu tensionar-se, então pulsar pesadamente dentro dela. Explodiram juntos num ritmo perfeito, numa harmonia perfeita.

Hawk permaneceu ofegando durante muito tempo em cima dela, enquanto a mulher acariciava a seu marido satisfeito. Seu sedoso cabelo negro tinha se soltado de sua correia. Ela passeou sobre a pele suave de seu sólido, musculoso traseiro. *Um homem formoso*, meditou, e o pensamento já não lhe trouxe nenhuma sombra de medo. Acariciou seu cabelo em silêncio, maravilhando-se de sua vida e quão rica era estando ele ali.

O silêncio se fez até que por fim ele se levantou dela e caminhou para a janela, olhando fixamente a noite de Uster.

-Och, garota, o que fiz?- sussurrou ao painel de vidro.

Silêncio por trás dele. Os olhos de Adrienne se moveram amorosamente sobre cada centímetro de seu homem.

-A julguei inconstante e desleal. Julguei-a, meu doce falcão, como a pior das víboras infieis. Minhas sombrias fantasias ensombraram meu coração com suas asas pontiagudas. E eu não podia estar mais errado.

Ainda silêncio. Ele não sabia que por trás dele, sua esposa tinha um sorriso terno que encurvava seus lábios.

-Garota do futuro distante, caiu no regaço de um homem, casou-se comigo sem ver-me e atravessou seus próprios infernos antes de vir a mim. E lhe dei somente um inferno a mais para acrescentar. Do mais profundo de meu... och, esposa, que fiz? Oh Deus, que lhe fiz?

-Me amou.

Não era uma pergunta, mas ele a respondeu prontamente.

-Amo. Mais do que à vida. Meu coração. Eu não escolhi simplesmente uma frase melosa para nomeá-la, mas falava de minha alma quando a nomeei assim. Sem meu coração eu não poderia viver. E eu não poderia respirar sem você.

-És um homem que tem mais de um coração?

-Não. Só este. Mas está agora amargo e escuro pela dor que lhe trouxe.

Ele olhou fixamente pela janela a noite infundável. Sangue de virgem em seu membro. Lágrimas de virgem em suas mãos. Uma esposa virgem que nunca esteve com Adam, e em todos seus anos, sem um homem. Um presente trêmulo que ela teve para dar e ele a forçou com sua própria paixão sombria.

-Sidheach-. A palavra era uma carícia fumegante de seus lábios.

Devia ter sido uma invenção de sua imaginação. Hawk pensou que sofreria uma longa vida de tortura esperando em vão por uma palavra que sabia que nunca escutaria de seus lábios.

-Abusei de você, meu coração. Eu o consertarei, lhe juro; encontrarei uma maneira...

-Sidheach-. Ele sentiu suas pequenas mãos em suas costas, seus braços escorregarem ao redor dele por trás. Ela não podia mantê-lo afastado já da verdade. Ela tinha que lhe dizer... tinha que aproveitar qualquer instante que os deuses inconstantes lhes permitissem desfrutar. Descansou sua face amorosamente contra suas costas, e sentiu um estremecimento percorrer todo seu corpo poderoso.

-Sonho um sonho tortuoso?- ele sussurrou roucamente.

-Te amo, Sidheach.

Ele se virou para enfrentá-la, seus olhos escuros e entrecerrados.

-Olhe-me e diga-me de novo!- rugiu.

Adrienne rodeou seu formoso rosto moreno entre suas mãos.

-Te amo, Sidheach, marido de carne e sangue. Essa é a única razão pela qual nunca pude odiá-lo completamente.

Um grito de alegria explodiu em seus lábios, mas seus olhos ainda eram incrédulos.

-Te amei desde aquela noite junto ao mar. E o odiei cada vez mais durante cada minuto dele.

-Mas a *prostituta do rei*...

-Não digas nada mais. Sou uma mulher egoísta. O marido de Adrienne é quem é agora. Ninguém mais. Mas agradeço ao bom rei que tenha aperfeiçoado as suas habilidades assim- o provocou ela atrevidamente. Algumas coisas estavam melhores deixando-as curar que as abrindo. Já não a ameaçava, porque ela entendeu que era a parte nobre, cavaleira dele que o obrigou a fazer qualquer coisa que tivesse tido que fazer para proteger àqueles que amava. Ainda que nem ele nem Lydia lhe dissessem muito, pode deduzir algumas coisas por si mesma.

Ele riu de sua audácia, então se serenou rapidamente.

-Devo casar-me de novo contigo. Quero os votos. Nós, sem nenhum representante-. Era magia o que a lançou através do tempo? Quando ela desapareceu diretamente de seus braços, tinha-o aceitado finalmente, que sua esposa veio a ele das orlas distantes do tempo, e daí poderia ser isso exceto magia? Uma magia que ele não poderia controlar.

Mas e se eles pudessem fazer um pouco de magia por si mesmos? Havia lendas que diziam que tomando os votos de casamento dentro do círculo de fogo de *Samhain*, a véspera poderosa antes da festa do Morto Bendito, os contraentes se uniam além do entendimento humano. O que sucederia se eles fizessem seus votos de casamento, elevando-os ante o místico *Rom*, nessa sagrada noite? Poderia unir sua esposa a ele sem limite de tempo? Ele tentaria qualquer coisa.

-Sim- ela suspirou com deleite-. Façamo-lo.

-Só sinto não ter estado ali. Se soubesse que você estava esperando por mim em Comyn Keep, teria ido, meu coração. No primeiro dia do *troth*.

Mas seus olhos ainda estavam preocupados e ela levantou uma mão para desaparecer as sombras neles. Ele a apanhou e deixou um terno beijo em sua palma, depois fechou seus dedos sobre ela.

-Confia em mim?- perguntou ele suavemente.

Confiança. Uma coisa tão frágil, tênue, extraordinariamente preciosa.

Hawk contemplou as emoções que iluminaram seu rosto expressivo, maravilhosamente aberto agora para ele. Sabia que ela estava pensando nesses momentos obscuros dos que nunca falava. Um dia ela confiaria nele todos seus pensamentos e medos íntimos, e compreenderia que não importava o que tivesse acontecido em seu passado, nunca poderia mudar seus sentimentos por ela.

Adrienne olhou amorosamente ao homem que lhe ensinaria como confiar de novo. O homem pelo qual perdera seu coração desesperada e desvalidamente. Esse homem que generosamente derramava honra, valor, compaixão e cavalheirismo. Nem seu próprio passado nem o dele tinham importância num amor como o que compartilhavam.

-Confiar em você, Sidheach? Com todo meu coração e ainda além.

Seu sorriso era deslumbrante.

-Adrienne...

-Meu senhor?- sua voz era suave, cálida e despreocupada como a de uma menina.

Quando ele a tomou em seus braços, ela estremeceu de desejo.

-Meu senhor!

Adrienne não viu que sobre sua cabeça, os olhos de seu esposo estavam ensombrecidos. Como ia ele protegê-la? Como poderia assegurar sua segurança? Como poderia encontrar rapidamente a Adam e entender o que estava passando? Porque não importava por quais corredores tortuosos sua mente vagasse, tentando desenrolar os acontecimentos estranhos que envolviam a sua esposa, todos pareciam circular ao redor e regressar uma e outra vez para deter-se diretamente frente a esse condenado ferreiro. E não eram simplesmente ciúmes, ainda que Hawk admitiria prontamente sua profunda aversão para esse homem.

Não era a rainha negra o que lhe trouxe Adrienne, ou tão cruelmente a separara dele. Esse era um fato.

Mas então o que era?

Alguém ou algo mais tinha esse poder. O poder para destruir ao *laird* de Dalkeith com um golpe certo, levando a sua amada esposa para longe dele. Que jogo, que entretenimento terrível e retorcido estavam jogando nas orlas de Dalkeith? Que poder tinha interesse nisso e por que?

Eu vim aqui para odiá-lo, Hawk. Mas não para odiar a mulher que reclama como esposa. As palavras de Adam fizeram eco em sua mente, e começou a ver mais claramente o contorno vago de uma vingança cuidadosamente traçada. Mas isso significaria que Adam Black tinha poderes que Hawk nunca acreditou que realmente existissem. As poucas e fragmentadas histórias do *Rom* que ouviu quando era um moço ressurgiram em sua mente borbulhante, levantando perguntas e dúvidas. Histórias sobre Druidas e Pictos e, sim, inclusive sobre as Fadas malvadas e travessas. Lydia sempre havia dito que qualquer lenda estava baseada em alguma parte num fato real; os elementos místicos disfarçavam meramente o inexplicável, mas não eram necessariamente falso esses fatos.

Oh, seu amor estava provando os limites de sua crença no mundo natural e fazendo-os contemplar com outros olhos, bem mais abertos.

Mas se ele concedesse acreditar em uma magia como viajar no tempo, que magia poderia eliminar como mais violenta? Nenhuma. Ele não podia eliminar nenhuma possibilidade, nem sequer a não terrena, sem uma consideração completa.

Adam Black pode curar o veneno incurável do *Callabron*. Adam Black sempre parecia saber endemoniadamente demasiado. Adam Black admitiu secamente que foi à Dalkeith a procura de vingança. Os *Rom* se mudaram para longe da forja do ferreiro. Os *Rom*, que acreditavam em mitos e lendas.

E Hawk, endividado com Adam pela vida de sua esposa, se obrigou a passar por cima todas as extravagâncias e as atribuiu a sua intensa aversão ao ferreiro, convencendo-se de que estava vendo dragões nas grandes nuvens inocentes.

Ele nunca permitiria que ela se fosse, mas alguém ou algo mais podia tomá-la dele no momento em que desejasse.

Ele o procuraria, o destruiria, e a livraria: jurou por sua vida.

Porque não havia nenhuma vida para ele sem ela.

CAPÍTULO 27

Então, Hawk fez questão de ir embora na manhã seguinte muito cedo, também se assegurou de que a volta para Dalkeith fosse agradável para eles. Enviou a metade dos guardas para adiantar-se e ordenou à outra metade para ficarem atrás dele e de sua senhora, para permitir-lhes privacidade. Ele voltaria a Uster e inspecionaria o resto das cortes senhoriais no futuro, depois que essa batalha terminasse.

Adrienne estava agitada por sua urgência de voltar para Dalkeith para selar seus votos. Ficou igualmente sobressaltada pela jornada de três dias, com longas pausas em estanques gelados de água de manancial. Os interlúdios mais longos de paixão no musgo maleável sob o dossel de trêmulas e brilhantes folhas. Momentos nos quais ele a provocava, excitava e ensinava, até que a enrubescida virgem cresceu segura em sua recentemente feminilidade descoberta, estremecida por sentir o poder de uma mulher sobre seu homem. Cedo se fez experiente nas maneiras sutis de tocar ou falar, de molhar seus lábios e convidar com os olhos. Aprendeu as carícias roubadas e as respostas instantâneas que convertiam a seu formoso, doce homem num palpitante, implacável selvagem.

Estava ligeiramente desconcertada ao descobrir que o outono havia pintado as colinas com a inspiração de um artista; folhas em sombras brilhantes de cor abóbora, vinho e âmbar sussurravam crespamente sob os cascos dos cavalos enquanto montavam sob os ramos de ouro da colheita. Os esquilos chiaram e gritaram através das árvores com saltos que desafiavam a gravidade. Escócia em toda sua glória majestosa, pintada com amor, colorida com os presentes simples da natureza numa tapeçaria de milagres. Adrienne nunca havia compreendido que o mundo era um lugar tão maravilhoso.

Ela recordaria a lenta jornada da volta a Dalkeith como sua lua de mel; um tempo de paixão fenomenal e terno romantismo. Um tempo de cura ditosa e amor. Ou mais simplesmente, os dias mais felizes de sua vida.

Na tarde do segundo dia, quando jaziam sobre um *tartán* Douglas azul e cinza, uma dor sem direção apareceu para atizar a Adrienne sem poder detê-la. Agarrando o rosto de Hawk entre suas mãos, ela o beijou dura, quente e tentadoramente; depois se retirou e disse:

-Se alguma vez me proibir de vê-lo novamente, marido, atirarei abaixo as paredes de Dalkeith, pedra por pedra, para chegar a você.

Hawk agitou sua cabeça, seus pensamentos completamente atrapalhados pelo beijo tentador e mais do que desconcertado por suas palavras. Ele exigiu seus lábios num beijo longo, igualmente feroz, e quando ela ficou ofegando suavemente sob ele, respondeu-lhe:

-Se alguma vez não for ver-me estando eu ferido, acrescentarei uma torre de pedra a Dalkeith e a encerrarei ali com chave, minha cativa escrava do amor, para que nunca se negue para mim de novo.

Ela voltou a estudá-lo com uma expressão desorientada, seus lábios cheios e rosados pelo calor de seu beijo.

-Se quer dizer depois que foi ferido pela flecha, eu tentei vê-lo. Grimm não me permitiu.

O olhar de Hawk batalhou com o seu.

-Grimm nunca disse que veio. Ele disse que estava dormindo calmamente no Quarto do Pavão Real sem nenhuma preocupação em sua mente, segura de que eu logo morreria e a deixaria livre.

Adrienne ofegou.

-Nunca! Eu permaneci fora da sua porta. Discutindo e lutando com ele. No entanto ele jurou que você não queria que eu entrasse!

-Nunca lhe neguei a entrada. Não, eu abri minha alma e roguei que entrasse. Agora está me dizendo que veio me ver naquela noite, e que Grimm lhe disse que eu tinha dado ordens de que se negasse...?

Adrienne assentiu, com os olhos muito abertos.

Uma obscura fúria flutuou pelo rosto de Hawk quando recordou a agonia que suportou ao acreditar que ela não se preocupava o bastante para ver se ele ainda vivia e respirava. De repente entendeu a sombria conduta de seu amigo naquela noite. A maneira em que o olhar de Grimm não pareceu muito seguro. A maneira nervosa em que ele atçou o já flamejante fogo e removeu as lenhas crocantes distraidamente.

-Grimm, que travessura fez?- murmurou ele. Poderia desejar Grimm mal a Adrienne? Ou estava tentando somente protegê-lo, seu amigo e irmão de armas, de um dano maior?

Indiferente a isso, suas ações eram inaceitáveis. Não importava quão duradoura era sua amizade, as mentiras nunca eram toleráveis. E as mentiras de Grimm criaram uma distância entre ele e sua esposa, uma briga que fez Hawk afastar-se para Uster. O que teria acontecido se não tivesse voltado por Adrienne? Quanto poderiam tê-los afastado as mentiras de Grimm? Que poderia ter feito Adam a sua esposa se ele não tivesse voltado por ela?

A boca de Hawk se apertou. Adrienne pôs sua palma contra sua face e disse suavemente:

-Hawk, não acredito que ele quisesse fazer algum dano. Ele parecia estar tentando protegê-lo. Disse que eu não lhe trouxe nada mais que dor, e que era tudo culpa dele.

-Culpa dele?

-Por desejar a uma estrela cadente.

Hawk resmungou.

-Os desejos às estrelas não se fazem realidade, garota. Qualquer menino descerebrado sabe isso.

Adrienne ergueu uma sobrancelha travessa.

-Mas ele disse que desejou pela mulher perfeita- argumentou ela arrogantemente-. E eu encaixo na descrição- o provocou.

-Sei que o faz- grunhiu Hawk. Com um sorriso malvado, ele sustentou um de seus seios perfeitos em sua mão e empurrou suas costas sobre o *tartán* quando sua paixão começou uma vez mais. Seu último pensamento coerente antes de que se perdesse na beleza e maravilha que eram sua esposa, era que Grimm lhe devia algumas respostas e a sua esposa uma desculpa. E, se tivesse que o admitir, por tudo o que sabia, talvez os desejos pedidos às estrelas cadentes se faziam realidade. As coisas mais estranhas tinham acontecido ultimamente.

No último dia, Hawk montou como se o inferno o perseguisse. Roubou três dias, meditou obscuramente, sustentando a sua esposa contra seu peito em seu abraço possessivo, sua face acariciando seu cabelo de seda.

Nos bosques, ele a sentiu segura, enquanto o inimigo que a ameaçava não soubesse onde estava nesses momentos. Pelo o que ele prolongou para fazê-lo durar, mantendo suas preocupações longe de sua esposa, não querendo que nada estragasse seu prazer.

Ademais, ele seguia derrubando-se perto da letargia a cada vez que sua exigente e jovem esposa se saía com a sua com ele. Maldita coisa estranha. Ele nunca esteve tão completo e satisfeito na terra. Oh, mas essa garota tinha um pouco de magia verdadeira.

Mas agora sua mente se voltou sombriamente ao assunto que o aguardava. Até a festa do Morto Bendito, tinha-lhe advertido Rushka. O *Samhain* era no dia seguinte; o dia posterior ao *Samhain* era a festa do Morto Bendito, ou de Todos os Santos, como alguns o chamavam.

O *Samhain* era um tempo perigoso para qualquer um que andasse só. Se murmurava que as Fadas passeavam pela terra em todo seu esplendor em semelhante noite. Se murmurava que a maldade abundava no *Samhain*, pelo que os clãs acendiam uma dupla fogueira de bétula, sorveira, carvalho e pinheiro, e escavavam trincheiras profundas ao redor delas. Ali se reuniam um a um, cada homem, mulher e menino, e festejavam juntos na margem protetora de luz. Dentro desse anel, ele comprometeria sua vida a sua esposa e tentaria fazer um pouco de sua própria magia.

Ele podia sentir em seus ossos que algo estava a ponto de ir muito mau.

SAMHAIN

(Colheita)

Para nada este universo largo que invoco,

Salva-te, minha rosa; e com ele, tua arte, meu todo

Shakespeare, Soneto CIX

CAPÍTULO 28

Adam sibillou quando deixou a ilha das fadas de Morar. O tempo, normalmente sem nenhuma importância para ele, escorrera de suas mãos, dia por dia, preciosos. Quando jogava um jogo mortal, o tempo se voltava uma preocupação

desagradável. Por muito tempo suas artes descuidaram Dalkeith, mas demorou algum tempo para convencer a sua Rainha de que não estava envolvido em nenhuma travessura.

Agora a visão sobrenatural de Adam dirigiu sua mente para Dalkeith para estudar as mudanças em seu jogo. Ele se enrijeceu e sibilo novamente. Como se atreviam?

Quando sua Rainha disse as condenadas palavras que selariam o destino de Hawk, Adam pesquisou exaustivamente pela ferramenta perfeita para sua vingança. Ele vagou através dos séculos, escutando, olhando e escolhendo a mulher perfeita finalmente com precisão cuidadosa. Adam não intervinha com frequência nas vidas dos mortais, mas quando o fazia, surgiam as lendas. E a Adam lhe agradava isso.

Alguns o chamavam o Duende. Um Bardo o nomearia Ariel.

No entanto outros o conheciam como Robin Goodfellow. Os escoceses o chamavam o pecador *siriche du*: o duende negro. De vez em quando, Adam punha o rosto do cavaleiro sem cabeça, ou um espectro austero que levava uma foice, só para viver por muito tempo nas lembranças dos mortais.

Mas escolhesse a aparência que escolhesse, ele sempre ganhava o que se propunha ganhar. E estava tão seguro do sucesso dessa vez! A mulher não só havia crescido na mágica Nova Orleães, mas jurou tão veementemente contra os homens que a ouviu através dos séculos. Adam a observou durante semanas antes de escolhê-la cuidadosamente; a estudou, aprendeu tudo o que tinha que saber da fascinante Adrienne de Simone. Coisas que nem seu amado marido sabia dela. Se convenceu que ela era a mulher certa para odiar o lendário Hawk.

Dessa vez, no entanto, quando Adam se acercou a Dalkeith-Upon-the-Sea, sua visão sobrenatural revelou a uma Adrienne feliz e tecendo planos de casamento sonhadamente em sua mente.

Mas Hawk, ah... Hawk não estava tão calmo. Ele percebia que algo estava mau. Se prepararia.

Adam levou Adrienne ali para rechaçar Hawk, e logicamente, para reclamar à Bela para si mesmo. Raramente sucedia que semelhante inspiradora criatura mortal nascesse como essa mulher. Inclusive o Rei havia feito um comentário sobre sua perfeição. Que vingança doce, casar Hawk com uma mulher que nunca o amaria, enquanto Adam a fazia sua. Dar cornos ao homem que humilhou ao Rei das Fadas. Mas parecia que tinha se equivocado com Adrienne como fez com Hawk. Temia haver subestimado a ambos.

Ela amava a Hawk tão intensamente como Hawk a amava.

Adam pensou brevemente, e sorriu com astúcia quando sentiu o golpe de inspiração. Que faria dar cornos a Hawk uma vingança diminuta

Uma nova e verdadeiramente devastadora possibilidade lhe ocorria agora.

Lydia e Tavis estavam sentados na sacada de pedra de Dalkeith quando Hawk e Adrienne chegaram naquela noite.

Profundamente nas sombras, falando suavemente e bebendo a goles o porto doce, observaram o passeio do casal mais jovem, que desceu, e com as mãos unidas, aproximaram-se da sacada. Os olhos de Lydia brilharam com felicidade quando os viu.

Adrienne disse algo que fez a Hawk rir. Quando ele a puxou para si e numa parada preguiçosa a beijou, ela tirou a correia liberando seu cabelo negro e o jogou na noite. O que começou como um beijo terno principiou a afundar-se famintamente. Longos momentos passaram enquanto o beijo se estendia. Lento, selvagem e quente, o *laird* de Dalkeith-Upon-the-Sea e sua senhora se beijaram. Sobre a grama, diretamente em frente à sacada, beijaram-se sob uma lua quase cheia.

E seguiram beijando-se.

O sorriso de Lydia se apagou, e se moveu incomodamente em sua cadeira. Obrigou-se a fazer uma respiração profunda, difícil, e ordenou a seu coração que deixasse de bater dessa maneira ridícula. Pensou que seu corpo poderia ter-se esquecido de tal paixão finalmente. Tinha uma pequena chance para isso.

-Esse é um bom beijo, direi-. O sotaque rico de Tavis rodou sobre ela.

-Bo-bom... beijo-. Lydia engoliu. Quanto tempo havia passado desde que um homem a havia beijado dessa maneira?

Tavis se moveu imperceptivelmente para mais perto e Lydia o olhou firmemente. Então seu olhar se fez especulativo.

Tavis MacTarvitt era uma figura elegante de um homem, notou. Como aconteceu que não o tivesse visto que antes? E por que esse sorriso calado em seu rosto?, perguntou-se.

-Por que está sorrindo?- espetou ela.

-Esta é uma noite grandiosa em Dalkeith, direi- ofereceu ele benignamente-. Eles vieram para casa. E creio que teremos pequenos bebês logo por aqui, e direi que muitos.

-Hummmph-. Lydia resmungou-. Não deduziu como fazer café ainda, velho? Me encantaria ter uma boa xícara para ela pela manhã.

-Milady-. Seu olhar terno a repreendeu-. Sou um homem de mãos talentosas, não lembra? É lógico que posso fazer café.

Mãos talentosas. As palavras demoraram em sua mente por um momento mais longo do que lhe teria agradado, e observou furtivamente essas mãos. Eram boas mãos, de fato. Largas e fortes, com dedos longos, retos. Capazes. Acostumadas a curtir peles suaves e cortar botões de rosas ternamente. Escovavam seu cabelo suavemente, e faziam chá. Que outros prazeres poderiam ser essas mãos capazes de conjugar sobre uma mulher?, perguntou-se. *Och, Lydia, tem estado desperdiçando muitos anos bons, não é verdade, garota?* A verdadeira voz de seu coração, silenciosa todos esses anos, finalmente encontrou sua língua.

Lydia se moveu sutilmente mais perto de Tavis, para que seus braços descansassem ligeiramente lado a lado. Era um tato suave, mas pretendia significar muitas coisas. E o fez.

Mais profundamente pela noite, quando Tavis MacTarvitt pôs uma velha mão mas ainda forte e capaz em cima da sua, Lydia de Dalkeith pretendeu não notar.

Mas ela encrespou seus dedos firmemente ao redor dos dele, da mesma maneira.

Era bem cedo pela manhã, o momento quando a lua fresca brevemente passeava em conjunção com o sol, quando Adrienne sentiu que Hawk deslizava a mão ferida da cama no Quarto do Pavão Real. Ela estremeceu com a frio fugaz antes de que ele cobrisse comodamente seu corpo com os cobertores novamente. O cheiro picante dele se aferrou aos cobertores e ela enterrou seu nariz neles.

Quando desmontaram na noite anterior, Hawk a tomou em seus braços e subiu as três escadas num instante, levando a sua esposa ruborizada na frente dos serventes boquiabertos. Ordenou um banho fumegante na alcova do *laird*, e se banharam em perfumado, sensual azeite que se prendeu a seus corpos. Lhe fez amor feroz e possessivamente num monte de toalhas ante o fogo, e untados pela mistura fragrante, seus corpos se escorregaram e deslizaram com fricção extraordinária.

Adrienne havia sido reclamada e marcada pela mão do homem. Conquistada, extasiada e absolutamente devorada. Abandonou todo pensamento consciente, tornando-se um animal para domar a seu selvagem corcel negro de boa vontade. Quando ele a levou à cama, a moça passou suas mãos sobre o corpo masculino, sobre seu rosto suavizado pelo resplendor do clímax, memorizando cada plano e ângulo e secretamente guardando essa recordação em suas mãos.

Mas de algum modo entre a magnífica forma de fazer amor e o sonho, um silêncio caiu entre os amantes. Jazia ali, uma estranha luva caída em sua cama. Ela sentiu crescer o nó de silêncio quando se perdeu em medos sobre os quais não tinha nenhum controle.

Desesperadamente, entrelaçou seus dedos com os de Hawk. Talvez se se aferra-se a ele muito firmemente, se regressasse ao futuro, poderia levá-lo com ela.

Ela havia passado muitas horas vazias pretendendo dormir. Com medo de dormir. E agora, quando ele se deslizava da cama, sentiu seus medos voltarem a capturá-la.

Mas ela não podia manter sua mão aferrada a ele todos os minutos de todos os dias!

Rodou silenciosamente para seu lado, saindo do emaranhado de cobertores, e ficou imóvel, maravilhada.

Ele estava de pé em frente à arcada da janela, sua cabeça erguida como se escutasse o nascimento da manhã e ouvindo os segredos nos lamentos das gaivotas que acordavam. Suas enormes mãos se estenderam no parapeito de pedra, os últimos raios da lua acariciando seu corpo como prata fundida. Seus olhos eram piscinas escuras de sombra enquanto contemplava fixamente o alvorecer. Seu perfil rígido poderia ter sido esculpido da mesma pedra com que se construiu Dalkeith-Upon-the-Sea.

Ela fechou os olhos quando ele se voltou para alcançar seu *kilt*.

O silêncio paralisou e envolveu seus dedos ao redor de seu coração quando ele deixou o Quarto do Pavão Real.

Hawk permaneceu imóvel na porta do segundo piso, os olhos escurecidos com raiva.

Raiva contra sua própria impotência.

Trazê-la de regresso a Dalkeith foi um erro. Um grande erro. Ele sabia. O ar mesmo dentro de Dalkeith parecia carregado, como se alguém tivesse derramado azeite dos lustres pelo castelo e agora esperasse, preparado para deixar cair uma vela acesa e dando um passo atrás para ver suas vidas sendo devoradas pelo inferno resultante. Nenhuma dúvida permanecia em sua mente: Dalkeith não era seguro para ela.

Mas ela também desaparecera em Uster.

Então talvez teriam que ir para mais longe. China, talvez. Ou África. Pelo menos tirá-la do inferno, fora da Escócia.

Maldito fosse tudo! Dalkeith era seu lugar. O lugar dos dois.

Dalkeith-Upon-the-Sea era sua vida inteira. Ele suportara tanto para ter essa oportunidade, para voltar para casa. Ver seus filhos brincarem à beira do precipício. Ver suas filhas correrem através dos jardins, deixando as impressões de seus pequenos pés pelos musgos e pedras dos caminhos. Num dia quente, banhar seus meninos num lago azul claro. Numa noite calma de verão, seduzir sua esposa na fonte sob o brilho débil das estrelas.

Ele merecia passar o resto de seus anos caminhando com Adrienne sobre essas colinas e vales, contemplar o mar e o passo eterno das estações pela terra, construindo um lar rico de amor, recordações e aventuras. Tudo nele -maldito fosse- o fazia um homem egoísta! Queria o sonho inteiro. *Devia ter se afastado, Hawk, e sabe disso. O que o faz pensar que poderia lutar contra algo que nem sequer pode nomear?* Ele fechou os olhos firmemente e oscilou na escuridão. Deixar Dalkeith por ela? Sua cabeça caiu para frente, arqueada sob o peso de decisões esmagadoras. Um suspiro extinguiu as fogueiras que se estremeciam através de seu corpo. Sim. Ele se casaria com ela em Samhain. Então a levaria para tão longe dali quanto tivessem que ir. Começou a dizer seu adeus num fatigado silêncio. As despedidas demorariam algum tempo, e tinha muitos adeus a fazer em Dalkeith-Upon-the-Sea.

Mas arriscar-se ficando ali, onde forças diversas, controlavam a sua esposa? Evidentemente impossível.

-Não podemos ficar- disse à silenciosa sala de espera, um quarto ao que precisava oferecer seu adeus mais dolorosamente. Seu berçário-. Correr é a única coisa inteligente a fazer neste caso. É a única maneira segura de mantê-la a salvo.

Ele esfregou seus olhos e apoiou um braço contra o batente da porta, esforçando-se em controlar o curso das emoções que o atravessavam. Ele estava aprisionado, além da crença, pela garota que dormia inocentemente em sua cama. Essa noite compartilhada com ela fora tudo o que sonhara que um dia poderia ser. A intimidade incrível de fazer amor com uma mulher cujos pensamentos podia ler. Não estavam fazendo simplesmente amor essa noite, quando seus corpos ardiam juntos de

paixão: ele sentiu tão completa afinidade, que perdera o equilíbrio. Sobretudo, mudou e assentou suas prioridades na posição perfeita. Ela estava em primeiro lugar.

A mandíbula de Hawk se enrijeceu, e amaldiçoou suavemente. Seus olhos vagaram amorosamente sobre os berços, os brinquedos talhados, as mantinhas suaves e as janelas altas que se abriam a um alvorecer aveludado. Ele poderia dar-lhe um bebê... infernos, ela poderia levá-lo já. E alguém ou algo poderiam tirá-la junto com o bebê diretamente de seus braços e de sua vida. Isso o destruiria.

Dalkeith prosperaria sem ele; Adrian seria um bom *laird*. Lydia o chamaria da França para regressar para casa. Ilysse faria companhia a sua mãe e Adrian se casaria e traria seus bebês a essa creche.

Ele não sofreria pesares. Ele poderia ter bebês com Adrienne numa cabana e ser igualmente feliz.

Hawk permaneceu por uns momentos mais, até que a piscada de um sorriso encurvou seus lábios.

Ele fechou totalmente a porta a seu velho sonho com um sorriso terno e uma classe de reverência que só um homem apaixonado entende. Um quarto, absolutamente, nunca havia sido seu sonho.

Ela era seu sonho.

-Hawk!- o lábio inferior de Lydia tremeu num protesto tácito. Ela afastou seu olhar para estudar um intrincado retorcimento de rosas.

-Devo fazê-lo, mãe. É a única maneira que tenho para ficar seguro de que ela esteja a salvo.

Lydia ocupou suas mãos com o corte cuidadoso das folhas secas, podando suas rosas como as podara durante trinta anos.

-Mas sair! Esta noite!

-Não podemos nos arriscar ficando aqui, mãe. Não há nenhuma outra coisa que possa fazer.

-Mas Adrian não está aqui- protestou ela-. Não pode abandonar o título se ninguém está aqui para reclamá-lo!

-Mãe-. Hawk não se preocupou em mostrar quão absurdo era esse protesto. Pelo olhar tímido em seu rosto, era óbvio que sabia que estava apegando-se a qualquer desculpa que podia encontrar.

-Está falando sobre levar a meus netos!- Lydia batalhou duramente contra as lágrimas.

Hawk a observou com uma mistura de amor profundo e paciência divertida.

-São netos que inclusive não tem ainda. E não teremos uma oportunidade de fazê-los se eu a perco para o que quer que seja isso que a controla.

-Poderia levá-la longe destas costas e mesmo assim poderia perdê-la, Hawk. Até que nós descobramos o que a controla, ela não estará nunca realmente segura- argumentou Lydia obstinadamente-. Ela e eu planejamos pesquisar os detalhes de cada vez que ela viajou para descobrir semelhanças. Fez isso?

Hawk agitou sua cabeça, seu olhar sombrio.

-Não ainda. A verdade seja dita, fui reticente a propô-lo. Ela não o faz, eu mantenho meu silêncio. Uma vez que nos casemos e partirmos, terá tempo para falar disso.

-Hawk, talvez os *Rom*...

Hawk agitou sua cabeça com impaciência. Ele já tinha tentado essa tática essa mesma manhã. Foi sua última oportunidade. Encontrou Rushka nas colinas do sudoeste com sua gente, escavando trincheiras e recolhendo madeira dos bosques para os sete fogos. Mas Rushka se negou, secamente, a discutir qualquer coisa sobre sua esposa. Nem sequer Hawk pode atraí-lo para uma conversa sobre o ferreiro. Endemoniadamente irritado por não poder forçar respostas nem sequer daqueles que dependiam dele por sua hospitalidade, ainda que os *Rom*... Bom, os *Rom* não dependiam, de verdade, da hospitalidade de nenhum homem. Quando as coisas se punham difíceis, eles seguiam seu caminho até um lugar melhor. Liberdade absoluta, era isso.

Nem Hawk, falando do assunto, foi capaz de encontrar ao condenado ferreiro.

-Mãe, onde está Adam?

-O ferreiro?- Lydia perguntou inexpressivamente.

-Sim. A forja estava fria. Sua carroça se foi.

-Para ser sincera, não o vi desde que... vejamos... provavelmente desde que vocês dois foram para Uster. Por que, Hawk? Pensa que ele tem algo que ver com Adrienne?

Hawk assentiu devagar.

Lydia atacou de outro ângulo.

-Bem, vá! Se leva a Adrienne e Adam tem algo que ver com isso, ele simplesmente pode segui-lo. Melhor é ficar aqui e lutar.

Ela abriu a boca quando Hawk dirigiu seu olhar sombrio para ela.

-Mãe, não me arriscarei a perdê-la. Sinto que não a agrade, mas sem seu... ah, sem seu... - Ele permaneceu numa quietude reflexiva.

-Sem seu o que?- perguntou Lydia debilmente.

Hawk mal agitou sua cabeça e se afastou.

Adrienne atravessou devagar a muralha procurando a Hawk. Não o viu desde que a deixou em sua cama logo cedo essa manhã. Ainda que sabia que logo pronunciaria seus votos junto a ele, não podia desprezar-se do pressentimento de que algo estava a ponto de sair errado.

Acercou-se das pedras musgosas do *broch*. Olhando-o, recordaram-lhe a Hawk o dia que lhe deu a primeira lição de como um falcão era domado.

Quão delirantemente um falcão era domado.

Ela abriu a porta e se entrou, um sorriso débil encurvando seus lábios. Quão assustada e fascinada estava por Hawk nesse dia. Quão tentada e esperançosa, ainda incapaz de confiar.

Era uma vibração de asas o que ouviu? Entrou na escuridão e caminhou através dela.

Uma parte de si não se surpreendeu quando a porta se fechou rapidamente depois dela.

Quando se mergulhou na escuridão, sentiu uma labareda abrupta de compreensão. Esse era o perigo que havia temido tanto: algo ou alguém estava por trás dela.

Adrienne se sentia como se estivesse mantendo o equilíbrio no fio de uma navalha de barbear desde a noite anterior, esperando por algo ruim que deveria ocorrer. Agora entendia perfeitamente o que a mantivera acordada a noite toda: foram novamente seus instintos, que a advertiram da iminente condenação, clamando que vivia um tempo feliz antes que seu mundo caísse em pedaços.

E quem quer que estivesse por trás dela era certamente o mensageiro de sua destruição.

-Bela.

A voz de Adam. O corpo de Adrienne se pôs rígido. Sua mandíbula se enrijeceu e apertou quando ele a agarrou na escuridão e apertou seus quadris duros contra a curva de seu traseiro. Ela se lançou vacilante para frente mas ele apertou seus braços ao redor dela e empurrou suas costas contra seu próprio corpo.

Quando seus lábios roçaram seu pescoço, ela tentou gritar, mas não saiu nenhum som.

-Sabia que eu viria- ele respirou contra sua orelha-. Não é verdade, encantadora?

Adrienne quis protestar, gritar sua rejeição, mas alguma parte dela sabia, num nível visceral, profundamente subconsciente. Nesse momento, todos os seus encontros estranhos com Adam Black de repente apareceram nítidos em sua mente.

-Me fez esquecer- ela sibilou quando as recordações a inundaram-. As coisas estranhas que fez, quando tomou o rosto de Hawk na fonte... fez-me esquecê-lo de algum modo- acusou.

Adam riu.

-Lhe fiz esquecer quando a levei também a Morar, ainda antes disso. Lembra, agora, deitada na areia comigo, doce Bela? Eu estou devolvendo-lhe esses momentos roubados. Lembra de mim tocando-a? Lembra quando a levei a meu mundo para curar-se? Eu também a toquei então.

Adrienne estremeceu com a maré de recordações em sua mente.

-Tomo de você o que não precisa recordar, Bela. Poderia tomar de você recordações que adoraria perder. Devo fazê-lo, Bela? Livrá-la para sempre de Eberhard?-. Adam apertou seus lábios contra seu pescoço num beijo prolongado-. Não, já sei... apagarei cada recordação que tem de Hawk; a farei odiá-lo, fazê-lo um estranho para você. Lhe agradaria isso?

-Quem é você?- se afogou Adrienne quando as lágrimas encheram seus olhos.

Adam a voltou devagar em seus braços até que ela o enfrentasse. Seu rosto era gelado e definitivamente não humano no meio da luz acinzentada.

-O homem que vai destruir seu marido e todo Dalkeith se não fizer exatamente o que lhe diga, encantadora Adrienne. E eu sugiro que me escute muito, muito cuidadosamente se o ama.

Hawk não podia encontrar Adam. Não podia encontrar Grimm. E agora não podia encontrar a sua própria esposa. Que espécie de dia de bodas infernal era esse?

Hawk passeou através da muralha mais baixa pronunciando seu nome, suas mãos fechadas. Na colina, as pessoas já tinham começado a recolher tudo. As pessoas do clã estavam chegando em grupos desde milhas ao redor. Para o crepúsculo havia quase setecentos *plaid*s estendidos na margem de Dalkeith; os Douglas eram um clã grande com muitos camponeses que cultivavam a terra. Logo nessa manhã, Hawk enviou a seu guarda às colinas e vales para anunciar que o *laird* se casaria essa tarde, assegurando assim a assistência de cada pessoa jovem e velha.

Mas não haveria nenhum casamento se não podia encontrar a sua esposa.

-Adrienne!- chamou ele. Onde demônios estava? Não no castelo, não nos jardins... não em Dalkeith?

Não!

-Adrienne!- rugiu, seu passo convertendo-se numa carreira. Pronunciando seu nome, correu até além do *broch* dos falcões.

-Hawk, estou aqui!-. Ele ouviu seu grito fazendo eco depois dele.

-Adrienne?- Ele se deteve abruptamente e se voltou.

-Estou bem aqui. Sinto muito- acrescentou a jovem enquanto fechava a porta do *broch* e caminhava para fora.

-Nunca me deixe novamente sem me dizer onde vai. Não me ouviu chamá-la?- grunhiu ele, o medo dando aspereza a sua voz.

-Disse que sinto muito, Hawk. Devia estar distraída-. Ela fez uma pausa enquanto se detinha.

O coração de Hawk se retorceu em seu peito. Encontrou-a, mas por que isso não apagou seu medo? Algo borbulhava, uma coisa intangível, mesmo assim tão real e potencialmente traiçoeira como os precipícios dentados de Dalkeith. Havia um cheiro quase palpável de desastre que cobria com suas asas o ar ao redor do *broch*.

-Garota, o que está acontecendo?- perguntou ele. Cada centímetro de seu corpo se enrijeceu quando ela saiu das sombras que escureciam o lado oriental da torre. A metade de seu rosto estava obscurecida profundamente pelo pôr do sol, a outra metade visivelmente pálida na tênue luz. Hawk sofreu um momento fugaz de dualidade impossível; como se a metade de seu rosto estivesse sorrindo enquanto a outra era firmemente arrastada numa careta de dor. A ilusão macabra atravessou como uma lança de pressentimento através de seu coração.

Ele estendeu suas mãos, e quando ela não se moveu desse domínio estranho de luz e escuridão, adiantou-se bruscamente e a puxou para seus braços.

-O que lhe aflige, doce esposa?- ele exigiu, olhando-a fixamente para baixo. Mas ele não a afastou para muito longe: odiou que a sombra ainda exigisse um terço de seu rosto e ocultasse seus olhos dele. Com uma maldição áspera retrocedeu mais até que ela estivesse livre de toda escuridão. Essa condenada sombra do *broch* o fez sentir-se como se a metade dela estivesse se fazendo insubstancial e pudesse desaparecer através de suas mãos, enquanto ele estava impotente de impedi-lo.

-Adrienne!

-Estou bem, Hawk- disse ela suavemente, escorregando seus braços ao redor de sua cintura.

Quando a luz do ocaso banhou sua cara, ele se sentiu repentinamente tonto, perguntando-se como poderia pensar, inclusive por um momento, que uma sombra poderia eclipsar o rosto encantador. Não havia nenhuma sombra ali. Nada em seu enorme e prateado olhar transbordando de amor quando o olhou.

Um momento trêmulo passou, então seus lábios se curvaram num doce sorriso. Ela acariciou uma mecha caída do cabelo escuro para trás de seu rosto e beijou sua mandíbula ternamente.

-Meu formoso, formoso Hawk- murmurou ela.

-Fala comigo, garota. Diga-me o que tem- disse ele bruscamente.

Ela lhe dedicou um sorriso tão deslumbrante que embaraçou seus pensamentos. Ele sentiu suas preocupações espalharem-se como pétalas ao vento sob as suaves promessas implícitas desse sorriso.

O homem acariciou seus lábios com os dele e sentiu o golpe de sua resposta imediata atravessar seu corpo da cabeça aos dedos dos pés. Que sombra? Os medos tontos, a imaginação tonta, compreendeu ironicamente. Estava permitindo que sua imaginação corresse selvagem ante a provocação mais ligeira. Uma estúpida sombra caíra sobre seu rosto e o grande Hawk sofria visões de condenação e desolação. Bah! Nenhuma garota poderia sorrir como ela se estivesse agoniada por algo.

Ele tomou seus lábios num brutal, castigador beijo. Castigador pelo medo que sentiu. Castigador, porque ele precisava dela.

E ela se fundiu contra ele como chamas líquidas, moldando-se e apertando-se contra ele com urgência feroz.

-Hawk...- ela sussurrou contra seus lábios-. Meu marido, meu amor, tome-me... de novo, por favor.

O desejo surgiu através de suas veias e conquistou todos os rastros de seu pânico. Ele não precisava de muito mais estímulo. Tinham algumas horas antes que o homem de Deus os unisse sob o manto de Samhain. Ele a atirou para o *broch*.

Adrienne se enrijeceu no mesmo instante.

-Não, não no *broch*.

Então ele a guiou para os estábulos. A um doce e gordo monte de trevos púrpuras onde passaram as horas restantes da tarde de seu casamento, como as últimas moedas preciosas de um mendigo numa festa esplêndida.

Capítulo 29

O traje de noiva de Adrienne superou todos os sonhos de sua meninice. Vestido de seda cor safira e fitas elegantes, com fios brilhantes de prata bordados no pescoço, as mangas e a barra em rosas entrelaçadas. Lydia o tirou orgulhosamente de um cofre de carvalho selado; outra das invenções de Hawk. Tinham-no arejado, estendendo-o sob o vapor na cozinha fechada sobre tinas de água fervente, e depois perfumado ligeiramente com lavanda. O vestido se ajustava a seus seios e quadris, e depois caía ao chão em redemoinhos de rico tecido.

Havia sido costurado pelos *Rom*, Lydia lhe dissera enquanto ela e uma dúzia de criadas se preocupavam pelos detalhes da aparência de Adrienne, para ela, Lydia, quando se casou com o pai de Hawk. O casamento de Lydia também foi memorável em Dalkeith-Upon-the-Sea junto à festa de Beltane, antes do mesmo tipo de fogos duplos de Samhain.

Mas Lydia havia ido agora, subindo para a colina. As criadas também se foram, empurradas por Adrienne fazia um quarto de hora. Tomou cada pitada de valor de Adrienne esperar essas últimas horas.

Lydia estava tão exaltada que praticamente dançara ao redor do quarto, e Adrienne se sentiu tão culpada por dentro, obrigando-se a fingir... Estava a ponto de fazer algo que faria com que Lydia e Hawk a desprezassem, e não havia nenhuma outra opção.

Como poderia suportar os olhares de suas caras quando o fizesse? Como suportaria o ódio e a traição que veria em seus olhos?

Adrienne estava sozinha na encantadora alcova de Lydia, entre ociosas e refrescantes banheiras de ferro, opções eliminadas de roupa íntima, e as xícaras de chá meio vazias, abandonadas sem terminar pela antecipação nervosa.

O tempo estava avançando.

E seu coração estava se congelando, respirando através de amargos suspiros. Estremeceu quando uma brisa crespia atravessou a janela aberta da alcova de Lydia. Cruzou o quarto pensando em fechá-la, mas se deteve, uma mão no peitoril fresco de pedra. Ela olhou fixamente, magnetizada, a noite.

Recordarei isto, sempre.

Ela bebeu com os olhos Dalkeith, guardando cada detalhe precioso na memória. A lua cheia a manteve fascinada quando banhou a colina com seu brilho prateado. Parecia mais próxima à terra e maior do que o habitual. Talvez ela pudesse caminhar no céu para ir para seu lado; talvez dar-lhe um golpe ligeiro e olhá-la rodar pelo horizonte.

Adrienne se maravilhou ante a beleza de tudo. Esse lugar era mágico.

Tinha uma vista perfeita da festa da janela. A colina estava viva com centenas de pessoas junto aos fogos, os tartanes iluminados, falando, festejando e dançando. Vinho, cerveja e whisky fluíam livremente quando as pessoas celebravam a colheita vindoura. Uma colheita rica, seu marido a havia visto.

Os meninos jogavam seus jogos infantis, correndo e gritando e voltando para seus pais amorosos. E a música... oh, a música flutuava até a janela aberta e se misturava com o barulho suave do oceano. O golpe hipnótico poderoso do tambor, as gaitas e o cantar selvagem do mar.

Entre os dois círculos de fogo, ela podia vê-lo: o *laird* de Dalkeith-Upon-the-Sea estava dançando com sua gente, sua cabeça jogada para trás e acrescentando seu tom profundo à canção. Seu marido. Pelo menos ela podia amá-lo durante um tempo; talvez não para sempre, mas...

O golpe dos tambores se intensificou, e ela o viu rodear o fogo. Tão primitivo e selvagem, e mesmo assim tão incrivelmente terno e carinhoso.

Adoro este lugar, pensou. Se eu pudesse sonhar com um lugar para ir alguma vez no século XX, teria sonhado com algo como isto.

Ela permitiu sua fronte apoiar-se contra a parede de pedra fresca por um longo momento e conteve as lágrimas.

-O amo mais do que a minha vida - ela sussurrou em voz alta.

E esse foi o ponto decisivo.

-Não-. Hawk levantou suas mãos em protesto simulado-. Devem deixar-me com forças para casar e ir à cama com minha esposa esta noite- provocou às mulheres risonhas que tentavam atraí-lo a outra dança.

Apesar dos olhares decepcionados e dos comentários descarados sobre sua virilidade, Hawk subiu o caminho até o mais alto da colina. Viu Lydia vagar por esse caminho com Tavis enquanto ele estava dançando. Fez uma pausa por um momento e olhou para o castelo, seus olhos vasculhando intensamente as janelas. Ali estava. No quarto de Lydia, a silhueta de sua esposa visível contra a janela brilhantemente iluminada. Ele a viu girar e dar-lhe as costas. Ela estava a caminho.

Um arrepio deslizou por sua nuca quando estudou suas costas. Olhou-a por um longo momento, e quando ela não se moveu, perguntou-se o que estava fazendo.

Devia ter feito questão de que mantivesse aos guardas com ela.

Abotoarão meu vestido para mim? ela o importunou, e um redemoinho de ciúmes ante o pensamento de qualquer um de seus guardas tocarem a pele de seda de sua esposa o congelou.

Ele poderia olhar cada passo de seu progresso da colina, e o castelo não estaria abandonado completamente. Subir até a colina era um passeio curto, de alguns minutos. Ela devia estar bem. Mesmo assim ele se preocupou...

-Viu Grimm?-. Lydia tocou seu braço ligeiramente para conseguir sua atenção.

Hawk afastou seu olhar da janela.

-Não. E você?

-Não. E isso me preocupa. Ele é seu melhor amigo, Hawk. Pensei que estaria aqui. O que poderia tê-lo detido?

Hawk encolheu os ombros e deu uma olhada rápida ao castelo. Ah, finalmente. As velas estavam acesas lá fora e sua esposa estava a caminho. O quarto de Lydia estava repleto de escuridão. De repente Grimm parecia inconseqüente. Inclusive sua irritação com as mentiras de Grimm caíam fora de seus ombros com o pensamento de sua amada Adrienne.

Esta noite a unirei a mim para toda a eternidade, jurou-se silenciosamente.

-Hawk?-. Lydia agitou sua mão adiante de seu rosto e ele afastou seu olhar do castelo com certo esforço.

-Hummm?

-Oh, caramba-. Lydia suspirou-. Como me recorda a teu pai quando o vejo assim.

-Assim como?- pronunciou Hawk com lentidão, olhando atenciosamente os passos da comitiva para ter o primeiro vislumbre de sua esposa.

-Como algum viking selvagem procurando conquistar e tomar cativos.

-Eu sou o cativo aqui, mãe- resmungou Hawk-. A garota me apanhou realmente.

O riso de Lydia tilintou alegremente.

-Bom, é como deve ser, então.- Ela lhe deu um rápido beijo -. Estará aqui a qualquer momento-. Lydia endireitou o *plaid* de seu filho, que não precisava endireitar, arrumou seu cabelo perfeito que não precisava arrumar, enfim, cacarejou em cima dele como uma galinha nervosa.

-Mãe- ele grunhiu.

-Só quero que sobressaia o melhor- Lydia interrompeu. Esboçou um riso nervoso para si mesma-. Simplesmente olhe-me, uma mãe agitada, toda nervosa porque seu filho está casando-se.

-Ela já viu o pior de mim e me ama apesar disso. E o que está fazendo preocupando-se por trivialidades? Creio que não falamos o suficiente. Que planos está inventando agora?- exigiu. Ele a conhecia muito bem para acreditar que havia simplesmente capitulado ante seus planos para partir essa noite.

-Hawk- Lydia protestou-, me fere!

Hawk resmungou.

-Lhe perguntarei novamente, que complô funesto inventou para tentar manter-nos aqui? Narcotizou o vinho? Contratou a mercenários cruéis para manter-nos cativos em meu próprio castelo? Não, a imagino despachando a um mensageiro aos MacLeod dizendo-lhes que agora poderia ser um excelente momento para pôr cerco a Dalkeith, não é?-. Não se surpreenderia se ela fizesse qualquer dessas coisas. Lydia era formidável quando se propunha a algo. Nada lhe era impossível se significava manter a Adrienne a seu lado. *Tal mãe tal filho*, ele reconheceu tristemente.

Lydia olhou estudadamente ao longe.

-Me nego a pensar em você simplesmente indo-se até o momento em que o faça. Até então, penso desfrutar até o último momento do casamento de meu filho. Ademais, está claro que Adrienne não tem nenhuma idéia do que está planejando. Não estou tão segura de que ela não se coloque do meu lado - cortou atrevidamente.

-Aqui vem-. Tavis interrompeu sua disputa e atraiu sua atenção aos degraus de pedra que caíam em forma de cascata na muralha superior.

-Oh! Não é encantadora?- Lydia suspirou.

Um suspiro coletivo encrespou a noite e se misturou com a brisa perfumada que acariciava a colina.

-Poderia ser uma princesa!

-Não, rainha!

-Mais formosa do que a Rainha das Fadas!- uma menina pequena com cachos loiros aplaudiu com deleite.

-A Senhora de Dalkeith-Upon-the-Sea-. Um agricultor tirou seu boné e o pôs em cima de seu coração num gesto de lealdade.

O sorriso de Lydia se desvaneceu quando viu que Adrienne se dirigia para os estábulos.

Ninguém falou até que ela reapareceu momentos depois, levando um cavalo a uma parede próxima.

-Mas, o que...? O que é que... um cavalo? Ah, suponho tentará montar um cavalo- Lydia murmurou, perplexa.

-Um cavalo? Por que não haveria ela só de caminhar? É um trecho curto para cruzá-lo, direi- se perguntou Tavis.

Sob a lua brilhante podiam vê-la claramente caminhando para uma parede de pedra baixa e montar um cavalo com tudo e traje de noiva.

Os olhos de Hawk se estreitaram pensativamente. Seu corpo se enrijeceu e afogou um juramento quando viu a Rushka, que estava de pé silenciosamente a seu lado, traçando gestos no ar.

-O que está fazendo?- grunhiu Hawk, fechando sua mão ao redor do braço do *Rom*.

Rushka se deteve e os olhos castanhos descansaram em Hawk com afeto profundo e uma dor ainda mais profunda.

-Esperamos que ele não viesse, meu amigo. Tomamos todas as precauções... as cruces de sorveiras. As runas. Fiz tudo o que pude para preveni-lo.

-Quem não viria? Sobre o que está falando? Prevenir o que?- Hawk replicou. Cada centímetro de seu corpo estava repentinamente vivo. Todo o dia algo estivera roendo dentro dele, exigindo que fizesse algo, e agora explodira numa vibração de febre em seu sangue. Nada lhe agradaria mais do que fazer algo, mas contra o que? O que estava acontecendo? O trovão dos cascos de cavalos retumbaram na terra atrás dele.

-Ele vem-. Rushka tentou recuperar seu braço do domínio mortal de Hawk, mas desalojar uma rocha de seu peito teria sido mais fácil.

O *clipe-clop* dos cascos dos cavalos encheu a colina, cada vez mais perto.

-Fala comigo- Hawk grunhiu e olhou ferozmente a Rushka-. Agora.

-Hawk?- Lydia perguntou, agoniada.

-Hawk- Tavis advertiu.

-Hawk-. A voz rouca de sua esposa atravessou a noite atrás dele.

Hawk se enrijeceu, seu olhar detendo-se no mais velho dos *Rom*, que foi como um pai para ele durante tantos anos. Uma piscada nos olhos do homem o advertiu para não se voltar. Desejar simplesmente que nada estivesse acontecendo. *Não olhe para sua esposa*, diziam os olhos de Rushka. Ele podia vê-la, refletida nos profundos olhos castanhos do *Rom*.

Não dar a volta?

Impossível.

Hawk afastou seu olhar furioso de Rushka. Voltou-se sobre suas botas, devagar.

Sua esposa. E ao lado dela, no próprio corcel negro de Hawk, Adam. Hawk estava de pé em silêncio, suas mãos fechadas em punhos a seus lados. A colina inteira permanecia espantosamente imóvel, nem o pranto de um menino, nem a respiração de um camponês nem sequer um cochicho ou um murmúrio quebravam a noite.

-Velho-. Adam assentiu num reconhecimento familiar a Rushka, e o olhar de Hawk flutuou entre o estranho ferreiro e seu amigo *Rom*. Rushka estava branco como a neve recém caída. Seus olhos castanhos eram grandes e profundos, seu corpo delgado rígido. Ele não devolveu a saudação, mas baixou seus olhos à terra e traçou de novo esses símbolos estranhos furiosamente.

Adam riu.

-Alguém pensaria que poderia ter compreendido que isso não ajudou até agora, velho. Deixe-o. Inclusive nem seu... *sacrifício*... ajudou. Ainda que me aplacou ligeiramente.

Lydia abriu a boca.

-Que sacrifício?

Ninguém lhe contestou.

-Que sacrifício?- ela repetiu concisamente-. Ele fazia a Esmeralda má?-. Quando ninguém respondeu, ela agitou a Rushka pelo braço-. Fazia?- os olhos voaram de novo para Adam-. Quem é você?- exigiu, os olhos estreitando-se como uma ousada mãe preparada a defender seus filhotes.

Rushka a afastou longe dele.

-Ainda não sei, milady- ele grunhiu-. Não interfira no que não entende.

-Não me diga que eu...- Lydia começou acaloradamente, mas depois fechou sua boca sob o olhar letal de Hawk.

Hawk foi até Adrienne e serenamente ofereceu suas mãos para ajudá-la a descer, como se nada estivesse acontecendo.

Adam riu de novo, fazendo que a pele de Hawk tremesse.

-Ela vai comigo, Lorde Buzzard.

-Ela fica comigo. É minha esposa. E é Hawk. Lorde Hawk para você.

-Não. Um abutre, um lixeiro triste que escolhe entre os restos eliminados, Senhor Buzzard. *Ela escolhe* era o trato, lembra? Salvei a sua esposa por um preço. O preço se paga agora. Perdeu.

-Não-. Hawk agitou sua cabeça devagar-. Ela já escolheu, e eu sou a quem preferiu.

-Parece que ela não escolheu você- ironizou Adam.

-Desça do meu cavalo, ferreiro. Agora.

-Hawk!- Rushka advertiu, baixo e agoniado.

-Hawk-. Foi a voz de Adrienne que o acalmou. Imobilizou-o a meio passo em direção ao ferreiro.

Até agora, Hawk estava enfocando sua atenção e cólera no ferreiro. E sabia por que. Era a mesma razão pela qual demorou em dar a volta quando ouviu o cavalo acercando-se. A razão pela qual olhou a Rushka em troca. Tinha medo de olhar a sua esposa, do que poderia ver nos olhos encantadores. Poderia de verdade não ser o escolhido? Poderia estar tão completamente equivocado? Fez uma pausa, a mão na empunhadura da espada, e se forçou a olhar nos olhos de sua mulher. A insegurança que o capturou desde o primeiro dia que encontrou a sua esposa na forja do ferreiro, regressou a ele como uma vingança.

O rosto feminino estava impassível e sem uma gota de emoção.

-Ele diz a verdade. Eu o escolhi.

Hawk ofegou, aturdido. Nem sequer havia um pestanejo de emoção nos olhos cor de prata.

-Como está fazendo-a mentir, garota?-. Hawk se negou a acreditar em suas palavras e se aferrou sua fé nela-. Com que está ameaçando-a, meu coração?

-Com nada- Adrienne disse friamente- e deixa de chamar-me isso! Nunca fui seu coração. Lhe disse desde o princípio. Não o quero. Desde o princípio foi Adam.

Hawk procurou seu rosto. Fresca, composta, ela montava a égua como uma rainha. Régia e intocável.

-E simplesmente que infernos foi Uster, então?- grunhiu ele.

Ela encolheu os ombros, levantando as palmas.

-Umaz férias?- contestou impertinentemente.

Hawk se enrijeceu, sua mandíbula rangendo.

-Então o que foi o dos estábulos esta tarde?

-Um erro- Adam o cortou secamente-. Um que ela não repetirá.

O olhar de Hawk não viu vacilar o de Adrienne.

-Foi um erro?- perguntou suavemente.

Adrienne inclinou sua cabeça. Uma pausa da largura de um pulsar do coração.

-Sim.

Hawk não viu nem uma piscada em seu rosto.

-Que jogo está jogando, garota?- ele suspirou, o perigo emanando de cada centímetro de sua posição rígida, cobrando o ar ao redor deles.

A noite ainda pendia, pesada. Na colina nem uma pessoa se moveu, atentas ao desenvolvimento da cena terrível.

-Nenhum jogo, Hawk. Tudo terminou entre nós. Sinto muito-. Outro indiferente encolhimento de ombros.

-Adrienne, deixa de caçoar- ele grunhiu.

-Esta não é nenhuma brincadeira- ela o interrompeu com súbita irritação-. A única brincadeira aqui está em você! Não pensou realmente que eu poderia ficar aqui, não é? Vamos!-. Ela moveu uma depreciativa mão ao esplendor da festa de casamentos-. Sou do século XX, tonto. Estou acostumada aos luxos. Sinto saudades das pequenas coisas. Café. Chuveiros fumegantes, limusine, e todo o lustre e alvoroço. Esta era uma diversão encantadora; realmente um pouco de brincadeira com alguns dos homens mais fascinantes...-. Ela sorriu para Adam, e Hawk teve que domar cada célula de vontade para não pular sobre o ferreiro e estrangular a vida de seu corpo arrogante.

Em troca, permaneceu de pé como uma estatueta de mármore, as mãos como punhos a seus lados.

-Era virgem.

-E daí? Ensinou-me o prazer. Mas o ferreiro me deu mais. É assim, simples-. Adrienne tocou as rédeas de seu arreio.

-Não!- rugiu Hawk-. Este é algum jogo! Com que ameaçou a minha esposa, ferreiro?

Mas foi Adrienne quem contestou, nessa mesma calma, nessa voz absolutamente única. Essa voz rouca que o fez pensar que enlouquecera, porque as palavras que lhe lançou deviam ser certamente mentiras. No entanto, ela não parecia como se estivesse sendo forçada. Não tinha nenhuma espada na sua garganta. Nenhuma luz trêmula de lágrimas em seus olhos. E sua voz, ah... estava nivelada e calma.

-Ele só me ameaçou com um prazer maior que o que alguma vez você me deu. Ele tem verdadeira magia a sua disposição. Não perca seu tempo nos procurando. Não nos encontrará. Ele prometeu levar-me a lugares que nunca sonhei que existissem.

Adrienne guiou seu arreio mais perto do ferreiro.

Adam dedicou um sorriso deslumbrante a Hawk.

-Parece que é o perdedor depois de tudo, pássaro formoso.

-Não!- Hawk rugiu, arremetendo contra o ferreiro e sacando sua espada num movimento fluído. O corcel se opôs ao bramido de Hawk e o esquivou ferozmente.

Rushka agarrou o braço de Hawk e desviou seu golpe tão duramente que a espada caiu na terra a seus pés.

Adam levantou sua mão.

-Não!- Adrienne refreou a mão do ferreiro rapidamente-. Não o ferirá! Nenhum derramamento de sangue. Você prom... estaria mal- ela adicionou-. Não me agrada o sangue. Adoece-me.

Adam ergueu sua cabeça e baixou sua mão.

-Seus desejos são ordens, Bela.

-É isto realmente o que deseja, garota?- os olhos de Hawk eram negros e desalmados.

-Sim- ela disse suavemente. Cuidadosamente.

-Ele não está forçando-a? Fale-me, simplesmente diga uma palavra, esposa, e eu o matarei com minhas mãos nuas.

Ela agitou sua cabeça e encontrou seu olhar niveladamente.

-Diga-o- Hawk resmungou-. Ele não a força?

-Ele não usa... nenhuma ameaça contra... mim.

-Fez... amor... com ele?-. Ele se odiou quando sua voz se rompeu bruscamente ao dizer as palavras. Sua garganta estava tão apertada que mal podia respirar.

-O amo da maneira que amei a Eberhard- ela suspirou. Sorriu sonsamente a Adam, que de repente estreitou os olhos ante as últimas palavras dela.

-Já é suficiente, Bela-. Adam capturou sua mão na sua-. O universo nos espera e seu prazer é meu mandato.

O coração de Hawk saltou e se retorceu. O condenado Ever-hard. Seu primeiro amor, ainda que ele a tivesse amado ou não. Ele lhe deu as costas antes que pudesse fazer uma matança sangrenta na colina.

Quando voltou finalmente seu olhar, era muito tarde: ela tinha ido embora.

As centenas de pessoas na colina de Dalkeith-Upon-the-Sea estavam de pé aturdidamente, simplesmente vendo como os cavalos e ginetes desapareceram no ar noturno. Num momento eles estavam ali. No seguinte... nada.

Mas uma voz suave boiou na brisa.

-Tinha razão sobre os seus falcões, Sidheach-, chegaram as últimas palavras estranhas da mulher que ele amou e que destruíra eficazmente o uma vez orgulhoso *laird* de Dalkeith-Upon-the-Sea.

Lydia apertou flacidamente sua manga.

Rushka amaldiçoou bruscamente num idioma que ninguém antes tinha ouvido falar.

Hawk só olhou fixa, cegamente, a noite.

CAPÍTULO 30

-Onde estamos?- Adrienne perguntou calmamente a Adam.

Ele estava levando seu arreio pelas rédeas por um caminho escuro através de um bosque estranho. Os ramos retorcidos teciam um dossel nodoso sobre sua cabeça. De vez em quando, um raio de luz débil esburacava a escuridão densa e os ramos brilhavam como pálidos ossos.

Nenhum grilo. Nenhum ruído normal, só o grito de criaturas voadoras. As plantas sussurravam e revelava vislumbres breves de gnomos pequeninos com caras selvagens. Ela estremeceu violentamente e passou os braços ao redor de si mesma.

-Está em meu reino.

-Quem é realmente, Adam Black?- Sua voz se rompeu na frase simples, crua e cheia de angústia.

Como resposta, ela recebeu um sorriso zombador. Nada mais.

-Diga-me- ela exigiu embotadamente. Mas o homem escuro a seu lado montou em silêncio.

-Ao menos diga-me por que.

-Por que, o que?- Ele ergueu uma sobrancelha curiosa para ela.

-Por que me fez isto? O que fiz eu? Por que me enviou através do tempo e me levou de novo?- *E rompe meu coração e me deixa morrendo por dentro?*

Adam deteve seus arreios, a diversão acendendo, seu rosto escuro. Estendeu a mão para acariciar sua face pálida e ela estremeceu sob seu tato.

-Oh, Bela, é o que pensa? Quão arrogante e ao mesmo tempo encantadora é-. Seu riso rodou. Mas foram suas seguintes palavras as que atravessaram sua alma como uma faca-. Não tinha nada a ver contigo, minha formosa Bela. Qualquer mulher formosa teria bastado. Mas eu pensei que odiava aos homens bonitos. Ouvi-a, ali em sua biblioteca, jurando não querer saber nada dos homens, de todos os homens. Mesmo assim, parece que estava errado. Ou mentiu, o que é mais provável.

-Que está dizendo?- ela respirou debilmente. Que qualquer mulher teria bastado? Tinha despedido seu coração e o rompera pelo jogo hipócrita desse homem, e ele se atrevia a lhe dizer tão sucintamente que não lhe importava nem um pouquinho quem era? Um peão? De novo? Sua mandíbula se endureceu temporariamente. *Não gritarei. Não quero.* Quando esteve segura de que poderia falar sem raiva, ela disse friamente:

-Consegui o que queria. Por que não me diz simplesmente quem é?-. Ela tinha que averiguar mais sobre esse homem vingativo. Para vingar a seu marido.

-Verdade. Consegui o que queria. Hawk parecia totalmente destruído, não é verdade? Humilhado-. Adam deu um ligeiro golpezinho com sua mão sobre a dela-. Fez isso muito bem esta noite, Bela. Mas diga-me- os olhos pesquisaram os seus intensamente, e ela se enrijeceu quando pareceu que poderiam penetrar nela até a alma-, o que quis dizer sobre seus falcões?

A respiração de Adrienne estremeceu.

-Ele me disse uma vez que todos os seus falcões haviam voado- ela mentiu quietamente -. Disse-me que tinha que o convencer absolutamente ou o mataria, por isso que eu escolhi essa lembrança para convencê-lo. Isso é tudo.

-Isso foi o melhor de tudo.- Sua cara era fria e rancorosa, tal como esteve no *broch* antes que Hawk chegasse procurando-a. Antes do que devia de ter sido o casamento de seus sonhos. Fria, precisamente, ele lhe explicou em detalhe exato e insuportável como destruiria a Hawk e a todos em Dalkeith se ela falhasse. Então lhe mostrou as coisas que ele poderia fazer. Coisas que sua mente realmente não podia compreender ainda. Mas ela entendeu que ele era absolutamente capaz de levar a cabo a destruição com que havia ameaçado. Tinha-lhe proposto duas opções: mentir a Hawk e romper seu coração, para não mencionar o seu próprio, ou observar enquanto Adam usava seus poderes sobrenaturais para matá-lo. Depois a Lydia. Seguido por cada homem, mulher e menino de Dalkeith.

Não, absolutamente, não tivera nenhuma opção. A decisão infernal lhe dera um entendimento íntimo do que um homem chamado a *prostituta do rei* poderia ter sofrido uma vez.

Quando deixou o *broch* agitada e pálida, ela agarrou um último momento de glória. Fez amor com Hawk com toda a paixão de sua alma. Dizendo-lhe adeus, e morrendo por dentro. Soube que seria horrível mentir-lhe, mas simplesmente não antecipou quão profundamente a rasgaria.

Adam foi inflexível nesse ponto. Ele lhe mostrou que devia convencer a Hawk totalmente de que desejava a Adam. Depois da intimidade incrível que ela e Hawk compartilharam, soube que teria que dizer coisas odiosas, horrendas para convencê-lo.

Ela estremeceu violentamente quando o polegar de Adam lhe acariciou o lábio inferior. Ela empurrou sua mão para longe, apesar de seu medo.

-Não me toque.

-Se eu pensasse por um momento que tentou dizer-lhe algo mais, regressaria e o mataria tão calmamente como estamos falando, Bela.

-Lhe dei o que queria, bastardo!- gritou Adrienne-. Todos em Dalkeith estão agora a salvo de você.

-Não me importa-. Adam encolheu os ombros indolentemente-. Ele morrerá, no entanto-. Adam arrastou suas rédeas e reassumiu sua passagem lenta sob os ramos sussurrantes.

-O que?- Adrienne protestou.

Adam sorriu astutamente.

-Pensei que poderia desfrutar de novo a rota cênica. Este caminho é um horário e nós mal passamos pelo ano 1857. É essa curvatura vislumbrada entre... as árvores... a falta de uma palavra melhor. Ele está morto faz mais de trezentos anos.

Um grito silencioso começou a construir dentro dela.

-Quem é você?

-Nos chamavam deuses- ele disse desapaixonadamente-. Faria bem em render-me culto.

-O verei no inferno primeiro- ela respirou.

-Não é possível, Bela. Nós não morreremos.

CAPÍTULO 31

Seattle

Novembro de 1997

Adrienne atirou seu braço para trás e fez voar o livro como um *frisbee*. Supunha-se que voaria pelo quarto e se chocaria com um golpe seco contra a parede. Ao contrário, deixou-se cair flacidamente e aterrizou no chão ao pé de sua cama.

Deu uma olhada ao volume com aversão e notou que caiu aberto numa página. Ela forçou os olhos para lê-la de seu assento ao pé da cama.

Sonhos que podiam simbolizar muitas coisas: *o sonhador se reprime emocionalmente. O penitência emocional e/ou físico se recomenda. Um sonho repetitivo desta natureza significa que o sonhador suportou uma experiência traumática da qual ele/ela deve encontrar algum tipo de libertação ou poderia ocorrer um sério dano psicológico.*

Um sinal do céu.

Adrienne engoliu um riso afogado que se converteu num soluço. Quem escrevia esse material?

Fez balançar no ar o pé nu em cima da cama e fechou o livro com os dedos dos pés. *1001 Pequenos Sonhos*. Que raro. Nem sequer soube que tinha esse livro em sua biblioteca. Mais raro ainda, que ela estava sonhando com *toilettes* durante dez noites seguidas. Nenhuma coisa mais. Só descansar sobre cômodas transbordantes de toalhas.

Encantador.

Mas não tinha que bater na própria cabeça com um guia dos sonhos. Ela sabia o que estava errado com ela. Fazia quinze dias, tinha se materializado repousando na casa victoriana do 93 da Coattail Lane, Seattle, Estados Unidos de América.

E não falara desde então com uma só alma. Cada bocado de energia que tinha a utilizava para manter sua calma, seu equilíbrio. Os olhos secos. Com a morte por dentro. Sabia com certeza que se revelasse uma lágrima diminuta inclusive no canto seco de seu olho, não poderia fazer-se responsável pelas inundações que poderiam causar evacuações em massa ao longo do estado.

Ela coçou com firmeza o couro cabeludo, com uma mão pequena, quando acariciou de forma imperturbável as sedosas costas de *Moonie*. Tocou o nariz rosa de *Moonie* num movimento seguro, econômico. Ninguém sonha com cômodas no mundo felino, Adrienne refletiu quando *Moonie* encrespou suas patas em seu cabelo e começou o ressonar de um pequeno ronroneio.

Foram os miados famintos de *Moonie* o que a acordaram na cama. Adrienne levantou seu corpo dolorido debaixo dos cobertores e foi devagar à cozinha.

Deus, sentia-se com quinhentos anos, com uma dor da cabeça aos dedos dos pés, com uma dor no coração que sabia nunca se curaria.

Lentamente Adrienne abriu uma lata de atum. *Atum* branco. Só o melhor para *Moonie*. Deixou-se cair no solo e empurrou irritada a mão que empurrou um livro diante dela.

-Vá embora, Marie, preciso ficar sozinha -. Adrienne se maravilhou com os redemoinhos pálidos de cal nos azulejos verde jade do chão da cozinha, e se perguntou por que nunca os havia notado antes. Esfregou ligeiramente um dos redemoinhos. O azulejo de ardósia podia ser tão interessante. Finalizado a mão, de fato.

-É o livro que deixou cair- disse Marie em seu acento grosso.

Adrienne não se moveu. O livro acariciou sua face. Céus, mas a mulher era insistente. O canto afiado do livro atitou a parte inferior suave de seu pescoço. Provavelmente outro livro de sonhos tontos. Bem, simplesmente não o olharia.

-Deixa de empurrar-me-. Adrienne tomou o livro cegamente, os olhos fechados-. Vá agora- ela balbuciou. Isso. Não estava tão mau. Ela se aplaudiu por realizar uma função simples com precisão. Nenhuma lágrima. Nenhum pensamento sobre... a coisa na qual ela não estava pensando. Adrienne tomou uma respiração profunda e forçou um sorriso austero, firme.

Ficaria bem. As coisas pequenas agora, as coisas grandes depois.

-Eu lhe trarei um pouco de chá- disse Marie.

O estômago de Adrienne se retorceu com esforço.

-Não.

-Então, eu faço o jantar para a senhorita.

-Não tenho fome. Vá embora.

-Bem. Levarei as coisas para a garagem- grunhiu Marie.

Levar as coisas? Deixar a casa?

-Não!- Adrienne controlou sua voz com um tremendo esforço-. Quero dizer, isso não é necessário, Marie. Deus sabe que esta velha casa é bastante grande para nós duas.

-Isso não é bom. Não é bom para você. Regresso agora à garagem-. Marie a olhou cuidadosamente. Adrienne suspirou. Marie simplesmente tinha que ficar na casa: não poderia resistir ao silêncio grande, dolorido, dos quartos vazios. O zumbido do refrigerador poderia deixá-la louca.

-Marie, não quero que se vá. Realmente quero que fique com... - Adrienne abriu os olhos, sua voz entrecortada quando olhou fixamente, com horror, o livro em suas mãos. *Um Estudo da Falconídea Medieval*.

Permaneça firme!

Voaria para mim, doce falcão? Eu a levarei mais alto do que tenha estado alguma vez. Lhe ensinarei a amontoar alturas que só sonhou que existiam.

Ele certamente cumpriu essa promessa. E agora ela estava caindo dessas alturas incríveis sem pára-quedas, ou um guarda-chuva de Mary Poppins, ou nada mais para amortecer a queda. Adrienne de Simone Douglas apertou seus braços ao redor de seu estômago e começou a gritar.

A diminuta mulher cubana se deixou cair de joelhos e muito cuidadosamente puxou Adrienne para seus braços. Então a embalou, acariciou seu cabelo, e fez o melhor para confortá-la.

Durante dias e dias, Adrienne deitou-se de costas repassando cada memória preciosa na sombra pálida de seu teto. Cobriu-se firmemente com os cobertores e apagou todas as luzes. Ela não podia resistir ao mundo brilhando sem ele.

Marie moveu-se dentro e fora, trazendo comida e bebida que permaneciam intactas, e *Moonie* ficou incessantemente a seu lado.

Adrienne flutuou dentro e fora da consciência, quando sua mente se enfrentava com uma dor demasiado profunda de manejar. No futuro ela regressaria à vida, mas precisava fazer um longo caminho antes.

Nas areias de sílice reluzentes de Morar, Adam Black passeava com graça arrogante ao lado de sua Rainha.

-Onde tem estado vagando, meu trovador?- a Rainha Aoibheal perguntou sedosamente-. Que novos contos e entretenimentos colecionou para mim?

-Oh, o mais fino dos contos! Uma heróica, grande aventura- gabou-se Adam, olhando aos elegantes cortesãos acercarem-se.

Os *Fae* amavam as boas histórias, o melhor dos subterfúgios, as mais intensas paixões. Estavam cansados dos finais felizes; imunes aos sofrimentos eles mesmos, estavam apaixonados pelos mortais com seus problemas e acidentes. A Rainha sobretudo adorava as tragicomédias de erros, e este novo conto satisfazia bem esse gênero.

-Diga-nos, Piadista, canta e toca para nós!- gritou a corte do *Tuatha De Danaan*.

O sorriso de Adam resplandeceu brilhantemente. Encontrou o olhar de sua Rainha e o sustentou longamente.

-Era uma vez um homem mortal. Um homem tão belo que inclusive a Rainha dos *Fae* o tinha notado...

Os olhos da Rainha reluziram brilhantemente quando escutou, ao princípio com diversão, depois de um tempo com agitação óbvia, e finalmente com uma sensação que vagamente se parecia com arrependimento.

CAPÍTULO 32

Lydia suspirou enquanto escolhia suas sementes. O novo ano passara pouco a pouco, como se viajasse nas costas importunadas de um caracol. Ela não queria recordar sequer a cena austera que fora o Natal. O inverno desceu com força em Dalkeith: os sinelos⁶ se retorciam obscenamente nas janelas, e a maldita porta da frente se congelou nessa manhã, selando-a eficazmente em sua própria casa.

Lydia podia recordar um tempo quando amara o inverno. Quando desfrutara de cada estação e dos prazeres únicos que trazia. O Natal fora uma vez sua festa favorita. Mas agora... sentia saudades de Adrian e Ilyse. *Venham para casa, meninos. Preciso de vocês*, orou silenciosamente.

O som do estilhaçar da madeira de repente rompeu o ar, fazendo com que se levantasse num gesto involuntário que fez suas preciosas sementes voarem em todas direções.

Malditos desconsiderados por cortar a lenha justo fora da janela.

Lydia empurrou irritada seu cabelo e começou a reorganizar as sementes espalhadas. Sonhou com as flores que plantaria, se alguma vez regressasse a primavera novamente.

Outra queda seca se estremeceu através do grande hall. Ela afogou o mesmo juramento impróprio de uma dama e pôs suas sementes de lado.

-Cuidado aí fora! Alguém está tentando pensar um pouco!- gritou.

No entanto as quedas ensurdecedoras continuaram.

-Não precisamos de toda essa lenha, rapazes!- Lydia rugiu à porta gelada.

Suas palavras se reuniram com um ruído terrível.

-Isso é. Isso é!- Ela se levantou de um salto da cadeira, fervendo. O último não parecera vir de cima...

Ela ergueu sua cabeça num ângulo adequado.

Alguém decidiu que fazia muito frio lá fora e cortava lenha, ou então realmente estava convertendo diligentemente o mobiliário em combustível.

A queda foi seguida do estilhaçamento de vidros.

-Santa merda!- Lydia murmurou, como encantadora sua nora teria dito muito bravamente. Ela girou sobre seus calcanhares, agarrando suas saias, e correu pelos degraus como uma garota de vinte anos. Com a mão sobre o coração, voou pelo corredor deixando atrás às assombradas criadas e os tensos soldados. Quantas pessoas permaneciam escutando essa destruição demente enquanto ela esteve sentada lá embaixo?

Não *a creche*, ela orou, *qualquer coisa menos isso...*

Seu filho nunca destruiria esse quarto de sonhos. Admitia, ele estava um pouco fora de si, mas no entanto... Não. Ele não faria algo tão terrivelmente definitivo. Não seu filho.

Por todos os santos, sim que o faria. E o tinha feito.

Sua respiração se converteu em sufocos ardentes quando ela olhou fixamente, emudecida. Seu filho estava de pé na creche, rodeado por um monte retorcido de pedaços de madeira rompidos horrendamente. Estava destruindo os móveis amorosamente construídos. Estava vestido só com um *kilt*, seu corpo brilhando de suor. As veias em seus braços estavam torcidas e suas mãos estavam arranhadas e ensangüentadas. Seu cabelo da cor do corvo estava solto, mas com duas tranças de guerra sobre as têmporas. *Pelos santos doces, simplesmente pintaria seu rosto de azul e eu não o conheceria nem sequer como meu filho!*, pensou Lydia.

⁶ Os sinelos são acumulações de gelo que se formam em objetos (Nota da tradutora).

Hawk estava de pé silenciosamente, com um olhar selvagem. Havia uma mancha de sangue em seu rosto onde ele limpou o suor. Lydia o olhou, gelada de horror, quando ele inclinou uma recipiente de azeite e jogou seu conteúdo em cima das lascas do mobiliário, os brinquedos e livros, a magnífica casa de bonecas que demoliu no piso em sua raiva gigantesca.

Quando ele deixou cair a vela, um grito suave saiu de sua boca aberta.

Num salto de chamas, o fogo foi devorando avidamente o monte de acalentados sonhos de Hawk e Lydia. Agitada com dor e fúria, Lydia apertou uma mão contra sua boca e engoliu um soluço. Ela retrocedeu antes de que o animal que era seu filho pudesse ver suas lágrimas.

-Temos que fazer algo- murmurou Lydia suavemente, olhando fixo a lareira da cozinha, inexpressiva.

Tavis se acercou por trás dela, suas mãos suspensas no ar justo à altura da cintura da mulher. Deixou cair sua cabeça para frente e inalou profundamente seu cheiro.

-Falarei com ele, Lydia.

-Ele não escutará- se oprimiu ela quando se voltou-. Tentei. Querido Deus, tentamos tudo. Está como um cão raivoso, grunhindo e espumando e oh, Tavis! Minha creche! Meus netos!

-Eu não tentei ainda- disse Tavis serenamente e deixou cair suas mãos para agarrar sua cintura.

Lydia ergueu sua cabeça e se admirou com a autoridade implícita em suas palavras. Ele conseguiu surpreendê-la uma vez mais, esse homem terno que permaneceu pacientemente tanto tempo a seu lado.

-Falará com ele?- ela se fez eco esperançosamente, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

-Sim- ele lhe assegurou.

Força e habilidade se entrelaçavam em sua contestação. Como podia ter demorado tanto tempo para começar a ver a esse homem claramente?

Um pouco de seu assombro devia ter sido evidente em seu olhar, porque ele lhe brindou esse sorriso paciente e disse ternamente.

-Sabia que um dia finalmente abriria seus olhos, Lydia. Também soube que valeriam a pena todos os minutos da espera- acrescentou simplesmente.

Lydia engoliu secamente, com uma ranhura de calor e esperança e amor temerário, tumultuoso, estendendo-se através dela numa onda. Amor. Quanto tempo esteve ela apaixonada desse homem?, perguntou-se silenciosamente.

Tavis acariciou seus lábios com os seus, uma fricção ligeira que prometia bem mais.

-Não se preocupe. Quero-o como se fosse meu, Lydia. E, como se ele fosse meu, este é o momento de ter uma completa conversa de pai para filho.

-Mas o que ele se nega a escutar?- ela se preocupou.

Tavis sorriu.

-Ele escutará. Pode tomar a palavra de Tavis MacTarvitt nisso, direi.

Hawk contemplava o fogo, olhando os fantasmas dançarem brancamente nos espaços entre as chamas. Nasciam em sua memória e se queimavam no inferno, certamente como ele mesmo. Mas o purgatório -se não o céu- estava a seu alcance, perfeitamente capturado numa garrafa, onde ele afogava os fantasmas quando precisava do esquecimento.

Pegou outra garrafa de whisky e a envolveu em sua mão, estudando sua rica cor ambarina com apreciação ébria. Levantou a garrafa até seus lábios, pousando a mão sobre o pescoço, e sacando a tampa. Brevemente, recordou-se mordendo para sacar a tampa de uma poção cigana. Recordou-se cobrindo o corpo de sua esposa com o seu próprio e saboreando, tocando, beijando... Ele havia sido então o bastante tonto para se acreditar apaixonado.

Bah! Adam! Sempre havia sido ele. Desde o primeiro dia que ele a viu. Ela estava apertada contra o tronco de uma árvore, olhando ao maldito ferreiro com fome nos olhos. Serviu-se de novo de uma dose de whisky e considerou regressar à Corte. Regressar ao Rei James.

Um sorriso amargo curvou seus lábios. Mas enquanto se imaginou rondando os toucadores de Edimburgo de novo, outra parte de sua mente recordou as colunas de espesso vapor subindo de um banho perfumado, o lustre de azeite em sua pele quando ela jogou sua cabeça para trás e desnudou a coluna encantadora de sua garganta a seus dentes. Desnudando tudo para ele, ou isso era o que havia pensado.

Adrienne... Falsa, traidora, mentirosa, cadela infiel.

-Põe-me agora na cova e tudo estará feito- murmurou ao fogo. Nem sequer reagiu quando a porta do estúdio foi aberta tão bruscamente que chocou-se contra a parede-. Feche a porta, homem. Essa brisa gelada esfria meus ossos, aqui é...- Hawk se interrompeu inseguramente, sem inclusive preocupar-se em ver quem invadiu a magreza ébria de seu inferno privado. Inclinou, de novo, a garrafa a sua boca e tomou um longo trago.

Tavis cruzou o quarto em três passos longos, determinados, e tirou a garrafa da mão de Hawk com tal força, que a despedaçou, numa salpicadura de vidro e whisky, nas pedras lisas da lareira. Ele olhou fixamente para Tavis por um aturdido instante, então alcançou, impassível, uma segunda garrafa.

Tavis se colocou entre Hawk e o licor.

-Fora de meu caminho, velho- grunhiu Hawk, enrijecendo-se para levantar-se. Mal se pôs de pé quando o punho de Tavis se conectou solidamente com sua mandíbula e o jogou de novo na cadeira.

Hawk limpou sua boca com o dorso da mão e olhou para Tavis.

-Por que não vai embora, Tavis MacTarvitt?- resmungou ele, sem fazer nenhum movimento para defender-se.

-Não me importa se faz de você mesmo um maldito inferno, *laird*- Tavis sorriu com desprezo-. Simplesmente tira esse inferno deste castelo e não o faça adiante de sua mãe.

-Quem infernos pensa que é?

-Sei quem sou! Sou o homem que o viu crescer de criança até ser um bravo *laird*. Sou o homem que arrebou de orgulho enquanto o viu escolher entre algumas duras opções -. A voz de Tavis se deixou cair num tom áspero-. Sim, eu sou justamente o homem que o amou desde o dia que fez sua primeira respiração faminta neste mundo. E agora eu sou o homem que vai açoitá-lo até o último centímetro de sua vida sem valor se não consegue dominar-se.

Hawk abriu a boca, então sussurrou irritado para Tavis.

-Vá embora.

Ele fechou os olhos fadadamente.

-Oh, não me irei assim, meu rapaz- disse Tavis através dos dentes apertados-. Não se encaixa nem para ser o *laird* de uma pocilga. É óbvio que não tem nenhuma intenção de sair disso por si mesmo, mas até que o faça, pode tirar simplesmente este maldito inferno do castelo de Lydia. Agora! Enviarei uma mensagem a Adrian e o trarei para casa. Ele será um bom *laird*.

Os olhos de Hawk se abriram.

-Só por cima de meu cadáver- rosnou ele.

-Bem. Assim seja- Tavis cuspiu a sua vez-. É inútil para qualquer coisa, estando como está agora, no entanto. Também pode cair sobre seu próprio *claymore*⁷ por tudo de bom que faz a sua gente!

-Sou o *laird* aqui!- gritou Hawk, os olhos brilhando furiosamente-. E você... você, velho... oh, infernos, saia-. Ainda que ele pensou -quando ainda tinha a sua esposa- abandonar seu lugar para Adrian, fazia um condenado frio lá fora e ele não ia a parte alguma ainda. Talvez pela primavera, se não estivesse afogado em whisky ainda.

Tavis levantou a Hawk de um puxão, num movimento veloz, surpreendendo ao *laird* ébrio.

-Muito bom para um velho- murmurou Hawk. Tavis atirou Hawk tropeçando muito próximo do escritório.

-Deixe-me!- bradou Hawk.

-Esperava mais de você, rapaz. Devo ser um estúpido, mas pensei que era o tipo de homem que lutava pelo que queria. Mas não, caiu de cara ante uma pequena pitada de adversidade.

-Och, e que minha esposa me tenha deixado por outro homem é só um pequena pitada de adversidade? Assim é como o chama?- respondeu Hawk densamente, seu zumbido afundando-se com sua fúria.

-Sem importar como percebe o que passou, ainda tem uma família aqui, e um clã que precisa do seu *laird*. Se não pode fazer o trabalho, então afaste-se para um lado para alguém que possa!

-Quem infernos o pôs a cargo de mim?- rugiu Hawk.

O próprio zumbido de Tavis se espessou quando seu temperamento começou a arder.

-Sua mãe, idiota consumado! E ainda que ela não me dissesse, teria vindo trás de você! Pode estar matando-se, rapaz, mas não pensa que está torturando a Lydia enquanto o está!

-Tudo o que faço, velho, é beber um pouco- Hawk protestou.

-Tem estado "*bebendo um pouco*" durante um mês. Eu, pelo menos, estou cansado de vigiar se bebe até a morte. Se não pode soltar a garrafa, então simplesmente leve o inferno fora. Vá para a noite, longe, numa nevasca de neve, onde as pessoas que o amam não estão obrigadas a vê-lo.

Tavis deu um pontapé para abrir as portas e jogou Hawk tropeçando de cara na neve.

-E não regresse até que possa ser bom para sua mãe! Quando estiver pronto para ser de novo o *laird*, e tenha deixado a garrafa, pode voltar. Mas não até então!- rugiu Tavis quando Hawk se esforçou para tirar sua cabeça de uma montanha de neve.

Quando Hawk conseguiu, esforçando-se, finalmente para levantar-se, resfolegou incrédulo quando viu ao homem que acreditou como de boas maneiras, enviar aos próprios guardas de Hawk para custodiar a porta, os braços cruzados claramente, negando-lhe a entrada a seu próprio castelo.

-Simplesmente passa fora!- bradou Tavis com tal volume que Hawk o ouviu através das portas de madeira do castelo.

Adrienne não compreendeu quão completamente odiava o inverno.

A cara pálida do relógio sobre a toalha de mesa soou uma vez, duas vezes, e depois permaneceu em silêncio. As duas da manhã; um tempo no qual estar desperto podia fazer a uma pessoa sentir-se como a única criatura viva no mundo. E Adrienne se sentia dessa maneira, até que Marie silenciosamente entrou na biblioteca. Adrienne a olhou e abriu a boca para dizer *boa noite*, mas ao contrário um dilúvio de palavras saiu fora apesar do dique que construiu tão cuidadosamente.

Marie se envolveu numa poltrona e acomodou um cobertor afegão sobre seu regaço.

Adrienne atçou o fogo e abriu uma garrafa de porto doce enquanto lhe contava uma história que nunca contou a ninguém. A história da moça órfã que pensou ter se apaixonado por um príncipe, só para descobrir que Eberhard Darrow Garrett havia sido o príncipe do crime organizado e que esteve enviando-a em férias para passar drogas pela fronteira em sua bagagem, dentro de seu automóvel, costurado em sua roupa.

E como ela, que sempre foi mimada, empacotada e desempacotada por seus empregados, não o sabia. Simplesmente desfrutava levando seu incrível anel de compromisso com um diamante de dez quilates, subindo em suas limusines, e levantando o nariz ante as freiras franciscanas do velho orfanato da Rua Primeira. Como não soube que o FBI esteve

⁷ Claymore: espada escocesa. (Nota da tradutora).

delineando sua rede ao redor dele cada vez mais estreitamente. Ela só viu que um rico, indiscutivelmente homem atraente estava transbordando de amor sobre ela, ou isso era o que pensou naquele momento. Não teve nenhuma idéia de que ela era um esforço de último momento para tirar uma série de embarques do país. Nunca suspeitou que era menos do que nada para ele: uma mulher jovem, formosa, inocente, da que ninguém suspeitaria nunca. Sua pomba perfeita.

Até o dia em que ouviu por acaso uma conversa terrível, que desejou nunca ter ouvido.

Disse a Marie numa voz fraca como ela se tornou evidência do Estado e isso lhe garantiu sua própria liberdade. E então como Eberhard, a quem o FBI conseguiu perder depois de tudo, foi atrás dela a sério.

Marie bebeu a goles seu porto e escutou.

Adrienne lhe disse como, quando foi pega finalmente por ele num velho armazém abandonado, cansada de correr, de esconder-se e de estar assustada, ela fez a única coisa que podia fazer quando ele levantou sua arma.

Matou-o antes que ele pudesse matá-la.

Nesse ponto, Marie agitou uma mão impaciente.

-Essa não é a história real. Por que me diz isto?- perguntou ela, acusadoramente.

Adrienne pestanejou. Disse à mulher o que teve medo de contar a qualquer outra pessoa. Que ela havia matado a um homem. O fez em defesa própria, concedeu, mas havia matado a um homem. Disse dito a Marie coisas que nunca confiou a ninguém antes, e a mulher o descartou. Mais ainda: acusou-a de perder seu tempo.

-O que quer dizer, Marie? É a verdade- disse ela na defensiva-. Passou. Eu estava ali.

Marie procurou intensamente através de seu escasso inglês para encontrar as palavras corretas.

-Sim, sim, senhorita. Pode ser que seja verdade, mas não importante. Está acabado e esquecido. E não é por isso que chora como se fosse acabar o mundo. Conte-me a história real. Quem se preocupa de onde vem, ou de onde venho eu? Hoje somos iguais. Ontem é o pele de uma serpente, que pode ser solta muitas vezes.

Adrienne permaneceu sentada por um longo momento, enquanto um arrepio caminhou por sua espinha e em seu ventre. O relógio do vestibulo tocou um quarto de hora e Adrienne olhou para Marie com uma nova apreciação.

Respirando profundamente, Adrienne lhe contou de Dalkeith-Upon-the-Sea. De Lydia. E de Sidheach. Os olhos castanhos de Marie se acenderam com uma chispa, e Adrienne a convidou com uma rara visão que apostaria poucas pessoas tinham visto alguma vez. A diminuta mulher de pele azeitonada riu e a aplaudiu com suas mãos pequenas ao ouvir falar de seu amor e de seu tempo com Hawk. Se maravilhou com os detalhes, com seus ohhhh sobre a creche, franzindo o cenho ao ouvir dizer muitas vezes o nome de Adam, corando com seus ahhhh seu tempo juntos em Uster, suspirando pelo casamento que deveria ter sido.

-Ah... finalmente... esta é a história real-. Marie assentiu.

Em 1514, Hawk estava tentando dormir desesperadamente. Ele ouviu que um homem podia congelar-se até a morte se dormisse na neve. Mas ou o condenado frio não sabia muito disso ou ele não havia bebido o bastante realmente. Mas poderia remediar isso. Estremecendo-se, se arrumou melhor com seu *kilt* contra o vento amargo, uivador. Tropeçando, balançou-se irregularmente nos degraus exteriores para a sacada, sabendo que com frequência os guardas guardavam umas garrafas ali para mantê-los quentes enquanto vigiavam.

Não teve sorte. Nenhuma garrafa e nenhum guarda. Como podia tê-lo esquecido? Os guardas estavam dentro, onde estava quente. Ele era o único lá fora. Dando pontapés agressivamente à neve na sacada, enrijeceu-se quando uma sombra se desenhava, negra contra a neve brilhante. Ele entreceitou os olhos e observou através dos revoltos flocos úmidos.

-Que infernos está fazendo aqui, Grimm?

Grimm reticentemente abandonou seu estudo persistente do crepúsculo. Estava a ponto de explicar quando viu o rosto de Hawk e resolveu guardar silêncio.

-Diga. O que está fazendo aqui, Grimm? Me disseram que praticamente vive em minha sacada agora.

Repentinamente furioso, Grimm replicou:

-E a mim me dizem que praticamente vive numa garrafa de whisky agora.

Hawk se enrijeceu e esfregou sua mandíbula sem barbear.

-Não grite comigo, filho de uma cadela! É quem mentiu pra mim sobre meu...- Ele não podia dizer a palavra. Não podia pensá-la sequer. Sua esposa, sobre quem Grimm teve razão. Sua esposa, que o deixou por Adam.

-É tão incrivelmente obtuso que não pode ver a verdade nem sequer quando está bem na sua frente, não é verdade?- espetou Grimm.

Hawk pensou ebriamente: Deus, onde ouviu essas palavras antes? Por que fizeram que seu coração se cambaleasse dentro de seu peito?

-O que está fazendo aqui, Grimm?- repetiu obstinadamente, apertando-se ao parapeito para manter-se em pé.

-Esperando uma maldita estrela cadente para desejar seu regresso, estúpido bêbado.

-Eu não quero que regresses- grunhiu Hawk.

Grimm resmungou.

-Posso ter dado uma mancada uma vez, mas não sou o único que permitiu a suas emoções interferir. Se simplesmente deixasse de lado o seu orgulho tonto e a sua cólera, compreenderia que a garota nunca o teria deixado de boa vontade pelo maldito ferreiro!

Hawk retrocedeu e esfregou seu rosto.

-O que diz, homem?

Grimm encolheu os ombros e retrocedeu, seus olhos escuros pesquisando intensamente o céu.

-Quando pensei que ela estava rompendo seu coração, tentei manter-me afastado de vocês. Foi uma maldita e tonta coisa a que fiz, sei agora, mas fiz o que pensei era melhor naquele momento. Como infernos ia supor que vocês dois estavam apaixonados? Eu não tive essa experiência. Me parecia uma maldita batalha! Mas agora, pensando nisso, estou seguro de que ela o amou desde o princípio. Todos nós podíamos vê-lo com clareza. Se arrancasse a sua cabeça por tempo suficiente dessa garrafa e o seu próprio traseiro teimoso, poderia desenvolver essa visão perspicaz também.

-Ela-disse-que-amava-ao-ferreiro- Hawk cuspiu cada palavra cuidadosamente.

-Ela disse, se recordar, que ela o amava igual que a Ever-hard. Diga-me Hawk, como amou ela a seu Ever-hard?

-Não sei- grunhiu Hawk.

-Tente imaginá-lo. Me lhe disse que ele rompeu seu coração. Que ela falou dele enquanto a sustentou em...

-Cale-se, Grimm!- rugiu Hawk quando se afastou na noite.

Hawk vagou pelos jardins cobertos de neve com as mãos apertadas sobre suas orelhas para prevenir o dilúvio de vozes. Só tirou suas mãos o suficiente para tomar outro trago da garrafa que furtou do rapaz dos estábulos. Mas o esquecimento nunca chegava, e as vozes não se detinham; simplesmente cresceram mais claras e ruidosas.

Eu te amo, Sidheach. Confiar em você, Sidheach? Com todo meu coração e mais além.

Nenhum de meus falcões voou de minha mão alguma vez sem voltar, tinha-a advertido no princípio desse mágico verão.

Tinha razão sobre os seus falcões, Sidheach, ela disse quando partiu com Adam. Ele se perguntou uma noite por que teria dito essas palavras; não faziam absolutamente nenhum sentido. Mas agora uma indireta de compreensão penetrou em seu estupor.

Tinha razão sobre os seus falcões...

Seus próprios ciúmes e insegurança sobre o ferreiro turvaram sua visão?

Nenhum de meus falcões voou de minha mão...

Hawk caminhou cambaleando-se quando um pensamento terrível lhe ocorreu.

O dia de seu casamento, ela ficou longe dela por mais de duas horas. Ele não podia encontrá-la. Então ela saiu apressadamente do *broch*. Ele quis regressá-la à doce frescura para fazer-lhe amor e ela o dirigiu cuidadosa e determinadamente para longe. Foram, então, ao estábulo.

O que esteve fazendo ela no maldito *broch* no seu dia de casamento?

Ele correu através do jardim gelado e saltou a parede de pedra baixa, correndo através da muralha. Abriu inesperadamente a porta do *broch* e parou no meio, abrindo a boca em grandes respirações para encher seus pulmões. Estava muito escuro com a caída da noite. Voltou para fora e abriu as persianas. Não era muita luz, mas talvez fosse suficiente.

Hawk permaneceu no centro da torre redonda, as recordações dando cambalhotas ao redor dele. Pouco a pouco seus olhos se ajustaram à escuridão. *O que estava tentando me dizer, garota?*

Sua mente girou enquanto os olhos pesquisaram o chão, o teto, as paredes...

Ali.

Ele cruzou para a parede diretamente em frente à porta, e ali estava, em letras diminutas. Escrito na parede escura com pálido calcário branco.

Nenhum de seus falcões voou, meu amor, de boa vontade. Sempre tua! A.D.S.D.

Uma fissura diminuta saltou no dique que deteve sua angústia e soltou uma pequena gota de dor que não se deteve. Ela tentou dizer-lhe... *Ele não usa nenhuma ameaça contra mim,* disse. Mas o ferreiro usou obviamente algum tipo de ameaça contra alguém ou algo que Adrienne amava mais do que queria a sua própria felicidade.

Como não podia ter imaginado antes? Que sua amada esposa teria sacrificado tudo para manter Dalkeith a salvo, bem como ele havia feito. Que o seu era um amor tão profundo, tão altruísta, que ela teria atravessado o inferno e regressado a ele para proteger o que amava.

Hawk gemeu alto quando as recordações giraram através de sua mente. Adrienne banhando-se com ele num fresco ribeirão em seu retorno de Uster, e a reverência simples em seus olhos quando vistoriou a paisagem selvagem da Escócia. Os olhos de Adrienne que brilhavam cada vez que contemplava as paredes de pedra de Dalkeith. A ternura de Adrienne e seu coração manso escondidos cuidadosamente por trás de sua fachada distante.

O ferreiro bastardo devia tê-la encontrado no *broch*, ou talvez a arrastou ali. Adam a ameaçou obviamente com usar seus poderes estranhos para destruir Dalkeith, e Adrienne teria feito qualquer coisa que ele pedira para evitar isso. Ou era a ele, Hawk, a quem Adam ameaçou destruir? Esse pensamento o afundou numa raiva ainda mais profunda. Por isso, sua esposa se sacrificara para protegê-lo e lhe deixou uma mensagem amorosa para permitir-lhe saber o que não podia arriscar-se a dizer-lhe. Que sempre o amaria. Suas palavras estranhas foram selecionadas cuidadosamente para fazê-lo perguntar-se por que ela as havia dito. Para fazer-lhe ir ao *broch* dos falcões e dar uma olhada ao redor. Ela não podia arriscar-se sendo mais explícita por temor de que Adam cumprisse sua ameaça.

Ela devia ter escrito essas palavras só momentos antes de que ele a encontrasse no dia do casamento. Sabendo que tinha que o deixar para mantê-lo seguro, ela quis uma última coisa: que ele mantivesse sua fé nela.

Mas ele não tivera. Rugira como um animal ferido, acreditando rapidamente no pior.

Ele engoliu a bílis amarga de sua vergonha. Ela nunca deixara de amá-lo. Ela nunca o deixaria de boa vontade. Um pequeno consolo agora.

Como podia duvidar dela alguma vez, inclusive durante um minuto?

Deixou a garrafa cair de suas mãos com um golpe. Sidheach James Lyon Douglas, o homem mais formoso e amante renomado de três continentes, que poderia ser invejado pelos mesmos *Fae*, caiu de joelhos sobre o chão, sem poder sentar-se sequer. No entanto as lágrimas quase se gelaram em suas faces antes de cair à terra.

Horas depois, Hawk iniciou sua ascensão lenta e sóbria de novo até a sacada e se sentou pesadamente ao lado de Grimm. Como se sua conversa de mais cedo nunca houvesse sido interrompida, ele disse:

-Ever-hard... Ela disse que ele a usou como a uma estúpida, e chorou.

Grimm contemplou a seu melhor amigo e quase gritou de alívio. Os selvagens olhos negros eram principalmente sensatos novamente. As rachaduras, quebradiças peças de seu coração já não o faziam pender no ar pela manga. Tinha um vislumbre da determinação e força do velho Hawk em seu rosto, mas apenas um vislumbre era um bom começo.

-Hawk, meu amigo, não há um homem, mulher ou menino em Dalkeith que acredite que ela o deixou de boa vontade. Ou eu posso ficar aqui e posso gelar meu traseiro tentando encontrar uma estrela cadente, ou pode fazer algo sobre isso. Eu -e as minhas geladas partes inferiores- lhe agradeceríamos certamente. Como todos em Dalkeith. Faça algo, homem.

Hawk fechou os olhos e fez uma profunda, estremecedora respiração.

-Como o que? Você os viu desaparecer no ar. Não sei sequer onde começar.

Grimm apontou para o cume fumegante da Montanha de Bhir em silêncio, e Hawk assentiu devagar.

-Si. Os *Rom*.

Grimm e Hawk passaram um momento olhando fixamente, em silêncio, as revoltas dos nevoeiros acinzentados.

-Hawk?

-Hummm?

-Nós a traremos de volta para casa- prometeu Grimm.

CAPÍTULO 33

Levou mais de um mês de frustrantes pesquisas para encontrar aos *Rom*. Eles haviam se mudado para climas mais calorosos durante o inverno. Foi Grimm quem finalmente os achou e devolveu Rushka a Dalkeith. Sem conhecimento de Hawk, recuperar Adrienne se tornou a penitência pessoal de Grimm, e encontrar aos *Rom* foi um passo menor em seu caminho.

-Quem é Adam Black realmente?- perguntou Hawk.

Todos os que se reuniram no Grande Hall se fizeram a mesma pergunta alguma vez durante a estadia do estranho ferreiro, e todos se inclinaram mais perto para ouvir a resposta.

-Vocês os Highlanders chamam a sua gente *daoine sith*. Adam é o Piadista das fadas. O piadista na Corte da Rainha das Fadas-. Rushka suspirou e passou as mãos angustiadas através de seu cabelo cor de prata.

-Fadas- Grimm se fez eco cuidadosamente.

-Oh, não vai conseguir me assustar, Grimm Roderick-. Rushka espetou-. Você mesmo ouviu à *banshee* na noite em que a sua gente foi assassinada. Viu o feijão *nighe*, a lavadeira esfregando o vestido ensanguentado de sua mãe antes de que ela morresse. Simplesmente me faz perguntar-me sobre quais outras coisas que viu e não deu depoimento-. Rushka se interrompeu abruptamente e agitou sua cabeça. -Mas isso não está aqui nem ali. O simples fato é que as Fadas habitam nestas ilhas. Em consequência, eles estão desde muito tempo antes de que nós viéssemos, e continuarão aqui provavelmente depois de que nós nos tenhamos ido.

-Eu sempre acreditei- disse Lydia suavemente.

Hawk caminhou inquietamente perto do fogo. Ele cresceu ouvindo as lendas das Fadas, e o fada piadista -o pecador *siriche du*-, era o mais perigoso de todos.

-Diga-me como vencê-lo, Rushka. Diga-me tudo o que há para saber.

Conservar as impressões do passado era um feito assombroso de memória, e não eram todos os *Rom* que podiam manter arquivos tão exaustivos em suas cabeças. Mas Rushka era um dos melhores guardiões da sabedoria, e era venerado por poder recitar os contos antigos palavra por palavra: as palavras de seu pai, e do pai de seu pai antes que ele até cinquenta gerações atrás.

-Se me disse como segue-. Rushka tomou uma profunda inspiração e começou:- Há duas maneiras de seguras de se ficar ante um *Fae*. Um é reclamar o juramento da Rainha no Pacto dos *Tuatha De Danaan*. Isso é quase impossível de obter porque ela raramente se preocupa com os sofrimentos dos mortais. O outro é invocar o verdadeiro nome do fada com quem se está tratando. A pessoa deve pronunciar então corretamente o nome, na própria língua do ser, enquanto olha diretamente nos olhos do fada, e emitir uma ordem. Esta ordem deve ser explícita e completa, porque precisamente só se obedecerão essas palavras. Não há nenhum limite no tamanho da ordem, mas deve ser pronunciada para que seja irrompível, impossível de contradizer e eterna. A pessoa pode fazer uma pausa, mas nunca deve terminar uma frase até que a ordem inteira esteja completa. Se a ordem se rompe para reassumir qualquer conversa, a magnitude de obediência finaliza sem cumprir-se-. Rushka fez uma pausa por um instante para estudar o fogo. -Então pode ver, nossas histórias dizem que se olhar diretamente aos olhos enquanto o chama por seu verdadeiro nome, ele é seu para ordenar-lhe-. Rushka passeou inquietamente ante o fogo no grande hall.

-Qual é seu verdadeiro nome?

Rushka sorriu debilmente e esboçou vários símbolos na cinza do lar.

-Nós não o pronunciamos em voz alta. Mas ele é o *negro*, o *provocador do esquecimento*. Ele tem muitos outros nomes, mas é só este o que lhe concerne a você.

Hawk estava incrédulo. Se somente tivesse dito o nome de Adam em gaélico, ele o teria possuído.

-Tão simples, Rushka? Quer dizer que ele era tão arrogante e seguro de si que se chamou a si mesmo Adam Black?-. *Amadan Dubh*. Hawk fez eco do nome na solidão de sua mente. Literalmente traduzido significava Adam Black.

-Sim. Mas no entanto terá que o capturar, Hawk. Tem que o encontrar primeiro. Ele só pode ser comandado se está presente e profere seu nome enquanto o olha diretamente aos olhos. E dizem que seus olhos podem enviar a um homem rapidamente à loucura.

-Já estive ali- murmurou Hawk ausentemente. -Por que não me disse isso quando ele ainda estava aqui? Antes de que ele aprisionasse novamente Adrienne?

Rushka agitou sua cabeça.

-Teria acreditado em mim se lhe dissesse que esse Adam era de uma raça mística? Que nós acreditamos que ele trouxe à garota aqui para alguma vingança estranha? Lydia me disse que nem sequer acreditou que ela era do futuro até que você mesmo a viu desaparecer.

Os olhos de Hawk se nublaram e ele esfregou sua mandíbula com impaciência.

-É verdade- concedeu finalmente, de má vontade. -Mas poderia ter me advertido.

-O fiz, Hawk, recorda? Tanto como pude no dia do enterro de Zeldie.

Hawk assentiu sobriamente. Era verdade. E sua mente esteve tão cheia de pensamentos sobre sua esposa que ele pôs seus próprios desejos diante das advertências.

-Ademais, ainda quando eu pensasse que teria acreditado em mim, não lhe teria dito provavelmente. Compelir a um Fada é um último recurso: é uma coisa perigosa. Com o verdadeiro nome do Piadista pode compeli-lo só uma vez, e precisamente às palavras de sua lei. O Piadista só obedece exatamente o que diz. Se você disse: eu lhe ordeno que devolva Adrienne, ele teria que a trazer. Mas ela poderia estar morta, porque não especificou em que condição devia trazê-la.

Hawk atirou sua cabeça para trás e grunhiu um lamento de frustração.

Rushka continuou.

-Ou, se fosse dizer, '*Leve-me a ela*', ele o faria, mas poderia estar morto. Ou converte-lo num lagarto se o pensamento o atraísse. É uma coisa muito perigosa tentar compelir ao Piadista das fadas.

Hawk esfregou sua cara recém barbeada, refletindo enquanto observava as chamas e escutava intensamente quando Rushka continuou. Ele se abriu passo a passo, através do dilúvio de informações, escolhendo e escolhendo cuidadosamente. Podia fazer. Sim, podia. Quando Rushka finalmente calou, passaram um tempo em completo silêncio exceto pelo rangido do fogo da lareira.

-Se escolha tentá-lo, ainda temos um problema pequeno, meu amigo- advertiu Rushka.

-Qual?- perguntou Hawk ausente.

-Ele se foi. Como o encontrará? Conheci a homens que procuraram ao Fada lendário suas vidas inteiras, no entanto nunca viram mais do que um *kelpie* perdido, Hawk.

Hawk considerou isso por um momento, então sorriu.

-Egoísta, diz que é?

-Sim.

-Vaidoso, obviamente.

-Sim- Rushka confirmou.

-Inclinado a ataques de ira e travessura, era como acredito que disse.

-Sim.

-E pareceria que veio aqui estimulado por uma coisa tão humana como os ciúmes. De mim.

-Isso é verdade.

-Bueno. Então estou a ponto realmente de agitar seu sujo e pequeno mundo.

-Que tem em mente, Hawk?- perguntou Rushka, o rastro débil de um sorriso talhando-se em seu rosto ressequido.

Hawk sorriu abertamente e se levantou. Tinha trabalho a fazer.

Adrienne subiu correndo os degraus do 93 da Coattail Lane com mais energia do que teve em meses.

-Marie! Marie!- gritou quando passou através da porta e procurou à diminuta mulher cubana que se tornou mais do que sua caseira no último mês; ela era agora mais como uma mãe e uma querida amiga.

Adrienne lhe pediu secamente que passasse à casa com ela, e cautelosamente as duas estabeleceram os rituais encantadores de amizade; os chás noturnos, a manhã de conversas, o riso compartilhado e as lágrimas.

-Marie!-. Ela chamou novamente. Então, observando *Moonie*, levantou-a e girou à mimada gatinha ao redor do vestíbulo.

-Adrienne?-. Ela apareceu na porta, os olhos luminosos de esperança. Marie contemplou Adrienne por um momento cuidadoso; seu rosto brilhante, os olhos chispeantes. -Viu o doutor?

Adrienne mexeu sua cabeça e abraçou *Moonie* firmemente. O gato deu um resmungo indignado e se retorceu. Adrienne e Marie se olharam silenciosamente acima da cabeça do gatinho.

-E o doutor disse... - animou Marie.

-Tinha razão, Marie! É por isso que me sentia tão enferma. Terei um bebê de Hawk, Marie- exclamou Adrienne, incapaz de manter ocultas as notícias muito mais tempo. -Tenho o bebê de Hawk dentro de mim!

Marie aplaudiu com suas mãos e se riu deleitada. Adrienne se recuperaria com o tempo. Ter o bebê do homem que amava podia encher de esperança o coração de qualquer mulher.

Hawk contratou a cinquenta arpistas e bufões e lhes ensinou novas canções. Canções sobre o débil Piadista das fadas que foi afastado de Dalkeith-Upon-the-Sea pelo lendário Hawk. E sendo uma lenda em seu próprio tempo, a seus contos lhes concederam grande verdade e poder. Os músicos estavam encantados com a grandeza épica de semelhante conto selvagem.

Quando ensaiaram com perfeição os versos e estribilhos que retratavam a derrota do Piadista, Hawk os enviou aos condados da Escócia e da Inglaterra. Grimm acompanhou ao grupo de atores que viajavam a Edimburgo para ajudar ele mesmo a disseminar o conto, enquanto Hawk passava horas em vigia rabiscando, consertando e aperfeiçoando sua ordem para quando o Piadista aparecesse. As vezes, nas pequenas horas da manhã, alcançava seu jogo de estiletes afiados e facas e começava a talhar soldados de brinquedo e bonecas, um por um.

Na Ilha de Morar, a Rainha sufocou um riso delicado com uma mão diminuta quando notas da nova obra flutuaram pelo mar. Adam grunhiu.

O Piadista esteve deleitando-se durante meses sobre sua derrota de Hawk. Limpamente, ele disse ao Rei, e para que ninguém mais escutasse:

-Ele pode ter sido formoso, mas não era nenhum adversário para mim. Simplesmente um tonto rosto formoso.

O Rei ergueu uma sobancelha travessa, incapaz de resistir-se a ironizar o Piadista.

-Estúpido ele? Derrotado ele? Meu Piadista, parece que nós o nomeamos desta maneira corretamente. A lenda do Piadista das fadas simplesmente se voltou a escrever. Para toda a eternidade dos mortais a sua derrota será lembrada, não a dele.

O Piadista soltou um uivo gigante de raiva e desapareceu. Essa vez, Finnbheara foi diretamente para o lado de sua Rainha.

-O Piadista vai atrás de Hawk- lhe disse. Adam estava com um temperamento terrível, e o Piadista destruiu quase sua raça no passado. O Pacto não devia romper-se.

A Rainha se voltou para seu lado e mediu a seu consorte por um longo momento. Então ofereceu seus lábios para seus beijos e Finnbheara sabia que estava mais uma vez mais congoado com seu amor.

-Fez bem em dizer-me, meu querido.

As vezes, muito tarde pela noite, Adrienne sonhava que passeava pelas costas verdes de Dalkeith novamente. Os dedos frescos do ar salgado e perfumado de rosas lambeiam seu cabelo e acariciariam sua pele.

Em seus sonhos, Hawk estaria esperando por ela na beirada do mar; seu *laird* escocês vestido de *kilt*, magnífico. Ele sorria e seus olhos brilhavam, e depois se poriam escuros de paixão.

Ela tomara sua mão e a poria suavemente no inchaço de seu abdômen, e o rosto masculino arderia com felicidade e orgulho. Então ele a tomara, ali na beirada do precipício, suavemente, em consonância com o golpear do oceano. Ele lhe faria amor feroz e possessivamente e ela se agarraria a ele tão firmemente como pudesse.

Mas antes do alvorecer, ele desaparecia através de seus dedos.

E ela acordava, suas faces molhadas com as lágrimas e suas mãos apertando nada mais que um pouco de colcha ou travesseiro.

CAPÍTULO 34

1 de abril de 1514

Ele estava perto. Hawk podia senti-lo enquanto estava sentado em seu escritório polindo um soldado de brinquedo enquanto olhava o nascimento do alvorecer em cima do mar. Uma sensação de formigamento começou na base de sua espinha e o inundou, elevando todos seus sentidos.

Hawk sorriu obscuramente e pôs o brinquedo cuidadosamente a um lado. Algo mau acabava de chegar. Sim. E eu estou pronto esta vez, bastardo!

Hawk cruzou seu escritório até sua escrivaninha e rodou o gordo feixe de pergaminho e o envolveu no cinto de couro de seu *sporrán*. Estava pronto para usá-lo, mas só depois que tivesse a satisfação de lutar contra o ferreiro em termos mortais.

Ele caminhou na manhã sentindo-se mais vivo do que tinha se sentido em meses. *Agüenta e acredita em mim, amor*, ele sussurrou através dos séculos.

Porque o amor e a fé eram magias poderosas por si mesmas.

-Venha para fora, covarde- chamou ele, sua respiração gelando-se no ar frio da manhã. As nevascas haviam acabado fazia algumas semanas, só montes espalhados permaneciam, e logo a primavera ornamentaria uma vez mais Dalkeith-Upon-the-Sea. *Como fará minha esposa*, jurou furiosamente. Durante dias esteve tenso, sabendo que algo estava a ponto de acontecer.

Sentindo em seu coração, como o *Rom* as vezes sofria suas premonições. Então, nessa manhã, levantou-se nas horas escuras sabendo que o tempo estava a seu favor. A batalha se empreenderia nesse dia, e era uma batalha que ele ganharia.

-Venha! É fácil lutar anonimamente. Só me diz que é demasiado covarde para declarar-se e enfrentar-me- ironizou ao ar encoberto.

Se sentiu tonto por um momento, então empurrou o sentimento bruscamente a um lado. Adam Black estava perto, o sabia até a medula de seus ossos, estimulados pelas obras do trovador e a debilidade de um Piadista.

-Inimigo! Enfrente-me! Covarde, débil, cão choramingante. Aposto que se escondia nas saias de sua mamãe como uma criança, não é verdade? Tremendo e ironizando por trás de uma mulher como o faz agora?- gozou Hawk na manhã silenciosa-. Usou a uma mulher como seu peão. Qualquer um poderia jogar semelhante jogo débil. Eu o desafio a um verdadeiro concurso, verme sem entranhas.

A brisa ficou mais forte, mais pulsante agora, mas mesmo assim ninguém chegou. O ar se encrespou densamente num rápido adensamento de nuvens com negras tormentas. Hawk riu bem alto, sentindo alegria e força a atravessar suas veias.

-O homem mortal sabe a verdade agora de você, Adam: que não conseguiu ganhar a minha esposa, que ela o desdenhou por mim-. Naturalmente, ele omitiu a verdade de que Adam o convenceu temporariamente de que Adrienne fora embora de boa vontade. Mas Hawk recobrou seus sentidos, junto com sua fé e confiança em sua esposa. -Eu sei que ela o recusou, ferreiro! Sei que a obrigou a que me deixasse contra sua vontade. Ela me escolheu acima de você e o país inteiro agora o sabe.

-Cale-se, mortal- a voz de Adam sussurrou na brisa.

Hawk riu.

-Acha isto divertido? Pensa incitar minha ira e viver para rir-se sobre isto? É de verdade tão louco? Porque não é meu adversário.

Hawk ainda estava sorrindo quando disse suavemente:

-Eu era mais adversário quando estava Adrienne.

-Enfrenta a seu flagelo, pássaro formoso-. Adam saiu ameaçadamente do denso nevoeiro das Highlands.

Os dois homens se encararam selvagememente.

Adam caminhou para mais perto.

O mesmo fez Hawk.

-Batalha justa, *Fae* inconstante. A não ser que tenha muito medo.

-Para isto me chamou? Para uma luta a murros?

-Toma uma forma mortal, Adam. Lute comigo até a morte.

-Nós não morreremos-. Adam sorriu com desprezo.

-Então lute como meu igual. Lute justo.

Eles se rodearam cautelosamente, musculosa massa borbulhante de hostilidade liberada. A violência que surgiu desde o momento em que esses dois homens se encontraram, realizou uma escalada para um fervor estrondoso. Era um alívio para Hawk estar ali, tê-lo feito. E oh, pôr suas mãos por fim nesse ferreiro bastardo!

-Uma batalha justa é a que sempre faço.

-Mente, Piadista. Engana o tempo todo.

-Eu nunca enganei!

-Bem, sem armadilhas agora- advertiu Hawk quando se enfrentaram. -A mão limpa. Homem contra homem, é meu rival em tamanho. Será em força, agilidade e habilidade? Não creio.

Adam encolheu os ombros indolentemente.

-Lamentará o dia que nasceu, pássaro formoso. Eu já o derrotei e tomei a sua esposa, mas este dia selarei o seu destino. Este dia destruirei Dalkeith, até que não seja nada mais que uma montanha de granito sobre a borda do precipício, para encontrar-se com o mar faminto. Seus ossos estarão entre eles, Hawk.

Hawk atirou sua cabeça escura para atrás e riu.

Escondida no pesado nevoeiro, a corte de *Tuatha De Danaan* observou a luta.

-Hawk está ganhando!

Suspiro prateado.

-Muito homem.

-Olha-o mover-se! Rápido como uma pantera, mortal como uma píton.

-Não penso que o saiba, mas ele está agora a salvo de todos nós. Porque eu o ordenei- espetou a Rainha numa rajada frígida de ar.

Um silêncio longo.

-Lutará o Piadista justamente?- perguntou Aine, a pequena, tímida fada.

A Rainha suspirou.

-O faz alguma vez?

Adrienne apertou a mão de Marie e ofegou quando sentiu o pontapé suave em seu útero. De algum modo, sentia-se como se Hawk estivesse perto e precisasse de sua força e amor. Como se algo mágico a cobrisse com suas asas, quase o bastante tangível para apertá-lo com seus dedos delgados. Ela apertou os olhos firmemente e enviou seu coração pelas fissuras do tempo.

Adam grunhiu.

-Já basta desta idiotice mortal. É tempo de acabar com isto pela última vez-. Estava sangrando, seu lábio cortado e seu nariz rompido. Adam usou sua força imortal para jogar Hawk no chão, a seus pés. Uma espada apareceu na mão de Adam, e pôs a lâmina contra a garganta do humano.

-O Pacto seja condenado- murmurou Adam, balançando o fio como uma navalha de barbear na jugular de Hawk. Ergueu uma sobrancelha e zombou do mortal caído-. Sabe, por um momento estive preocupado de que pudesse ter aprendido algo sobre minha raça, o tipo de coisa que não nos agrada que os mortais saibam. Mas parece que tinha razão desde o princípio sobre você, e minha preocupação foi à toa. É verdadeiramente um grande idiota. Pensou realmente que poderia ganhar de mim numa luta?-. Adam agitou sua cabeça e fez um som depreciativo.- Difícilmente. Precisa-se mais para derrotar a minha raça. Oh, e já que estamos falando nisso, prepare-se para morrer, mortal.

Mas sua ameaça deu a oportunidade que precisava a lenda a seus pés. Hawk envolveu sua mão arrogantemente ao redor da espada e olhou profundamente nos olhos de Adam. A intensidade do olhar do mortal capturou a de Adam e a sustentou com uma força absoluta.

Adam se enrijeceu, e uma piscada de incerteza brilhou seu rosto.

Hawk sorriu.

-Amadan Dubh, eu ordeno desta maneira...

Adam se enrijeceu e sua mandíbula se deixou cair, desmentindo uma genuína expressão humana de assombro. A espada desapareceu de sua mão quando as palavras do ritual antigo de ligamento o enlaçaram firmemente.

-Não pode fazer isto!- cuspiu Adam.

Mas Hawk podia, e o fez.

Adam grunhiu do fundo de sua garganta. Não era definitivamente um som humano.

Vinte minutos depois, Adam estava abrindo a boca com cepticismo. Hawk desenrolou um verdadeiro pergaminho de seu *sporrán* e estava lendo uma lista muito longa, muito específica de ordens.

... e nunca virá novamente a Dalkeith-Upon-the-Sea...

Adam estremeceu.

-Já terminou, pássaro formoso?

Hawk continuou sem interromper-se e desenrolou ainda mais seu pergaminho.

-Escreveu um endemoniado livro? Não pode tê-lo feito- disse Adam através dos dentes apertados-. Consegue uma só ordem. Não pode ler toda essa coisa.

Hawk quase riu alto. O engano começaria agora. Qualquer ponta solta que o fada inconstante pudesse encontrar, tentaria usar. Mas Hawk não deixara nenhuma ponta solta. Seguiu lendo.

-Disse que o deixasse, infantil, choramingante massa de mortalidade. Não funcionará.

... e nunca fará...- continuou Hawk.

Adam grunhiu e rugiu, seu rosto gelado cada vez mais branco.

-Amaldiçoarei a seus filhos, os filhos de seus filhos... Amaldiçoarei a Adrienne e todos seus filhos...- Adam se balançou no ar malvadamente.

Hawk se enrijeceu e fez uma pausa. Seus olhos voaram a Adam.

Adam afogou uma risadinha de alegria, seguro de que Hawk escorregaria e romperia sua ordem.

Os lábios de Hawk se retiraram atrás num rosnado feroz.

... e nunca colocará uma maldição em minha família, minha linhagem, sobre mim mesmo, ou minha família, linhagem, e lhe ordeno que não desampare a nenhum Douglas... inclusive Adrienne; como Douglas se define expressamente a qualquer parente pelo laço de sangue direto, casamento ou adoção, define-se por linhagem à descendência, e os meninos adotados ou obtidos por outros meios; não danará nenhum pertence animal a...

Adam passou impacientemente por um espaço de terra, o temor agora evidente em cada um de seus passos.

... obediência que se define como... e quando me devolver Adrienne, tudo estará em ordem em Dalkeith-Upon-the-Sea... Hawk e toda sua gente serão protegidos de qualquer dano, vivos e com a melhor saúde, sem truques... e Adrienne deve ser regressada com seu gato através do tempo... e...

O rosto de Adam, uma vez formoso, era uma máscara lívida de ódio.

- Não perderei! Encontrarei uma maneira de derrotá-lo, Hawk.

... e abandonará qualquer pensamento ou ações de vingança contra os Douglas...

Adam agitou sua mão e Adrienne apareceu, olhando absolutamente aturdida e apertando um gato arranhando em seus braços.

Hawk se estremeceu imperceptivelmente, sabendo que esse era justamente um truque a mais de Adam para conseguir que ele rompesse sua ordem. Cinco meses, cinco meses horríveis, sem coração, sem um vislumbre de seu rosto querido, e agora ela estava de pé ante ele. Impressionante, adoravelmente encantadora. O olhar de Hawk descansou famintamente em sua cara, seus cabelos prateados, seu corpo luxurioso, seu ventre redondo...

Seu ventre redondo? Seus olhos voaram para Adrienne, largos de assombro e temor, quando uma violenta possessividade oscilou sua estrutura.

Seu menino! Sua filha ou filho. Sangue de seu sangue... e de sua Adrienne.

Adrienne estava grávida.

Hawk estava mudo.

Adam sorriu aberta, perversamente, e Hawk viu.

Ele não perderia Adrienne. Ele tinha muito para ler ainda. Com férrea força de vontade, Hawk afastou os olhos de sua esposa querida.

Era a coisa mais dura que ele fizera alguma vez em sua vida inteira.

Os olhos de Adrienne o devoraram.

Ela teve medo de interromper, assustada do movimento. De algum modo ela dera um salto milagroso diretamente de sua biblioteca, e *Moonie*, que estava no quarto junto ao fogo se encolhia comodamente em seus braços. Ela ainda podia ver o rosto sobressaltado de Marie que se murchava ante seus olhos.

E ali estava Hawk, seu amado marido e sua própria vida.

-Como pode resistir a mim, Bela?- Adam era de repente de novo o ferreiro, vestido com *kilt* e deslumbrante. -Sou tão formoso como Hawk e posso agradá-la de maneiras que nem sequer pode sonhar. Eu poderia fazê-la sentir como se virasse de dentro para fora, e poderia fazê-la chorar de êxtase. Como poderia abandonar-me?

-Eu amo a meu marido-. Ela passou muitos meses agarrando-se à esperança do filho de Hawk que crescia dentro dela e estudando tudo sobre a sabedoria Céltica, esperando poder ter em suas mãos a esperança de achar uma maneira de voltar. Mas Hawk, parecia, tinha-o encontrado por ela.

-Amor. O que é isso de amor, essa coisa que os mortais apreciam tanto?- Adam sorriu com desprezo.

-Já é suficiente, Piadista- veio um estrondo prateado do suspiro da Rainha das Fadas.

Inclusive Hawk tartamudeou em cima de suas palavras, a metade de uma oração, ante essa voz.

-E suficiente de você também, homem formoso, lendário Hawk.

Mais docemente do que som de campainhas, sua voz era um golpe sensual do céu. Mas Hawk continuou, sem interrupção:

...e como se usou nesta ordem, a palavra pessoa querera dizer e incluirá, apropriadamente, a um indivíduo ou outra entidade; o plural se substituirá pelo singular e o singular pelo plural quando seja apropriado; e as palavras de qualquer gênero incluirão qualquer outro gênero...

Adrienne olhou a seu marido, seus olhos ardentes de amor e orgulho.

-O Piadista me obedecerá. Eu sou sua Rainha.

Hawk fez uma pausa do tamanho de uma respiração, não o bastante para romper a continuidade, mas sim suficiente para reconhecê-lo.

-E ademais, já ordenou o suficiente. Está pontificando e sendo positivamente redundante. Mesmo assim, bem feito, mortal. Ela está segura, os dois o estão. Velarei por vocês agora e sempre.

Hawk continuou:

...todos os elementos unidos por "se", "e", ou "mas", ou outras construções gramaticais, quando aparentemente parecem em conflito, operam em exclusão ou limitam de qualquer maneira, funcionarão em conjunto e permitindo a possível definição mais ampla dos termos usados aqui dentro...

A Rainha das Fadas suspirou.

-Ahhh, está bem. Não cessará esta tolice até que eu lhe ofereça segurança. Homem honesto. Procura o meu *troth*? Eu o concedo. Tem o juramento da Rainha das Fadas pelo pacto do *Tuatha De Danaan*. Nunca se rompeu, para que nossa raça não desapareça.

Hawk soltou o pergaminho, que rodou, fechando-se com um estalo audível. Só então viu Adrienne o tremor em suas mãos quando ele encontrou seu olhar, seus olhos triunfantes.

-Ela nos deu proteção e lealdade-. Seu sorriso poderia acender as fogueiras de Samhain. Seus olhos negros se deslizaram por ela da cabeça aos dedos dos pés, demorando amorosamente em cada centímetro entre eles.

-Estamos seguros?- Adrienne sussurrou, com as lágrimas assaltando seus olhos.

-Eu velarei por ele- tremeluziu a voz prateada-. Agora e para sempre. Piadista?

Adam grunhiu.

-Já que não posso ao que parece afastá-lo dos problemas, terá uma nova colega. Aine passará os seguintes quinhentos anos contigo. Ela se esforçará para mantê-lo na linha.

-Não Aine!-. A súplica de Adam não estava longe de ser um sombrio gemido-. Essa pequena fada curiosa está apaixonada por mim! Eu poderia passar meu tempo agradando-lhe, minha Rainha. Permita-me!

-Agradará a Aine, Piadista, ou passará os seguintes mil anos no pé de uma montanha por si mesmo. Pensa que está agora chateado?

Com um último olhar rancoroso a Hawk, Adam desapareceu.

-Agora, onde estávamos?- a Rainha perguntou. Adrienne entreteceu os olhos em direção da voz. Mal podia discernir o contorno brilhando debilmente de uma mulher flutuando no ar encoberto por trás de Hawk.

-Ah, sim. Os dois estavam a ponto de ter um casamento na colina junto ao mar. O Piadista tem um sentido bestial de tempo. Partirei do ponto onde ficaram. Eu, Aoibheal, Rainha do *Tuatha De Danaan*, nomeio-os marido e mulher. Mortais nem imortais os separarão nunca, para não incorrer em minha ira eterna. Aí está. Foi casado pela Rainha das Fadas. Ninguém pode duvidar de semelhante lenda.

Adrienne e Hawk ainda estavam olhando-se fixamente através do jardim, ambos assustados para moverem-se uma centímetro inclusive.

-E então? Beije a mulher, você, formoso homem grande! Adiante.

Hawk aspirou numa respiração áspera.

Ele mudou, compreendeu Adrienne. O tempo o tornara ainda mais formoso do que antes. Ela não sabia que ele estava pensando a mesma coisa sobre ela. Seus olhos escorregaram em cima dela, de seu cabelo loiro platinado, dos dedos dos pés nus sob um par de calças estranhas.

E então ela estava em seus braços, juntos nesse abraço forte com que ela sonhou todas as noites durante os últimos cinco meses quando repousava na cama, sua mão descansando em seu ventre arredondado, pedindo aos céus somente um dia mais com seu marido.

Ele acariciou seus lábios com os seus.

-Meu coração.

-Seu coração é... oh!-. Ela perdeu sua respiração sob seus lábios, extasiada.

-Ahhh- a Rainha se maravilhou, porque inclusive os *Tuatha De Danaan* se intimidavam ante o verdadeiro amor-. É digno do que eu lhe dou agora- sussurrou simplesmente, antes de que desaparecesse-. Considera-o um presente de casamento...

EPÍLOGO

Adrienne respirou profundamente. Nada, nunca se compararia ao cheiro de rosas e chuva da primavera, o rugido incessante das ondas contra os precipícios orientais e a salpicadura de sal no ar puro. Ela saiu para olhar o movimento do crepúsculo em cima do mar. Depois voltaria com Lydia e continuaria fazendo planos para o bebê. Sufocou um riso com sua mão. Lydia finalmente lhe havia feito um sincero pedido a Hawk de que se fosse e se queixou de que possivelmente não pudesse dar as boas vindas apropriadas a sua nora e preparar-se para seu neto se ele não deixava de beijá-la o tempo todo. Adrienne não tinha importado com isso.

Como um rapaz castigado, Hawk olhou com agressividade.

-Tem o resto de suas vidas juntos-. Lydia comentou irritada-, enquanto nós as mulheres temos só uns poucos meses curtos para preparar-nos para o bebê.

-Poucos meses curtos?- Hawk pareceu aturdido. Depois agoniado. Ele correu para fora, murmurando alguma coisa.

Agora Adrienne estava de pé nos degraus de pedra, a cabeça inclinada para trás e bebendo na beleza calada do céu aveludado. Um rápido movimento no telhado apanhou seu olhar.

Grimm se assomou em cima do parapeito e seu rosto bonito se acendeu com um sorriso. Ela e Hawk conversaram nessa tarde e ele a informou no que lhe havia custado, incluindo a parte de Grimm, que ajudou a trazê-la de volta. Só horas antes, Grimm apoiou sua mão sobre seu coração e de joelhos rogou que o perdoasse. Ela o perdoou prontamente.

-Espero que não esteja procurando uma estrela, Grimm- ela falou para ele.

-Nunca mais- ele jurou fervorosamente.

Adrienne abriu a boca, mas precisamente nesse momento uma mancha branca diminuta chuveou e desapareceu, deixando um caminho de caracol descendente pelo céu.

-Oh meu Deus! Grimm, olhe! Uma estrela cadente!-. Ela apertou os olhos e desejou furiosamente.

-O que desejou?- ele grunhiu para baixo, para ela, rígido de tensão.

Quando ela abriu os olhos de novo, disse atrevidamente:

-Não posso dizê-lo. É contra as regras.

-Desejou o que?- ele rugiu.

-Somos supersticiosos?- ela o incomodou com um sorriso.

Ela o olhou carrancudo quando a mulher retomou seu caminho para regressar ao castelo. Olhando por cima de seu ombro, ela lhe dedicou uma careta travessa.

-Tenha cuidado, Grimm. Não lhe direi muito, mas gastei meu desejo em você.

-Não sabe quão perigoso é estar atirando desejos ociosos, garota!- ele protestou.

-Oh, este não era em absoluto ocioso- disse ela alegremente antes que a porta se fechasse. Na sacada de Dalkeith, Grimm se afundou de joelhos e olhou fixamente o céu, procurando outra estrela e desejando desesperadamente... só pelas dúvidas.

O vestido de Adrienne sussurrou quando se deslizou pelo corredor. Lydia lhe disse onde podia encontrar a Hawk e, depois de um forte chá de menta, contou-lhe algumas coisas que seu marido não se preocupou em mencionar-lhe. Como o fato de que havia destruído seu amado berçário, aquele sobre o qual fantasiara desperta enquanto estava no século XX. Porque isso era o que o havia apressado a sair parecendo tão preocupado pelos *poucos meses curtos*. Entrou no berçário tão silenciosamente, que Hawk não a ouviu acercar-se.

Ela passou seus dedos ligeira e amorosamente em cima de uma boneca extraordinariamente talhada e fez uma pausa.

Ele estava ajoelhado ao lado de um berço, esfregando azeite na madeira com um tecido suave. Vestido só com seu *kilt* azul e prata, seu cabelo escuro caía como uma onda de seda para frente. O berçário estava iluminado com dúzias de balões de azeite e brindava a seu torso poderoso um brilho de bronze. Seus olhos se estreitavam com a concentração e os músculos em seus braços se ondulavam e esticavam enquanto ele esfregava.

Adrienne se apoiou contra o batente e o olhou em silêncio, contando os poucos móveis do quarto. Muitos dos brinquedos regressavam, mas todos os berços e camas faltavam. Que paixão fenomenal devia ter rugido através de ele!

-Suponho que devo sentir-me lisonjeada- disse ela suavemente.

A cabeça de Hawk se levantou com culpabilidade.

Adrienne caminhou pelo quarto, consciente de que seus seios, bem mais cheios pela gravidez, oscilavam sob seu vestido, e que Hawk parecia fascinado pela maturidade de suas luxuriosas curvas. Tinham feito amor nessa tarde, desesperada, rápida e furiosamente, logo depois de sair dos jardins até o retiro de sua alcova. Lydia esperou toda uma hora pacientemente antes de golpear a porta e exigir ver a sua nora.

Quando Adrienne foi capturada para regressar ao século XX e temeu que nunca voltaria a intimar com seu marido, as recordações de sua paixão incrível caíram em forma de cascata através de sua mente com fúria agridoce e elevaram seu conhecimento de todas as coisas sensuais que almejou experimentar com Hawk, mas se havia negado. Aqueles longos, torturantes meses de desejo, somados com os hormônios exigentes de sua gravidez, reforçaram sua resolução agora. Ela tinha fome do amor lento, delicioso, que havia temido nunca voltar a experimentar novamente.

-Hawk?

Ele a olhou fixamente, ainda agachado no chão, preparado para levantar-se se ela se movesse um centímetro.

Adrienne se moveu, deliberada e eroticamente. Inclinou-se para recolher um soldado de brinquedo para que seus seios ameaçassem derramar-se de seu corpete. Prendeu seu lábio inferior entre seus dentes e enviou um olhar ardente a Hawk sob suas pestanas baixadas. Ele se levantou num instante.

-Pare!-. Adrienne levantou uma mão para detê-lo.

Hawk se enrijeceu na metade de um longo passo.

-O que deseja de mim, Adrienne?- sussurrou o homem roucamente.

-Preciso de você- respondeu ela com ofegando. Ele arremeteu para adiante e ela levantou sua mão novamente. -Não, permita-me olhá-lo- disse quando o rodeou devagar, caminhando ao redor dele. Ela sorriu quando os olhos negros se dilataram. -Quando regressei a meu tempo, uma das coisas que eu realmente queria esclarecer, era uma pergunta sobre os escoceses e seus *kilts*.

-E essa pergunta era...?

-O vi montar seu cavalo um dia.

-Sei disso- ele disse limpamente-. Estava na janela junto ao berçário.

-Oh! Fez aquilo de propósito!

Hawk riu, a travessura dançando em seus olhos, e isso assegurou a resolução da jovem. Se ele podia provocá-la... bem, dois poderiam jogar esse jogo. Ela veria como ele se manejava jogando com seus desejos.

Caminhando mais perto, Adrienne pôs sua mão em sua coxa musculosa, e o olhou provocativamente nos olhos. As narinas de Hawk se dilataram, e seus olhos se escureceram sob as pálpebras entrecerradas. Com sua outra mão, ela afastou o corpete de seu vestido e liberou seus seios para que se projetassem para fora do decote. Sentia-se deliciosamente perversa, sabendo que seus mamilos estavam rosados, eretos e rogando para serem beijados. Quando ele se apoiou para inclinar-se para frente, ela o empurrou para trás travessamente, escorregou sua mão de sua coxa, e a envolveu ao redor de seu pênis, encantada por seu gemido rouco.

-Nada sob este *plaid*, como eu suspeitava- observou ela atrevidamente.

-Adrienne. Está me matando.

-Só estou começando, meu amor-. Ela envolveu seus dedos ao redor de sua excitação magnífica e escorregou sua mão de acima para baixo em seu duro membro com uma fricção aveludada.

Hawk agarrou seus quadris e baixou sua cabeça para beijá-la; mas ela o esquivou e riu quando ele enterrou seu rosto em troca em seus seios.

-Pare- ordenou.

-O que?- ele lhe perguntou incrédulo.

-Um passo atrás- o animou-. Não me toque até que eu lhe diga. Permita-me tocá-lo.

Hawk gemeu ruidosamente, mas permitiu que suas mãos se afastassem do corpo feminino. Seus olhos eram ferozes e selvagens, e Adrienne suspeitou que ele não permitiria muito mais tempo dessa tortura sutil.

Ela lentamente desabotoou seu *kilt* e o deixou cair ao solo. Seu marido permaneceu nu ante ela, seu corpo de bronze brilhando à luz das candeias, seu membro duro que batia insistentemente.

Adrienne traçou um caminho fascinante e admirado sobre seus ombros e por seu largo, musculoso peito. Acariciou seus lábios ligeiramente com os seus, beijou sua mandíbula, seus mamilos, provocou seu abdômen ondeado com sua língua, então caiu de joelhos, sua boca a centímetros de seu membro, com suas mãos estendidas nas coxas de Hawk.

-Adrienne!

Ela beijou a doçura dele e acariciou com sua língua de acima para baixo sua dura extensão. Hawk enterrou suas mãos em seu cabelo e fez um som cru profundamente em sua garganta.

-É suficiente!- ele a levantou num impulso e a empurrou contra o aparador sob as janelas. Levantou-a entre seus braços, depositou-a no aparador, e jogou seu vestido a um lado, abrindo as suaves pernas femininas para acomodar-se. -Agora, Adrienne. Quero-a agora.

A beijo profundamente enquanto empurrava suave mas insistentemente em sua convidativa umidade. Adrienne abriu a boca de prazer quando ele a preencheu completamente. Hawk olhou fixamente seu rosto e tomou nota cuidadosa de cada tremor, cada gemido que escapou de seus lábios, e quando ela atingiu convulsivamente o extraordinário clímax, só quando sentiu o doce tremor começar, ele deixou de mover-se completamente.

-Hawk!

-Voltará a me provocar assim, meu amor?- murmurou ele.

-Absolutamente- contestou Adrienne atrevidamente.

-O fará?

-É lógico. Porque sei que meu marido nunca me deixaria desejando-o. Bem como eu nunca o provocaria sem satisfazer seus desejos completamente. Pelo que me satisfaz, meu doce *laird* das Highlands. Leve-me para *Valhalla*, marido.

Ele riu suavemente; depois empurrou-se cuidadoso e suavemente nela até que culminaram num *tempo* perfeito. A intensidade de sua união, tão perfeita em corpo e alma, fez Adrienne chorar com sua maravilha.

Depois, Hawk fechou a porta do berçário e levou sua esposa sonolenta e satisfeita ao Quarto do Pavão Real, onde a sustentou em seus braços durante toda a noite, maravilhando-se da perfeição de sua vida junto a ela.

Lydia sorriu quando ouviu fechar-se a porta do berçário sobre ela. Tudo estava bem em Dalkeith-Upon-the-Sea. Fez uma pausa por um sonhador momento imaginando ao pequeno que estrearia o berçário logo.

A vida nunca foi mais doce.

Mas poderia ser ainda mais doce, Lydia.

Os olhos de Lydia se estreitaram pensativamente frente às costas de Tavis MacTarvitt enquanto ele permanecia de pé pensativamente ante o fogo. Uma onda de culpa chocou sobre ela quando recordou como ele regressara para ela naquela noite em que foi falar com Hawk, e ela se tornara fria com ele, retirando-se uma vez mais à segurança familiar da formalidade.

A tensão em seu sorriso paciente era toda a reprovação que recebera dele por sua traição.

Meu amor, ele a tinha chamado, e ela se sentiu tão cheia de culpa, por ter amor quando seu filho estava tão só, que se negou a reconhecê-lo ante si mesma. *Quanto mais tempo planeja desperdiçar, mulher?*

Muito caladamente, Lydia desatou suas fivelas, livrando o cabelo castanho ondulado. Seus olhos que nunca vacilavam não se despregaram das costas de Tavis. Com um sorriso de antecipação, jogou sua cabeça para trás, penteou com os dedos os cachos despenteados, e então o arrojou para trás, em cima de sua cabeça e permitindo-lhe soltar-se numa queda selvagem sobre suas costas.

Tantos anos?

Ela deslizou nervosamente seu vestido, estudou as costas masculinas novamente, e encolheu os ombros, desabotoando alguns botões de pérola em seu pescoço. Fez uma respiração profunda, trêmula, como as borboletas de asas de seda que tremiam dentro de seu ventre.

-Tavis?- ela chamou suavemente. Uma vez decidida, comprometeu-se totalmente a não desperdiçar nem um precioso momento mais.

Tavis endireitou suas costas e a olhou brevemente por cima de seu ombro.

Ela quase riu alto quando seus olhos se alargaram e ele se voltou completamente para enfrentá-la, seu olhar percorrendo seu cabelo selvagem, seu decote solto, seus lábios entreabertos.

-Lydia?

Ela ouviu cem perguntas em sua única palavra, e estremeceu pelo conhecimento de que ela tinha a resposta correta finalmente para dar-lhe.

-Estive me perguntando uma coisa, sabe, velho?- disse ela, dando golpezinhos no banco a seu lado. -Essas suas mãos...-. Sua voz se deteve, uma chispa perversa em seus olhos. Coquetemente, molhou seu lábio inferior num convite mais velho do que o tempo.

-Sim?- havia uma nota rouca na voz do homem.

-Já que são tão talentosas e fortes...

-Sim?- Suas sobrancelhas se alçaram. Sua respiração ficou presa em sua garganta quando Lydia fez uma sugestão para essas mãos, que assustou e encantou a Tavis MacTarvitt até o fundo de sua alma.

Quando Grimm finalmente desceu da sacada nessa noite e entrou no Grande Hall, afogou um juramento e saiu correndo, em franca retirada, fechando em seguida a porta. No vestibulo, de todos os lugares! Lydia! E Tavis!

-Och! Amor!- resmungou às estrelas que brilhavam sobre ele com esplendor desapaixonado.

Três meses depois, o choro saudável de um bebê ressoou através dos vestibulos de Dalkeith-Upon-the-Sea.

Hawk Douglas estourava de orgulho, sentado ao lado de Adrienne na cama.

-Olhe-o, Hawk! É perfeito!- exclamou Adrienne.

-Não é o único- disse Hawk rousadamente, afastando o cabelo de sua esposa para trás.

Adrienne lhe sorriu. Ele sustentara sua mão durante o trabalho de parto e alternara entre amaldiçoar-se e amaldiçoá-la por permitir-lhe deixá-la grávida em primeiro lugar.

Mas haveria muitas vezes mais, pensou Adrienne, porque pensava ter pelo menos meia dúzia de bebês. Hawk simplesmente ia ter que se acostumar ao processo de trazê-los ao mundo.

Adrienne tocou sua face, maravilhada.

-Está chorando- sussurrou.

-Lágrimas de felicidade. Deu-me uma nova vida, Adrienne, uma vida que eu nunca sonhei que teria.

Ela o olhou com adoração, seu bebê aninhado entre eles.

Adrienne poderia ter permanecido assim durante horas, mas Grimm entrou então no Quarto do Pavão Real, ordenando aos guardas vivamente.

-Ponham-no ali, junto à cama.

Hawk deu uma olhada por cima de seu ombro.

-Ah, o berço. Terminei-o ontem à noite. Suspeito que não o veremos muito durante algum tempo-. Hawk possessivamente atraiu a seu diminuto filho em seus braços-. Deve dormir conosco durante um tempo, não acha?

-Não creio que pudesse permitir que saísse de minha vista.

Hawk assentiu seu acordo quando estudou intensamente a seu filho.

-Minha mandíbula- disse orgulhosamente. -Simplesmente olha bem esse ângulo forte.

Adrienne riu.

-Ângulo teimoso- o incomodou- e já tem o seu cabelo escuro.

Por trás deles, Grimm fez um som abafado.

Hawk deu uma olhada interrogante por cima de seu ombro.

-Que malditos infernos... er, desculpe-me, milady- disse a Adrienne- e perdoe-me, pequeno- disse ao bebê. -Mas, por que talhou isto no berço, Hawk?- perguntou Grimm-. Não tivemos todos bastante das malditas Fadas?

Hawk levantou suas sobrancelhas, confuso.

-De que está falando, Grimm?-. Ele abandonou seu filho suavemente a Adrienne e caminhou para o berço.

Tinham-se talhado letras fluídas profundamente na madeira. O berço inteiro brilhava como se se tivesse escovado com uma pulverização de pó de ouro. Hawk olhou fixamente por um longo momento as palavras que sabia que ele não havia posto ali. Um sorriso curvou seus lábios quando leu alto para Adrienne:

Recorda isto, mortal: tens teu próprio tipo

de para sempre: a imortalidade do amor.

Abençoado seja, Douglas.

Aoibheal, Rainha dos Fae.

FIM